

MARI B. MAIA

NEGÓCIO *de amor* E RISCO

UM GOLPE OS LEVA PARA A MESMA CASA
MAS É A ATRAÇÃO QUE OS COLOCA NA MESMA CAMA

NEGÓCIO *de amor* E RISCO

MARI B. MAIA

Rio de Janeiro
2023

Copyright © de Mari B. Maia.
2023 Todos os direitos reservados. É expressamente proibido o armazenamento ou reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica – sem autorização prévia do autor.
Esta é uma obra literária de ficção. Nomes, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.
Esta obra é protegia pela Lei 9.610/98

Título: Negócio de Amor e Risco
Revisão: Victoria Gomes
Capa: Hórus Editorial
Ilustrações: Emily Dutra
Diagramação: Mabazsan



Age gap + Convivência Forçada + Enemies to Lovers + Romance Proibido

Quando acharam que haviam fechado o negócio perfeito, realizando o grande sonho da casa própria, Lara Corrêa e Victor Hugo Fagundes se encontraram vítimas de um golpe: compraram o mesmo imóvel.

A antipatia foi automática. Victor Hugo, cirurgião-geral de sucesso, doze anos mais velho e muito sedutor, representava tudo que Lara detestava. O atual dono do legado médico da família Fagundes era capaz de tirar qualquer um do sério.

Por outro lado, médico está preso em um relacionamento arranjado infeliz e vê na misteriosa e divertida jornalista o pior tipo de tentação. Aquela que é feita sob medida. O problema é que a baixinha estressante é dura na queda e não se rende ao charme de qualquer um.

Lara não teria gostado de Victor Hugo se o tivesse conhecido em qualquer outra situação. Sendo obrigada a dividir a casa com o médico sensual e arrogante, ela o odeia.

Atenção: classificação indicativa 18+. Conteúdo erótico, linguajar de baixo calão e gatilhos. Leia as notas de autora.



Para acompanhar a leitura com a trilha sonora, escaneie o código acima no Spotify ou, se preferir, clique aqui.



Jamais vou perdoar a Mari por fazer eu me apaixonar por um playboy riquinho cretino — e jamais vou perdoar a Mari por não ter me apresentado a ele antes. Victor Hugo não é um príncipe encantado perfeito desde a primeira página, e talvez seja por isso que ganhou meu coração (depois de ter me feito arrancar os cabelos). Ele é imperfeito, humano e *tão emocionado*. A mistura perfeita de boy cadelinha e ser humano mais irritante da face do planeta. Ele carrega o coração aberto e sente todas as suas emoções, o que é o equilibro perfeito para a racionalidade ilógica da Lara.

Essa bolinha de ansiedade e safadeza poderia facilmente ser minha melhor amiga. Lara Corrêa é forte e sensível, decidida e tão incerta. Absolutamente perfeita, ao mesmo tempo em que toma as piores decisões para a sua sanidade. E para a minha, que passei páginas e mais páginas gritando com o computador e xingando até a décima geração passada da autora.

Mas o meu desespero passou quando os refrescos chegaram — porque os hots desse livro, *meus amores*…

Eu senti emoções demais nas páginas que vocês estão prestes a ler. Terminei com um sorriso idiota no rosto, um quentinho no peito e um orgulho enorme das pessoas que esses personagens se tornaram depois de tudo.

Começou com um golpe, rendeu muitas risadas e tensão sexual e resultou em um dos romances mais gostosos que já li.

Victor Hugo e Lara são tão diferentes em tudo e tão similares em tudo o que importa. E eu sou uma pessoa mais feliz por ter lido a história de duas criaturas que fazem merda atrás de merda tentando acertar, tentando se encontrar, tentando amar. Quando conseguem, é lindo.

Espero que gostem dessa viagem tanto quanto eu.

E deixo aqui o aviso de que já puxei o bonde de chorar para a autora escrever livros de todos os personagens secundários, de nada. Quem quiser se

assinar essa petição comigo, é só me chamar.

Boa leitura!
por Victoria Gomes
autora de Amores Australianos



Acho que você já amou tanto um personagem que gostaria que ele tivesse uma história diferente. Mais *digna*. Mais honrável.

É exatamente isso que aconteceu comigo aqui.

Caso você não tenha notado, ou por não ter tido contato, ou por qualquer outro motivo, eu já havia escrito e publicado uma história com um Victor Hugo e uma Lara Corrêa que foram obrigados a morar juntos por causa de um golpe antes. Mas sendo muito honesta contigo, e brutalmente direta comigo mesma, eles não mereciam aquela história.

Eu não posso te dizer que este livro é um relançamento ou uma outra edição, pois o material é totalmente novo. Ainda que tenham os mesmo nomes, ainda que a medula espinhal do enredo seja a mesma, é tudo diferente.

São outras pessoas, homônimas.

Negócio de Amor e Risco recuperou em mim a paixão pela escrita, especialmente pelas comédias românticas. É um livro leve, único, e bem quente, que eu espero que te faça recuperar algo lindo também.

Graças a esta história, eu renovei minha fé em mim mesma como artista. Como profissional, sei que extraí o potencial máximo dessa história de amor tão singular e divertida.

Hoje, eu sei que dei a Lara e ao Victor Hugo a história que eles realmente mereciam.

Espero muito que você se divirta lendo, tanto quanto eu me diverti produzindo.

Com amor,
Mari.

Este livro é para todas as garotas que são teimosas demais para desistirem dos seus sonhos. Vocês vão vencer, nem que tenham que sair no tapa com o destino para isso.

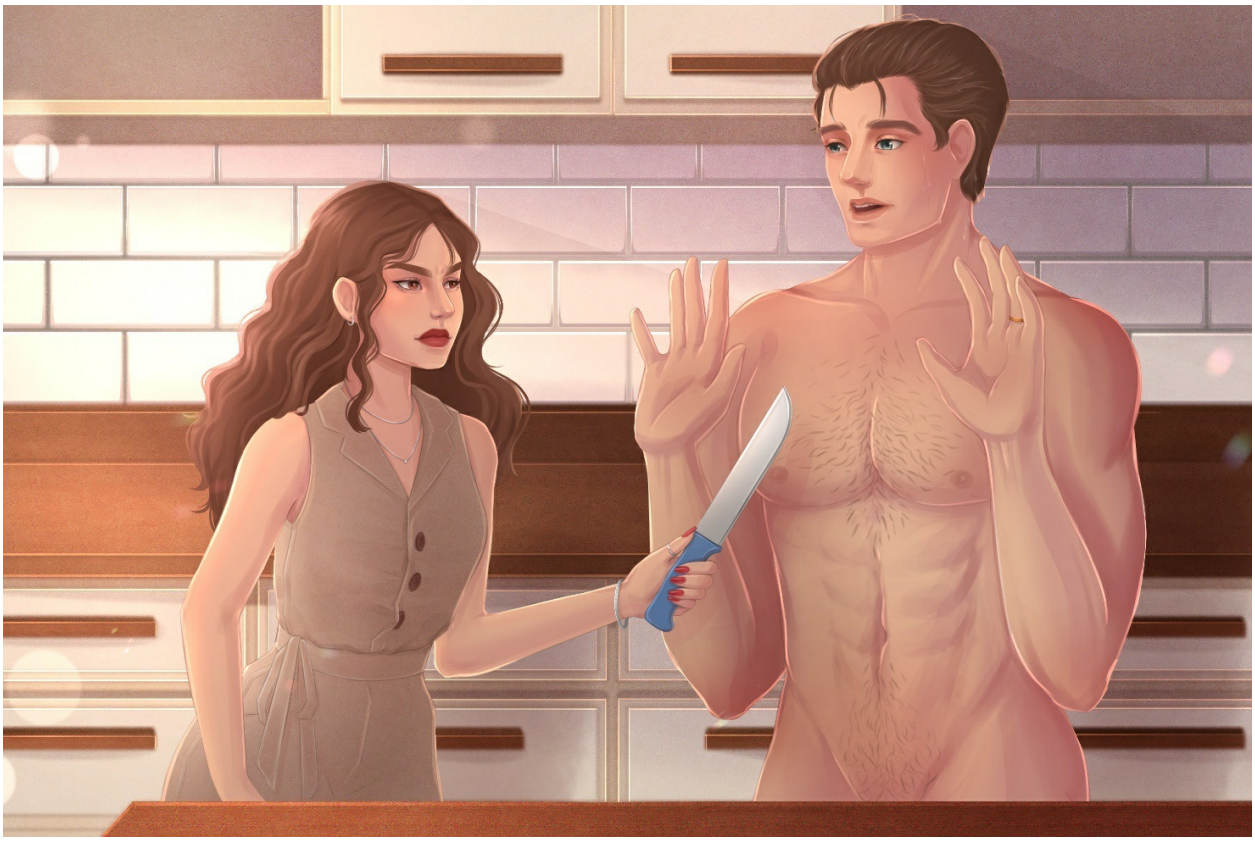


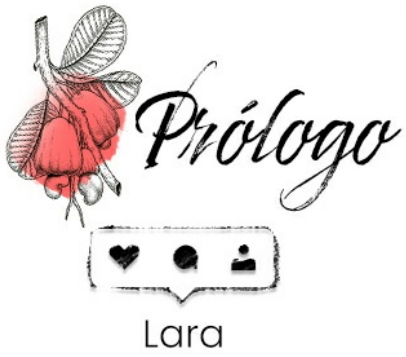
Prólogo – Lara
01 - Lara
02 – Victor Hugo
03 - *Lara*
04 - Victor Hugo
05 - *Lara*
06 - Victor Hugo
07 - Lara
08 – Victor Hugo
09 – Lara
10 – Victor Hugo
11 - Lara
12 - Lara
13 - Lara
14 – Victor Hugo
15 - Lara
16 – Victor Hugo
17 - Lara
18 – Victor Hugo
19 – Victor Hugo
20 - Lara
21 – Victor Hugo
22 – Victor Hugo
23 - Lara
24 - Lara
25 – Lara

26 - Victor Hugo
27 - Lara
28 – Victor Hugo
Epílogo – Lara
Agradecimentos
Sobre a autora
Outras obras da autora

Epígrafe

“Não existe vida perfeita (…). Existe só a vida, e às vezes ela é terrivelmente cruel. Mas quando não é, ela é fantástica.” — Olivia Uviplais





Ninguém avisou ao pessoal da minha geração que ser adulto seria uma maluquice baseada única e exclusivamente em pagar aluguel, ser pai de planta ou de pet e ter que decidir se pede delivery aos sábados ou se vai ao bar com os amigos tomar cerveja.

Uma vez por mês, é claro.

Nossos avós criaram nossos pais para se casarem aos vinte anos, conseguirem ter a casa própria aos vinte e cinco e encherem uma casa de crianças aos vinte e oito. E, por sua vez, nossos pais nos criaram para um mundo parecido.

Só que ninguém imaginava que existiria Apple, internet, fundos de investimento internacionais digitais e especulação imobiliária. Então meio que nós, pessoas *millenials* com seus vinte e poucos até os trinta e alguns, crescemos nos preparando para um mundo que não existe mais.

Casar aos vinte? *Nem pensar!* É mais divertido sair por aí beijando e trepando com desconhecidos sem se apegar muito, porque na próxima esquina tem alguém mais gostoso. O tal do amor líquido e tudo mais.

Filhos? Estou com vinte e seis e ainda tenho pavor de gravidez na adolescência. Fizeram muito terror sobre isso no meu processo de desenvolvimento cognitivo.

Casa própria?

Bom, essa eu consegui. Mas não exatamente do jeito bonito que todo mundo espera.

Eu tinha um sonho, um seguro de vida gordo e estava *completamente sozinha*. Sem tios, sem irmãos, sem pais. Ninguém com quem compartilhar a minha vitória agridoce.

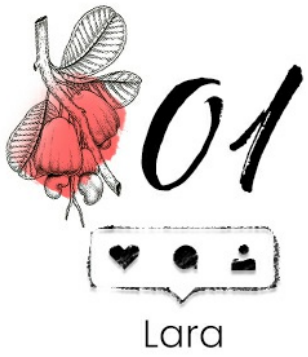
Sabia que era o último presente deles para mim, mas não imaginei que passar a chave no trinco da *minha casa* seria tão doloroso.

A lágrima desceu pela minha bochecha e eu não poderia dizer se era de alegria ou de melancolia.

— Muito bem, Lara. — Suspirei para mim mesma. — E é bem aqui que você recomeça.

Pelo menos, eu já tinha a casa. Uma *boa* casa na cidade que amava, confortável e perto do metrô. O sonho de todo jovem carioca, certo?

Do casamento e dos filhos, eu correria atrás depois. Agora, tinha uma dezena de caixas de mudança para organizar e muita, *muita* preguiça no corpo.



Tenho certeza de que em alguma realidade paralela existe uma Lara Corrêa que é organizada, não procrastina e arruma a mudança rápido.

Realidade essa que não era a minha, na qual secava o cabelo em frente ao espelho, sentada em uma caixa alta que estava cheia de roupas. Assim como a maioria das outras, abarrotadas de bolsas, vestidos, saltos, calcinhas e toda a sorte de maquiagens e perfumes que alguém era capaz de usar sem virar uma bomba química. Havia fotografias também. E bugigangas que comprei em viagens a trabalho e que serviam como meus troféus afetivos.

Minha antiga colega de quarto, Ashanti, vivia me perguntando como uma pessoa tão pequena como eu conseguia ter tanto cacareco. Pior ainda, como eu conseguia *usar* tanto cacareco. Era o tipo de pergunta que a ciência não era capaz de responder.

Comprava por impulso, mas dava utilidade a todas as minhas peças. Acho que muito pelo fato de dividir um apartamento minúsculo de trinta e cinco metros quadrados com uma doida aspirante a bruxa celta em Ipanema, eu enfiava meu salário em roupa. A geladeira dos meus sonhos não passava nem pela porta, e Ashanti era incapaz de não estragar um micro-ondas.

Mesmo assim, eu tinha economias. Era o lado maravilhoso de ser colunista em uma das revistas femininas mais famosas do Brasil: eu ganhava bem. Não o bastante para ter um padrão alto de vida, mas digamos que eu era uma *pobre premium plus*.

Quando recebi o dinheiro do seguro dos meus pais, coloquei na cabeça que me mudaria para um canto só meu. O bairro escolhido foi Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde havia uma casa excelente à venda. Cômodos espaçosos, cozinha imensa, varanda, garagem e quintal. Era perfeita e parecia feita para mim.

Não pensei duas vezes antes de fechar negócio. No dia seguinte, estava rodando as lojas de móveis do Centro da Cidade e da Baixada Fluminense para comprar meus armários de cozinha, minha geladeira *inverter* de aço inox, meus eletrodomésticos e o meu tão sonhado sofá amarelo.

Ainda não era tudo, faltava muita coisa para encher aquela casa, mas aos poucos eu a deixaria do jeitinho que sempre sonhei. Talvez precisasse vender algumas roupas para montar o escritório, mas isso era o de menos. Era um problema para a Lara do futuro resolver.

Encarei meu reflexo no espelho, me julgando pela oitava vez por ter decidido lavar o cabelo de manhã. Mais uma volta da escova, mais um jato quente de ar do secador. Mais uma onda castanha modelada em volta do meu rosto. A última antes de meu celular tocar e me tirar do

transe estético que estava. Revirei os olhos ao ler o nome na tela. Ricardo. *Meu ex*.

Como se não fosse ruim o bastante ter o número dele em minha lista, ainda cometia o pecado capital de ficar com aquele traste. Era um mal conhecido que eu já sabia que não daria em nada. Mas o sexo era okay, até.

Pena que ele era bem menos do que okay.

— Desiste, desiste, desiste — torci entredentes, concentrada na última mecha de cabelo.

Se eu recusasse, ele continuaria ligando. Em algum momento eu atenderia.

Droga, eu queria conseguir odiá-lo! Nossa história não terminou de forma trágica, foi apenas um desarranjo de expectativas. Eu queria casar e construir família. Ele queria ser solteiro e comer quantas bocetas conseguisse. Se fosse as das suas alunas, ou a da *minha estagiária*, melhor ainda.

Pelo menos ele foi honesto quando terminou comigo. Não me traiu antes de sair enfiando a rola no Rio de Janeiro inteiro. Era minimamente louvável.

O celular parou de tocar, e suspirei aliviada. Mais tarde, ele tentaria novamente. Mais tarde, quando eu estivesse alimentada com os biscoitinhos de canela e limão da copa da revista e com meu corpo abastecido por litros de café, eu o atenderia.

Ou não, quem sabe.



Trabalhar em uma revista como a Finesse era o sonho de toda boa jornalista que se preze. Ser colunista, residente e *fundadora* da coluna mais acompanhada das redes sociais, a *Mas e você?*, representava mais a minha realidade. Sabia que centenas das minhas concorrentes matariam pela chance que tive.

A Revista Finesse era uma pioneira em seu escopo editorial e uma pessoa jurídica camaleoa

Graças à gênia visionária e chefe mais legal que eu poderia pedir aos céus, a revista saiu de um selo em ascensão para número estratosféricos de vendas. Se antes era focada em dietas, corpo de verão e dicas de sexo para agradar os homens, agora a Finesse era autoridade em autoaceitação e desconstrução de conceitos.

Quando sugeri criar uma coluna que abordasse o cotidiano das mulheres reais, há um ano, a agora editora-chefe abraçou a causa de pronto.

Com o tempo, meus textos caíram nas graças do público

Em dois anos de casa, consegui o meu próprio canto de sala, com um computador só para mim e uma mesa lotada de canetas e post-its coloridos, ímãs irônicos e uma planta que eu só aguava quando já estava amarela e pedindo eutanásia.

— Tem certeza de que não leu as mensagens da Vi? — Gabi, minha estagiária, pulou o

cumprimento, arqueando as sobrancelhas descoloridas para mim, seguidas vezes.

Ela costumava deixar que os fios seguissem a cor do cabelo. Por alguma razão, o branco do mês não combinava com as madeixas rosa-choque. Mudava tão rápido que eu não conseguia acompanhar.

— Não peguei minhas notificações, acabei me atrasando. — Jamais daria o braço a torcer e contaria que estava fugindo das mensagens do meu ex-noivo. Ninguém tinha nada a ver com isso, nem deveria.

Pensando bem, nem eu deveria ter qualquer coisa a ver com ele.

— *Vish…* Bom, dá uma corrida na sala da Vivian, ela tá te caçando como se o segredo para salvar o planeta do aquecimento global estivesse no seu bolso.

— Se estivesse, justificaria o tamanho da minha bunda.

Fui escoltada pela minha estagiária até o andar que minha chefe ocupava e *largada* à porta da mulher que decidia se eu permanecia na folha de pagamentos. Incentivada por dois polegares esticados em um sinal fajuto de *joinha,* me obriguei a entrar.

A sala de Vivian era espaçosa e aconchegante ao mesmo tempo.

A sensação vinha do tapete felpudo rosa pastel e dos pufes coloridos que ocupavam o lugar de um sofá. E, também, da grande janela que dava vista para a Baía de Guanabara e ficava sempre sem as cortinas, porque a dona amava a visão do mar.

Ela era uma mulher altiva. Estava lá em seus cinquenta e alguns anos com seus exuberantes cabelos loiros e seu habitual terninho nude. A postura de uma supermodelo a tornava imponente e confiante como uma grande *dona da porra toda*.

Queria ser assim, quando eu crescesse.

Encontrei-a suspirando para a vista com um sorriso bobo no rosto. Seu marido era marinheiro antes de se aposentar, assim como seu filho também é. Gostar do mar estava embutido no pacote. Era quase como um familiar, ela dizia.

— Contando os dias para o seu próximo cruzeiro, imagino. — Toquei seu ombro em cumprimento, antes de me juntar a ela. — Maldivas, dessa vez?

— Benaire. — Ela me olhou com um sorriso cúmplice. — Ainda faltam quarenta e seis ilhas para eu conhecer nas Américas. Depois eu mudo de horizonte. Pode se sentar.

Vivian me indicou uma das poltronas fofas que ficavam à frente de sua mesa.

No caminho para a sala, chequei as mensagens. Quase dez delas, me pedindo para encontrá-la antes mesmo de fazer o meu login. Nenhuma dando qualquer dica do assunto. Apenas atiçando minha curiosidade, do jeito que só Vivian sabia fazer.

Já disse que ela é meu ídolo?

— Qual foi a merda que eu fiz agora? — brinquei.

— Além de ter ignorado minhas mensagens? — Vivian arqueou uma sobrancelha com um sorriso maternal no rosto. — Nada tão grave. É coisa boa, eu acho.

Respirei fundo, mordendo o canto da bochecha.

— Sabe o evento de moda que vai ter em Aracaju?

— Sim, o Moda In Nordeste. — Tinha certeza de que meus olhos brilharam. Eu amava os eventos de moda, sempre rezava para fazer as coberturas. Mas desde que comecei a *Mas e você?*, não fazia mais a parte fashion. — O que tem?

Os segundos que anteciparam suas palavras foram pontuados por uma expressão cruel de quem gostava de me ver mastigando meu cérebro para prever a surpresa.

Curiosidade misturada com poder. Exatamente o que Vivian emanava por onde passava.

— Quero que você faça um especial dele para a sua coluna.

— *Men-ti-ra!*

Pulei da poltrona como uma adolescente. Bati palmas alegres como se tivesse metade da minha idade e dei gritos histéricos de alegria.

Era como se alguém tivesse me dito que eu havia ganhado na Mega-Sena. Cogitei dar cambalhotas.

— Seu voo sai às nove da noite — Vivian interrompeu meu frenesi alegre.

Paralisei em meu lugar, arregalando os olhos.

— Mas já? Eu nem me preparei.

— E precisa de preparação para visitar Sergipe e ser paga para isso?

Eu não podia conter a animação. Acabei quebrando o decoro e abraçando minha chefe. Ela sabia o quanto eu era apaixonada pelo nicho e, dentre todos os outros especialistas, me escolheu.

Tomara que todas as pessoas do mundo possam, um dia, se sentirem valorizadas como senti naquela manhã.



A maior das vitórias de ser um homem adulto é poder finalmente sair de casa. E, por Deus, como demorei a dar esse passo.

Foram alguns anos procurando a casa perfeita. Eu queria morar na Zona Sul, mas não perto o suficiente do apartamento dos meus pais no Jardim Botânico. Se o fizesse, minha mãe nunca sairia da minha casa. Ou pior, nunca me deixaria terminar a mudança. E, mesmo que ela amasse minha noiva, não amava Bianca o suficiente para lidar bem com o fato de a nora estar "me roubando" de casa.

Era curioso pensar nessa superproteção.

Eu, um médico de sucesso, trabalhando em um dos melhores hospitais do país, com carreira acadêmica e na pesquisa científica, sabia bem como tomar conta de mim mesmo.

Agora, eu tomaria conta da casa em que construiria a minha própria família. Mal podia contar os minutos para buscar minha noiva no aeroporto e instalá-la em nosso lar. *Finalmente*, nosso casamento sairia.

Botafogo era o bairro dos sonhos de boa parte dos meus colegas da faculdade.

Tendo cursado universidade pública estadual, muitos deles não eram privilegiados como eu. Moravam em regiões complicadas e violentas da cidade, alguns saíram de seus estados para conseguirem realizar o sonho do curso de medicina. Eu, morador do Rio de Janeiro, que ia de carro para a aula desde o primeiro dia e sempre tive acesso aos melhores livros e materiais, soube aproveitar bem o que a vida me ofereceu.

Quem detestava a ideia, *e o bairro*, era meu pai. Dizia que Botafogo era a Lapa da Zona Sul, cheio de boates, emergentes e mendigos.

Eu só conseguia pensar que meu padrão de vida subiria muito, uma vez que ganhava muito mais do que o lugar demandava. Coisa que não acontecia no Jardim Botânico, não sem eu precisar da ajuda dos meus pais.

A desvantagem de não ser um cirurgião plástico como o resto da família era essa.

Localizada na rua Capitão Nogueira, a duas quadras do metrô, de paredes rosadas e janelas brancas, a minha casa se destacava nos arredores. Era ampla, bem decorada e tinha um ótimo quintal. Já podia imaginar dois clones miúdos meus brincando de pique, ralando o joelho e correndo para mim, para fazer o curativo.

Ignorando qualquer protocolo antialérgico, inspirei fundo assim que deixei uma das minhas malas no chão, após entrar. Curiosamente, a sala tinha cheiro de lavanda. Agradável e

suave. Era como se Santiago, o antigo dono, tivesse faxinado para que eu pudesse me instalar.

Que gentileza da parte dele.

— *Seu* Victor Hugo, onde a gente bota a geladeira? — A voz de um dos encarregados da mudança paralisou meu devaneio.

Franzi o cenho um pouco antes de revirar os olhos. *Onde mais* se colocaria uma geladeira, oras?! No meio de um quarto que não seria.

— Pode colocar ao lado da pia! — gritei de onde estava.

— Ih, *seu* Victor Hugo, é que já tem uma geladeira aqui. E tá até ligada.

Algumas pessoas abandonavam alguns móveis quando se mudavam. Um sofá mal estofado ou alguns armários velhos. Mas nunca nesta vida eu havia escutado de gente largando geladeira. *Ligada ainda por cima*.

Rumei para a cozinha para ver o que estava acontecendo.

Os rapazes, confesso não ter decorado o nome de nenhum deles, estavam parados inspecionando o conteúdo da misteriosa geladeira de inox. Estava cheia e parecia nova, tanto quanto a minha.

Os armários também pareciam novos. Havia panelas e pratos.

O antigo dono da casa com certeza estava devendo ao tráfico, aos bicheiros e à milícia ao mesmo tempo para largar tudo e sair correndo para os Estados Unidos. No mesmo instante, torci para que seus cobradores não viessem me procurar.

— Puta merda! — Passei a mão pelo cabelo em um gesto nervoso. — Vou ligar para o antigo dono.

— Mas o que a gente faz com essa geladeira? — o menor deles me perguntou, com os olhos brilhando.

Na clara expectativa de que eu liberasse o eletrodoméstico para eles.

— Bom … — ponderei. Queria me livrar daquilo. A minha geladeira era bem melhor, com suas quatro portas e pintura preta. De última geração, com assistente pessoal e tudo.

Por outro lado, o eletrodoméstico estava novinho em folha. Seria um pecado me desfazer dele sem nem consultar seu antigo dono.

— Tirem essa do lugar e encaixem a minha. Vou ver com o cara o que ele quer que faça com a geladeira dele. Se ele se desfizer, ligo para vocês.

— Pô, *tu é fechamento*, hein, *seu* Victor!

Seu comentário me fez rir. Ao menos, eu não teria que me preocupar com móveis para a cozinha, estava completamente equipada.

Havia deixado para comprar essas miudezas durante a semana, mas Deus é um cara muito bom. E que foi muito bom comigo, apesar de eu não acreditar tanto nele.

Talvez estivesse na hora de eu aparecer em uma missa ou duas.



Que Santiago não ficasse bravo, mas tomei duas das latinhas de cerveja que estavam na geladeira de inox. Já estava tudo lá, e eu precisei de uma energia extra para empurrar sofá, ligar a televisão e terminar as outras arrumações.

Na verdade, guardei os mantimentos na minha geladeira. A maioria deles, eu não conseguiria devolver para Santiago. Eu consumiria e o pagaria depois.

Assim que ele respondesse os benditos e-mails.

Sim, três dias de casa nova e ele não me respondera.

O que tornava a situação ainda mais esquisita.

Ao explorar os outros cômodos, havia encontrado muitas caixas e uma cama de casal em um dos três quartos. Mais estranho ainda foi me deparar com uma sala montada onde eu planejava fazer minha sala de jantar com bar.

Havia dois sofás amarelos macios, um rack bege e uma televisão na parede. Além de algumas prateleiras recheadas de livros. Era quase como se o antigo dono tivesse ido viajar e me deixado cuidando da casa.

Só que aquela era a *minha* casa e *eu* não estava viajando.

No primeiro dia, liguei para ele. Depois de doze tentativas, a gravação da operadora já nem me dizia mais que o número chamado não existia ou estava fora da área de cobertura.

No segundo dia, mandei três e-mails.

No terceiro dia, liguei para a imobiliária, e eles apenas me disseram que tentariam entrar em contato com o senhor Santiago Garcia o mais rápido possível. Argumentei que eu, como cliente, não poderia me responsabilizar por quaisquer danos que ocorressem com os móveis. A atendente compreendeu meu lado de pronto.

Tendo minhas reclamações registradas em protocolo, juntei as caixas do quarto, a geladeira, a cama e coloquei no quintal.

Agendei a coleta com uma instituição de caridade. Pegariam na manhã seguinte ou depois. Para mim seria indiferente, já que eu tinha plantão de vinte e quatro horas para cumprir.

Não mexi na sala nem na cozinha, gostei muito da decoração.

Inverti meus planos originais e deixei a sala de jantar na entrada da casa, enquanto a sala de estar fica no acesso aos fundos. Estranho? Certamente. Mas tinha tanto bom gosto que me recusei a jogar fora.

Os livros também eram interessantes e excelentes enfeites. Estavam organizados por ordem de cor, o que não era funcional, mas bonito.

Meu celular tocou e meu sorriso ao ler o nome de Bianca na tela foi incontrolável. Estava com saudades de ouvir a voz da minha garota, nosso último contato havia sido por mensagens há mais de uma semana.

— *Aposto que você tá sentado de pernas para o alto, zapeando algum canal de esportes.* — Sua voz me abraçou.

— Não exatamente, a televisão tá desligada. — Mordi o lábio inferior, como se ela pudesse me ver. Como eu queria que pudesse … — Tô indo para o banho, meu plantão começa daqui a pouco. Como você está?

— *Com saudade de sentar em você.*

Bianca era muito direta e muito divertida, vivia me arrancando gargalhadas.

Tinha um total de zero papas na língua, falava tudo que vinha à cabeça. O que, inclusive, a fez perder o emprego de comissária de bordo em uma empresa nacional.

Um cliente perguntou se ela fazia programa e ela disse que nem que um velho daqueles tivesse um bilhão de reais. Foi demitida assim que a aeronave pousou.

Eu a perdi quando uma empresa francesa de aviação, duas semanas depois, a contratou para integrar a equipe. Foi assim que meu noivado passou a ser à distância.

Depois de um tempo, um ano exatamente, Bianca me propôs abrirmos nosso relacionamento. Ela quase nunca estava no Brasil. Quando estava, nossas agendas não batiam por causa dos meus plantões ou aulas que eu ministrava em uma universidade particular.

O acordo era apenas avisarmos um ao outro quando ficávamos com outras pessoas e usarmos preservativos sempre. Sem maiores complicações.

Algumas pessoas chamariam isso de relacionamento dos sonhos. Mas meu estômago atacava cheio de bile quando pensava em qualquer outro cara tocando minha noiva enquanto eu mal me lembrava o cheiro dela.

— Tenho certeza de que quer. — Ri, empurrando a minha saudade para o fundo da garganta. — Por aqui tá tudo bem. Tô montando nossa casa com muito cuidado e carinho. Tenho certeza de que você vai adorar.

— *Eu amo esse seu jeitinho fofo* — ela murmurou afetada. — *Vou fazer Alemanha-Escócia agora, tudo bem? Te mando mensagem quando pousar.*

— Não esqueça de mandar. Amo você.

— *Amo você.*

Os homens dizem querer uma mulher independente, arrojada, ousada e livre.

A verdade é que a maioria de nós não lida tão bem com isso.

Amava Bianca, amava nossa história, mas odiava nossa distância. Ultimamente, nossos horários batiam tão pouco que o último sexo virtual que fizemos fora há dois meses.

Dois meses sem ver uma nude sequer da minha noiva.

Não adiantava de nada poder transar com qualquer mulher do mundo, se a que você queria não estava ao seu lado. A vida é uma vadia.

Levantei-me e fui direto para o chuveiro. Estava quase na hora de ir para o hospital, então coloquei o assunto Bianca em uma caixinha no fundo do meu cérebro, onde não pudesse me machucar. Estaria na emergência, então precisaria de muito foco para não fazer nenhuma besteira.

No meu mundo, fazer uma besteira significava tirar uma vida.



Os olhos de Vivian chegaram a faiscar ao deslizar os dedos pela tela do meu tablet. Sabia que as fotos haviam ficado boas, não tinha dois certificados de cursos de fotografia com smartphone na gaveta à toa.

A energia e a boa disposição das expositoras e expositores LGBTQIA+ do Moda In Nordeste ajudaram muito, também. Todos foram muito prestativos, me receberam de braços abertos. Fizeram as entrevistas que eu havia proposto, posaram com suas criações e alguns, inclusive, me deram mimos e brindes.

Okay, eu sabia que eles esperavam divulgação no meu Instagram, mesmo assim, fiquei feliz com o gesto.

Por trabalhar com mídia e ser a criadora de uma coluna com tanta aderência entre um público muito diverso, eu fazia alguns números consideráveis nas redes sociais. Milhares de seguidores, milhões de curtidas e um engajamento alto *para cacete* me ajudavam muito a construir credibilidade e ter audiência para os meus conteúdos.

Às vezes aparecia um sem noção querendo que eu fizesse publicidade de joguinhos de aposta. Aí, eu precisava ser grossa.

Ah!, também teve aquela vez que um produtor de um reality show de pegação me caçou incessantemente para fazer parte do casting da próxima temporada. *Seus números são ótimos, você é linda e autêntica, vai fazer sucesso,* foi o que o homem disse.

Só que o meu único ex era o Ricardo e eu não estava com vontade de ser confinada com ele em lugar nenhum. Preferia ambientes dos quais eu pudesse sair correndo depois de transar com ele.

— Eu sabia que tinha que ser você a fazer essa cobertura. É exatamente isso. Casa perfeitamente com a *Mas e você?*. — O elogio da minha chefe me abraçou antes que minha mente escorregasse pelos caminhos sinuosos do arrependimento da minha vida amorosa.

— Desculpa, Vi, mas minha chefinha é genial — Gabi brincou, me fazendo gargalhar.

Havia procurado uma abordagem mais intimista. Quis conhecer meus entrevistados antes de bombardeá-los com perguntas sobre seu negócio, criar conexão com eles. Consequentemente, eles se conectariam com minhas leitoras e meu público.

Fui cuidadosa e cheia de respeito. Para muitos estilistas, aquela era a primeira oportunidade de mostrarem seu trabalho. Para outros, era a chance de serem levados a sério.

O Brasil ama a produção cultural do Nordeste, mas é extremamente xenofóbico com o

povo nordestino. Outros jornalistas constrangeram ou foram rudes com meus entrevistados.

Tive vontade de arrastar a cara de cada um deles, dos canalhas, no chapisco. Se é válido comentar.

— Obrigada pelos elogios, meninas! — Amarrei um coque com meu próprio cabelo ao mesmo tempo que abri um sorriso sincero para as duas. — Trabalhei nessa matéria com muito carinho, espero que as nossas leitoras gostem… Vocês se importam se eu terminar meu expediente em *home office*? Tô um pouco cansada do voo.

Cansada era elogio, eu estava *exausta*.

Havia saído do aeroporto direto para a redação da Finesse para não correr o risco de perder nenhum conteúdo, fosse por extravio, por vazamento da nuvem ou qualquer outro grande azar que tendia a acontecer comigo.

E, bom, o aeroporto do Galeão era *bem longe* do Centro do Rio de Janeiro. Além disso, peguei um trânsito desgraçado na altura da rodoviária e dois acidentes no meio do caminho.

Definitivamente, eu precisava de cama, do meu ar-condicionado e de chocolate. Não necessariamente nessa ordem.

— Sem problemas. Vi pelo Twitter o tamanho do engarrafamento que está ali perto da Leopoldina. Nem sei como você não desistiu de vir. — Vivian me entregou uma piscadela antes de me liberar.



Eu tinha muito orgulho da carreira que estava construindo. A Lara que saiu de Petrópolis para fazer faculdade na capital jamais imaginaria aonde nós chegamos. Aquela garotinha que escutava música alta, cantava sozinha, cozinhava mal e dividia o alojamento com mais oito meninas tão sozinhas quanto era cheia de sonhos.

Aos poucos, eu conquistava cada um deles.

Gostaria muito que meus pais estivessem aqui para poder assistir a mulher que eu me tornava.

Meu pai com certeza me faria correr para a casa deles para seus lendários churrascos de comemoração. Mamãe faria quadros com as minhas colunas e mostraria para todas as suas vizinhas. Depois, eles me abraçariam e tentariam não me deixar voltar para o Rio de Janeiro.

Meus olhos se encheram d'água, mesmo que estivesse com a alegria transbordando meu peito. Eu ainda não havia me acostumado com a ausência deles.

Aumentei o volume dos meus fones. Jessie J berrava sua *Bang Bang* em meus ouvidos, a energia da música me fez engolir a nostalgia conforme os versos pulavam da minha língua.

Eu ainda cantava alto sozinha e me desligava do mundo ao meu redor. Esse tipo de coisa não mudava.

A saudade que eu tinha da minha casa também não. A não ser o fato de que essa era a minha nova casa. *Claro*.

Envolvida pela música, entrei arrancando as botas novas que havia comprado no Moda In Nordeste. O clima quente carioca tornava a tarefa de ser uma *it girl* complicada. Ou tinha conforto, ou estilo.

Dentro de casa, eu amava o bom conforto. E água. *Muita água*.

Deixei os fones e o smartphone no sofá e rumei para a cozinha. Sem o som me deixando inerte para o mundo externo, reparei que alguma coisa estava bem errada. Ou minha mente havia começado a me pregar peças.

Havia *mesmo* deixado a mesinha embaixo do rack? Que esquisito… A desidratação certamente estava cobrando seu preço e…

— Puta que pariu!

Minha geladeira havia sumido.

A cozinha estava completamente diferente. Ainda havia meus armários, mas eu não tinha um filtro de água de última geração. Tampouco taças de cristal arrumadas cuidadosamente em uma cristaleira chique.

Muito menos a porra de uma geladeira preta com assistente digital e quatro portas. *Nem sabia que alguma coisa daquele tamanho passava pela porta!*

Meu corpo entrou em adrenalina. Corri para verificar os armários e me assustei com a quantidade de mantimentos de luxo. Marcas importadas, itens sem glúten ou com selos laranja escritos “sem traços de amendoim”.

Havia uma louça recém-lavada no escorredor e uma cafeteira italiana com moedor de grãos acoplada. Era compacta, mas *cara*. Mesmo para os meus padrões.

Mas que merda…?

— Puta que pariu, moça! Como você entrou aqui?!

Esqueci como se respirava ao escutar a voz masculina espantada às minhas costas.

Engoli seco, me preparando para o pior. Havia um homem na minha casa e ele sumira com as minhas coisas. Puta merda, ele vendeu tudo meu e iria me matar!

Girei meu corpo na direção do som lentamente, o medo correndo líquido pela minha espinha. A imagem que encontrei ia de encontro ao lunático com a serra elétrica que eu havia imaginado.

O invasor de residências era um afronte ao resto dos homens da Terra. Imenso, grande igual à geladeira que ocupava o espaço que deveria ser o da minha. Musculoso e alto, o corpo definido como um super-herói das franquias de Hollywood. Tinha lindos olhos azuis que pareciam tão surpresos quanto os meus. O cabelo escuro estava molhado. O peitoral, talhado por horas de dedicação, tinha uma penugem sutil, descendo em uma linha pelos gomos do abdome trincado.

Meus olhos escorregaram para os oblíquos dos quadris que mergulhavam em uma virilha desnuda. E, *meu Deus*, que pau era aquele?! Qualquer ator pornô teria inveja daquilo, grosso e grande, mesmo flácido.

E as coxas conseguiam ser mais musculosas do que as minhas.

Aquele cara havia saído das profundezas de todas as fantasias femininas no mundo. Invadiu a minha casa e me esperava *pelado*, como em um filme erótico cafona.

Só que o calor que senti, o arrepio que percorreu minha coluna e irradiou para meu centro, pulsando minha virilha não era cafona.

Por Deus, eu estava maluca!

Aquele estranho invadiu a minha casa, sumiu com a minha geladeira e eu estava com tesão? Qual era o meu problema?

Foco, Lara, foco!

Eu precisava me livrar daquele homem. Imenso como era, me dominaria em segundos — não do jeito que eu gostaria. As mãos imensas torceriam meu pescoço em um estalar de dedos.

Tranquei o maxilar, ignorando a beleza do criminoso. Busquei qualquer coisa que pudesse ser utilizada como arma em minha defesa. Encontrei um faqueiro e puxei a faca do chef, apontando para o meliante que ergueu as mãos em defesa.

— Moça, você tá bem? — o invasor perguntou vendo a loucura brotando nos meus olhos. — Abaixa isso, eu posso te ajudar a voltar para sua casa.

— Você *está* na minha casa. E eu estou ordenando que saia agora!



A emergência do Amélia Mohanyr no plantão da noite anterior competiu de igual para igual com um episódio de *Grey's Anatomy*. Por mais que eu *amasse* a clínica, um choque anafilático sempre me deixava tenso.

Em via de regra, eu chegava exausto em casa. Era assim desde a minha época de residência. Crise alérgica era tão ruim quanto uma infecção desconhecida. Como alérgico a amendoim, sabia bem o desespero de sentir a garganta fechar e não conseguir fazer nada. Só torcer para que os anti-histamínicos funcionassem.

— Trabalho da porra que aquele cara deu… — murmurei sozinho. Porém, mesmo cansado, eu estava satisfeito. Foi complicado, mas salvei meu paciente.

Sempre os salvava. Era um dos motivos de o corpo de sócios do Hospital Amélia Mohanyr me adorar e pagar para que eu desse aulas e palestrasse nas universidades em que tinham suas quotas de ações.

O sobrenome Fagundes tinha prestígio no meio médico de longa data. Ainda que eu não seguisse o legado da família.

Fui direto para a lavanderia assim que estacionei o carro. Era coisa minha, mas sempre tirava a roupa do plantão antes de entrar em casa. Aprendi com uma enfermeira no primeiro hospital que trabalhei, era alguma coisa sobre energias.

O som rangendo de metal, como um portão, alcançou meus ouvidos quando alcancei a toalha, prestes a entrar no banho. Estava próximo demais para ser da casa de um vizinho.

Meu corpo todo arrepiou de pronto.

— É só um gato — sussurrei para mim mesmo.

Havia vários na vizinhança, a maioria andava solta pelas ruas. Botafogo era um bairro seguro, *a Capitão Nogueira era uma rua segura*. Pelo amor de Deus, havia uma estação policial na esquina de casa! Ninguém seria louco de tentar me assaltar a luz do dia.

Era o que eu esperava.

Aguardei por mais sons, que não vieram. Respirei fundo ao rumar para o banheiro. Havia sido só um gato, definitivamente.

A água morna do chuveiro me abraçou. Fechei os olhos, deixando a corrente limpar meu corpo e minha mente cheia de coisas. Desde o paciente que quase perdi, passando pelas aulas que precisava preparar para a semana e finalizavam em mais mensagens ignoradas por Bianca.

Sentia como se eu me relacionasse sozinho, às vezes. Era *foda* ter alguém e estar por conta própria na maior parte do tempo.

Meu devaneio fora impedido por outro barulho. Desta vez, pareciam rodinhas no chão e vinha da sala.

Franzi a testa antes de desligar o chuveiro. Não era possível que depois de tanto tempo, as energias do hospital resolvessem me acompanhar até em casa. Se bem que… *Não, maluquice, Victor!*

Não era um crédulo, mas dentro da sabedoria popular, era perfeitamente possível que uma construção grande e com vários móveis espalhados tivesse lá suas *peculiaridades*.

Havia sido criado em família católica, na adolescência me descobri ateu. Só que, como médico, havia visto muitas coisas que seriam chamadas de milagres e que nenhum cientista ou especialista seria capaz de explicar.

Não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem, já diria Miguel de Cervantes.

Outro ruído, dessa vez em direção à cozinha.

— Mas que caralho! — rosnei.

Irado, segui a trilha de sons do meu invasor sem nem pensar duas vezes. Ensopei o corredor de piso de tábua corrida com meus passos, a água escorrida do meu cabelo e de todo meu corpo sem empecilhos.

Eu arrastaria aquele desgraçado para fora da minha casa nem que fosse com água benta.

Escutei a assombração abrir minha geladeira. Ao mesmo tempo, meu lado racional me berrava em meus ouvidos que fantasmas não comiam. Foi automático, minha mente processou rápido demais.

Era um morador de rua. Ou ladrão.

Péssima hora para bancar o Superman pelado, estava vulnerável.

No entanto, não havia volta. Se me escondesse, o maldito faria a limpa em todos os meus pertences e minha residência ficaria marcada para sempre como fácil de roubar. Não podia deixar que acontecesse.

Pratiquei artes marciais a vida inteira. Jiu jitsu, boxe, capoeira, karatê e agora MMA e treino pesado de crossfit… Eu *sabia* me defender. Tinha um gancho de esquerda pesado, pelo menos.

Flexionei os braços, armando a postura de ataque. Ultrapassei o portal de acesso a cozinha com sangue nos olhos. Era o próprio defensor da minha casa. Se fosse preciso ser preso por deixar alguém em coma, eu seria.

Todavia, toda minha raiva apenas serviu para me surpreender. Não era um mendigo ou o capeta. Era uma mulher.

Uma das mulheres mais gostosas que eu já havia visto na vida.

— Puta que pariu, moça! — exclamei. — Como você entrou aqui?!

O corpo curvilíneo bem-vestido com um macaquinho de alfaiataria congelou.

Ela estava de costas, abaixada olhando a despensa. Consequentemente, com a bunda para o alto. Uma grande e empinada bunda de popas de fora, fugindo das barras da roupa.

O rabo mais bonito que pus meus olhos nos últimos tempos.

Engoli seco, me obrigando a lembrar que a bunda bonita era de uma invasora que poderia, ou melhor, *deveria* estar alheia de suas plenas faculdades mentais. Ninguém invade casas por aí simplesmente para olhar a despensa.

Lentamente, a invasora se ergueu e girou seu corpo na minha direção.

A expressão nos olhos castanhos era choque e a boca carnuda se torceu em um beicinho de incompreensão. Uma gota de suor escorreu pelo colo dela, grudando o cabelo escuro quase preto no monte dos seios atraentes. O brilho nos olhos da mulher mudou, e eu reconheci a luxúria crua neles, enquanto ela me mediu.

Era quase como se ela pudesse me devorar com o olhar.

O ar pesou em meu peito, mordi o lábio inferior de angústia. Estava dividido entre ficar assustado e me sentir terrivelmente atraído por aquela criminosa. Eu também poderia devorá-la, se ela me permitisse.

Como se fosse puxada de um transe, a mulher se virou e puxou uma faca do chef de cabo azul do meu faqueiro favorito.

E, por ser meu faqueiro favorito, sabia o quanto aquela lâmina estava afiada e poderia me rasgar com facilidade.

— Moça, você está bem? — Ergui as mãos, pedindo para que ela se acalmasse. — Abaixa isso, eu posso te ajudar a voltar para a sua casa.

— Você *está* na minha casa — sibilou. A respiração fazendo os seios subirem e descerem com intensidade.

Só o medo de morrer havia impedido a minha ereção, do contrário, aquela pequena invasora teria me deixado em ponto de bala. Como a porra de um menino na puberdade.

— E eu tô ordenando que saia agora! — Seu sibilar virou um rosnado feroz.

Que voz gostosa ela tinha…

— Espera, o quê?! — exasperei quando percebi o que a mulher dissera. — Garota, essa casa é minha! Mudei há quatro dias!

— Quatro dias? Essa casa é minha há *três semanas*! — ela gritou. — Como você entrou aqui?

— É impossível que você more aqui há três semanas. Há três semanas eu estava fechando a compra. — Minha risada escorreu pelos cantos da boca em escárnio. — Vou chamar a polícia e você vai voltar para o lugar de onde veio.

— *Eu* que vou chamar a polícia e dizer que tem um indigente pervertido morando na minha casa!

Revirei os olhos.

Já havia lidado com pacientes em surtos esquizofrênicos e sabia o quanto podiam ser imprevisíveis. Principalmente, o quanto eles acreditavam nas vozes dentro de suas cabeças.

Manter distância dessa pequena e deliciosa meliante era o mais seguro para mim.

Deslizei os pés para trás, para sair da cozinha, e corri em busca do meu telefone celular. A doida veio atrás de mim, bradando a faca e gritando, então apertei meu passo.

Corri para o meu quarto para chamar ajuda. Não era o mais prudente, a maluca poderia incendiar a casa comigo dentro. Porém, eu não ficaria perto dela segurando uma faca capaz de me fatiar.

Depois eu reviraria o mundo e infernizaria aquela imobiliária para descobrir onde e como tinha uma passagem para dentro da minha casa.

Eles iriam me pagar uma multa bem gorda por esse estresse!

De repente, a doida gritou. Escutei o som da faca cair no piso de madeira, um pouco antes de trancar a porta do meu quarto.

Retrocedi meus passos e a encontrei estática em frente à um dos quartos de hóspede. Aproveitei para puxar discretamente a faca e a jogar para bem longe.

— *Onde. Estão. A. Porra. Dos. Meus. Móveis*?

Seu sibilo foi ainda mais assustador que vê-la correndo com a faca.

Arqueei uma sobrancelha e tentei encontrar o que ela tanto olhava dentro do quarto vazio.

— Minha cama, meu espelho, minhas roupas! — Ela se virou para mim, possessa. — A merda da minha geladeira, seu invasor de propriedade! *Onde está?!*

Um clique girou dentro do meu cérebro.

Realmente, havia móveis quando me mudei. Até aproveitei os da sala, os da cozinha e a máquina de lavar que estava nova. Neste quarto, estavam apenas uma cama *queen size* gasta, um armário vazio, um espelho e muitas caixas de vários tamanhos. Havia separado tudo para doação.

— Impossível… — sussurrei.

— Meu Deus, eu vou *acabar* com a sua vida! — ela berrou, socando meu peito. — Você invadiu minha casa, se apossou e jogou meus móveis fora! Em que mundo você pensa que vive, hein? Seu troglodita sarado!

Mais uma série de golpes seguiram os primeiros. Nenhum forte o suficiente para me abalar. No entanto, me surpreendi com a energia que aquela mulher tinha para tentar machucar alguém.

— Eu não invadi a sua casa! E não me agrida! — Segurei seus pulsos. A qualquer momento, ela poderia me dar um tapa. — Tenho uma escritura que comprova que essa casa é minha, moça!

— Eu também tinha, mas você jogou minhas caixas fora! Merda, merda, merda, merda, mil vezes merda, caralho!

— Não joguei suas coisas fora, *coisa pequena*. — Seu rosto dizia que se ela pudesse me alcançar neste momento, arrancaria meu nariz com os dentes. — Tudo que eu não aproveitei nesta casa, está lá fora no quintal.

— Não vi nada quando entrei. — Seus pulsos se soltaram para puxar os cabelos escuros para trás.

— Não estão nos fundos, estão na frente.

— A frente da casa é onde está a sala.

— Não, ali são os fundos.

— Por que diabos alguém colocaria a sala nos fundos da casa? Você é burro?

— Não era o plano, mas a decoração estava tão boa que eu aproveitei… — Os braços da minha interlocutora se cruzaram em ironia.

Ela marchou para os fundos da casa, bradando todos os palavrões possíveis. Aproveitei sua distância para me vestir e procurar a minha própria escritura.

Não era possível que duas pessoas não-cônjuges conseguissem comprar a mesma casa. Daria algum tipo de problema na receita federal.

Ou não daria?

A voz da minha consciência me recriminou por não ter achado nada demais em encontrar uma casa cheia de móveis novos abandonados.

Não estranhei o sumiço de Santiago Garcia, tampouco a falta de retorno da imobiliária. Simplesmente interpretei como um presente do universo para começar a minha vida.

A garota tinha certeza de que a casa a pertencia e estava bem consciente. Entretanto, eu tinha um documento que comprovava que a casa era realmente minha. Uma pena da moça que caiu nesse golpe, *com certeza* havia sido uma venda de boca, mas ela e seu belo traseiro teriam que sumir das minhas vistas.

Com minha escritura em mãos, fui até a varanda para encontrar a garota.

Estava de joelhos, com o quadril entre os calcanhares, sentada em uma posição que parecia desconfortável. Revirava uma caixa pequena com muitas folhas, pareciam documentos.

Sentei ao seu lado lentamente. Qualquer movimento brusco e eu tomaria uma dentada.

— É uma pena que isso tenha acontecido. Muito triste mesmo… Não se pode comprar nada sem um documento, sem comprovação. As pessoas são muito…

— Achei! — ela exclamou, puxando a folha de ofício carimbada.

Para a minha total surpresa.

— Não, não, não, isso é impossível! *É falso*, com certeza. — Arregalei os olhos, quando ela puxou nossas escrituras para comparação. Eram do mesmo cartório, mesmo carimbo e assinatura do tabelião, inclusive mesma cor.

Ofeguei.

A única diferença é o endereço. Enquanto a minha escritura continha a informação Rua Capitão Nogueira número 25, a dela estava informada com Rua Beltrami Pedrosa número 136.

O endereço dos fundos da casa.



— Tira o pé do sofá!

Esbugalhei os olhos para o bonitão que não estava mais pelado. O desgraçado havia me repreendido por colocar os pés em cima do *meu sofá*.

Quem aquele filho da puta pensava que era? O dono da minha mobília também? Não bastava ter doado a minha geladeira nova, ele queria meu sofá também?!

— Ah, vai se foder — resmunguei ao me deitar e subir o outro pé para o estofado.

— Vai manchar.

— É *meu*! Eu faço o que quiser com ele.

Victor Hugo era como se chamava. E ele era tão arrogante quanto o nome sugeria.

Se sem roupa ele havia sido pedante e me tratado como se fosse maluca, vestido e munido de alguma dignidade, aquele homem era insuportável. Não era muito difícil por causa do meu pouco tamanho, mas ele me olhava de cima.

Fedia a rico de berço. Moleque de prédio criado com caixa de lápis de cor Faber Castell de quarenta e oito cores e Toddynho original. O tipo de criatura mais insuportável que ocupava o metro quadrado no Rio de Janeiro.

Considerando que ele estava na minha casa, eu seria indiciada criminalmente se enfiasse um garfo em sua jugular?

— Tudo bem. Se você é incapaz de cuidar das suas coisas, que se dane. Só fica quieta que vou ligar para o meu advogado. — Victor esfregou o rosto perfeito de modelo. Eu o vi buscar o celular no bolso da bermuda apertada em suas coxas grossas. Como um homem tão gostoso era tão insuportável? — Alguém tem que saber como eu me livro de você…

— Eu adoraria te ver tentando. — Abri meu sorriso mais cruel. — Não se esqueça que ainda precisamos falar da minha geladeira.

Ele meneou a cabeça com impaciência antes de prender o celular na orelha. Foi automático, começou a andar em círculos pela sala. A cada volta, esfregava o rosto ou o cabelo. Só parou quando, seja lá para quem estivesse ligando, o atendeu.

— Sim, Zeca, eu tenho um problema muito sério. Tem uma porra de uma estranha morando na *minha casa*.

Encarei-o de soslaio e bufei. Ele queria agir como se fosse o dono injustiçado e eu a vigarista invasora de propriedade privada.

— Ah, *como*?! Me diga você, meu caro advogado favorito. Como *caralhos* uma mulher

que eu nunca vi na vida tem uma escritura oficial igual à minha? A única diferença é que o endereço é o da rua de trás, *mas porra*! É a minha casa, puta que pariu!

Mordi o canto do lábio para segurar a vibração que queria escapar da minha garganta. Para um riquinho mimado, seboso e elitista, ele xingava bastante quando era contrariado.

Uma veia pulsava em seu pescoço e seu rosto estava vermelho. Conforme o advogado o instruía do outro lado da linha, o homem ficava com mais raiva. Bufava, rosnava e revirava os olhos. Parecia um urso irracional à beira do desespero.

Era tão lindo vê-lo daquele jeito. Quebrando a porra da cara e sendo forçado a descer do seu maldito pedestal de playboy.

Confesso que tive medo de quando Victor Hugo começou a resmungar sobre ligar para o advogado. Eu sabia como as coisas aconteciam neste país, não teria a mínima chance em uma batalha contra o séquito de advogados de boutique dele. Mesmo pagando uma boa consultoria jurídica, eu não teria os acessos aos tribunais e casas de desembargadores que ele tinha.

Bem, alguém que tinha uma Range Rover do ano, os gadgets mais modernos e caros da Apple e uma *camiseta branca* Tom Ford com certeza devia ter estudado com um ou dois filhos de ministro.

Vivian, a minha chefe, foi bolsista no ensino médio e colega de classe da filha de uma das ministras do Superior Tribunal de Justiça. Ela dizia que essa gente se relacionava em castas. E que um rico conhecia o outro.

Os acionistas da Finesse seguiam essa sentença com maestria.

Tinha medo de que Victor e sua suposta influência pudessem tirar o meu teto. Meu único bem, que havia sido duro demais de adquirir. Havia comprado aquela casa com o dinheiro do seguro de vida que recebi alguns anos após a morte dos meus pais. Era literalmente tudo o que havia me restado deles.

Mas pela reação agoniada do ladrão de geladeiras, a sorte não estava tão distante assim de mim.

— Mas não é possível, porra! — Victor rosnou mais uma vez, abrindo o braço livre em um sinal de indignação. — Eu te pago caro para resolver esse tipo de problema. Dê o seu jeito!

Eu não queria ser o pobre Zeca para escutar aqueles desaforos, mas era gostoso demais ver Victor Hugo perdendo o controle ridículo que acreditava ter. Foi inevitável rir.

— Para de rir, cínica do cacete — Victor grunhiu, abafando o microfone do celular.

— Não tô rindo. — Nem eu acreditava em meu tom de voz afetado. Quanto mais ele grunhia e reclamava, mais vontade de gargalhar me dava.

— Você tá tão fodida quanto eu.

Sentei-me e cruzei os braços para ele. Ainda sem conseguir disfarçar o sorriso, segurei os músculos do meu rosto o máximo que pude.

Mas era difícil demais.

— Considerando o seu surto, acho que você tá mais ferrado do que eu. — Dei de ombros. — Sabe como é, eu não pago um monte de dinheiro a um advogado caro para ele não passar a mão na minha cabeça quando eu dou chilique.

Seu queixo caiu na minha frente. Ele deu um passo em minha direção.

Da mesma forma que não consegui disfarçar minha risada, não pude me impedir de grudar as costas no estofado, me afastando o máximo dele.

Merda. Se aquele homem enorme resolvesse me atacar, eu *estaria* fodida.

— Sua… — Victor se interrompeu e parou a míseros trinta centímetros de distância de mim. — Eu vou te botar para fora assim que…

O homem engoliu as palavras. O advogado do outro lado da linha deveria ter retornado.

— Fala, Zeca. — Ele se jogou no sofá ao lado do meu, com uma almofada no colo. — Como assim temos que entrar com o processo e esperar? Tá de sacanagem? E daí que ela também tem a escritura dessa merda?! Não, eu não sei qual é a condição dessa doida, mal sei o nome dela. Só sei que ela é cínica.

Gargalhei de uma vez só antes de ser atingida pela almofada marrom que voou em minha direção.

— Você é sempre infantil desse jeito? — provoquei.

Reparei sua mão buscando uma outra almofada. Entretanto, para não me dar mais munição, Victor escondeu a mão no bolso de sua bermuda.

Era ridículo, a verdade precisa ser dita.

Um homem daquele tamanho, gostoso daquele jeito, surtando só porque as coisas não saíam do seu jeito. Não era só pela casa, e isso seria motivo suficiente para dar defeito em qualquer um. Era muito mais por seu ego ferido de não ter a sua demanda atendida.

Patético.

Se ele estava a ponto de ter um aneurisma, eu precisava ser calma. No tabuleiro da grana, estava em desvantagem.

Alcancei meu celular sobre a mesinha de cabeceira, abri a aba Stories do Instagram e fiz uma selfie. Pela minha visão periférica, enxerguei o homem arquejar em desespero por causa da minha suposta futilidade.

O que ele não precisava saber era que eu fazia um pedido de indicação de advogadas cíveis para os meus milhares de seguidores. Alguém apareceria com a pessoa ideal para mim.

O lado bom de ser uma — *Deus, odeio esse termo ridículo* — influencer, era o de eu não precisar fazer muito esforço para conseguir a informação que queria. Afinal de contas, quem era o Google perto de uma seguidora louca para dizer no Twitter que era “minha amiga”?

— Nem uma liminar? — Victor coçou a cabeça, em aflição. — Eu não tenho como me acalmar. Tem uma mulher que mora na minha casa, bem aqui na minha sala! Ela pode dizer que eu a assediei ou tentei qualquer coisa e ninguém vai acreditar em mim!

Realmente, considerando que eu ficara quase dez minutos com ele nu do meu lado tentando me convencer de um surto psicótico que eu não tive, poderia dizer que Victor me assediou. Mas eu não era tão péssima assim.

Nem tão burra. Uma denúncia falsa agora me descredibilizaria na hora do processo pela casa.

— Você não me assediou… — Revirei os olhos apenas para ser ignorada.

— Conversar com ela? Eu quero que essa garota suma daqui! Não vou me precipitar. Não… *Não*… Zeca, eu não sou criança, porra! — Victor suspirou. Eu precisava dar o braço a torcer para o advogado que não conhecia. Se ele achava o ladrão de geladeiras infantil, eu estava do seu lado. Só para isso. — Está bem… Não quero fazer do seu jeito, mas é o que temos para hoje.

Victor desligou a chamada com raiva. Depois suspirou e se levantou. Caminhou em círculos pelo assoalho de novo.

E ameaçou arremessar o celular na parede.

— Se eu fosse você, eu não faria isso — intervim. O coitado do smartphone era um iPhone de última geração. Se ele não quisesse mais, poderia dar para mim. Era sempre bom ganhar algo que vale quinze mil reais de graça. — Esse celular custa uma moto.

— Uma de péssima qualidade, só se for — devolveu com o mesmo sorriso irônico que

o entreguei instantes atrás. — Posso comprar outro agora mesmo se esse quebrar.

Um playboy mimado com o rabo cheio de dinheiro. *Eu sabia*!

— Poxa, que legal! Então você pode comprar uma outra casa e me deixar em paz com a minha, já que você tem tanto dinheiro.

Levantei ultrajada com sua prepotência. Quem aquele puto achava que era para me humilhar daquele jeito?

— Você é o que? Mafioso? CEO de alguma empresa? Modelo italiano de perfume? Ator pornô? — Cheguei perto o suficiente para cutucar seu peito com meu indicador.

— Para de falar merda um minuto, droga! — Victor se jogou no chão, deitado no piso de tábua corrida. Braços e pernas afastados, olhos trancados e respirando fundo diversas vezes. Era como se tivesse desaprendido a respirar.

Por um minuto, sua vulnerabilidade sumiu com o moleque idiota. Quase me compadeci quando vi suas narinas inflarem.

Ele havia sido condescendente comigo. Tratou-me como uma incapaz em crise psicótica, me chamou de pobre em trinta idiomas diferentes ao esfregar suas posses na minha cara… Tentou até bancar o bonzinho quando achou que eu havia comprado uma casa em um acordo de boca.

Pensando bem, ele merecia estar irritado e com a cara vermelha. Torcia que sua cabeça estivesse explodindo de dor como parecia estar.

— Não entendo como consegue estar tão calma. — Escutei-o murmurar.

Seus olhos permaneciam fechados, não podia enxergar a ironia deles.

— Eu tô nervosa para caramba, se você quer saber. Só que, ao contrário de você, não há nada que eu possa fazer neste momento além de respirar fundo e esperar minha mente acalmar. Aí, *só aí*, vou pensar em alguma coisa. Sem gritar nem humilhar ninguém.

Victor ponderou por segundos antes de abrir os olhos. Fez um sinal para que eu me sentasse ao seu lado no chão. Mesmo sem motivo para confiar que ele não torceria meu pescoço e me desovaria na vala mais próxima, fui.

Ajoelhei-me ao seu lado, perto de seu ombro. Ele ergueu o tronco e apoiou os braços nos joelhos, mirando-me com intensidade.

— Desculpa por ter sido um escroto com você. É que estou com raiva e…

— E tá acostumado a ter tudo o que quer na hora que quer.

— Não. — Um sorriso ameaçou surgir em seu rosto. — Só que nunca fui feito de idiota por algo tão grave assim. Não é um bombom, é a minha casa.

— *Minha* casa — corrigi-o.

As narinas do homem inflaram. Vi-o lutando para não revirar os olhos.

— De quem quer que seja. Só não queria ter que passar por esse estresse, entende? Achei que fosse construir a minha família aqui…

— E eu achei que fosse recomeçar aqui. — Meu sussurro chamou a atenção dele. — Mas é lógico que a vida não seria fácil assim, né?

— De jeito nenhum.

O sorriso gentil finalmente esticou a boca de Victor. Em seguida, o homem me estendeu uma das mãos em um cumprimento.

— Começamos com o pé esquerdo. Podemos tentar de novo? — sugeriu, ansioso pela minha resposta. — Meu nome é Victor Hugo, e não sou mafioso, nem CEO, nem merda nenhuma que você deve ter visto nos livros de romance. Sou médico no hospital Amélia Mohanyr.

— Bom, minha pressão já pode cair à vontade e eu nem vou precisar sair de casa. — Apertei a mão dele. Era morna. Praticamente engolia a minha. — Eu sou Lara. Trabalho como jornalista.

Ele franziu o cenho.

— Jornalista? Mas eu acho que já te vi em algum lugar…

— Vai ver, você é meu fã e nem tá sabendo.

— *O quê*?

— Deixa para lá. Foca só na parte em que eu sou jornalista da revista Finesse.

Sua mão demorou meio minuto a mais do que deveria, presa à minha. Antes disso, pude sentir seu polegar circulando minha pele. Ao mesmo tempo em que seus olhos dançaram devagar por meu rosto.

Ele estava… *flertando comigo*?

— Então tá bem, Lara jornalista da revista Finesse. Acho que vamos dividir a casa por enquanto.

— Espero que você minimamente respeite o seu dia de lavar a louça. Minha colega de quarto anterior não o fazia.

— Ah, eu respeito sim. Principalmente porque é só enfiar dentro da máquina.

Era claro que ele tinha uma lava-louças. Eu era a única no planeta que ainda acreditava na lenda urbana de que dava mais trabalho do que ajudava no dia a dia.

Pelo menos para alguma coisa dividir a casa com aquele playboyzinho serviria. Eu usaria todos os seus eletrodomésticos caros e beberia todas as suas cápsulas importadas de café para compensar a geladeira que ele me roubou.



Não conseguia acreditar que precisaria trabalhar junto com aquela mulher minúscula se quisesse ter meus direitos respeitados.

Mulher minúscula linda para caramba, mas ainda era o pequeno ser mais irritante da face da Terra. Seu deboche era capaz de fazer com que parecesse ter mais de um metro e noventa de altura, e não os míseros um metro e cinquenta e poucos que aparentava.

Era espaçosa e bagunceira, ocupava o dobro do espaço que precisava em todos os sentidos. Sua voz era alta demais, suas expressões eram intensas demais e tudo que a pertencia parecia uma zona.

Cheguei a me oferecer para ajudá-la a guardar as roupas no armário do quarto, mas a garota recusou.

Dura na queda, ela farejou de longe as minhas intenções. Queria me aproximar, ser gentil, virar amigo, para poder convencê-la a sair da minha casa sem que precisasse esperar o decorrer da maldita ação conjunta que Zeca mencionou.

Não havia uma brecha naquela armadura, ela não deu o mínimo suspiro com nenhuma das minhas investidas. E, *cacete*, isso estava remexendo o meu ego. Não bastasse ela estar enfiada no meu lar e eu não poder chutar seu belo traseiro para fora, Lara precisava ser a única mulher do Rio de Janeiro que não perdia dois segundos me olhando.

Pode soar prepotente, mas sabia que era um homem atraente. Sempre tive facilidade com as minhas conquistas, conseguir sexo nunca foi difícil por causa da minha aparência. Mas aquela nanica pouco se lixava para mim.

O que acreditei ser desejo na primeira vez que nos vimos, era surpresa por eu estar sem roupa. Choque. Não tesão.

As horas passaram rápido demais. Quando menos percebi, o sol havia deixado o céu. Como um relógio bem agendado, meu estômago roncou.

Estava olhando havia vinte minutos para a dispensa sem vontade nenhuma de cozinhar. Será que eu teria que fazer comida para ela também? Nunca havia dividido uma casa com alguém antes, os protocolos me eram estranhos.

— O espaguete não vai caminhando sozinho para a panela, se é o que está pensando.

Olhei por sobre o ombro na direção da voz irônica da minha *roommate*. Lara penteava o cabelo molhado, me encarando direto nos olhos. O corpo curvilíneo estava embrulhado em um pijama curtíssimo de algodão, o short mal alcançava o topo das coxas suculentas.

Minha sorte era que, pela cor escura do tecido, não conseguia descobrir em que altura os mamilos apontavam para mim. Do contrário, minha boca secaria.

Alguém tão irritante ser gostosa daquele jeito deveria ser crime.

— Eu meio que estava esperando que o molho de tomate desse as mãos para a massa e ambos fossem juntos se enroscar no forno. Obrigado por ter me avisado que não é assim que funciona. — Eu a vi segurar o sorriso que queria erguer o canto da boca carnuda.

— É, você parece o tipo de pessoa que precisa de ajuda com coisas básicas assim.

Dei uma risada em escárnio.

O que aquela garota conhecia de mim? Ela não sabia metade do que eu havia passado no internato, nem tudo o que já havia acontecido comigo e com a minha equipe em uma mesa de cirurgia. Estava me julgando sem qualquer propriedade.

Eu era mais do que um moleque de apartamento riquinho.

Só que não precisava provar nada para ela. Lara não ficaria na minha vida por tempo o bastante para eu me importar em desconstruir sua primeira impressão.

— Topa uma pizza? — ela propôs. — Ou você é saudável demais para comer porcaria dia de semana?

— O que te faz pensar que não como pizza dia de semana?

Lara revirou os olhos. Em seguida ergueu o braço e dobrou o cotovelo, contraindo o bíceps. Franzi o cenho tentando encontrar um sentido em sua mímica, então a imitei.

E entendi do que ela falava.

— Seu braço é maior do que a minha coxa — explicou. — Gente assim não come batata frita nem bebe cerveja. Deve ser por isso que você é chato, falta de carboidratos.

Foi inevitável gargalhar.

— Você já percebeu que eu bebi a sua cerveja? — Arqueei uma sobrancelha em provocação. — Uma Pale Ale encorpada bem calórica.

A garota franziu o cenho ao apertar os dedos ao redor da escova. Tinha a impressão de que ela atiraria o objeto na minha cabeça.

— Isso foi antes ou depois de você sumir com a minha geladeira nova?

— Não sumi com a sua geladeira, eu doei. É diferente.

Sua pele alva se coloriu do vermelho mais indignado que a natureza já foi capaz de produzir. De onde eu estava, Lara me lembrava um desenho animado com fumacinhas saindo pelas orelhas. Um touro bravo pronto para me chifrar, só que em tamanho de bolso.

— Você me deve quatro mil reais — rosnou.

— Vou te pagar, relaxa. — Desisti de cozinhar. Invés de brigar com a minha criatividade nula, me aproximei dela. Seus olhos não desfocaram do meu rosto, tampouco afastou o corpo do meu quando me coloquei a meio metro dela. — Assim que você sair da minha casa.

— Isso é roubo!

— Não! Havia um bem que eu não queria na minha casa e eu o retirei. A legislação me ampara.

As narinas de Lara inflaram. No instante seguinte, a vi se erguer na ponta dos pés e chegar mais perto em uma tentativa de me intimidar. Seria fofo, se seus seios não estivessem tão perto do meu peito.

Que maldita tentação.

— Eu vou amparar essa escova no seu rabo, seu filho da puta.

Não costumava ser o tipo de homem implicante. Ao contrário, era centrado e racional,

não gostava de medir forças nem limites com ninguém. Só que Lara despertava um lado infantil meu, uma necessidade tácita de disputa que ia além da posse da casa.

Era como se eu estivesse na oitava série de novo.

Um sorriso irônico ergueu minhas bochechas. Ergui minhas mãos para suas costelas, segurei-a mais perto de mim, a milímetros de tocar nossos corpos. Eu conseguia sentir o calor da sua pele debaixo do pijama contra a minha. Não era possível que aquela garota não se abalasse nem um pouquinho com meu toque invasivo.

Mas ela não o fez.

Lara sustentou o olhar grudado em mim, não se afastou nem perdeu o compasso da respiração. Diferente do que eu esperava, a mulher esboçou um mínimo sorriso de canto e piscou lentamente.

— Invasor de propriedade, ladrão de geladeira e assediador. Sua ficha criminal só aumenta, Victor Hugo Fagundes.

E o feitiço virou contra o feiticeiro.

O tom de voz de Lara, baixo e cadenciado, arrepiou os cabelos da minha nuca. O sorrisinho de merda pregado na boca carnuda me pareceu subitamente apetitoso, parecia implorar para que eu o provasse.

A desgraçada sabia o que fazia, pois, percebendo a minha falta de foco, mordeu o lábio inferior. De propósito, só para atrair meus olhos como mariposas correndo para a luz.

— Mas apesar de tudo isso, eu como pizza. — Soltei seu corpo ao soprar as palavras em seus lábios.

Passei por Lara sem olhar para trás. Era a minha vez de tomar um banho, de preferência frio. Ou beber dois litros de água para combater a inesperada secura na boca.

— Você usa aliança — ela comentou antes que eu passasse pelo batente da porta.

Instintivamente, ergui a mão direita.

A aliança de noivado que havia começado a usar anos antes era acompanhada por uma cicatriz de um acidente culinário. Mas não era disso que a mulher falava. Estava me acusando.

Criatura irritante. Ela mal me conhecia, não fazia ideia de qual acordo eu tinha com a minha noiva, mas pressupunha que eu era infiel.

Se quisesse, eu poderia fodê-la até que não conseguisse mais andar. Por quantas vezes eu tivesse vontade.

No entanto, Lara não precisava saber disso. Ela *não ficaria* tempo o bastante na minha vida para descobrir o sabor agridoce que aquela relação aberta com uma mulher do outro lado do mundo trazia à minha garganta.

— Fica bem em mim, né? — Foi a minha resposta, agitando os dedos no ar.

— Cretino. — Seu sibilo me alcançou em reprimenda.

Dei uma risada sincera da sua indignação.

— Obrigado pelo elogio. Ah, a minha metade é de Marguerita.



O plano era não convivermos. A casa era grande o suficiente para que pudéssemos evitar a presença um do outro. Não seria um grande esforço, eu passava o dia inteiro fora uma vez a cada dois dias e ela trabalhava em horário comercial — o que significava que passava tempo demais na revista, fazendo horas extras que não eram necessárias.

Ela praticamente só dormia em casa, e eu tinha mais atividades do que meus dias permitiam, também. As aulas estavam agarrando na minha escala do hospital, eu sabia que precisava entregar a turma. Só estava protelando por pura teimosia.

O problema era que toda vez que nos encontrávamos, dava choque. Em todos os sentidos possíveis.

Lara era adepta dos saltos enormes, da maquiagem bem-feita e do visual impecável. Então, quando o som dos estalos dos sapatos no assoalho me alcançava, eu sabia que ela se aproximava.

— Bom dia, *doutor Victor*. — Não havia uma vírgula daquela boca que não saísse carregada de ironia para mim.

— Bom dia, *jornalista Lara*. Como vai?

Ela se esticou para o armário em busca de uma xícara. Em seguida, sem sequer pedir permissão, ligou o meu moedor de café. O aroma do grão se espalhou pela cozinha. Mesmo que eu não fosse fã de beber café pela manhã, salivei.

— Com saudades da minha geladeira. E você?

— Por que você não supera isso? Parece um disco quebrado. “Ai, minha geladeira”, “quero a minha geladeira”, parece até que a porra da geladeira te comia. Que chatice.

Fiz por pura implicância. Quando a mulher me olhou por sobre o ombro, sorri com o canto da boca. Eu tinha a certeza de que ela moeria meus dedos se tivesse a oportunidade.

— Se você não estivesse enrolando para me pagar, eu não agiria como um papagaio em fase de aprendizado.

— Já disse que vou pagar. Droga, não faz nem uma semana que moramos juntos e você age como se eu fosse o pesadelo do Serasa.

— Estamos morando juntos há tempo demais, aliás. Sigo cada dia mais ansiosa para que você caia fora da minha casa, Victor.

Ah, o cabo de guerra que era a nossa rotina! Uma delícia para movimentar as sinapses dos neurônios.

— Enquanto o juiz não decidir quem sai e quem fica, eu não vou a lugar nenhum.

Aproximei-me para pegar outra xícara e aproveitar da moagem que Lara havia feito. No entanto, o bico da prensa francesa logo alcançou meu recipiente, sem que eu precisasse pedir.

Ela encheu sua xícara e a minha com uma boa vontade que sua boca era incapaz de dizer. Era como se seu corpo fosse simpático e seu cérebro um nojo.

Divertido.

— Obrigado. Conseguiu alguém para te representar? — Encostei o quadril no armário da cozinha, ficando ao lado dela.

— Tive uma reunião com uma advogada indicada por uma amiga ontem, mas não gostei muito. Preciso de uma segunda opinião.

— Se quiser o contato do meu advogado, posso te passar.

A xícara estava em sua boca quando ela teve um pequeno acesso de riso. A garota tampou a boca para gargalhar sem cuspir café.

— E perder a casa para você porque o seu advogado com certeza vai te favorecer? Jamais! Não nasci ontem.

— Você quem sabe.

— É, eu que sei mesmo. — Cortou o assunto. — Tem plantão hoje?

Neguei com a cabeça.

— Tenho uma aula para dar. Depois vou treinar e, mais tarde, vou encontrar uma amiga.

Lara inclinou a cabeça para o lado, pensando no tom das minhas palavras. Havia sido sugestivo, mas não tanto. Ela estava escaldada em relação a mim.

Bom, Ana não era minha amiga. Era minha colega de trabalho e estávamos flertando desde antes de eu me mudar. Eu não queria levar isso para frente, transar com alguém que se vê todos os dias era um pesadelo para o meu arranjo. Nem todo mundo entendia, a maioria das mulheres começava a exigir coisas que eu jamais havia cogitado oferecer.

Só que toda vez que via Lara Corrêa e tínhamos nossos embates, meu corpo formigava para a jogar sobre o sofá da sala e calar sua boca debochada atolando meu pau em sua garganta.

Ela era o pior tipo de pessoa para se ter sob o mesmo teto. Era charmosa como o próprio inferno, tinha a língua afiada e fazia perigosamente o meu tipo. Eu adorava as bundudas com corpo de ampulheta, cavalonas, como a sabedoria popular chama hoje em dia. Se ainda por cima tivesse uma personalidade marcante… Me perder seria fácil.

Mesmo que fosse mais baixa do que as mulheres com quem eu costumava me envolver, Lara marcava todos os outros requisitos. Não era uma cavalona, mas era um *pônei* arrogante e provocativa que me dava vontade de fazer uma besteira sem volta.

Eu precisava transar com alguém. A minha mão não estava dando conta, e Bianca sempre tinha algo melhor para fazer além de me dar atenção. Minha noiva nem tinha expectativa de quando viria ao Brasil novamente, não podia esperar o milagre de ela aparecer.

Ana estava por perto e era fácil. Ia matar aquele fogo no rabo de adolescente que eu estava.

— Como você concilia a sala de aula e os plantões? — Lara perguntou de repente, entre um gole e outro de café.

— É uma aventura. Divido a minha disciplina com dois professores, então funciona. Mas está difícil, confesso. Tô pensando em entregar a turma.

— E você quer? Digo, geralmente dar aula é uma vocação.

Fiz uma careta. Não havia nada nobre sobre o meu caminho no magistério. Um sócio do Amélia Mohanyr tinha uma universidade e me ofereceu um bom dinheiro para me ter no quadro de professores.

Minha vocação na sala de aula era ganhar dinheiro.

Minha vocação no centro cirúrgico era salvar vidas. E era a isso que eu me dedicava por inteiro.

— É cansativo — comentei. — Hoje, por exemplo, eu queria fazer nada. Eu poderia fazer nada, além de treinar. Mas…

— É, sua agenda é esquisita mesmo.

— Nem me fale.

Olhei-a de soslaio. A jornalista virou o último gole de café e deixou a xícara na pia. Em seguida tocou meu ombro. Seus dedos mornos de unhas pintadas de preto e cheios de anéis espalharam arrepios pela minha pele.

Evitávamos ficar perto um do outro. Desde a noite em que havíamos nos conhecido, não nos tocávamos. Ela deixou bem claro que não queria que eu a tocasse, entre uma fatia e outra da pizza que jantamos.

— Você não é tão ruim quando não tá se esforçando para ser insuportável. — Se eu fizesse um esforço, poderia entender aquilo como elogio.

— É que tô lutando muito para não devolver a sua geladeira.



— *Amiga, você tem certeza de que não quer vir para cá? Nem pedir uma medida protetiva, ou sei lá?*

— Mariabia, eu adoraria poder acordar e não dar de cara com esse homem todos os dias da minha vida. Mas se eu sair agora, não volto mais. E você sabe o que essa casa significa para mim.

Maria Beatriz Inohina era uma das poucas pessoas vivas no mundo que podiam bater no peito e dizer que me conheciam. Além de Ashanti, minha antiga colega de apartamento hippie, e Ricardo, o entojo do meu ex, só Mariabia entendia as nuances mais confusas e incoerentes do meu cérebro.

Era a única que eu podia chamar de melhor amiga.

Foi a única que se propôs a cometer um crime para me livrar de Victor Hugo Fagundes. A mulher não pensou duas vezes antes de sugerir envenenamento por cianureto.

Desde que eu havia contado sobre a minha situação, Mariabia tentava todos os dias me fazer morar com ela. Em quatro semanas, não houve uma noite sequer que ela não me ligasse para saber como eu estava.

No fundo, sabia que minha melhor amiga só queria garantir que eu estivesse viva. Eu a amava por isso.

— *Amiga, esse cara é um Fagundes! Tem um busto do avô dele na biblioteca de Ciências Médicas da PUC. Ele só não te chutou daí ainda porque não quer.*

Pela câmera, Mariabia fez uma careta engraçada.

Nos conhecemos no pré-vestibular e ela acabou passando para a Pontíficia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no curso de fisioterapia. Como bolsista, minha melhor amiga passava horas e horas do seu dia na biblioteca para manter as notas altíssimas.

Não havia um dia que ela não reclamasse da estátua horrorosa na recepção da biblioteca. Eu me lembrava das piadas sobre assombração, mesmo que o tal Fagundão Velho ainda fosse vivo.

Uma coincidência dos infernos descobrir que Victor era neto daquele homem.

— Você precisa apostar mais alto em mim, Maria Beatriz! — ralhei, fazendo um bico para ela através da videochamada. — Eu tenho potencial, sabia?

— *Amiga, seu potencial é uma bunda imensa, que eu tenho certeza que esse cara deve estar doido para comer. E não é te desmerecendo, não me entenda mal!* — Ela suspirou. — *É*

que eu tenho muito medo que ele tente alguma coisa e…

— Mariabia, eu acho que se ele fosse um predador, já teria tentado. Além do mais… Ele meio que não precisaria se esforçar. O cara é gostoso, vai? — Franzi o nariz em ironia. Pela cara que fez, Mariabia chutaria meu traseiro se estivesse do leu lado.

— Agora você, além de azarada, é destruidora de lares? Porque eu me lembro bem que você disse que esse cara é comprometido.

— E é! Mas… É estranho. Já escutei algumas conversas deles, ela transa com outras pessoas e ele sabe. Acho que ele trepa com outras pessoas também. É bizarro.

Victor Hugo era o tipo de pessoa que enchia as paredes de fotos e prêmios. Foi do tipo gênio na faculdade, venceu não sei quantas olimpíadas no Ensino Médio e tinha três medalhas de ouro no jiu jitsu nos Jogos Universitários Médicos.

Não era surpreendente que houvesse fotos dos pais e da noiva por aí.

Eles eram um casal bonito. Ela, loira de olhos claros, parecendo uma Angel da Victoria's Secret; ele, todo gato como uma estrela de Hollywood. Mas era estranho, eles quase não se falavam. Desde que passamos a morar juntos, ela nunca veio nem visitar.

— Não sei o que é pior. Você cogitando dar para o Fagundinho ou você mensalmente trepando com o Ricardo por tédio.

— Eu não tô cogitando dar para ninguém, Mariabia! O que eu quis dizer é que…

O estrondo da porta da cozinha sendo esmagada contra as dobradiças me fez dar um pulo do sofá. Do outro lado da linha, Maria Beatriz estreitou as sobrancelhas escuras.

— O que foi isso?

— Acho que o Fagundinho chegou de mau humor — sussurrei.

— Lara…

— Eu sei, eu sei. Juro que se ele tentar levantar um dedo contra mim, eu me materializo na sua porta em instantes. Prometo.

— Cuidado, está bem? Essa gente é muito poderosa.

— Eu sei, Mariabia. Mas eu tenho que tentar. Te amo.

— Te amo, sua maluca.

Não houve mais nenhum som assustador ou alarmante vindo depois do primeiro. Respirei fundo, assumindo estar segura. Eu não iria atrás dele para saber o que havia acontecido, apesar de estar curiosa. No entanto, precisava mostrar que estava em casa para que Victor Hugo não socasse mais nada em seu caminho.

Alcancei o controle e aumentei o volume do filme que assistia. Deitei no sofá novamente, mantendo os joelhos dobrados e o pé sobre o estofado. E assim fiquei por longos quinze minutos, o mesmo tempo que escutei o som do chuveiro.

Quando Victor atravessou o corredor em direção à sala, eu era a própria personificação do desinteresse. Não o encarei, fingi não sentir o cheiro cítrico de seu shampoo importado.

Só que eu não era de ferro. Quando aquele homem imenso cruzou o ambiente a passadas largas para se sentar no sofá ao lado do meu, sem camisa e com a pele úmida, minha boca secou um pouquinho.

Não era como se eu não tivesse o visto sem roupa. Mas ainda assim, causava um comichão gostoso no baixo ventre.

— Tá assistindo *Pulse*? — Ele foi o primeiro a falar. Sua sobrancelha arqueada para a televisão em surpresa.

— Conhece esse filme?

— Um clássico do terror japonês, eu seria imbecil se não conhecesse. Pena que tá

acabando.

— É um dos meus favoritos.

Trocamos um olhar silencioso.

Eu tinha um gosto peculiar para filmes. Adorava os de terror orientais, principalmente os japoneses. Já no ramo dos suspenses, os espanhóis mexiam comigo. As comédias, sempre preferia as brasileiras. A indústria americana tradicional tinha pouco apelo a mim.

Victor Hugo sorriu de lado e virou o rosto para a televisão, um pouco antes de esticar as pernas sobre o sofá. Deixando claro que me faria companhia.

Os últimos vinte minutos da sequência correram da forma que eu já conhecia. Era a quadragésima oitava vez que eu assistia àquele filme, então dei-me ao luxo de prestar atenção nos gestos dele.

Era um homem confiante por natureza, do jeito que só alguém com sua aparência podia ser. Quando não se esforçava para me estressar, ele era sério. Já havia o visto dando aula virtual, era um professor objetivo, do tipo que não dava margem para descontração.

Um antipático de primeira.

No entanto, por vezes, pegava seus olhos sobre as minhas coxas expostas e a linha do meu quadril, invés de grudados na tela assistindo ao filme. Eu sabia o que ele tanto olhava. Só não tinha certeza se queria ser discreto.

Aquela era a minha casa, então eu me recusava a abrir mão dos meus shorts de tecido mole ou de andar descalça. Também não era a maior fã do mundo de sutiãs. Nenhum desses hábitos parecia incomodá-lo, já que eu acabava dando margem para que ele desfilasse sem camisa e usando apenas shorts de corrida pelos cômodos.

Os pelos da minha nuca arrepiaram quando o vi suspirar baixinho quando me deitei de lado. Minha bunda virou toda em sua direção.

Talvez eu tenha feito de propósito.

Só não esperava que ele puxasse uma almofada sobre o quadril. Foi um gesto casual. Se estivesse desatenta, diria que não havia nenhuma segunda intenção. Contudo, vi quando mordeu de leve o lábio inferior e as narinas inflaram.

Ele *parecia* excitado.

Talvez não fosse muito inteligente da minha parte ficar por perto.

— Conseguiu falar com o advogado? — perguntou quando me viu erguer o corpo para me levantar.

— Ainda não. Parece que toda vez que eu resumo o caso, elas triplicam o valor dos honorários ou só desistem.

— Posso ver se meu advogado pode te indicar alguém, se você quiser…

— E você me ajudaria por quê?

Victor Hugo deu uma risada anasalada.

— Quanto mais cedo entrarmos com uma ação conjunta, mais rápido resolveremos esse problema. Achei que quisesse se livrar de mim, jornalista Lara. — Ele piscou ironicamente. — A não ser que você tenha aprendido a apreciar a minha companhia.

— Talvez eu apreciasse, se você devolvesse a minha geladeira — provoquei, só para vê-lo semicerrando os olhos em minha direção. Um de nós dois tocava todos os dias no assunto.

Não era como se eu tivesse onde enfiar uma outra geladeira. A dele nos atendia perfeitamente, cabia nossas compras e funcionava como uma espaçonave.

Havíamos dividido as contas nas últimas semanas. De um jeito meio tácito, dividimos a casa. A sala de jantar, seu quarto e a lavanderia o pertenciam. A sala, meu quarto e o quintal

eram meus. Não éramos proibidos de circular pelo lado um do outro, mas evitávamos.

A área comum era a cozinha. Da última vez, eu havia feito as compras e ele me pagou metade do valor e um pouco mais, alegando que estava abatendo da geladeira. No próximo mês, seria a vez de Victor Hugo ir para a fila do caixa.

— Se devolver a sua geladeira fosse fazer com que você fosse menos irritante, eu o faria. Só que não vai dar em nada, *nunca dá em nada*.

Seu rosnado contrariado pareceu mais pessoal do que deveria. De alguma maneira, eu sabia que sua súbita irritação não era sobre mim.

— Quer conversar? — Eu me arrependi no mesmo instante que as palavras pularam da minha boca.

— Você não pode me ajudar. A não ser que vá até a França e traga a minha noiva de volta para mim.

Eu tinha a impressão de que ele tinha mais irritação pela mulher do que amor. Mas podia ser apenas impressão a minha. O fato era que, nas poucas vezes que ouvi suas ligações, porque ele não falava baixo ao telefone, a noiva só falava que iria sair e que o amava. Não conversavam, não trocavam amenidades, nem vídeos de gatinhos do TikTok.

Era um relacionamento esquisito. Mais do que a minha foda fixa de todo dia quatorze do mês com Ricardo.

— Por que ela não vem te visitar? Desde que estamos nessa situação, eu nunca a vi. — Meneei a cabeça em confusão.

— Como eu disse, *e você ignorou*, Bianca está na França. Ela mora lá, é comissária de bordo da France Airlines Premier.

Arqueei as duas sobrancelhas.

— Um noivado à distância?

— Do tipo que eu nunca pedi.

Então era por isso que o homem vivia de mau humor. A noiva claramente não estava nem aí para ele, além de viver do outro lado do Oceano Atlântico.

Será que Victor Hugo era um babaca porque era carente?

— E o que ela disse para te fazer bater a porta quando chegou em casa?

Ele revirou os olhos.

— Toda jornalista é curiosa igual a você, ou no seu caso é por que é uma grande fofoqueira?

— Um pouco dos dois. — Mordi as bochechas para me impedir de sorrir.

O que ele claramente não fez, pois a curva aliviada que surgiu em sua boca quase me tirou o fôlego.

Aquilo era mais letal do que ele pelado, definitivamente.

— Não bati a porta de propósito. Só levei um susto quando ela desligou o celular de repente. Achei que a minha conexão com a internet tivesse caído.

— Pareceu que você estava puto da vida.

— E eu estava. Mas a sua carência por geladeiras novas é uma ótima distração para a minha cabeça.

— Eu ia te oferecer pipoca, mas nem vou mais. Cretino.

A almofada que arremessei em sua direção foi recebida com uma risada divertida. Victor a pegou e a apoiou embaixo de sua cabeça.

Recriminei-me imediatamente por rir junto com ele.



Os olhos azuis brilhantes do outro lado da tela sempre faziam meu sorriso crescer. O cabelo loiro bagunçado caindo pelo rosto, as maçãs do rosto altas, tudo em Bianca era perfeito. Ela era uma boneca que me forcei a amar.

Era a primeira vez em semanas que nos falávamos por vídeo. Estava com tanta saudade por essa migalha que não pensei duas vezes em pedir meu intervalo no plantão para atender a chamada.

— Acordada a essa hora? Deve ser umas onze da noite aí em Paris.

Bia fez um beicinho charmoso e jogou o cabelo para o lado. Devia estar frio na Cidade Luz, pois seu nariz estava avermelhado. Seu rosto todo, na verdade.

— *Meia-noite. Mas senti saudade do meu homem, o que eu posso fazer?*

— Pegar um avião e vir me ver, quem sabe? — A sobrancelha que arqueei deu o tom cômico da minha frase, mas a sugestão era a mais verdadeira que eu poderia dar.

Precisava de Bia ao meu lado para tomar decisões racionais. Em casa, com o perfume de Lara espalhado pelo ambiente inteiro, minha única cabeça que funcionava era a de baixo.

Sem vergonha nenhuma, eu agia como um moleque com metade da minha idade. Bastava ver a jornalista com um pouco menos de roupa e a minha mente criava milhares de cenários. Em todos eles, comigo entre as pernas dela. E seria um problema gigantesco para mim, pois no dia seguinte eu não poderia pegar a chave do carro e ir embora.

Bianca mantinha meu cérebro no lugar. Ela era a concretização do último degrau do meu planejamento de vida. Tudo que eu havia construído era pensando no momento em que seríamos nós dois, enfim. Sem minha mãe dando palpites em nosso relacionamento, sem sua avó sugerindo o tempo inteiro que engravidasse, sem todo o caminhão de expectativas que sempre colocaram em cima de nós.

— *Amor, você sabe que não é assim… Eu adoraria, mas…*

— Eu sei, eu sei. É só que estamos longe a tempo demais. Sinto falta de você, do nosso sexo, e…

— *Por que um cara como você não tem com quem fazer sexo? Victor, você é um gostoso!*

Respirei fundo para evitar revirar os olhos. Era lógico que ela sairia com alguma tirada parecida. A ideia de abrir a relação partira da sua cabecinha maquiavélica.

Ao primeiro momento, como todo homem médio, achei maravilhoso. Poder ter a minha

noiva e ainda trepar com quem eu quisesse, era o sonho de consumo de qualquer um. Na prática, eu passava mais tempo pensando nos prós e nos contras dos meus encontros do que propriamente transando com metade da cidade, como ela imaginava.

— Não é isso, Bia. Não adianta uma estranha, eu quero…

— *A garota que você tem que botar para fora da nossa casa, ela é bonita, né? Laura?* — Do outro lado do mundo, Bianca girou o corpo para deitar de bruços. Vislumbrei a renda de sua lingerie azul e entendi o motivo da ligação inesperada. Tesão da madrugada.

— Lara — corrigi-a. — Sim, ela é, mas… Bianca, isso vai dar merda. Ela mora na mesma casa que eu, é uma péssima ideia tentar transar com ela.

— *Acha que ela vai se emocionar?* — A minha noiva arqueou as sobrancelhas sugestivamente.

Eu não tinha uma resposta para essa pergunta. Lara Corrêa era uma caixinha de surpresas. Ao mesmo tempo que parecia uma rocha contra as minhas investidas, a garota sabia do poder que tinha em seu corpo e não hesitava em usá-lo contra mim.

A conversa descontraída da última noite, a primeira em semanas, ainda se esgueirava para as bordas da minha memória. A criatura irritante de poucas respostas e muitas perguntas deliberadamente virou a bunda para mim. Para que eu visse o short minúsculo que não fazia o menor esforço para cobrir a carne apetitosa.

Ela sabia o que fazia comigo, ao mesmo tempo que fingia não entender o que eu queria fazer com seu corpo. Ou talvez soubesse muito bem e estivesse se resguardando, antevendo os desdobramentos.

Como se isso não bastasse, a desgraçada tinha o mesmo gosto que eu para filmes e vinhos. Alerta vermelho máximo.

— Ela não é o tipo de pessoa que se emociona. — Minha risada soou nostálgica. — Aquela mulher não quebra, parece que tem sangue de barata.

— *E como exatamente você pretende persuadir essa mulher inquebrável a sair da nossa casa? Lembra do nosso plano?*

Plano dela.

A vida inteira, fui acostumado a ter o que queria nas mãos. Os primeiros flertes com Lara foram para amaciar meu ego. Uma mulher bonita interessada em mim, nunca era de se negar.

Os últimos vieram da mente de vilã de novela das nove de Bianca, que cismou que se Lara se apaixonasse por mim, abriria a mão da casa.

Por Deus! Como eu queria a casa para mim. No entanto, algo gritava em minha consciência que o caminho não era aquele. Alguém se machucaria feio pela estrada e eu não queria ser o causador de mais um trauma.

— Amor, isso não é certo.

— *Não é certo você transar com uma gostosa e ainda ficar com a casa?* — Bianca franziu o cenho. — *Victor, pelo amor de Deus. Vem você para a França e eu como essa garota. O que deu em você?! O Victor Hugo que eu conheço já teria chutado essa indigente…*

— Bianca! — Minha repreensão saiu mais alta do que deveria. — Desculpa, amor. Só… Vamos mudar de assunto, por favor?

— *Não, não vamos!* — sibilou. — *Victor, não tem mistério, é só enfiar …*

— *Princesse, va sous la douche. Nous continuerons*[1]…

A voz masculina que invadiu a ligação partiu do outro lado da chamada no mesmo instante que Bianca praguejou baixinho, fechando os olhos. Em seguida, ela virou para trás e

murmurou para quem quer que estivesse em seu campo de visão:

— *J'arrive, chérie*[2]. — Voltou a prestar atenção em mim. — *Victor, eu preciso…*

— Bianca, que caralho é esse?! — Apertei o celular em minhas mãos com tanta força que poderia esmagá-lo. — Você ligou para mim enquanto tá fodendo com outro cara? Cadê o nosso respeito, porra?!

— *Olha, a gente conversa outra hora, tá? Quando você estiver mais calmo e se lembrar que isso faz parte do nosso combinado…*

— Nem fodendo! Eu não te mando sex tape das pessoas que eu transo. EU. TE. RESPEITO.

— *Outra hora.* — A mulher me cortou em um tom vários decibéis mais baixo do que o meu grito de desespero. — *Agora foca em se livrar a Lara e igualar nosso placar. Um beijo, te amo.*

— Bianca, você não… Puta que pariu! — Já falava sozinho a essa altura.

Não podia acreditar no que aquela garota havia feito comigo. Relacionamento aberto não era uma putaria desenfreada, a gente tinha regras. Tinha consideração um pelo outro. Eu jamais tomaria alguma atitude que fizesse Bia se sentir inferiorizada ou desprezada.

Da exata maneira que eu me sentia naquele momento.

Tentei retornar a ligação mais uma porção de vezes. Em todas elas, a chamada nem completava. Eu precisava de uma resposta melhor, uma explicação qualquer. Não era possível que ela havia feito aquilo comigo. Não era justo.

Que se fodesse que estava no nosso acordo, eu escutar a voz do filho da puta que estava a comendo no meu lugar não estava nas letras miúdas do nosso contrato.

Cogitava pegar o primeiro avião para França e jogar pro alto todos os malditos planos que eu havia feito com Bianca, quando a notificação do meu grupo de operações escorregou pelo visor da tela.

Ana Grupo OP3:
Dr. VH, temos uma bagunça
das grandes aqui. Cinco pessoas
da mesma família. Urgente.

Era claro que era urgente, sempre era. Ninguém parava na cirurgia de emergência por um problema que poderia ter sido resolvido com uma dipirona e três dias de repouso.

— Que merda — praguejei baixinho.

Minha cabeça latejou. Apertei minhas têmporas na tentativa de me acalmar. Não poderia deixar a torrencial de raiva me cegar naquele momento em que vidas dependiam das minhas mãos. Afinal de contas, era para isso que um cirurgião-geral especialista em operações de emergência fazia.

Havia dedicado anos da minha vida para ser o melhor no que fazia, para salvar o máximo de pessoas que pudesse. Não existia a possibilidade de deixar que a minha briga com Bianca atrapalhasse o meu atendimento.

Eu era mais forte do que isso. Tinha que ser.

Fui moldado para ser.

Enfiei o celular no bolso junto com meus sentimentos que fatiavam meu cérebro. Dei meia volta, retornando para dentro do hospital e pegando o caminho que eu conhecia tão bem para o Setor 3 de operações. Fiz todos os procedimentos de segurança. A assepsia das mãos, fui

auxiliado por uma técnica de enfermagem a colocar o avental cirúrgico e me adiantei para a sala.

— Prognóstico? — exigi à Ana, a enfermeira que havia me chamado de volta.

— Acidente de carro. Homem jovem, vinte e cinco anos. Coluna fraturada, hemorragia no pulmão esquerdo e caixa torácica esmagada.

Paralisei em minha marcha. Encarei o rosto da mulher ao meu lado. Os olhos castanhos severos não pareciam em nada com a pessoa que eu havia levado para jantar semanas atrás.

No hospital, a minha equipe era séria e objetiva. Não havia espaço para falhas. Eu exigia o mesmo nível de responsabilidade de todos.

— Esmagada? — o choque me fez questionar.

— Eu disse que era uma bagunça das grandes, lembra?

Suspirei um pouco antes de dobrar o pescoço para os dois lados, estalando os pontos de tensão.

Aquilo não era algo que via todos os dias. Precisaria de outros especialistas trabalhando comigo, um cirurgião de cabeça e pescoço, mais um residente e muita ajuda. Toda que pudesse encontrar.

— Só mais um — murmurei mais para mim do que para Ana. Era o meu mantra.

Eu não precisava ser o Super-homem, mas precisava salvar mais um paciente. Só mais um, todas as vezes, desde que terminei a especialização. Era assim que seguia meu caminho.

Naquela noite não poderia ser diferente. Eu só precisava salvar mais um.



Havia uma garota cansada me encarando através do espelho cheia de olheiras sob os olhos. Depois de alguns anos, ela havia aprendido que se não tirasse a maquiagem na noite anterior, acordaria parecendo um panda ou um lutador ferido de MMA. Mas não existia chá de camomila ou gelo no mundo capaz de diminuir a cara de ressaca.

Mariabia e Ashanti eram especialistas em afogar a minha dignidade em cachaça de jambu. A Feira de São Cristóvão era a testemunha material do quanto eu não sabia cantar *Morena Tropicana*, do Alceu Valença, mas me esforçava todas as vezes, como se a nota fosse mudar só pela minha boa vontade.

O pior, eu tinha certeza de que havia beijado alguém que não devia. Só rezava para não ter sido meu ex. No fundo, torcia para que tivesse sido algum dos amigos dele.

— Mulher, você está um lixo — resmunguei para o espelho antes de rir.

Escovei os dentes, lavei o rosto, apliquei os séruns e os hidratantes que devia ter feito na noite anterior, mas estava bêbada demais para ser responsável com a minha pele. Não queria ter que me maquiar de novo para a live que eu teria mais tarde.

Niacinamida, faça a sua magia, pensei.

Arrastei os pés para a cozinha. Só creme no rosto não fazia milagre, eu precisava de um litro ou dois de água para lembrar ao meu fígado que eu ainda estava viva. Não estava com dor de cabeça. Em contrapartida, a náusea fazia meu estômago rebolar como uma das bailarinas da Anitta.

Corri para a geladeira, agarrando a garrafa de vidro que não deveria ser bebida do gargalo, mas eu o fiz. Estava com sede demais para ter bons modos.

— Você precisa mesmo se comportar como uma selvagem?

Precisei de todo meu autocontrole para não cuspir a água quando pulei de susto com a recriminação de Victor Hugo.

Busquei a voz por sobre o ombro, minhas bochechas inchadas do líquido que eu ainda não havia bebido. Subitamente, estava decidida a cuspir nele. Era o que o cretino merecia por ter me assustado e, principalmente, por falar comigo como se fosse meu pai.

No entanto, vê-lo debruçado sobre a mesa com o rosto apoiado sobre um dos braços e olhos muito vermelhos me desarmou. Seu cabelo estava desgrenhado, como se tivesse esfregado os fios com as mãos. A linha da mandíbula tão bem-marcada estava tensa, tinha certeza de que seus dentes estariam rachando dentro da boca.

Parecia exausto.

Se a minha aparência estava ruim, a dele era infinitamente pior.

Guardei a garrafa, fechei a geladeira e finalmente engoli a água em minha boca. Aproximei-me devagar, com medo de que seu péssimo humor pudesse corroer a minha carne. Entretanto, por algum motivo, eu não conseguia simplesmente ignorar aquele homem.

— O que aconteceu? — Puxei a cadeira ao seu lado e me sentei.

— Você não se importaria de saber. — Foi quase um rosnado.

Revirei os olhos.

Frequentemente esquecia que precisava tratar os homens como tratava as crianças em processo de desenvolvimento. Na maioria das vezes, ser objetiva não funcionava. Precisava ser didática e ter muita, muita, paciência.

— Se eu não me importasse, não teria perguntado. Sua noite foi péssima e sei que esteve de plantão ontem. Qual foi o tamanho da coisa?

Victor Hugo suspirou, um pouco antes de erguer o corpo. Seus ombros opulentos estavam caídos. Não havia lágrimas em seu rosto, mas a tristeza era nítida.

— Um homem morreu na minha mesa de cirurgia hoje. — Seus olhos azuis encontraram os meus. As escleras avermelhadas me denunciavam seu nível de estresse. — Não havia acontecido antes.

Abri e fechei a boca algumas vezes, ponderando sobre o que responder.

Eu não fazia ideia de que ele era cirurgião. Julguei que fosse dermatologista ou nutrólogo, ou qualquer médico elitista que não atendia por convênio de saúde. Nossa convivência não era próxima o bastante para eu ter perguntado antes.

— Sinto muito. — Cobri uma de suas mãos com as minhas. Ele encarou meu gesto. A centelha de confusão rachou a máscara de sofrimento em seu rosto. — Nem imagino como deva ser, mas saiba que eu sinto muito. De verdade. Quer conversar sobre isso?

Victor Hugo meneou a cabeça, sem sequer cogitar se afastar do meu toque.

— Houve uma hemorragia. Só identifiquei a causa tarde demais. Eu… — ele suspirou. — Eu não devia ter entrado na sala, a minha cabeça… Foi culpa minha.

Sua voz sempre tão arrogante me pareceu humana pela primeira vez. Nunca havia passado pela minha cabeça que aquele playboy mimado pudesse ser vulnerável. Muito pelo dinheiro que ele esfregava na minha cara sempre que podia, mais ainda por seu tamanho colossal. Na minha imagem mental, Fagundinho, como Mariabia chamava, podia quebrar os medos no soco.

Mas aquele em minha frente, o Victor desarmado e decepcionado com ele mesmo, era uma surpresa. Uma variável errada em uma matriz matemática. Não fazia sentido.

Mordi o lábio inferior sem saber ao certo o que fazer. Eu já havia consolado alguém em luto. Nunca havia consolado alguém que deveria ter impedido que outras pessoas tivessem seu processo de luto.

— Você… Quer um abraço?

Não precisei repetir nem oferecer mais nada.

Victor Hugo se esticou em minha direção. Seus braços enormes me envolveram tão forte que precisei descobrir como respirar naquele lugar. Era como se ele precisasse se agarrar a mim, como se sua lucidez estivesse intimamente atrelada à minha pele.

Envolvi seu pescoço com um dos meus braços. Com a mão livre, corri os dedos por seu cabelo. Os fios escuros, quase pretos, eram mais macios do que deveriam ser, levando em consideração que ele era homem. E homem geralmente não liga para cronograma capilar.

Senti-o se aninhar em mim. O nariz encontrou a curva do meu pescoço, respirou fundo e ali ficou. O toque tão leve em minha pele não deveria ter me despertado os arrepios que correram por minha coluna.

— Eu não sei o que aconteceu e não adianta me explicar, porque eu sempre fui péssima em biologia. Mas todo mundo morre um dia, sabe? Só a Morte trabalha mais do que a Kriss Jenner cuidando da carreira da Kim Kardashian.

A risada engasgada e culpada que Victor soltou me deu a impressão de que ele não deveria tê-lo feito.

— Não quer dizer que foi culpa sua. — Contive a minha própria risada infeliz. — Você vai ficar bem, tá?

E, conforme ele assentiu, a ponta do nariz roçou em meu pescoço. Acabei mordendo o lábio para me impedir de arfar.

Cretino triste.



— Não acredito que vou ter que fazer outro brigadeiro para mim porque você comeu tudo.

Victor Hugo ergueu os olhos para mim. Não parecia nem um pouco culpado quando lambeu a última colherada do doce que eu havia feito há algumas horas. Minha reclamação indignada quase o fazia erguer o canto da boca em um sorriso ácido.

Parecia mais com ele mesmo. E só por isso, e apenas por isso, eu faria mais uma panela do meu doce favorito.

Ele havia passado o dia em voto de silêncio. Tomou banho mecanicamente, pediu nosso almoço pelo iFood sem nem me perguntar o que eu queria e depois dormiu. Só acordou com o cheiro da massa do brigadeiro se espalhando pela casa, quando terminei de cozinhar.

Tudo bem, eu havia feito para o alegrar um pouco. Sua cara de velório estava me dando nos nervos, mas ele não precisava ter raspado o prato. Podia ter deixado uma metadinha para mim.

Entre eu terminar o doce e voltar para a cozinha, passou apenas as duas horas que fiquei em live com uma colega de profissão, falando sobre mídias sociais. Míseros cento e vinte minutos!

Como alguém conseguia comer uma panela de brigadeiro quente em tão pouco tempo?!

— Em minha defesa, isso aqui estava uma bomba de serotonina e dopamina. — Victor Hugo girou a colher no ar ao mesmo tempo que o sorriso esticou seu rosto. — Obrigado. De verdade. Queria poder te agradecer, você não tem a mínima noção do que fez por mim hoje.

O desgraçado me desarmou com aquele olhar de cachorrinho que caiu da mudança.

Minha raiva derreteu para o meu umbigo, desceu pelas minhas pernas e fez meus joelhos amolecerem.

Victor era um cara muito legal quando não se esforçava para que eu o detestasse. E mesmo que não fosse, ninguém deveria passar pelo que ele passava naquele momento.

Eu mal lidava com a culpa que sentia no meu caso. Imaginava como estava a cabeça dele.

— Disponha. — Fiz uma mesura dramática para disfarçar meu sorriso idiota. Não sabia se estava feliz por ter ajudado ou se agia como uma criança em busca da aprovação do adulto responsável e acabara de ser elogiada. — Você não faria o mesmo por mim, mas eu sou mais legal do que você.

Victor Hugo inclinou a cabeça em confusão. As sobrancelhas arqueadas, os olhos arregalados. Até a boca parecia pender em alguma surpresa. De repente, a feição agradecida parecia fascinada.

— *Você não chia*. — Foi a resposta que deu à minha provocação.

— O quê?

— Seu sotaque. Você não chia. Onde você nasceu, Lara?

Foi a minha vez de arquear uma sobrancelha. Cruzei os braços e troquei o peso das pernas.

Do nada?

— Você tá morando comigo há um mês e não tinha reparado que eu não sou do Rio?

Ele franziu o cenho antes de me imitar e cruzar os braços. Os bíceps enormes se destacando sob a pele desnuda. Como sempre, sem camisa.

— Não, você é do Rio — divagou sozinho. — Você não puxa o erre, para ser paulista, nem canta como uma capixaba. Mas também não fala cadenciado igual mineiro. Você só não é da Cidade do Rio. Mas é do Estado.

— Jura, Einsten? — Bufei. — Por que reparou nisso do nada?

— De onde você é? — insistiu.

— Petrópolis.

O cretino desatento pareceu satisfeito com a minha resposta seca, pois assentiu em silêncio.

Virei-me para a dispensa, em busca do leite condensado e do chocolate em pó. Pela visão periférica, vi quando colocou o prato e a colher na lava-louças. Reparei, também que se aproximou daquele jeito invasivo que ele fazia quando queria me irritar.

Só não reparei quando me ergueu do chão, me colocando sentada no balcão da cozinha e se encaixando entre os meus joelhos. A facilidade com que me levantou me fez pensar que eu pesava o equivalente a um pacote de açúcar.

— Mas que porra é essa? — Meu grunhido se embolou com meu suspiro.

As mãos de Victor ladearam meus quadris, me impedindo de tentar sair do lugar. Seu corpo estava perigosamente perto do meu. Sentada sobre o balcão, minhas coxas poderiam envolver seus quadris se eu cruzasse os tornozelos. O que significava que nossas pelves estavam mais próximas do que o decoro social permitia.

Assim como nossos rostos.

Engoli seco.

— Só assim para você ficar da minha altura. — Ele riu. Quis socá-lo. — Por que fala tão pouco sobre si mesma?

Victor Hugo e sua beleza opressora de playboy gostoso estavam perto demais de mim para que eu conseguisse raciocinar.

— Você não é meu amigo, não precisa saber nada sobre mim.

Uma de suas mãos subiu para o meu rosto. O polegar desenhou círculos em minha bochecha.

— Odeio ficar em dívida com as outras pessoas.

— O quê? — Eu não entendia nada daquela situação. Em um minuto, ele estava apático por supostamente ter matado alguém, depois virou um ogro devorador de brigadeiros e então, de repente, se enfiou entre as minhas pernas sem sequer pedir licença. — Meu Deus, você não faz nenhum sentido, Victor Hugo!

Minhas últimas palavras saíram em um emaranhado de sussurros. Seu nome escorregou em lamúria por minha boca.

— Se eu te conhecesse, saberia como retribuir o que fez por mim hoje. Mas não sei nada sobre você. — A voz grave saiu aveludada. — E eu odeio ficar em dívida com alguém, então vou te pagar do único jeito que posso nesse momento.

Tão perto daquele jeito, eu vi o exato minuto em que as pupilas roubaram o azul das íris. Acompanhei a ponta da língua que deslizou sobre o lábio inferior. Não reagi quando a mão que acariciava meu rosto se fechou ao redor do meu pescoço.

No piscar de olhos seguinte, o homem devorava a minha boca.

A mão livre puxou meu corpo para mais perto, esmagando-o no dele e desafiando todas as leis da física. A que estava em meu pescoço migrou para a minha nuca, entranhando no meu cabelo. Ele puxou.

Eu amoleci.

De repente, não consegui impedir que a língua me invadisse.

Sem controle sobre mim mesma, cravei minhas unhas em seus ombros, correspondendo à brutalidade vinda do médico. Seus lábios bebiam dos meus, chupavam, mordiam e destruíam. As mãos tentavam adentrar a minha pele, em todo lugar que alcançava, apertava. Coxas, quadril, costelas, braços… Nada passava impune aos seus dedos.

Victor Hugo me apertava tão forte contra si que eu podia sentir seu coração esmurrando as costelas. Se antes nossas pelves estavam próximas, agora esfregavam uma na outra. O calor que tomava meu corpo era comparável à rigidez do dele.

Eu o sentia contra mim. Teso, moendo o quadril contra a minha vulva, pulsando pelo tesão que consumia nossas veias.

Aquilo não era um beijo.

Era um desastre.

Em algum momento de insanidade, chupei a língua que tentava dominar a minha. O homem grunhiu em minha boca, enlouquecido. Mordeu meu lábio inferior em resposta.

Arranhei sua nuca. Apertei mais as pernas ao seu redor, profundamente incomodada com as roupas separando nossos corpos. Não havia palavras o bastante para descrever o quanto eu me sentia úmida.

Estava tão melada quanto ele estava duro. Meus mamilos doloridos dentro da blusa reclamavam para tocar a pele do homem. Dedos cravaram em meu quadril, ele tentava nos fundir. Era quase como se tentasse me penetrar do jeito que estávamos. Vestidos e desesperados.

A sensação que aquilo causava em mim, tê-lo se esfregando no lugar certo do meu prazer, me fez revirar os olhos e gemer em sua boca.

Era bruto, cruel, estava a milímetros da violência.

Puta merda! Se aquilo era Victor Hugo beijando, quando fodesse, me partiria no meio.

Como havíamos parado ali? Qual havia sido a sucessão de péssimas ideias que nos levou àquele momento em que estávamos a instantes de transar?

Ele estava mal pela manhã. Ficou feliz com o brigadeiro. Reparou em mim. E, de repente, eu era interessante demais para que suas mãos estivessem longe do meu corpo.

Alguma coisa estava errada, não fazia sentido. Eu precisava parar, eu queria parar. O problema era que não conseguia. Meu corpo parecia pertencer a outra pessoa, pois minhas ordens de me soltar não eram obedecidas.

— Victor, espera… — Consegui pedir quando sua boca escorregou da minha para alcançar meu pescoço. Eu não deveria ter me surpreendido com a mordida que veio no lugar do beijo.

Eu não deveria ter gostado tanto.

Uma mão soltou meu quadril e subiu por meu abdome, invadindo minha camiseta. Foi quando cobriu meio seio que consegui despertar do frenesi enlouquecido de tesão em que estava.

— Victor Hugo, para.

Havia sido algo no meu tom firme que congelou seu corpo.

Devagar e ofegante, ele tirou o rosto da curva do meu pescoço. Mas não se afastou de mim.

— Você não quer? — perguntou intrigado.

— Quero. Mas não podemos. — O que mais eu poderia responder?

Empurrei minhas mãos em seus ombros, afastando-o apenas o suficiente para que conseguisse respirar meu próprio ar. Ele não resistiu.

— Por que a gente não pode?

— Porque eu não vou poder acordar amanhã e fingir que não te conheço. — Minha confissão o fez se afastar completamente. Quase como um choque. Quase como se reconhecesse a si mesmo em minhas palavras. — Você precisa refletir e entender porque está…

— Eu tenho tesão para caramba em você, Lara. E eu queria me sentir menos merda do que eu tenho me sentido nas últimas vinte horas. Queria me sentir mais homem de novo.

Estreitei as sobrancelhas, sem entender as entrelinhas de suas palavras.

— Como assim…?

Victor Hugo fechou os olhos em agonia. Enfiou os dedos nos cabelos e esfregou o rosto. Em seguida se aproximou de novo, mas sem a ferocidade febril de antes. Segurou minhas bochechas e tocou os lábios na minha testa. Gentil demais.

Atormentado demais.

— Você tem razão. Foi uma ideia péssima. Me desculpa.

— Não é isso…

Mas antes que eu pudesse concluir a minha sentença, ele desapareceu da cozinha. Largando-me confusa, com a boca dolorida e muito tesão.

Cretino confuso.



— Victor, eu literalmente te conheço desde a maternidade, e em trinta e oito anos de vida, você nunca agiu como um idiota incapaz de se comunicar.

Rafael era um imbecil e eu carregava o carma de ser obrigado a chamá-lo de meu melhor amigo. Um dos poucos que não havia sido escolhido direta ou indiretamente por meus pais e suas rodinhas de amizade na alta sociedades.

Geralmente, ele era a primeira pessoa para quem eu descascava meus abacaxis sem sequer respirar nas vírgulas. Entretanto, naquela manhã, eu fingia estar concentrado demais na barra do supino. Envergonhado demais das minhas atitudes impensadas mais recentes.

Não queria ter que tocar nos assuntos que fritaram meu cérebro nos últimos dias. Só que estava complicado não ter com quem conversar.

E eu não tinha tempo o bastante para passar quatro horas dentro de uma academia como algumas pessoas que eu conhecia.

— Não vai me responder, seu arrombado? — ele insistiu.

Novamente, ignorei suas palavras.

— … Treze… Quatorze… — Contei em voz alta apenas para ter um álibi.

Irritado, Rafael levantou do colchonete em que fazia suas abdominais. Prendeu o cabelo longo em um coque e deu meia volta. Disposto demais a me deixar sozinho com a confusão que estava a minha cabeça. Uma mistura de “eu nem devia ter começado” com “eu devia ter ido até o final”.

— Rafa — chamei-o. Ele parou e me encarou por cima do ombro. — Desculpa. É que eu não tô sabendo lidar com o caminhão de problemas que tá a minha vida.

— Aposto que não, já que os Fagundes não têm problemas. E os que têm, compram, e transformam em soluções. Não é?

Ao contrário da maioria dos meus conhecidos, Rafael vinha de uma família humilde. Sua mãe era empregada doméstica, criou-o sozinha. Só pariu meu melhor amigo na mesma maternidade que eu, pois sua patroa a adorava e queria que tivesse do bom e do melhor.

Ele cresceu no meu prédio, a patroa de sua mãe era vizinha da minha família. Mamãe não gostava muito que eu andasse com Rafael, mas meu pai dizia que era importante para eu conhecer a vida como era fora dos quarteirões do Jardim Botânico.

Dito isso, Rafael não era o maior fã do modo com meus pais tocavam as coisas. No entanto, também não os odiava.

Meu melhor amigo me encarou por alguns minutos, prescrutando meu rosto em busca das respostas que eu não conseguia vocalizar. Em seguida, sinalizou para que eu o seguisse em direção à cafeteria da academia.

— Lembrou de tomar café hoje?

— Sim. Na verdade, é só isso que tem no meu estômago. — Dei de ombros em certa displicência.

— Então é o tipo de conversa que pede uma dose e não café? — Rafael ergueu o pulso, franzindo o cenho para o smartwatch. — Victor, não são nem nove da manhã.

Eu não queria beber nada além de alguns litros d'água, da mesma maneira que eu gostaria de não ter ido para casa ontem e ter me trancado no quarto após entregar minha última turma da universidade.

Não me sentia capaz para continuar ensinando pessoas a salvarem vidas se eu mesmo não podia.

Eu havia fodido com tudo naquela noite quando entrei na sala de cirurgia com a cabeça cheia das merdas de Bianca. Devia ter passado para outro médico. Devia ter me recusado. Devia ter feito tantas coisas que não fiz, e, por isso, me sentia um lixo como profissional.

E um merda como homem.

O que eu tinha na cabeça quando agarrei Lara daquele jeito na cozinha? Por que reagi daquela maneira?

Não conseguia entender. O gatilho de ouvir minha noiva com outro homem, ainda que nosso relacionamento fosse aberto, despertou coisas terríveis em mim. Vozes intrusas que sussurravam na minha cabeça que eu era incompetente. Não era o suficiente.

As vozes me chamavam de covarde, porque invés de confrontar Bianca, parti para cima da única pessoa que eu deveria manter as mãos longe. Lara havia sido legal demais comigo para ser um alvo cego do meu ego ferido. Minha vaidade não podia tomar conta do meu corpo como fizera.

O pior de tudo era que o gosto da coisinha irritante não saía da minha língua. Suas unhas tatuaram seu desejo na minha pele, a languidez dos seus quadris ainda me atiçava. O modo como havia roçado no meu pau havia sido o prelúdio do que seria capaz de fazer sem as malditas roupas. Aquela bunda linda e perigosa que era capaz de começar uma guerra.

Por um mísero momento, Lara me quis. E não conseguiu fingir o contrário.

Rafael fez sinal para a atendente da cafeteria da academia em que treinávamos. Dois cardápios surgiram em nossa mesa, entregues pela jovenzinha que corava como uma adolescente de animes.

A garota de cabelos coloridos fincou suas raízes ao lado da nossa mesa e esperou o pedido com os olhos ansiosos. As bochechas se assemelhavam a tomates. O lábio inferior esmagado nos dentes era cheio de expectativas.

Tanto eu quanto Rafael estávamos acostumados com atenção feminina. Ainda mais quando estávamos juntos, mas aquilo era ridículo. E inoportuno. Aquela menina nem tinha dezoito anos, pelo amor de Deus!

— Quando a gente decidir, te chama. — Rafael deu um sorriso educado.

A atendente pareceu murchar, mas deu meia volta e voltou para trás do balcão.

— O que foi isso? — cochichei.

— O efeito Victor Hugo no sexo feminino.

— Não… Ela estava babando em você. Com certeza.

— Bom, hora de chamar a mãe dessa criança para a botar de volta nas fraldas. — Ri do

seu tom de voz debochado.

Rafael era mais ácido do que a maioria dos psicólogos deveria ser. Não conseguia entender como ele clinicava se a cada três frases suas, cinco eram deboche. Ou xingamentos.

— Muito bem, gostosão do Jardim Botânico. — Mais uma ironia direcionada a mim. Era ótimo que um de nós estivesse em seu estado usual. — Onde o meteoro do apocalipse caiu?

— Tudo começa no ponto em que tem uma mulher morando comigo e não é a Bianca.

— *Como é que é*?!

Eu ainda não havia contado para ele sobre Lara e a situação da casa. Não havia a opção de resumir os fatos, tampouco as últimas quatro semanas.

Descarreguei sobre o meu melhor amigo toda a pilha de informações que precisava e não precisava contar sobre a merda do golpe. Inclusive os detalhes judiciais, como aquele que a imobiliária havia perdido o contato com o antigo proprietário da casa.

Santiago García havia evaporado da face da Terra. Sem celular, sem registros, sem documentos. Era como se nunca tivesse existido. Os únicos vestígios eram seu nome nas certidões de transferência de posse do imóvel.

Parecia um bom negócio. Se desenrolou como um bom negócio.

Era a porra de um golpe.

— E você não cogitou me contar essa merda nesse um mês que você sumiu, seu desgraçado?! Porra, Victor! — Rafael bateu na mesa em sua reação automática. Todos os outros clientes nos encararam.

— Não queria que você tivesse essa reação ridícula. Parece até que foi você que tomou o golpe.

— Você sabe que não precisava ter que ficar morando com essa mulher, não sabe? Sabe que a minha casa tá aberta, sempre que precisar. Não tem lógica você passar por isso por puro orgulho e…

— Então, eu beijei a dita cuja há uns dias.

Rafael ergueu um sobrancelha em julgamento.

— Em que situação, exatamente?

— Logo depois de a Bianca me ligar praticamente trepando com um cara, eu perder um paciente e um pouco antes de eu abandonar a minha turma na faculdade. — Contei minhas enumerações nos dedos. — Exatamente nessa ordem.

Meu melhor amigo bufou. Em seguida, ergueu a mão para a atendente que saltitou até nós.

— O que vocês vão querer?

— O seu café mais forte, batizado com a tequila mais vagabunda que você tiver — Rafael respondeu.

— Mas… Não temos bebida alcóolica, senhor…

Ele esticou a mão para tocar o braço da menina. Em reação, ela se aproximou, para que escutar melhor as sandices que saíram da boca do psicólogo.

— Acredite em mim, querida, você vai querer me arrumar uma tequila. E tô sendo muito honesto e gentil te avisando sobre isso.

Assustada, a menina correu assustada para a porta que dividia o balcão de atendimento da cozinha.

Encarei Rafael com meus olhos estreitos.

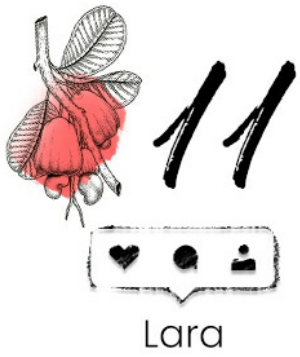
— Ela não vai arranjar tequila.

— Eu sei — concordou. — O que significa que ela vai atrás do café mais amargo e

denso que tiver nesse lugar. É justo o que eu precisarei para escutar todos os pontos e vírgulas do porquê você tem sido o amigo mais filho da puta do mundo e tem mantido segredo sobre tudo na sua vida.

Suspirei. Um incômodo acompanhou o sorriso de canto que ameaçou se esticar em meu rosto, pelo simples fato de pensar nela.

— É a convivência.



Só levantei quando escutei a porta batendo e o som do motor ligando. Ainda que meu estômago estivesse roncando de fome, mesmo que minha coluna doesse por ter passado tanto tempo deitada. A minha batalha era mais importante do que as simples mundanidades do cotidiano.

Era mais um dia evitando Victor Hugo.

Só precisava repetir o mesmo modus operandi para o resto da minha vida. Ou até que o imbróglio da casa se resolvesse e eu não fosse mais obrigada a me esconder em meu quarto ou a passar horas a mais na revista trabalhando para não cruzar com ele.

Ele escolhera ignorar a minha existência primeiro. Eu só retribuía o gentil favor.

Aquele maldito beijo havia bagunçado ainda mais a nossa não-relação conturbada. Amaldiçoava o instante que senti empatia por ele todos os instantes da minha vida.

Devia tê-lo deixado sofrendo seus traumas sozinho em seu canto. Pelo menos, não estaria me sentindo uma boneca inflável meia-bomba que não havia sido utilizada e estava sem função no mundo.

O arrependimento por ter parado Victor Hugo bateu no minuto seguinte a sua partida. Ainda tinha dúvidas se era maior ou menor do que a culpa por ter dado o espaço.

Não nos falávamos há uma semana. Era como viver com um fantasma dentro de casa. Quase sentia falta das suas provocações estúpidas.

Joguei as pernas para fora da cama. Estiquei os braços para o alto, alongando a coluna. Dobrei o pescoço em todas as direções para soltar as tensões das vértebras. Com certeza precisaria fazer mais uma aula de alongamento durante a semana, só o jazz funk e o twerk não dariam conta de manter minhas costas em dia se eu pretendesse continuar deitando antes de encontrar Victor Hugo e levantando após ele sair.

Estiquei a mão para alcançar meu celular. Não me surpreendi ao encontrar uma porção de mensagens das meninas reclamando sobre o meu sumiço. Minha comunicação com elas durante os últimos sete dias havia se resumido a responder com figurinhas e *hahahas* sem importância. O suficiente para mostrar que estava viva.

O bastante para que Mariabia e Ashanti saberem que eu estava em uma fase ruim. Havia sido assim nos últimos três anos, desde que fiquei sozinha no mundo. Só que, dessa vez, era uma mistura de coisas que me deixava letárgica e comendo menos do que um filhote de hamster.

Nenhuma das duas sabia que eu havia me atracado com Victor Hugo sobre o balcão da

cozinha, da mesma maneira que nenhuma delas tinha noção do quanto eu havia gostado e me recriminado na mesma medida.

Em contrapartida, as duas sabiam qual data seria o dia seguinte. E sabiam o quanto existir naquele período de vinte e quatro horas me fazia mal.

Mariabia diz:
Morreu?
Ou tá tentando morrer se
alimentando só de gelo?

Era a mensagem mais recente no meu WhatsApp. Sabia que era carregada de ironia, mas que, no fundo, Mariabia tinha razão. Eu costumava brincar de samambaia e viver só de água e luz nas setenta e duas horas que faziam parte da porrada do luto que o aniversário da morte dos meus pais me trazia.

Lara Corrêa diz:
Ontem tomei um copo de iogurte
e comi banana. Proteína e potássio.
Feliz?

As reticências não custaram a aparecer ao lado da fotografia da minha melhor amiga. Para o meu azar, havia respondido sem verificar se Maria Beatriz estavam online. Não dava mais para fingir que nossos horários não batiam.

Mariabia diz:
Amiga, é sério.
Quer que eu vá para sua casa?
Ou você vem para cá, não quero
te deixar sozinha.

Lara Corrêa diz:
Não precisa vir. Vou ficar bem.
Todo ano eu sobrevivo. Esse,
não vai ser diferente.

Amava ver Maria Beatriz em qualquer dia do ano. Ela era a minha metade, minha irmã nascida da barriga de outra mãe. O único ser humano no planeta que batia o olho em mim e identificava todos os meus problemas e as soluções que precisavam.

Exatamente por isso, eu não poderia vê-la naquela tarde.

Mariabia leria nos meus poros covardes todos os segredos que viera escondendo nos últimos sete dias. Principalmente, o maldito beijo que eu simplesmente não conseguia esquecer.

Ela havia me alertado sobre ceder à tentação e sobre o quanto a família Fagundes era perigosa. Eu só imaginava que o perigo estivesse em uma horda de advogados sanguinários, não em uma pegada bruta de homem com tesão.

Que inferno!

“Eu te disse” seria pouco para o que me aguardava assim que ela colocasse seus olhos nipo-brasileiros sobre mim.

Mariabia diz:
Eu gostaria que só um dia
você não fosse teimosa feito
uma porta.

Lara Corrêa diz:
Aí não seria eu, e você me
amaria menos.

Quase podia vê-la revirando os olhos do outro lado do celular. Da mesma forma que ela sabia que eu ignoraria a ligação que fez o aparelho vibrar em minha mão.

Eu queria conversar com alguém, mas não com ela. Com alguém que me daria colo, não me julgaria e ainda riria das minhas piadas autodestrutivas que faziam qualquer terapeuta fazer uma anotação no meio da sessão.

Eu queria conversar com a minha mãe.

Há três anos, eu era só uma estagiária na Finesse que vivia correndo de um lado para o outro para dar conta dos trabalhos finais da faculdade, das minhas tarefas no estágio e do famigerado Trabalho de Conclusão de Curso. Era rotineiro que eu me alimentasse com coisas que comprava nas estações de metrô ou com deliveries superfaturados de cupons que eu rodava a internet inteira procurando. Usualmente chegava na redação com a boca cheia de pão de queijo, correndo para a mesa que compartilhava com a estagiária do outro turno, mal dando bom-dia para as pessoas.

Exceto naquele dia, em que fui tomar café na copa como pessoas normais faziam.

Havia chovido forte no Rio de Janeiro nos quatros dias anteriores. Era uma frente fria, um ciclone extratropical ou qualquer merda do tipo. A tempestade subiu a serra e acabou derrubando Petrópolis quase inteira no processo. Mais de sessenta pessoas morreram naquela madrugada com os deslizamentos e enchentes.

Meus pais fizeram parte desse infeliz somatório. Eu estava bem de frente para a televisão quando a câmera do helicóptero do jornal passou em cima do que deveria ser os destroços da casa da minha infância.

Acharam os corpos no dia seguinte. Tive que ir sozinha no IML fazer o reconhecimento, porque não havia mais ninguém.

A ideia de a vida ser efêmera sempre me parecera ridícula até aquele momento. Desde então, era revoltante. Terminava sem aviso, sem preparo. Sem o alicerce estar firme o bastante para que eu pudesse seguir em frente sem sequelas.

Desde aquela época, as minhas únicas amigas eram Mariabia e Ashanti. Depois delas, ninguém mais entrou. Eu não queria deixar que ninguém chegasse perto o bastante para sofrer daquele jeito de novo quando partissem. Fosse para o outro lado ou para outro caminho.

Não lidava bem com despedidas. Mesmo as que não existiram.

Sequei a lágrima que caiu do olho esquerdo. Foi apenas uma, no ano passado havia sido litros. Ashanti precisou me dar o calmante fitoterápico que ela tomava antes de entrar em cena.

Escovei o dente sem pressa. O banho, tomei da mesma forma.

Pelas minhas contas, era o dia do plantão de Victor Hugo, então eu tinha vinte e quatro horas de paz para perambular linda e destruída pela casa sem me preocupar em topar com aquele armário dois por dois ambulante.

Minhas contas poderiam estar erradas, não era muito boa de matemática também.

Mal havia picado os morangos no pote de iogurte quando meu celular tocou de novo.

Mais calma após o banho, estava tranquila para atender Mariabia. Não soluçaria nem me engasgaria com choro na ligação. Atendi-a sem me importar em ler o visor.

— Oi, amiga. Eu disse que sobreviveria.

— *Desde quando você me chama de amiga? Está perto de algum namorado novo e tá disfarçando?*

Praguejei em silêncio ao reconhecer a voz do outro lado da linha. Eu devia ter me mantido ao plano original de vegetar sem comunicação com o mundo exterior.

— O que você quer, Ricardo?

— *Bom dia, tigresinha brava. Liguei para saber como você está. Sei que esses dias costumam ser difíceis para você.*

Ali estava o problema de terminar com alguém sem gritaria e de maneira saudável. Mesmo depois de separados, eu e Ricardo ainda nos importávamos com o bem-estar um do outro.

Não éramos mais amigos da mesma maneira que fomos antes de tudo, mas não éramos estranhos. No primeiro ano, ele passou uma semana inteira comigo, enfiado no micro apartamento que dividia com Ashanti.

Aquele cara não era ruim. O problema era que a cada dia que passava, eu tinha menos paciência para ele. Mas, ao mesmo tempo, a ideia de cortar Ricardo da minha vida de vez significava ter que conhecer qualquer outra pessoa para transar e eu não gostava da ideia de conhecer novas pessoas.

Nossa situação era confortável. Estritamente sexual da minha parte, mas confortável.

Poderia ser pior. Ele poderia ter me traído com a minha chefe.

— Já tá uma merda desde hoje. — Dei-me por vencida ao sentar na cadeira para tomar meu café-da-manhã. Eu queria conversar com alguém, ele havia aparecido. Melhor do que nada. — Esse ano vai ser complicado.

— *Todo ano é, bebê. Quer vir para cá? Você sabe, para não ficar sozinha.*

Revirei os olhos antes de soltar uma risada sem qualquer sinal de humor. No dicionário Ricardo de Língua Portuguesa, aquele convite poderia ser traduzido como “quer vir trepar até esquecer que está triste?”.

Era assim que ele funcionava. Geralmente, me irritava.

Quando tinha vontade de transar, eu o procurava. Para isso, ele era meu contato rápido e zero burocrático. Sempre na casa dele, uma horinha de um sexo razoável, o bastante para me satisfazer quando estava enjoada das massagens dos meus vibradores.

Acontecia duas vezes por mês ou menos. Ultimamente, menos.

Ainda não havia rolado, naquele mês.

— Que horas posso passar aí?

— *Você sabe que a casa tá aberta para você a qualquer hora, minha bebezinha. Só chegar.*

Não sabia ao certo em que momento eu havia passado a odiar aquele apelido. Fingia que tolerava só porque ele sabia fazer sexo oral e isso era artigo de luxo entre os homens da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Eu iria, não adiantava mentir para mim que não. Além disso, estava ferida emocionalmente demais para fazer joguinhos. Só queria um aconchego, um cafuné de alguém que não se interessava o bastante pela minha vida para perguntar o que tinha de errado comigo além do ciclo infinito de luto que não passava.

Não queria pensar em respostas. Não queria chorar minhas palavras.

Mas eu queria um pouquinho de pica, sim. Não seria hipócrita. Ainda mais porque a que eu realmente queria, estava decidida a me ignorar. Portanto, eu faria o mesmo.

— Compra o bolo de cenoura que eu gosto, vou chegar aí umas quatro da tarde.



Era um pouco bobo pensar que eu ainda me preocupava em escolher uma calcinha legal para usar com Ricardo, sendo que ele nunca ligou para nenhum pedaço de pano que o impedisse de alcançar meus peitos. Ainda assim, passei algumas horas decidindo se usava o conjunto de sutiã meia-taça e fio dental roxo ou o body de renda vinho.

Os dois custaram pequenas fortunas em grifes de lingerie. Ambos fariam qualquer homem menos acostumado comigo respirar fundo, mas eu conhecia o meu ex.

Todos os dias me perguntava por que ainda me mantinha nesse ciclo. Não o amava mais, não tinha paciência para ele e sempre me irritava até chegar ao seu apartamento. Porém, quando começávamos, a gente era bom. E eu gostava demais de sexo para fingir que não curtia ficar com ele.

Mas antes de tudo, antes de cairmos em uma rotina e termos expectativas de futuro diferentes, éramos melhores amigos.

Ricardo havia sido meu veterano na faculdade de Comunicação Social, me acolheu na Cidade Maravilhosa quando eu nem sabia pegar um ônibus. Me ensinou a correr atrás dos auxílios universitários que a universidade dava, me indicou meu primeiro estágio em uma grande emissora, mesmo seguindo o eixo de Publicidade e Propaganda enquanto fiquei no Jornalismo, e havia sido a pessoa que eu contaria para cuidar de mim.

Sentia falta daquele Ricardo que me levava para fazer tour pelas cafeterias da cidade e não se importava em virar noites tentando me ensinar Teoria da Comunicação.

O problema era que as pessoas mudavam. O Ricardo de agora não lembrava o do meu passado em quase nada, além do cabelo ruivo e das sardas no nariz. Eu precisava me esforçar para lembrar que ele havia sido o cara que segurou a minha mão quando os caixões dos meus pais foram para as gavetas.

Havia sido quase um transplante de alma.

Para pior.

Mesmo assim, eu ainda estava ali. Apertando a campainha do seu apartamento depois de ter me arrumado e me perfumado, porque a ideia de ter Ricardo saindo da minha vida doía mais do que a realidade de que ele não era mais o cara por quem eu havia me apaixonado anos atrás.

O amor acabou, a paixão esfriou e eu nem sabia mais dizer se ainda havia carinho ou carência. Então eu me enfiava em uma calcinha minúscula, dava as sentadas que precisava e depois tinha um cafuné vazio e um café com bolo. Havia me acostumado com isso.

Três minutos depois e ele ainda não havia me atendido. Bati a porta e aguardei mais um pouco. Havia me adiantado uma hora, mas o porteiro dissera que Ricardo estava em casa e que eu poderia subir.

Esperei mais um pouco até que escutei passos do outro lado da porta. Transformei minha cara de vira-latas jogado da mudança para minha melhor cara de vadia provocante, com direito a lábio mordido e olhos pesados. Joguei o cabelo para um dos lados do pescoço. Quando a porta abrisse, não daria tempo de Ricardo pensar. O beijaria sem pensar duas vezes.

Entretanto, quem abriu a porta foi uma garota.

Uma garota vestindo nada além de um cropped transparente que não se esforçava para esconder os bicos dos peitos e uma calcinha puída que implorava aposentadoria.

Fechei os olhos e suspirei profundamente. O filho da puta marcou comigo uma hora depois de comer outra. Ele me faria chupá-lo com o gosto da boceta de outra mulher, talvez pior.

Filho de uma arrombada e amaldiçoada puta!

— Quem…? — A garota também parecia chocada ao me ver. Estreitou os olhos e franziu o cenho para mim em franca hostilidade.

— Ricardo está em casa? — Não dei chance de ela terminar seu questionamento.

— Não é da sua conta.

Ela parecia ultrajada com seus olhos arregalados e rosto vermelho de constrangimento. Era bonita, tinha cabelos e olhos claros, seu corpo era grande, com curvas abundantes de tamanho médio e uma porção de tatuagens na pele branca.

Gata demais para um idiota como Ricardo. Assim como eu.

Ergui as mãos em um gesto pacífico e tentei dar meia volta. Porém a voz do cretino do meu ex-noivo me encontrou.

— Caralho, Lara, você disse às quatro!

A garota direcionou seu olhar raivoso para ele com toda razão do mundo. Se eu estivesse trepando com um idiota e aparecesse outra na porta com a mesma intenção, acho que quebraria a casa inteira.

— Você ia transar com ela? Depois de mim?! Ricardo, seu escroto!

O safado apareceu, abrindo o resto da porta. Assim como a coitada, estava seminu. Nada além da cueca que eu estava cansada de conhecer, a que havia sido vermelha um dia. Agora era um rosa desbotado cafona e vergonhoso.

— Olha, Alê, você sabe que a gente não tem nada! — Nós duas arregalamos os olhos para a explicação ridícula dele. — Nem nós dois, Lara. Gente, foi um acidente de agenda. Por que nós três não entramos e…

— Nem sonha — cortei-o.

— Não me achei no lixo — Alê, como ele a chamou, respondeu ao mesmo tempo que eu.

Ricardo coçou a nuca.

— Meninas, vamos ser práticos.

— Não, não vamos — rosnei. — Ricardo, vamos combinar assim: você nunca mais me liga e finge que eu não existo, tá bom?

— Lara, você tá agindo desse jeito por quê? Não temos nada sério há mais de um ano.

— Vocês namoram? Meu Deus, a vadia sou eu! — A garota perdida apertou as têmporas. — Ricardo, você me fez de amante!

— O quê?! Eu não…

— Chega! — Não consegui controlar meu tom de voz. Estava ultrajada demais para isso.

— Eu e esse arremedo de criatura não temos nada. Não vale a pena, um homem que usa do aniversário da morte dos meus pais como pretexto para me comer não é digno nem de uma punhetinha básica.

Achava que fosse impossível, mas Alê arregalou os olhos ainda mais. Suas bochechas estavam da cor de tomates de tão vermelhas.

— Gata, se eu fosse você, pegava minhas trouxas e bloqueava esse desgraçado de todas as redes sociais — dirigi-me a ela. — É o que eu vou fazer. Até nunca mais, vocês dois.

Antes que fosse incluída de novo em algum diálogo inútil sobre não ter nenhum relacionamento sério ou ser convidada para mais um ménage, pisei fundo em direção ao elevador.

Decidida a ir para mais longe o possível de Ricardo e seu oportunismo nojento, cogitei voltar para Botafogo andando. A raiva no meu corpo era combustível o suficiente.

No entanto, os saltos em meus pés me impediam de tal sandice. Então apenas engoli o choro, porque aquele desgraçado não merecia nenhuma lágrima minha. Peguei meu celular, abri o aplicativo de corridas e chamei um carro.

Assim que bati a porta do Cobalt Preto que me buscou, senti-me vazia de um jeito terrível. O fio que me ligava a Ricardo era o respeito que tivemos um pelo outro nesse mais de ano que estivemos separados. O que ele havia feito naquela tarde era cachorrada das mais nojentas.

Senti o estalo do ciclo se fechando, batendo as portas na minha cara. O Ricardo a quem eu era apegada não existia mais, era hora de crescer e seguir em frente.

Eu só não esperava que fosse doer tanto.



Não queria chorar por causa de um traste como Ricardo, principalmente quando deveria estar me debulhando em lágrimas pela data dolorosa. Mas, por algum motivo, as lágrimas insistiam em descer quentes pelo meu rosto.

Os soluços que cortavam meu peito ardiam, minha cabeça parecia que explodiria. Não sabia se o que doía mais era a humilhação por ser, sei lá, a décima opção de alguém ou se era o fato que eu não poderia mais fingir que estava tudo bem. Eu precisava tirar Ricardo da minha vida.

Não conseguia entender. Achava que ele se importava comigo o suficiente para me distrair nos piores dias do ano. Para ocupar minha cabeça com nostalgia e um pouco de prazer.

Para fazer eu me sentir menos sozinha do que eu me sentia todos os dias.

Meu Deus, eu só queria um abraço…

— Burra, burra, burra! — briguei comigo mesma.

Sentada no chão da sala, com as costas apoiada em meu sofá, abracei meu próprio corpo. As lágrimas se misturavam à coriza que se adiantava para entupir meu nariz. Poderia me desfazer em choro.

Eu me desfaria em choro. Como em todos os anos anteriores.

Não percebi que havia alguém ao meu lado até que passou o braço imenso por meus ombros e me puxou para seu peito. O pouco que consegui sentir do cheiro, sabia que era o da loção pós-barba de Victor Hugo. Foi inútil tentar me impedir de apertar meus braços ao seu redor com todas as minhas forças.

Estava mesmo no fundo do poço para minha única tábua de salvação ser aquele cretino.

— O que aconteceu? — perguntou com o nariz afundado em meu cabelo.

Não era um “quer conversar sobre isso”, tampouco um “vai ficar tudo bem”. Ele não me dava a chance de não o responder.

Era estranho estar nessa posição de ser a pessoa consolada.

— O que não aconteceu, Victor? — respondi-o de forma retórica. — Minha vida é uma bagunça solitária. Esse é o pior fim de semana do ano e eu não tenho ninguém.

Não pedi que ele erguesse meu queixo e colhesse uma das minhas muitas lágrimas com a ponta dos dedos. Mas não o impedi de fazer também.

— Hoje, você tem a mim. — Foi o primeiro sorriso honesto que o vi dar em todas aquelas semanas em que convivíamos. — Não sou a melhor companhia do mundo, mas posso

escutar o que quer que você precise dizer. Do mesmo jeito que fez comigo.

Resisti ao impulso de afundar o rosto em seu peito outra vez. O abraço de Victor Hugo era mais aconchegante do que eu esperaria. A forma como uma de suas mãos me espremia contra ele, enquanto a outra deslizava por um dos meus braços, era o conforto que eu não sabia que precisava.

Quis que aquele momento congelasse no tempo. As coisas entre nós poderiam ter se desenrolado de outra maneira se eu tivesse conhecido aquele Victor Hugo acolhedor primeiro, antes do babaca.

Talvez eu não me sentisse tão sozinha.

— Amanhã faz três anos que meus pais morreram. — Engoli o embargo da minha voz junto com o nó da minha garganta. — São os piores dias do ano, todo maldito ano. Eu só quero me encolher em uma bola e sumir do mundo, em um lugar onde Mariabia e Ashanti não tentem fazer eu me sentir menos pior do que me sinto, porque eu não vou. Eu deveria estar com eles quando aconteceu, mas estava aqui na capital correndo atrás de uma vida que eu nem sei se deveria ser a minha. Nem pude me despedir.

Victor Hugo tinha sua atenção totalmente voltada para mim. Encarava meus olhos como se conseguisse ler as dobras mais secretas da minha alma. Mal piscava. Não parecia que me interromperia.

— Todos os dias, eu acordo me sentindo a pior pessoa do mundo, porque comprei essa casa com o dinheiro do seguro de vida deles. Eu sinto como se eles tivessem morrido para eu conseguir ter esse bem e isso… — Mais uma onda de soluços arrebentou meu peito.

— Calma, calma. — Victor acariciou meu cabelo. — Respira. Tô aqui.

— Não dá… — Funguei. — Tá difícil.

— Eu sei. Mas tenta. Você é ótima em tentar.

Eu queria acreditar nele. Desejei com todas as minhas forças que suas palavras fossem verdade, que houvesse uma pequena parte de mim que se esforçava por qualquer coisa.

Só que a Lara de verdade não se esforçava. Não lutava. Não tentava. Só torcia para não ser engolida pela próxima onda gigante no oceano.

— Eu queria não sentir essa dor hoje, só hoje. E aí meu ex ligou.

— O *timing* do ano.

— Pois é. — Uma risada sem humor conseguiu sair junto com o soluço. — A gente ainda fica de vez em quando. Bom… Depois de hoje, nunca mais. Eu achei que ele se importava, sabe? Que ele queria me ajudar.

Victor apertou os lábios e eu tinha certeza de que era para segurar o comentário ácido que queria fazer dentro da boca.

— Cheguei lá, toda bonita e cheirosa. A minha maquiagem não tinha derretido ainda, eu estava belíssima. — Tentei fazer um gracejo com a voz afetada. — Quem abriu a porta era a garota que ele estava comendo antes de mim. Eu era só o lanchinho da tarde.

— Espera, o quê? Ele te ligou e estava com outra pessoa?

Ele congelou com os braços ao meu redor. Sua voz saiu em um só arfar. Era como se uma tempestade estivesse armando desabar sobre nossas cabeças.

— É. Eu sou só um buraco para o Ricardo. Achei que ainda fosse sua amiga, mas nem para isso eu sirvo. Não sou o bastante para ser a esposa dele, nem namorada, nem merda nenhuma. Eu sou só um passatempo para quando aquele filho da puta está entediado.

Meu corpo tremia de ódio dentro dos braços de Victor Hugo. Minha tristeza era alimentada pela profunda frustração. Não devia ter dado ouvidos a Ricardo da primeira vez que

apareceu no meu trabalho, querendo matar a saudade. Deveria ter cortado de cara.

Como eu era burra. E covarde.

— Lara… — Victor segurou meus ombros. As narinas estavam infladas demais para ser considerado seguro estar colada a ele, mas lá estava eu. Tomando escolhas de merda. — Vai lavar um rosto e tirar essa maquiagem. Lavar esse nariz catarrento, também. Eu… Eu tô aqui.

Seu tom de voz era arrastado, como se engolisse pregos. Se eu tremia de raiva e dor, Victor Hugo bufava feito touro bravo. Era como se ele pudesse quebrar todos os ossos de Ricardo se tivesse a chance.

Era esquisito pensar naquele homem me defendendo com tanto afinco. Ele não estava falando comigo há mais de uma semana e, de repente, era o meu super-herói.

Completamente maluco e incoerente.

— Você não deveria estar no hospital?

— Um amigo me pediu para trocar a escala. Só trabalho na segunda-feira, agora. — Deslizou os dedos por meus cabelos mais uma vez. Me peguei pensando que poderia me acostumar com isso. — Agora, vai lá. Você gosta de pipoca? Posso fazer pipoca.

Assenti, enxugando o ranho que quis escorrer do nariz com o dorso da mão.

— Gosto sim.

— Te espero aqui com pipoca.

Ele se esforçou para dar um sorriso quando levantei. Merecia ganhar uma estrelinha pelo esforço nítido. Era como se estivesse mais puto do que eu.



Não estava totalmente recuperada, seria impossível mesmo. Nem que estivesse com o bilhete premiado da megasena enfiado no meu decote, conseguiria me sentir inteira. Porém, colocar para fora tudo o que a palhaçada de Ricardo me fez sentir aliviou um pouco a pressão em meu peito.

Era menos uma bola de boliche enfiada em meu estômago. Eu só precisava lidar com a maldita bola calcificada que doía como se eu tivesse acabado de a engolir, uma vez por ano.

Só lavar o rosto não foi o bastante. Eu precisava de alguns minutos debaixo da água fervendo. Dez ou quarenta, talvez. Primeiro, porque o vapor do chuveiro aliviava meu nariz entupido pelo choro descontrolado.

Segundo, porque era como se a corrente de água amansasse meus demônios. A pressão do fluxo sobre meus ombros, o som da corrente elétrica e das gostas caindo no chão eram como um abraço.

Quando comprei a casa, eu queria colocar uma banheira embaixo daquele chuveiro. Com a confusão de dividir o espaço com Victor Hugo, foi mais um dos meus planos que ficou na gaveta do “fazer depois”.

Precisava resolver aquela questão logo para conseguir seguir em frente.

Estava de costas para a porta quando o som do Blindex sendo aberto me fez dar um pulo. Não deu tempo de me virar antes que o médico cobrisse meu corpo com seu abraço.

Victor Hugo colou o peito em minhas costas e passou os braços pela minha cintura. Apoiou o queixo sobre o topo da minha cabeça e me deixou congelada por sua reação imprevisível.

— Você… — arfei. — Você invadiu meu banho.

Ele não me ouviu. Se o fez, fingiu muito bem que não.

Parecia em transe quando beijou meu cabelo molhado sem se incomodar com a água caindo em seu rosto. Em seguida, a ponta do nariz deslizou por meu pescoço ao mesmo tempo que a ponta de seus dedos desenharam círculos em minha pele. Primeiro na barriga, depois nas coxas.

Não importava que a temperatura do chuveiro estivesse no grau mais alto, os arrepios cobriram meu corpo como se eu estivesse nua no meio da neve.

Victor Hugo puxou meu cabelo para um lado do pescoço para ter livre acesso à minha pele. As carícias com os dedos foram acrescidas pelos lábios correndo por meu ombro. Uma trilha de beijos que começou do ponto abaixo da minha orelha e desceu pelo meu trapézio. Ao fim do caminho, ele chupou.

Foi o bastante para me fazer fraquejar e precisar apoiar as mãos no ladrilho em busca de apoio.

— O que você tá fazen-… *Ah*! — Minha pergunta em forma de miado foi empurrada para fora da minha garganta com o gemido surpreso que cresceu quando ele escorregou os dedos para a minha boceta.

Joguei a cabeça para trás, a reação foi automática.

Victor massageou meu clitóris com um dos dedos. Começou lento e certeiro, no lugar que me fazia arquear a coluna. Quando a mão livre beliscou meu mamilo, ele acelerou. Ao mesmo tempo, sua boca fazia miséria no meu pescoço e orelha.

Não conseguia me controlar. Aquele cretino me tocava como se conhecesse meu corpo de outras vidas. Sabia como me dedilhar para me fazer gemer de novo. Tinha total noção de que a minha excitação escorria pelo meio das pernas. Esperava, ansioso, pelo momento em que empinei a bunda, grudando em seu pau duro.

Para o meu total desgosto, o imprevisível homem estava vestido. Pelo menos, a parte de baixo.

Com o ritmo cadenciado, me contorcia na mão de Victor Hugo. Sentia a familiar sensação crescendo dentro de mim, atrás do meu umbigo. Sua masturbação era tão precisa, me guiava para o êxtase em sua valsa inesperada.

— Isso, Lara — murmurou em meu ouvido, antes de morder o lóbulo da minha orelha. — Geme assim para mim.

Caralho!

O que era aquele homem dando ordens em meu ouvido com sua voz grave de desejo? Nem nas minhas fantasias obscuras eu esperava por isso. Essa dominação tão tácita, tão natural. O encaixe certo da chave e da fechadura.

Tampouco esperava pelo tapa que recebi em uma das bandas do traseiro. Ardeu do jeito certo. Me fez erguer a mão para puxar o cabelo dele.

— Não para, por favor, não… — Minhas súplicas saíram desvairadas conforme minhas entranhas reviravam.

No entanto, o desgraçado parou.

Só para me virar de frente para ele. O que vi em seus olhos me fez morder o lábio inferior. Era tesão puro, bestial, pronto para destruir.

Me destruir.

Tentei beijar sua boca, mas ele não permitiu. Segurou meu pescoço daquele jeito imoral, como se fosse me enforcar. Victor Hugo estava pronto para me transformar em poeira.

Em seguida, apertou meus seios com ambas as mãos. Chupou uma vez cada um dos bicos, me fez grunhir. Desceu mais, mordendo minha barriga e monte de vênus. Ajoelhou em minha frente, os olhos felinos prontos para me caçar.

Eu deveria ter me segurando em alguma coisa quando ele abocanhou minha boceta. Era esperado, o homem faria, estava claro.

Porém, o único apoio que encontrei foi seu cabelo. Mal tive tempo de firmar minhas costas no ladrilho quando Victor Hugo esfregou a língua aberta em meu clitóris rígido. Ele afastava meus lábios íntimos com as mãos e, com a boca, me devorava.

— Puta merda — miei.

Lambeu meu nervo com a minha vulva em sua boca. A língua girou antes de ele chupar o broto com afinco. Uma, duas, dez vezes. Quando cansou, prendeu entre os lábios e sugou como se fosse o mais delicioso dos doces.

E não parava de me olhar nem um segundo.

Seu corpo estava encharcado, o short que usava também. Mas ele não se importava. Estava em uma missão muito maior que consistia em me matar de prazer e arrebentar minhas cordas vocais pela altura dos meus gemidos.

Se seus dedos fizeram eu me revirar, sua língua me moía. A forma que Victor Hugo me chupava era inédita ao meu corpo. Homem nenhum havia me tocado com tanta voracidade, com tanta exigência.

Com tanta posse.

A onda cresceu atrás do meu umbigo. Meus joelhos tremeram, era como se tudo fosse explodir. No momento em que ele deslizou dois dedos para dentro, bem no ponto mais sensível da minha vagina, a bomba foi detonada.

Meu gemido saiu gritado. O deleite abraçou meus membros, irradiando da minha boceta. Tudo em mim derreteu, o mundo ao meu redor derreteu.

A avalanche enrolou meus dedos dos pés, arqueou minhas costas. Quase me levou ao chão. Só não o fez porque as mãos firmes de Victor me seguraram no lugar.

Eu respirava pela boca, exaurida, quando ele se levantou. Arrastou a boca por meu corpo, desenhando o caminho de desejo até minha boca. O beijo veio devastador, cheio de mordidas e chupões.

Suas mãos apertando minha bunda, as minhas em sua nuca. Estava fraca demais para me içar e abraçar seu quadril com minhas pernas.

Aquele desgraçado havia me destruído.

— Essa é a única maneira que um homem pode te fazer tremer, *coisinha irritante*. — Victor puxou meu lábio inferior em seus dentes. — Não de ódio, nem de tristeza. Só de prazer. Ouviu?

Nossa diferença de altura era ridícula, eu alcançava o peito dele com muito esforço. Mas com meus braços ao redor do seu pescoço, envaidecida por ter sido bebida como seu drink favorito, eu me sentia gigante.

Assenti em silêncio, concentrada demais em como eu grudaria a boca na dele de novo.

Victor Hugo abaixou o rosto para perto da minha orelha. Dessa vez, mordiscou com

suavidade. Completamente diferente da fome anterior.

— Você é deliciosa demais, Lara — sussurrou no tom de voz que eu havia acabado de descobrir que poderia me transformar em poeira. — Idiota é quem te teve e te perdeu.

O médico se afastou de mim. Meus olhos correram automaticamente para a ereção exposta no short de corrida molhado. Como tudo nele, era imensa.

Certamente, seria deliciosa. Tanto na minha boca quanto dentro de mim. Em todos os lugares que pudesse.

Victor sorriu arrogante quando reparou o que eu encarava com tanta fome. Pensei que ele tiraria a roupa, mas, da forma que veio, se retirou. Atravessou a porta, deixando um rastro de água pelo chão do banheiro, e a fechou. Me largou sozinha e atônita, com o corpo todo sensível após o orgasmo.

O cretino partiu em silêncio depois de me fazer gozar. Para o meu azar, minha boca ficou com gosto de quero mais.



Eu devia ter imaginado que os gostos musicais de Lara seriam tão irritantes quanto sua língua debochada. Estávamos há quarenta minutos na estrada em direção a Petrópolis e ela não havia escolhido uma música decente. Não apareceu um soul, jazz ou MPB. Era só aquele maldito funk e divas pop que cantavam sobre chás de procedência vaginal.

Maldita havia sido a hora em que ofereci de levar a coisinha irritante para ver o túmulo dos pais. Eu certamente pensava com meu coração mole por ter visto-a chorando como criança na sala, toda encolhida em si mesma. Parecia querer sumir.

Ou talvez eu estivesse pensando com o pau. Desde a tarde anterior, não conseguia tirar o gosto da bandida da cabeça. O jeito como ela se contorceu, como se entregou para mim, me deixou alucinado.

A forma como me encarou depois de gozar, faminta pelo meu corpo, me fez pegar fogo. Eu tinha certeza de que se a comesse naquele momento, não haveria oração nem maldição no mundo capaz de me tirar de dentro daquela mulher.

O que não significava que eu estava lidando muito bem com o fato de me comportar como um adolescente na puberdade, me masturbando escondido cada vez que vislumbrava a imagem da boceta inchada de tesão. Que merda!

— *Tá olhando novinho, é porque quer fuder /Se eu sento de jeito te dou um sacode* — Lara cantava a plenos pulmões. Batia palmas de dançava no banco do carona como podia, presa pelo cinto de segurança. — *As mina já tão preparada / Elas tão viciada no sexo hot*[3].

Convulsionava o quadril como se rebolasse em uma festa, e eu estava um pouco divido sobre como meu corpo recebia a mensagem. Por um lado, queria ver mais do quanto aquela baixinha sabia dançar. De preferência, nua, na minha cama, subindo e descendo no meu pau.

Por outro, eu rezava para que calasse a maldita boca.

— Eu tô muito tentado a te largar no primeiro ponto de ônibus, Lara. Juro por Deus.

Ela rolou os olhos castanhos para mim em seu deboche mais cru. Foi o único momento em que parou de cantar baixarias. No entanto, sua mão sequer se aproximou do painel do rádio para abaixar o volume.

— Preciso te lembrar quem deu a ideia de subir a serra em pleno domingo para ir a um cemitério? — resmungou de volta.

— Acredita em mim, não vai custar nada voltar atrás.

Lara bufou. Finalmente esticou o dedo para a tela e parou a música.

Suas mãos eram lindas. Pequenas, delicadas, de unhas curtas pintadas sempre de cor escura. Naquela semana, estavam pintadas de vinho. Os dedos cheios de anéis quebravam um pouco da delicadeza, enchendo-a de personalidade.

Fechando meus olhos, ainda conseguia me lembrar daquelas mãos enfiadas no meu cabelo, me puxando mais. Como se duvidasse da minha capacidade de engolir sua boceta.

O arrepio correu por minha coluna sem pedir licença. Respirei fundo para dispersar o desejo que ameaçou queimar em minha pelve.

— Eu não queria ter vindo. — Lara me encarou com o cenho franzido. — Você que insistiu com essa bobageira de encerramento de ciclos.

— Você estava chorando como se tivessem arrancado seu braço. Eu fiquei desesperado!

— Não, Victor Hugo. Você propôs essa maluquice *depois* de invadir o meu banho e me chupar.

Estava acostumado a lidar com mulheres diretas e sem papas na língua. Minha própria noiva era uma dessas, quando não estava me dando tratamento de silêncio. Só que, por alguma razão, o tom de voz de Lara me constrangeu.

Eu havia invadido seu banho. Havia tocado seu corpo, feito o sexo oral mais delicioso da minha vida. Todas as acusações eram verdadeiras e impossíveis de negar.

Não me arrependia de nada, não depois de ter assistido ao espetáculo da natureza que era Lara gozando na minha boca. Só não sabia como explicar minha atitude impensada sem parecer um maníaco.

Num momento, eu a confortava pelo luto visceral que sentia. No momento seguinte, queria matar seu ex com meus próprios punhos pelo desgraçado ter feito Lara se sentir insuficiente. Da mesma maneira que Bianca havia feito comigo.

Era uma piada de mal gosto do destino o quanto nos parecíamos. Até nas desgraças amorosas, a jornalista parecia o código de acesso ao meu sistema.

— Você pareceu gostar bastante, na hora. — Foi tudo que consegui responder. Sequer consegui encará-la ao fazer.

— Teria gostado mais se você tivesse terminado o serviço.

Girei o pescoço em sua direção e semicerrei os olhos para esboçar minha incredulidade.

Quando terminei, tinha certeza de que Lara me detestaria ainda mais do que antes. Da primeira vez que a temperatura havia subido entre nós, ela me parou. Desde então, decidi evitar contato para que as coisas não ficassem mais constrangedoras entre nós do que já eram.

Ela me dirigiu um sorrisinho de merda, virando o rosto para encarar a serra que começávamos a subir.

— Quer que eu pare no próximo acostamento e resolva isso? — Usei seu tom irônico usual contra ela.

— Vai me deixar continuar escolhendo as músicas?

— De jeito nenhum. Tenho que colocar camisinha no ouvido para escutar essas merdas que você gosta.

— Então nada de acostamento para você, doutor Victor. — A coisinha irritante deu de ombros com sua melhor expressão petulante.

De esguelha, vi Lara esticar as mãos para a bolsa entre seus joelhos. Pescou seus fones de ouvido e os conectou ao smartphone. Seus dedos cheios de anéis correram pela tela do aplicativo de músicas. Pela capa do single, era mais um dos seus proibidões.

— Até porque, eu tenho certeza de que você não daria conta — a pilantra completou em um sussurro, encaixando os fones nas orelhas.

— *Como é?!* — A surpresa me atingiu com um gancho de canhota. Tão forte que cheguei a pisar mais fundo no acelerador, fazendo meu carro dar um arranque inesperado.

Em um piscar de olhos, meu para-choque estava perigosamente perto do farol traseiro da caminhonete à minha frente. Freei no último segundo antes de causar um acidente que certamente nos mataria. O solavanco jogou nossos corpos para frente. Só não voamos pelo para-brisas por causa do cinto de segurança

Poderia fuzilar Lara Corrêa com meus olhos, se fosse humanamente possível. Deveria ter lhe dado mais tapas em sua bunda para que aprendesse a não me provocar daquele jeito.

Mas tudo que fiz foi grunhir um palavrão, enquanto a diaba começou a cantarolar.

— *Sabe esses dias que tu acorda de ressaca muito louco doidão*[4] …



O deboche recheado de petulância de Lara desapareceu quando passamos da placa que indicava a entrada de Petrópolis. Foi como se tivesse trocado de casca. A coisinha irritante que torrava meus nervos diariamente deu lugar à mulher sensibilizada e ferida que havia encontrado no dia anterior.

Os ombros caíram sutilmente, a postura se curvou centímetros, mas era visível. Petrópolis era o nervo exposto da jornalista. Doía mais do que conseguia colocar em palavras.

Por um instante, me arrependi de ter proposto que viéssemos.

— Chegamos — disse, ao estacionarmos próximo à entrada do cemitério.

Lara tirou os fones de ouvido e pausou a música. De relance, reconheci a imagem da capa do álbum *Siderado*, do Skank. Um dos meus favoritos.

De fato, uma coisinha irritante surpreendente.

— Não sei se tenho forças para sair desse carro. — Sua confidência me fez esticar a mão para tocar seu joelho.

Era curioso como equilibrávamos os momentos de farpas com esses pequenos respingos de intimidade. Não deveríamos confiar um no outro, mas parecia que fazíamos.

— Posso ir com você, se quiser.

— Eu quero. — Lara apertou minha mão. Seu gesto fez com que meu pulso rodasse. Acabamos de mãos dadas. — Por favor.

Saímos do carro a passos lentos. Chegamos cedo, por volta das oito da manhã, e mesmo assim me surpreendi pelo fluxo de pessoas.

Trabalhando no hospital, lidando com traumas e perdas todos os dias, a morte se tornou cotidiana. Via meus companheiros de trabalho todos os dias dando a notícia que destruiria a vida de uma família. Há pouco tempo, eu fui o responsável pelas dolorosas palavras.

Nunca sentira tanta raiva de mim mesmo como naquele momento. Só tinha um trabalho, salvar a vida daquele homem. Fui incapaz de cumprir a minha única missão. Tudo o que eu acreditava como profissional, toda a fé em mim mesmo como cirurgião sumiu naquele instante.

Estava recuperando minha autoestima profissional dia após dia, não significava que doía menos.

Entretanto, eu nunca estive do outro lado. Meus pais estavam vivos, meus avós também. A condição financeira que tínhamos nos possibilitou uma linhagem longeva, eles tinham muitos anos de estrada pela frente.

Era estanho observar como Lara reagia àquele ambiente. Ela caminhou rápido, desviando das pessoas, me arrastando por lápides e mausoléus. Não olhou para trás em nenhum momento. Não parou para respirar fundo.

Estava no modo automático.

Ao chegar ao armário em que estava a ossada de seus pais, a garota paralisou. A flor em sua mão, que eu havia comprado de um vendedor na entrada do cemitério, tremeu. Os bonitos olhos cheios de provocação de encheram de lágrimas.

Passei um braço por seu tórax, colando suas costas em meu peito. Ela se balançava de forma errática. Engolia seco, mas não deixava as lágrimas caírem. Se fazia de durona demais para isso.

— Tô aqui — repeti o mantra do dia anterior ao beijar seu cabelo.

Sua mão segurou meu pulso. O polegar rodopiou sobre o dorso da minha mão em uma carícia triste.

— É a primeira vez que volto aqui — murmurou. — Tá doendo como se fosse o primeiro dia. Mas… Me sinto diferente.

— Pode falar — devolvi no mesmo tom de voz que usou.

Lara hesitou. Engoliu seco e olhou para cima, buscando meu rosto, subitamente brava por ter que fazer tanto esforço. Quase dei um sorriso quando desistiu.

Girou em meus braços, passando os seus por minha cintura. Apoiou o rosto em meu peito. Automaticamente, envolvi seu corpo em um abraço.

Era difícil de acreditar que passávamos os dias trocando arranhões quando respirávamos no mesmo ritmo.

— Quando eu era pequena…

— Quando você *era*?

— Vá se foder, Victor Hugo! — Consegui roubar uma mínima risada sua. — Como eu dizia… Quando eu era *criança*, minha mãe falava que ela estaria comigo sempre, mesmo que não estivesse.

— E você sente que ela está?

— Alguns dias sim, outros não. É difícil explicar. Não sei se realmente a sinto, ou se sou só eu tentando não sofrer tanto com a solidão. — Sua voz embargou. — Já meu pai, vivia me dando presentes. Sempre que chegava do trabalho, ele trazia alguma coisa, normalmente um doce.

— Com o que ele trabalhava?

— Era chef de cozinha, dos bons. Pena que não aprendi a cozinhar com ele.

— E o que você aprendeu com a sua mãe, *jornalista Lara*?

Vi seus lábios se apertarem em uma linha para não tremerem com o choro que brotava no canto dos olhos.

— Aprendi a irritar homens bonitos. — Foi a minha vez de rir. O volume da minha gargalhada chamou a atenção de alguns passantes, mas os ignorei. — E ela também me ensinou que tudo na vida pode ter um lado bom… Não vejo um lado bom na morte deles.

Eu também não via. Mas ela não precisava de pragmatismo naquele momento.

— Não há nada de bom no luto, Lara. Ainda mais quando é desse jeito, sem aviso. Mas se tem uma coisa que eu aprendi no hospital com meus pacientes do trauma, é que a gente tem que viver um dia de cada vez. Um dia a gente chora, no outro a gente ri. No outro a gente grita.

— No outro a gente fode…

Outra risada quis brotar na minha garganta. Odiava esse humor ácido e safado dela, tinha total potencial para ser o meu favorito. Grudei meu indicador em sua boca, a calando.

— Sim, isso também. Mas o que eu quero dizer é que não tem nada de errado em seguir em frente. Você não precisa se sentir culpada por estar viva, não é justo.

Lara suspirou e desgrudou o corpo do meu. Um sorriso enigmático se esticou na boca carnuda e, quando se afastou de mim, senti meus braços vazios. Precisei enfiar minhas mãos nos bolsos.

A jornalista se virou para o armário. Beijou a flor branca que segurava e murmurou consigo mesma por alguns minutos. Ao voltar para mim, me surpreendeu com um beijo no rosto.

— Acho que a gente já pode ir — pediu. — Não gosto nada dessa sua postura de parceiro de sofrimento. Faz eu relevar o fato de que você me deve uma geladeira.

— Por favor, *nem aqui?!*

Por fora, cocei a nuca e revirei os olhos.

Por dentro, senti meu peito esquentar pela implicância. Daquele jeito, ela se parecia mais com a Lara que eu conhecia e me irritava vinte e quatro horas do meu dia.

Por algum motivo irresponsável, eu gostava dela.



Ladrão de geladeira diz:
Como você tá? Tudo ok?
Não deu tempo de ver como você
tava ontem.

Lara diz:
Tá sim. Vou ficar bem.
Prometo.

Ladrão de geladeira diz:
Se precisar de alguma coisa, me chama

Victor Hugo podia até não admitir, mas havia uma parte dele que gostava de mim. Pequeninissima e quase subterrânea, mas estava lá. Disfarçada em toda implicância com a minha altura e com qualquer coisa sobre a minha existência.

Tudo sobre o assunto Lara Corrêa o irritava. Mesmo assim, ele parecia querer cuidar de mim. Isso incluía pedir comida árabe do restaurante caro que eu gostava, me deixar escolher os três filmes que assistimos quando voltamos ao Rio de Janeiro e passar horas em seu método secreto de interrogatório que consistia em fingir que falava dele até descobrir o que tinha em comum comigo.

Não era o método mais secreto do mundo. Mas era divertido vê-lo tentar.

Ele gostava de quando eu o tirava do sério, era o tipo de pessoa que odiava silêncio. Isso, e o fato de que ele realmente adorava a minha bunda.

Definitivamente, Victor Hugo não conseguia disfarçar quando secava meu traseiro. Eu tinha certeza de que suas mãos coçavam para me apertar o tempo inteiro. Não podia julgar meu ladrão de geladeiras, eu mesma estava me segurando com todas as forças para não enfiar a língua na boca dele de novo.

Era mais fácil quando ele era só babaca. Com sua personalidade acolhedora, ficava complicado dizer a mim mesma, na hora do tesão, que Victor seria a sentada mais vergonhosa da minha história. Não seria, mas era a única arma que eu podia usar contra minha ausência de bom

senso.

Verifiquei a hora mais uma vez antes de bloquear o celular sem o responder.

Dezoito minutos dentro daquele escritório, estava adiantada. Tomei duas xícaras de café aromatizado com caramelo que só pioraram minha gastrite ansiosa. Muitas conversas no WhatsApp que eu precisaria responder quando lembrasse. As que possuíam um maior número de mensagens não lidas eram as de Ashanti e Mariabia, preocupadas com meu sumiço desde a manhã anterior.

Aquelas duas só não apareceram na porta da minha casa para terem a certeza de que eu não havia me matado porque postei uma sequência de stories no Instagram, tagarelando na publicidade de um shampoo em barra. Não importava que eu estivesse de luto, havia um contrato assinado e o dinheiro já estava na minha conta. Só engoli o choro e fiz meu trabalho.

Da mesmíssima maneira que fizera por todos os últimos três anos.

— Quem é viva, sempre aparece.

Girei o corpo na cadeira e me levantei para cumprimentar Rebeca Inohina, quase não a reconheci.

Da última vez que vi a prima de segundo grau da minha melhor amiga, milênios atrás, Beca estava na fase do cabelo pintado de loiro. Um loiro muito claro. Além disso, ela tinha alguns piercings na sobrancelha e no nariz e costumava manter os olhos estreitos carregados de delineado preto.

Todo mundo teve a fase fã da Avril Lavigne, eu não poderia julgá-la.

Porém, a observando em seus dias atuais, Beca havia assumido a carapuça da advogada bem-sucedida. Os antigos fios descoloridos e detonados que dançavam por sua cintura deram lugar a um corte moderno na altura dos ombros, na cor natural. Os piercings foram embora, assim como o delineado manchado. Em seu lugar, havia brincos elegantes, peças de alfaiataria e perfume importado.

A vida adulta realmente era superior à adolescência em tudo.

— Oi, Beca! Quanto tempo! — Dei dois beijinhos, um em cada lado do seu rosto. — Não sabia que você advogava. Se soubesse, teria vindo antes.

— Desisti dos concursos, ganho mais na iniciativa privada. Mas vem, senta aí. — Ela me indicou a cadeira em que eu estava há segundos. — Me conta, qual é o tamanho do abacaxi que a gente vai ter que descascar?

Dei uma risada de nervoso. O abacaxi tinha três quartos, dois banheiros, lavanderia e um monte de plantas espalhadas pela sala. Vinha junto com um médico playboyzinho musculoso que chupava uma boceta como ninguém e que se esforçava feito Hércules para me detestar.

Nem o abacaxi do Bob Esponja era tão espinhoso.

— Você quer a história do começo ou quer o resumo da obra sobre como meus pais morreram, eu recebi um seguro de vida, levei o golpe do século e agora tem um homem comigo morando na casa que deveria ser minha porque ele comprou a mesma casa que eu?

Rebeca havia pegado um bloco para anotações, mas o soltou assim que terminei minhas palavras.

A advogada ergueu os olhos para mim em choque. Como resposta automática, tentei sorrir, fazendo com que Beca assentisse.

— É abacaxi para mais de metro.



Os sons dos passos pesados pelo corredor me denunciaram a presença de Victor Hugo antes mesmo que eu saísse do meu quarto, após pentear o cabelo. Ele só sabia ser silencioso quando o objetivo era me matar de susto. Em qualquer outra ocasião, pisava fundo na madeira corrida como se a odiasse.

O que claramente significava que ele odiava o piso da nossa casa mais do que a mim. E isso era lucro.

Não me dei ao trabalho de secar o cabelo. Calcei os chinelos e fui guiada para a sala de jantar pelo cheio da comida fresca. Massa, com certeza. Mas não aquele cheiro usual de macarrão com salsicha que eu fazia quando morava com Ashanti. O perfume daquilo vinha de molho de tomate artesanal.

Daria minha mão a tapa, se ele não tivesse comprado o jantar só para não ser obrigado a comer a minha comida.

Eu me esforçava, poxa! A culpa não era minha se tudo ficava com gosto de creme de leite. Mesmo que eu não tivesse usado creme de leite na receita.

— Cheiro bom. — Eu me adiantei para os pacotes na mesa, sem o cumprimentar de propósito. — Lasanha?

— Nhoque. — Encarei-o intrigada por sua resposta seca.

Em qualquer outra circunstância, Victor Hugo teria me repreendido por ser mal-educada. Depois faria alguma piadinha sobre o quanto não poderia esperar nada melhor de mim. Porém, o médico mal me encarou. Apenas continuou em sua tarefa nada árdua de passar sua porção da embalagem para o prato.

Ele tinha o cabelo úmido, sua bolsa de treino estava jogada em uma das cadeiras ao seu lado. Estava de bermuda jeans, concluí que havia tomado banho na academia, pegou o jantar e veio para casa. No meio do caminho, alguma coisa o emputeceu.

— Tá tudo bem? — Inclinei a cabeça em sua direção, com as sobrancelhas franzidas.

Victor deixou os olhos correrem até mim devagar em meio a um suspiro indignado. Pelo peso da encarada, senti a animosidade emanando de seus poros. Ao mesmo tempo, reparei em como a mirada se demorou nas minhas pernas mal cobertas pela camisa três números maior que eu usava de pijama.

Não se manifestou para além de arrancar a minha roupa com os olhos. Não insisti em um diálogo inútil.

Em silêncio, me sentei na cadeira em frente a ele. Peguei a outra embalagem e servi em meu prato, me sentindo uma criança acuada pega fazendo bagunça. Odiei aquele olhar que Victor Hugo me dirigiu. Gostaria de poder enfiar meu garfo na garganta dele.

— Seu ex apareceu aqui hoje. — Ele deu um sorriso frio que foi capaz de congelar meu movimento de levar duas bolinhas de nhoque à boca.

— *Como*?

Victor Hugo deu aquela risada arrogante que eu odiava.

— Aquele ruivo sardento folgado apareceu aqui hoje, disse que veio resolver as coisas pessoalmente. — Largou seus talheres, largou as costas na cadeira e cruzou os braços. — Vocês andaram se falando, pelo visto. Para ele saber onde você mora.

Nem cheguei a colocar uma porção na boca e meu estômago revirou com a acidez na voz do médico.

— Eu não sei como… — murmurei. — Não consigo entender o que ele veio fazer aqui, eu o bloqueei.

Ele fez algo que era o meio do caminho entre bufar e dar uma risada.

— Conta outra. — Victor desistiu da postura julgadora. Voltou aos talheres e parou de me encarar, deixando claro que não queria perder seu tempo comigo. — De mentirosa na minha vida já basta uma.

Entendi o que ele grunhiu, mas deliberadamente fingi que não.

— É sério, Victor. — Impostei a voz, fazendo com que ele me olhasse. — Eu tirei Ricardo da minha vida naquele sábado. Ele tá bloqueado, se apareceu aqui é porque não conseguiu falar comigo no celular. Não preciso te provar que estou falando a verdade, mas eu estou.

Victor Hugo remexeu a comida e mordeu a boca, sem me responder de primeira. Quando desistiu de brigar com as vozes em sua cabeça, voltou a comer em silêncio. Tentei imitá-lo. Estava faminta, havia passado a tarde inteira no escritório da Beca, acertando valores e trâmites processuais.

Estava animada para contar a ele que eu finalmente havia encontrado alguém que quisesse me representar e que as coisas não estavam tão ruins para o meu lado. Mesmo com o sumiço do dono da casa, poderíamos ir atrás da imobiliária.

Mas com aquele playboy desgraçado me tratando mal daquele jeito, ele que se ferrasse. Pegasse o advogado caro dele e enfiasse no rabo.

— Botei ele para correr. — Seu murmuro me fez engasgar.

Tossi algumas vezes até alcançar o copo com suco. Levei alguns goles para conseguir respirar direito de novo.

— *Você*… Meu Deus, qual foi a merda que você fez?

Lembrava bem da cara que ele havia feito quando soube do que Ricardo havia feito. Tinha certeza de que, se meu ex estivesse perto, Victor Hugo teria afundado seu nariz no soco. Muito possivelmente, teria perdido o réu primário.

— Disse que você não estava mais disponível para ser a boneca erótica dele. — Ele não conseguiu segurar o sorriso no canto da boca antes de sussurrar: — E talvez eu tenha falado algumas coisas que deram a entender que eu tenho parentesco com facções criminosas.

— Victor Hugo, você ameaçou o meu ex-noivo?

Dessa vez, ele arqueou as sobrancelhas em divertimento. A sombra pesada de raiva desapareceu dos seus ombros encolhidos em ironia.

Não sabia qual sensação se apossava do meu corpo. Se raiva, por ele ter se metido onde não havia sido chamado. Incredulidade, pelo absurdo de suas palavras. Ou, talvez, surpresa.

De todas as coisas que imaginava sobre Victor Hugo Fagundes, ele ameaçar Ricardo por minha causa estava nos últimos lugares da lista.

Aquele homem era imprevisível, disso eu já sabia. Só não imaginava o ver com o sorrisinho de canto, esperando a minha reação. A criança flagrada fazendo merda havia sido ele.

— Desse jeito, eu vou achar que você está com ciúmes de mim. — Senti minhas

bochechas esquentarem. Precisei morder o lábio para conter meu sorriso.

— Mas eu tô, Lara. Estou morrendo de ciúmes de você. — Victor Hugo nem hesitou ao atirar as palavras em mim. Eu que lidasse com o peso delas.

Congelei mais uma vez em sua frente. Entretanto, senti meu queixo cair.

Não estava acostumada a lidar com pessoas, homens, principalmente, sendo brutalmente diretos. Sem rodeios e agindo como idiotas por minha causa. Muito menos um homem como ele.

Havíamos nos beijado duas vezes. Em uma delas, eu fui beijada, após ter tido um dos melhores orgasmos dos últimos tempos.

Não fazia sentido ele ter ciúmes de mim. Com aquele rosto, corpo e conta bancária, poderia ter a mulher que desejasse, quantas desejasse. Ao mesmo tempo, até. Eu era só a estranha com quem ele havia sido obrigado a dividir o teto.

— Para de brincadeira, seu cretino.

— Não é brincadeira. Eu achei que você tivesse falado com ele, marcado de o encontrar aqui em casa.

— E aí você surtou?

— Não surtei, Lara. — Victor revirou os olhos. — Foi um gatilho, só isso. Eu odeio essa coisa de dividir…

— Eu precisaria ser sua para que você pudesse me dividir com alguém. Que maluquice! E não era você que tinha um surto coletivo de noivado aberto?

— Não por opção. — Vi quando franziu o cenho. — Essa é a última configuração que eu gostaria de viver.

— Então por quê…?

— Para de fugir do assunto — ele me cortou, alguns tons de humor em sua voz. — Acabei de dizer que tô com ciúmes de você. O que vai fazer sobre isso? Se eu me lembro bem, alguém tinha reclamado de que eu não fiz meu serviço completo…

Mais sugestivo que isso, impossível. Victor Hugo estava grafitando um outdoor na minha frente, expressando o quanto queria me comer.

Meus *divertidamente*[5] estavam correndo pela sala de controle, gritando e apertando os botões de emergência no meu cérebro. Não imaginava que ele levaria minhas provocações para frente.

Eu nunca havia passado daquela fase no flerte digital.

— Vai comer ainda?

— Não sei… — respondi com as bochechas pegando fogo. Bom, não só as bochechas.

Aconteceu em câmera lenta do meu ponto de vista. Victor Hugo arrastou a cadeira, se levantou e caminhou até mim. Sua mão alcançou minha nuca, por baixo do meu cabelo úmido. Me puxou para que eu levantasse também.

— Vem comigo. — Soprou em meus lábios, perto demais para que eu conseguisse raciocinar direito.

Eu deveria negar. Deveria, pelo menos, me alimentar. O problema era que tudo em meu corpo queria correr para ele.

— Vamos.



Desde a primeira vez que a tive em meus braços, Lara coube perfeitamente. Todas as vezes seguintes, também. Não entendia por que continuava me surpreendendo com o encaixe perfeito do seu corpo no meu.

Ela passou os braços por meu pescoço, e eu a icei para meu colo. Suas pernas abraçaram minha cintura, seus olhos ficaram na altura dos meus. Poderia passar o resto dos meus dias admirando os padrões que o castanho, o dourado e o verde desenhavam em suas íris. Era lindo, fantástico. Etéreo.

Mais esplêndido ainda era assistir as pupilas dilatarem lentamente, tomando todo o espaço colorido. O desejo se arrastando dentro dela, escalando suas células para chegar ao topo. Para a preparar para mim.

— Me beija — sussurrou, deslizando o nariz contra o meu.

Não conseguiria recusar nem se quisesse. Por alguma razão sobrenatural, se tratando de Lara Corrêa, eu estava sempre pronto para a servir.

Fechei meus lábios sobre os dela. Devagar e calmo, massageando a boca carnuda com carinho. Eu a senti me dar passagem para escorregar a língua para dentro e encontrar a sua para a dança mais erótica de todos os tempos.

Lara Corrêa tinha gosto de desejo proibido, do tipo que extermina homens só de pensar. Seus dedos em meu cabelo, afagando meu couro cabeludo, espalharam calafrios de vontade por todo meu corpo. Sua respiração misturada a minha poderia ser meu combustível.

Eu a segurava com um braço, a mão espalmada em sua bunda desprotegida pela calcinha que só servia de barreira imaginária. Deslizei a mão livre por sua coluna, invadindo a camiseta larga que usava de vestido. Sua pele ainda estava quente do banho recém-tomado, o perfume de caju que assombrava meus sonhos era mais intenso do que nunca.

Ignorei a janta sobre a mesa. Caminhei para meu quarto, concentrado demais em seu beijo lânguido para me preocupar com qualquer coisa que não fosse sua boca divina. A jornalista me degustava provocativa, tomando o controle dos meus gestos sem pedir.

Meu sangue parecia fritar minhas veias. Corria ácido, queimando cada tecido que tocava. As veias do meu pescoço pulsavam, assim como a minha virilha tensionada pela ereção bruta apertada em minha cueca. Queria tanto aquela garota, era como se meu corpo fosse derreter apenas por a tocar.

Era uma tortura.

Era uma delícia.

Só percebi que o beijo ganhou intensidade quando Lara mordeu meu lábio e chupou minha língua em um prelúdio indecente do que faria com meu o cacete. Minha mão, que a apoiava em meu colo, apertou a carne farta da bunda com força. Seus dedos buscaram a gola da minha camiseta, lutando para tirar a minha roupa.

Eu a coloquei sobre a minha cama e adiantei o processo. Puxei a barra da camiseta e a fiz voar pelo cômodo sem me importar onde pararia. Porém, antes de avançar sobre a jornalista, vi seus olhos curiosos prescrutarem o ambiente.

— Seu quarto é legal. — Ela nunca havia estado ali, assim como eu nunca estivera no seu. Sorri em compreensão.

Estávamos furando algumas barreiras naquela noite.

— Depois te conto a história de cada uma dessas fotos. — Apontei para o mural magnético atrás dela, sobre a cabeceira da cama. Era ladeado por alguns posters e por uma camisa emoldurada, autografada por ídolos do meu time de futebol.

Se as outras paredes da casa eram meu museu, aquela era do Victor que eu não apresentava para quase ninguém.

— Eu sabia que você torcia para o Fluminense — comentou ácida.

— Ah, é? — Apoiei meu joelho no colchão para cobrir seu corpo com o meu.

Lara assentiu ao deslizar as mãos delicadas por meu peito.

— Você é um playboy rico, nascido e criado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Seria estranho se fosse flamenguista. — A diaba debochada circulou os polegares em meus mamilos sensibilizados, me massageando.

Senti o gemido preso na garganta. O suspiro pesado, no entanto, não consegui segurar. Foi gostoso demais.

— Aposto que você faz parte da mulambada[6], coisinha irritante. — Apoiei um braço no colchão. Com a mão livre, subi a camiseta dela, em busca do seio macio que parecia ter sido desenhado para caber perfeitamente na minha mão.

— Ainda posso te surpreender, doutor Victor.

A risada fugiu do meu peito quando Lara abraçou minha cintura com as coxas. Deu impulso, girando nossos corpos, ficando por cima. Montada com a sua quentura íntima sobre o meu tesão.

Minha boca secou quando a pequena tirou a camiseta. Os mamilos castanhos apontaram rígidos para mim, apetitosos. Apoiei meu peso nos cotovelos para pegar um deles na boca e fazer a mulher arquejar.

Circulei a língua pela aréola, em seguida chupei. Do outro, me ocupei com a mão, espelhando as carícias que faziam Lara engasgar e se esfregar sobre mim. Estava úmida, sem vergonha. Cheia de fome.

Da mesma fome desmedida que eu tinha daquele corpo tentador.

Lara buscou a minha boca novamente. Um beijo destruidor que nada parecia com o que lhe dei na cozinha. Era uma abundância de língua, chupões e mordidas. Vibrava na garganta como rosnados, fluía pelo corpo aos tremores de volúpia. Esmagando meu juízo na caixinha das habilidades que meu cérebro não precisava usar.

Se movendo como água, a mulher escorreu por meu corpo. Os lábios carnudos destruíram cada polegada de pele que encontrou. A língua atrevida rodopiou em meus mamilos, para, então, imitar o que eu havia feito com os seus. Chupou com gosto. Com fome. Com gana.

Esmaguei o lábio inferior com o dente, me recusava a gemer como um moleque. Mas o

que Lara fazia, o modo como demarcava território por minha pele, era enlouquecedor. Conforme descia, as mãos pequenas abaixavam o resto das minhas roupas.

A ansiedade não me preparou para o que sentiu quando Lara Corrêa lambeu a costura dos meus testículos.

Se eu lutava para não parecer ridículo, o som que soltei conseguiu o feito. Um gemido aerado, arrastado e enlouquecido.

— Que lindo, você é sensível aqui… — E abocanhou uma das minhas bolas, enquanto uma das mãos envolveu meu pau em masturbação lenta.

Aquela garota ia me matar.

Não conseguia parar de olhar, fascinado pela língua habilidosa de Lara desbravando pontos do meu corpo que a maioria das mulheres não se interessava. Lambuzava meu períneo, massageava minha virilha e, de levinho, girava o dedo pela minha glande. Apenas o bastante para desmontar a minha pose.

De onde estava, eu a via ajoelhada, com a renda da calcinha perdida entre as bandas fartas da bunda empinada. Segurei seu cabelo, me controlando ao máximo para não puxar. Acariciei os cachos e assisti seus olhos provocativos grudados em mim ao deslizar a língua pela minha extensão.

Eu deveria esperar pelo prazer arrebatador que me envolveu ao ter o pau abocanhado por Lara. Mas, cumprindo sua promessa de me surpreender, a boca gostosa me acomodou com experiência.

Quando, dias atrás, havia a chupado no banho, não imaginava que o contrário poderia ser tão avassalador como era. O sexo oral daquela coisinha irritante era capaz de enlouquecer o mais são dos homens.

— *Puta que pariu*, Lara… — gemi, jogando a cabeça para trás. — Desse jeito, eu…

Estava vindo, eu sentia. Ardia atrás das bolas, arrepiava meus pelos, tremia meus quadris e contraía ainda mais meu pau. O gozo me escalava em desespero, um condenado implorando por liberdade. Revirou meus olhos, dobrou meus dedos, arranhou minha garganta.

No último segundo, a bandida segurou o lugar certo e puxou meu saco, parando meu orgasmo. Minha cabeça zumbiu na hora.

— Sua… — Tentei puxá-la de volta para o lugar de onde não deveria ter saído, mas ela desvencilhou do meu toque bêbado de prazer.

Lara riu da minha agonia. Levantou, virou de costas para mim e dobrou o corpo para tirar a calcinha.

Sede era pouco para o que senti naquele momento ao vê-la inchada e escorrendo mel pelas dobras. Estava tão excitada quanto eu. Ou mais, se fosse possível por natureza.

A jornalista subiu as mãos pelas laterais das pernas, me provocando conforme erguia o corpo. Ao passar pela bunda, segurou as bandas, apertando e sacudindo. Me fazendo aguar.

Minhas mãos coçaram. Ergui uma delas para puxar o corpo da mulher para mim, mas ganhei um tapa.

— Você quer? — provocou novamente, fincando os dedos na própria bunda, antes de estalar um tapa bem dado. O tapa que eu queria dar desde que pus meus olhos nela.

Assenti em aflição, hipnotizado pela vulgaridade que Lara me entregava. Foi inevitável envolver meu pau com a mão, estava dolorido de tão duro. A punheta lenta quase me levou ao ápice.

A coisinha safada montou sobre mim novamente, lambendo meu rosto e puxando meu cabelo. Substituiu meu toque pelo seu, abraçando o comprimento com os lábios menores da

boceta.

Ela me usou para se dar prazer. Roçou em meu pau como uma adolescente na puberdade faz com o travesseiro favorito, gemendo feito puta. Me melou do seu tesão. Encontrou o resto do meu desespero e o arrancou de mim.

Desde a primeira vez que nos beijamos, eu imaginava que seria eu a dominar Lara Corrêa em nosso primeiro sexo. Ela parecia tão rendida, tão responsiva… Jamais imaginaria que aquela garota tão mais nova do que eu pudesse fazer aquele estrago comigo.

— *Lara*, Lara, por favor… — Era ridículo pensar que eu implorava.

— Isso, Victor, geme meu nome.

O vai-e-vem do seu corpo puxou o último ponto de tensão do meu. O orgasmo que me havia sido negado, explodiu de mim. Com grito, com tremedeira, com desespero e porra sujando nossos corpos.

Naquele momento, eu era o homem mais satisfeito e mais infeliz do mundo. Queria mais da perversão daquela coisinha safada.

Lara mordeu meu lábio inferior e se afastou devagar de mim. Meu sêmen espalhado em sua barriga, baixo vente e um pouco nos lábios externos. Ela sorria como uma demônia do sexo ao se sentar de frente para mim, com as pernas bem abertas e a boceta exposta.

Eu me perdi mais um pouco ao perceber que ela colheu minha porra da barriga para esfregar no próprio clitóris, me usando, mais uma vez de *sex toy*. Um lubrificante, dessa vez.

Arfei ao perceber o que fazia. Me encarando com devassidão, massageando o grelo com meu esperma, ela se masturbava e fazia seu espetáculo.

Meus dedos pinicaram. O cansaço que havia me abraçado, se esvaiu. Minha respiração parou entre o pulmão e a garganta quando Lara enfiou dois dedos melados do meu gozo dentro da boceta.

Uma loucura sem tamanho. Irresponsabilidade de primeira categoria. Um atentado a todas as boas práticas indicadas pela Organização Mundial de Saúde.

Era a porra mais sexy que eu havia visto na vida.

Endureci de novo. Eu queria o mesmo caminho dos seus dedos.

— Eu disse que você não dava conta… *ah*! — Lara se interrompeu quando os joelhos tremeram.

Os olhos lindos reviraram, a boca escancarou em um grito lascivo.

A filha da puta estava gozando. Sem mim dentro de seu corpo. *Isso*, eu não podia aceitar.

Não esperei que o orgasmo oportunista tomasse seu corpo. Passei meu braço por sua cintura, colando minha boca na sua. Lara ainda gozava quando a beijei enlouquecido de luxúria.

Pronto para outra, como jamais estive.

Meus lábios esmagaram os delas, mas mantive meus olhos abertos. Eu a vi se entregar a mim, cravando as unhas em meus ombros. Membros amolecidos e respirando com dificuldade.

— Nem pense em apagar agora — sussurrei com a boca grudada em seu pescoço. — Sabia que caju é a minha fruta favorita?

— Como assim?

Sorri para seus olhos estreitos pela confusão. A cachorra provocadora se recolhia para a garota doce voltar à superfície. Eu queria as duas, mas minha alma ardia para dobrar a puta inconsequente sob mim.

Da meiga, eu cuidaria depois.

Girei o corpo de Lara em meus braços, a colocando de bruços no colchão, com

brusquidão. A garota me encarou por sobre o ombro, um ínfimo sorriso ergueu o canto da boca quando puxei seu quadril para cima. De quatro para mim.

Era a minha vez de degustar aquela bandida.

Desde o primeiro momento, o gosto dela havia sido uma perdição para mim. Daquele jeito, que eu podia morder e amassar sua bunda gostosa, marcar a carne clara e arrastar minha língua de uma extremidade à outra, poderia ser o meu ópio.

Do clitóris ao cu apertadinho, lambi ávido só para escutá-la miando meu nome. Seu gosto adocicado de fêmea se mistura ao salgado do meu, a combinação perfeita. Era como se tivéssemos sido feitos para aquilo. Uma foda suja e sem limites, em que qualquer um poderia enlouquecer.

Usei os dedos para massagear o nervo sensível. Com a língua, devorei o anel. Lara, torturada, agarrava os lençóis em súplica. Provando do próprio veneno.

Sabia que a garota estaria supersensível pelo orgasmo, da mesma maneira que ela sabia que eu estaria ereto novamente quando tocou a siririca mais pecaminosa do mundo para mim.

— *Vi*, ai… — Eu adorava como meu nome saía da sua boca ao sentir prazer. — Não para!

Um solavanco fez o quadril de Lara fraquejar. Ela estava perto, a boceta pulsando na minha mão não mentia. Nem o ânus piscando na minha língua.

Eu deveria ter pegado uma camisinha, assim como não deveria ter deixado que ela fizesse aquela loucura. Ninguém sabia o que aconteceria na manhã seguinte, mas, naquele momento, não me importava. Só queria foder Lara Corrêa do jeito que ela merecia.

Como a boa puta gostosa que era.

A boceta recebeu meu pau sem aviso. Atolei fundo, agarrado às ancas da mulher. Engoli seco quando as estrelas piscaram atrás dos meus olhos. Era gostosa demais, como se fosse feita sob medida para mim.

Comecei a me mover sem gentileza. Era veloz, intenso e forte. Minha pelve estalava na bunda dela, assim como minha mão enchia a carne dos tapas que precisava receber.

Chupei um dos meus dedos médios antes de o escorregar pelo anel lubrificado de Lara, ela gritou meu nome. Não de dor, mas de prazer. O mais cru e honesto prazer que uma mulher poderia sentir.

— Piranha gostosa — arfei em meio as estocadas.

As reboladas que me envolveram denunciaram o quanto Lara gostou de ser xingada. Então continuei.

Puta, cachorra, vadia. Toda uma sorte de adjetivos que serviam apenas para qualificar o óbvio. Lara era perfeita para mim. Safada do jeito que eu gostava, desprendida. Completamente irresponsável na cama. Confiante e deliciosa.

Maluca até o último fio de cabelo.

As paredes estrangularam meu pau. O tremor no quadril feminino não tinha nada a ver com a minha movimentação feroz, que dava solavancos em seu corpo. Era seu organismo se desfazendo em êxtase.

— Caralho, Victor. — Seu murmurar foi resultado do meu puxão em seu cabelo.

— Eu sei, *minha puta deliciosa*. Vem comigo.

E ela veio. Me espremendo por dentro, mordendo meu travesseiro e enfiando as unhas no meu colchão, Lara gozou enlouquecida. Seus sucos escorrendo em uma ejaculação onírica.

Fui obrigado a mergulhar na mesma sensação que abraçou seu corpo delicioso. Era demais para aguentar. A entrega, o desejo, o prazer animalesco de a foder no pelo. O instinto

primal de encher aquela garota do meu líquido.

Tudo me arrastou para o fim derradeiro.

Cravei os dedos na bunda dela, a segurando no lugar enquanto me esvaziava com urros que arderam minha garganta. De tanto prazer, cheguei a curvar meu corpo sobre o dela quando a preenchi.

Foi inevitável tombarmos no colchão. Da mesma maneira que não pude me impedir de passar o braço por suas costelas e a colar em meu peito. Nossos corpos encaixavam perfeitamente em uma cama.

Eu não me referia apenas ao sexo.

— Retiro o que eu disse. — Escutei seu sussurro divertido. — Você dá conta sim, seu cretino.

Talvez a física não permitisse, mas tentei grudar nossas peles ainda mais. Meu coração parecia uma bateria dentro do peito. Não sabia dizer se era pelo fluxo enlouquecido de sangue, circulando frenético por meu corpo, ou se era outra coisa.

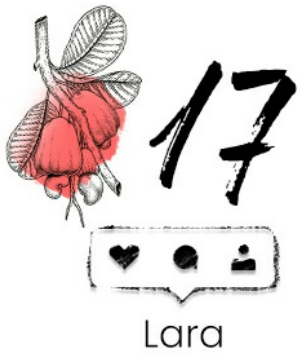
A mesma coisa que me fez ameaçar aquele ex ridículo dela. A origem daquele ciúme infundado que me engoliu.

— Quer saber de uma coisa, *minha* coisinha irritante…?

— Agora sou sua? Evoluí? — Sua risada saiu exausta ao me interromper. — Então acho que você pode começar a pensar em me dividir com os outros.

De costas para mim, ela não poderia ver minha reação. Mas a fuzilei com os olhos. Esperava que não repetisse aquela merda nunca mais.

— Você me estressa até quando me faz gozar, Lara Corrêa. Você é o cão.



O travesseiro a que eu estava agarrada era milhares de vezes mais macio do que o que eu dormia todas as noites. Cheirava a shampoo importado e era maior do que o necessário para o meu pescoço.

Por um minuto, esqueci que havia dormido com Victor Hugo.

Não, dormido não.

Eu havia transado com Victor Hugo das maneiras mais doidas e safadas que alguém poderia imaginar.

Estiquei a mão para a mesa de cabeceira, tateando a esmo em busca do meu celular para verificar as horas. Certamente, eu estava atrasada para o trabalho, mas não conseguiria confirmar. Havia deixado meu telefone em meu quarto. Longe de qualquer coisa parecida com um carregador.

— Puta merda — murmurei ao recolher a mão. Porém, no meio do caminho, uma caixinha de papelão encontrou meus dedos, me fazendo largar da preguiça e abrir os olhos de uma vez.

Ao alcance das minhas vistas uma caixa de chocolates de uma das marcas mais caras do mercado — uma das minhas favoritas também. A embalagens vermelha das trufas Dengo, que eu só comprava uma vez a cada passagem do cometa Harley por custarem dois rins e um pedaço do pulmão, era acompanhada da caixinha menor. Branca, com desenhos rosados e a marca do laboratório em destaque. *Neodia*.

Não teve como segurar a risada. Victor Hugo era tão prepotente a ponto de achar que eu havia permitido que gozasse dentro de mim por ser uma irresponsável. Ou pior, por achar que eu queria engravidar. Qualquer uma das hipóteses, o fez comprar uma pílula do dia seguinte e me dar de presente.

Como era possível que alguém tão gostoso fosse tão idiota?

Chutei a roupa de cama, peguei as caixas na intenção de seguir para meu quarto e tentar correr atrás do prejuízo de pelo menos não precisar ficar até mais tarde na revista. No entanto, um bilhete rabiscado preso no mural magnético, entre uma foto dele adolescente segurando um cachorro e a do dia da formatura, chamou a minha atenção.

Academia e mercado. Volto já.

— Tá bem. Então, sozinha. Okay.

Alcancei meu celular assim que cheguei ao meu quarto. O guerreirinho estava com

quatro por cento de bateria, mas era forte o bastante para me mostrar que não estava atrasada. Na verdade, tinha acordado mais cedo do que fazia.

Deu tempo de tomar banho com calma, escolher a roupa minuciosamente e até fazer uma maquiagem mais elaborada. Não mais forte do que o normal, mas demorei mais tempo do que o necessário cobrindo os chupões em meu colo e atrás da orelha.

Graças a Deus, as marcas mais graves eram cobertas pela calça pantalona. Minha bunda era uma tela e os tapas e mordidas da noite anterior foram os traços do artista que pintou aquele quadro.

Nada de praia esse final de semana.

— Achei fosse dormir mais hoje. Bom dia, coisinha irritante. — Victor Hugo invadiu meu espaço, passando os braços por minha cintura e dando um beijo em minha testa.

Não havia o escutado chegar. Mas tudo bem, escutando música quase no último volume, eu não teria escutado o médico chegar nem de helicóptero.

— *Alexa, parar música* — pedi à assistente virtual ao enlaçar o pescoço de Victor. — Bom dia, cretino.

Ainda não havia passado o batom vermelho que planejava, beijar a boca dele não foi um grande sacrifício. Não um beijo provocante que o faria me jogar na cama e me impedir de sair de casa pelos próximos quatro dias, mas um beijo lento e carinhoso. Cheio de tons de “não gostei de acordar sem você”.

Não que eu me importasse. Seu abraço era meu mais novo lugar de conforto.

— Dormiu bem? — Chupou de levinho meu lábio inferior antes de roubar o último selinho.

— Como uma criancinha. E adorei o chocolate, são os meus favoritos. — Me desvencilhei de Victor Hugo para pegar a caixinha da pílula sobre a minha penteadeira lotada de cosméticos. — Só não preciso disso aqui.

O médico franziu o cenho, um pouco intrigado, um pouco desconfiado, mas segurou o medicamento.

— Tem certeza?

Sorri em ironia para ele. Em seguida, ergui meu braço e tateei a parte interna em busca do fio que mantinha a minha vida no lugar há mais de um ano. Quando o achei, puxei a mão de Victor e fiz com que apertasse a pele ao redor do implante anticoncepcional.

Mesmo sendo cirurgião, acostumado a abrir pessoas e mexer em órgãos, a cara que ele fez ao sentir o bastão se projetando sob a minha carne foi impagável.

Victor Hugo trancou os olhos e puxou os dedos para longe de mim, os esfregando na barra da camiseta em aflição.

— Que horror, Lara!

— O quê? Você costura pulmões e tá sentindo nervoso por causa de um anticoncepcional?!

— *Sim*?

Revirei os olhos, me enfiando em seu abraço de novo. Os braços imensos, musculosos, se adiantaram para me envolver. Arrastei a ponta do indicador de leve pela linha marcada da mandíbula.

Aquele homem, daquele tamanho todo, fechou os olhos para a minha carícia. Quase ronronou.

— Pode ficar tranquilo, doutor Victor. Não temos, e jamais teremos, um bebê ladrão de geladeiras dentro da minha barriga. — Ele torceu a boca para as minhas palavras, como se

fossem amargas.

Não devia sentir empatia por ele naquele momento. Assim que terminei de falar, estava arrependida de as ter dito. Por alguma razão, a ideia me parecia absurda. Tanto quanto a sensação que esse pensamento me causava. Era uma sucessão de absurdos, um lutando contra o outro dentro da minha cabeça.

— Tem café pronto? — Tentei quebrar o peso do clima.

Victor Hugo meneou a cabeça em um aceno positivo. O sorriso compreensivo que se espalhou em seu rosto me indicava que não respondia a minha pergunta, mas, sim, agradecia por ter sido eu a mudar de assunto.



Odiava dia de reunião de acionistas na revista. Sempre voltava para casa parecendo que um trator havia me atravessado, de tanta tensão em meus ombros. Era estressante para qualquer pessoa que tivesse o CNPJ da Finesse na carteira de trabalho.

Vivian operava no modo robô e esperava que todo o resto de nós seguisse o mesmo ritmo. Era o único dia do semestre que eu odiava que ela fosse minha chefe, sempre chegava mais tarde em casa.

Pelo menos, dessa vez, eu fora bem comida. Deu para suportar plenamente as primeiras quatro horas de operação de guerra. As outras seis, passei azeda. Mas aí, já não havia milagre que o pau de Victor Hugo pudesse fazer por mim.

As risadas invadiram meus ouvidos assim que abri a porta. Fechei os olhos, frustrada.

Ainda tinha isso.

Mariabia estava sentada no meu sofá. Seu cabelo preto e liso, jogado sobre um dos ombros. Os olhos estreitos quase fechados pelo riso frouxo. Sua pele estava salpicada de vermelho nas bochechas. Eu não sabia dizer se era por causa da piada que perdi, ou por causa da taça de vinho em sua mão.

Já Ashanti, estava no chão. As pernas cruzadas, uma mão apoiada nas tábuas corridas e uma taça de vinho igual a de Mariabia. As tranças longas tinham as pontas acobreadas, dessa vez. Mesmo que sua pele negra não corasse, eu conhecia aquela gargalhada.

Das duas uma: ou as duas estavam bêbadas com vinho ruim, ou Victor Hugo se esforçava para ser um anfitrião mais legal do que era colega de quarto.

Ele estava no outro sofá, tagarelando com gestos imensos sobre alguma passagem de sua vida que nunca havia me contado. Algo a ver com capivaras na praia do Recreio, na Zona Oeste da cidade.

Eu nem podia ficar brava com ele. Esqueci que havia marcado com as meninas, a reunião fritou meus miolos. O médico fez a sala que eu não consegui.

— Lara, você disse que ele era o demônio! — Ashanti pulou do chão assim que pôs os olhos em mim.

O abraço veio esmagador como sempre vinha. Minha amiga, a bruxa celta-vegana-natureba, era cheia de gestos expansivos. Sempre que eu chegava exausta da Finesse, ela me fazia engolir um sorbet de manga, morango, canela e maracujá. Dizia ser uma poção de revitalização de energias, mas eu sabia que no fundo, a magia da coisa estava no seu carinho.

— E ele é! — Eu me defendi. — Só está fingindo que é legal para vocês. Não confiem nesse homem, ele rouba geladeiras.

— Você ainda não pagou a geladeira, Fagundes? — Mariabia estreitou os olhos para o meliante. A risada aberta se transformou em indignação. Eu sabia que o apelido secreto pejorativo estava coçando para sair.

Ela queria chamar de Fagundinho.

Sorri vitoriosa. Pelo menos uma delas não havia passado para o lado do cínico.

Em contrapartida, Victor Hugo ergueu os braços em sinal de pacifismo ao mesmo tempo que levantou e cruzou o espaço até mim.

— Se eu devolver a geladeira, ela perde o motivo que tem para falar comigo.

Fui surpreendida quando o médico me tirou do abraço de Ashanti. A mão que puxou a minha cintura grudou meu corpo no dele. O beijo veio antes que eu pudesse impedir.

Antes que eu conseguisse negar.

Os lábios de Victor massagearam os meus com carinho. Não teve língua, se tivesse, acabaríamos na cama de novo. Eu sabia. Ele sabia. Minhas amigas sabiam. Bastava ver os olhos arregalados que me dirigiram assim que o homem descolou a boca da minha.

— Sentir saudade de você me irritando, coisinha gostosa.

Arregalei os olhos na mesma medida das meninas para ele. Termos fodido uma vez não significava que ele precisava me tratar como se fôssemos um casal. Muito menos criar inúmeras variações do vocativo que usava para me irritar.

Eu não era uma coisinha. Era um mulherão!

Um mulherão que o fizera gemer igual a uma garotinha, na noite anterior.

— Então não sinta. — Torci um bico ao me afastar do seu corpanzil. — É só seguir a sua rotina, como tem feito sempre.

Victor Hugo sorriu diabólico.

— Quero mudar a minha rotina. Dar mais emoção, mais movimento. Deixar mais prazerosa. — O que poderia ser traduzido como “quero te comer todos os dias, a partir de agora”.

E se eu entendi, Mariabia também.

Minha melhor amiga cruzou os braços, arqueando uma sobrancelha para mim. Encolhi os ombros ao suspirar, nem sabia como responder ao seu questionamento mudo.

Ashanti tinha a reação oposta. Com as mãos na cintura e o sorriso mais sacana do mundo, ela balançava a cabeça em uma negativa que mais parecia concordância. A única coisa que poderia unir aquelas duas, tão diferentes, era seu amor por mim. Definitivamente.

Não que eu amasse Mariabia mais do que amava Ashanti. Só que a primeira havia me conhecido na adolescência, quando eu ainda alisava o cabelo. Me viu dar o primeiro beijo, perder a virgindade, quebrar o pulso, deslocar o ombro e tomar meu primeiro porre. Sua cara de bunda nem sempre significava julgamento, às vezes era só não saber como reagir.

Exceto naquele momento. Ali, Maria Beatriz estava me julgando com toda força que cabia em seus um metro e setenta.

— Vou deixar vocês à vontade, meninas. — Victor Hugo se afastou, com um sorriso que poderia ser lido como cortês por quem não o conhecia. O problema era que eu sabia que aquela curva em seu rosto significava um ponto marcado em nosso placar imaginário na disputa mais

imaginária ainda dos nosso gênios. O filho da puta me colocou em maus lençóis de propósito. — Se precisarem de mais vinho, podem pegar na adega.

— Obrigada, Victor. — Ashanti acenou.

— Vamos precisar, Fagundes. — Mariabia se esforçou para dar um sorriso ao ver o médico desaparecer pelo corredor.

Mal deu tempo de tirar meus sapatos e sentar antes de ser bombardeada pelas perguntas.

— Estão trepando há quanto tempo? — Mariabia atirou a queima-roupa.

— Ele é bom de cama? Parece um cara legal, fico feliz que você tenha finalmente superado o Ricardo. — Ashanti tocou minha mão.

— Ele tem noiva, Ash! — Mariabia rosnou.

— Ele tem noiva?! — Indignada, a bruxa celta-vegana-natureba deu um pulo para longe de mim como se eu fosse um poço de radioatividade. — Lara, eu jamais esperaria isso de você!

— Não, Ash, não é isso! — exasperei, tentando segurar a risada de nervoso. — Quero dizer, é. Mas não desse jeito, o relacionamento dele é aberto.

Era como se um terceiro olho tivesse nascido na minha testa. Ashanti inclinou a cabeça, fazendo seus cálculos imaginários. Era o próprio meme da confusão vivo.

Já estava sendo julgada, então roubei a taça de Mariabia e bebi o último gole. Ela não era muito dada a abraços, mas sempre deitava com a cabeça no meu colo. Quando o fez, soube que a fisioterapeuta não queria comer meu fígado acebolado com batatas no jantar.

— Ele parece bem envolvido por você — ela comentou.

— Sim, vocês fazem um casal lindo, Larinha.

— Não somos um casal, Ash. — Bufei. — E ele não tá envolvido, essa reação nem faz sentido. A gente fica se bicando o dia inteiro, passamos oitenta por cento do tempo implicando um com o outro…

— E nos outros vinte por cento, vocês transam? — Ashanti debochou.

Até Mariabia me encarou em expectativa. Ela sabia que, se estivesse mesmo transando com Victor Hugo há tanto tempo, eu não diria nem sob tortura. Só que dessa vez, era verdade. Só tinha transado com Victor Hugo uma vez.

Bem, isso se eu não considerasse o sexo oral no banho uma transa. Aí seriam, duas.

Mesmo assim!

— Gente, é sério. Só ficamos uma vez. Foi uma delícia, mas foi só uma vez. — Minha explicação reticente arqueou a sobrancelha bem-feita de Ashanti.

— E vai ter outra, né?

— Se ele for agir desse jeito sempre, fingindo de meu namoradinho, não. — Nem eu acreditava na minha resposta.

Mariabia muito menos.

— Só fico preocupada, Lara. O Fagundinho tem um compromisso. Você pode ser só…

— Diversão, eu sei. — Sorri compreensiva. Convincente o bastante para não transparecer a boca amarga. — Mas ele também é minha diversão. É só sexo, eu sei me cuidar sobre isso. Vocês sabem, eu quase não demonstro sentimentos sobre nada.

Ashanti se sentou ao meu lado, passando os cabelos de Mariabia sobre as pernas. Se juntou a mim no carinho nas madeixas da outra.

— Amiga, eu sei que você diz que é só carnal, mas…

— Ash, não começa — Mariabia riu.

— … eu tenho um feitiço ótimo para fazer aquele homem ficar solteiro rapidinho. — Ash chegou a estalar os dedos. — Se você quiser é claro.

Não conseguia me manter séria com aquelas duas. Minha gargalhada escandalosa com certeza foi ouvida por Victor Hugo do outro lado da casa. Bati palmas, me engasguei, ri até que lágrimas brotassem nos cantos dos meus olhos.

Se Mariabia estava disposta a ir presa por matar um homem que me enchia o saco, Ashanti estava disposta a encarar todos os litros de karma do universo por mim.

Eu estava errada o tempo inteiro. Não era sozinha como gostava de me torturar pensando. Eu as tinha. Isso bastava.



Circulei o polegar sobre o bico do seio coberto pela blusa de Lara. A carícia era menos erótica do que eu gostaria que fosse, mas a vi expirar com mais força.

A jornalista estava concentrada no tablet, trabalhando. Analisava um documento ou qualquer coisa do gênero. Circulava trechos, grifava frases e tomava notas. Não se importou quando me esgueirei para seu quarto e me espremi em sua cama.

Tampouco reclamou quando me sentei, com as costas na cabeceira da cama de casal, com as pernas ao lado do seu quadril. Ao contrário, chegou para frente, me dando mais espaço. Em seguida, colou as costas em meu peito e fingiu que não se importou quando mudei o canal da televisão.

Ela odiava a intimidade que eu gostava. Toda vez que invadia seu espaço, Lara me afugentava. O problema era que eu me esforçava demais em ignorar suas demandas de afastamento, da mesma maneira que ignorava suas queixas sobre a maldita geladeira.

— Você tá me atrapalhado — resmungou.

— Não tô segurando suas mãos. — Acariciei o mamilo mais uma vez sobre o tecido. Estava eriçado, queria a minha atenção tanto quanto eu queria a dela.

— Tá segurando meus peitos.

— Você trabalha com os peitos?

Ultrajada, Lara abaixou o tablet e me encarou por sobre o ombro. Melhor dizendo, a coisinha irritante, irritada no caso, me fulminou com os olhos como se eu fosse indefensável.

Não era crime tocar seus seios, se ela permitia. Em qualquer oportunidade, eu fazia. Eram deliciosos, oras!

— Victor Hugo, eu vou te expulsar do meu quarto, se não tirar a mão dos meus peitos.

— Okay, vou tirar. — Suspirei, fingindo derrota. No entanto, invés de tirar as mãos de seu corpo, apenas as desci para o short, as fechando em concha sobre a boceta.

— Eu preferia quando você fingia que me odiava. Pelo menos eu conseguia trabalhar. — Sua reclamação me fez sorrir. Ela não me mandou parar em momento nenhum.

— Nunca fingi, eu realmente te odiava. Mas você é uma gostosa e se eu te quero, tenho que lidar com o pacote completo. A bunda linda e o gênio do caralho, um não existe sem o outro.

Ela não sabia se ria de nervoso, se batia nos meus pulsos ou se tentava se levantar.

Um dos meus esportes favoritos era deixar Lara sem jeito com a minha honestidade brutal. Ela nunca tinha resposta, então sempre ficava corada. Envergonhada por não saber lidar

com aquele meu lado cara de pau.

Eu mesmo tinha esquecido que podia ser aquele Victor Hugo. Foi surpreendente para mim ver que ainda existia aquela pessoa sob a minha pele.

Costumava ser aquela pessoa no começo do meu relacionamento com Bianca, sete anos antes. Mesmo que eu tivesse aprendido a me apaixonar por ela. No entanto, Bia nunca reagiu como Lara. Para minha noiva, meus gestos eram indiferentes. Ela ria um pouco e depois seguia a vida. Aos poucos, fui enterrando a minha espontaneidade.

Já Lara, a cada pérola, perdia as palavras. Às vezes arregalava os olhos, outras, mordia o lábio. Sempre ficava nervosa, mas nunca me pediu para parar.

Quando as amigas apareceram, há alguns dias, ela não soube como reagir. Só fingiu que eu não dissera nada. No entanto, tão logo invadi seu banho de novo e a jornalista não conseguiu demonstrar indiferença quando a encaixei no meu pau.

Eu adorava isso. Não precisar fingir ser rígido e objetivo com ela. Já bastava no hospital.

— A sua sorte é que a sua falta de noção é compensada pelo quanto você me come bem, Victor Hugo.

Derrotada, Lara desistiu do tablet e do trabalho e se levantou da cama. Por um momento, achei que fosse tirar a roupa, mas não o fez.

A mulher caminhou até um dos armários, abriu uma porta e começou a examinar cabides de vestidos e macacões. Pegava uma peça, ia ao espelho e posicionava em frente ao corpo. Não agradava, então voltava ao guarda-roupas e repetia o processo.

Na oitava vez, cruzei os braços.

— O que exatamente você tá fazendo? — Franzi o cenho. — Achei que fosse ficar pelada, não brincar de escolher as roupas infinitas da Barbie.

— Não vou ficar pelada, Victor Hugo. Não vamos transar hoje. — Sua voz saiu calma, contrastando com o sorrisinho que se ergueu na bochecha. Conhecendo Lara como eu conhecia, a essa altura do campeonato, sabia que era uma risada de nervoso maldisfarçada. — Tô escolhendo uma roupa para sair. Seus pais vêm hoje te ver e eu vou me mandar para a Lapa com as meninas.

— Por que a gente não vai transar hoje? — É, eu havia ignorado todo o resto da sentença.

— Porque a gente tem transado todo dia. — Foi tão óbvia que quase fiquei ultrajado. — Eu preciso beijar outra boca além da sua antes que eu esqueça como é…

— Você não vai para a Lapa beijar ninguém, nem que eu tenha que te trancar em casa, Lara Corrêa.

A desgraçada riu da minha voz alterada, não dando nenhum crédito à minha ameaça. Era como se meu sangue esquentando e meu salto abrupto do colchão não significassem nada.

A ideia de saber que Lara queria beijar outra pessoa queimou meu estômago. Minhas juntas dos dedos doeram automaticamente, prontas para quebrar qualquer filho da puta que ousasse tocar no que me pertencia.

— Victor Hugo Fagundes, essa aliança no seu dedo não é minha. — Ela agitou os dedos no ar, com o dorso das mãos virados para mim. — Sou uma mulher solteira. Tá vendo? Sem anéis.

Abri a boca para retrucar, em vão. A raiva queimando meus membros era infundada. O ciúme que sangrava a minha visão era ridículo.

Lara não me pertencia.

Meu compromisso era com outra pessoa, então eu não podia exigir nada da coisinha

mais irritante e linda do mundo.

Ainda assim, eu não podia deixar que ela se enfiasse em um de seus vestidos imorais que exibiam suas coxas grossas e empinavam ainda mais sua bunda redonda e saísse à caça pelo Rio de Janeiro.

— Não quero que você vá… — Fiz um muxoxo. — Por que você não fica e conhece meus pais?

Eu soava ridículo e muito emocionado. Mas não conseguia me impedir, eu precisava lutar com as minhas armas para que a mulher não buscasse outro homem. Ela, eu não dividiria de forma alguma.

Não aguentaria.

Droga…

Fechei os olhos e suspirei, o entendimento esmagando meus pulmões feito bigorna. Rafael ia me matar.

— É por isso que a gente precisa parar de trepar todo dia. — Lara mordeu o lábio inferior e deu um passo para trás, criando uma barreira imaginária entre nós dois. — Você tá… confundindo as estações. Não tem por que eu conhecer seus pais, Vi. Não somos nada, nem somos amigos. A gente só transa. E mora na mesma casa temporariamente.

Eu não estava acostumado a duas coisas naquela conversa.

A primeira delas, ser contrariado. Na maioria das áreas da vida, eu costumava ter o que queria. Na faculdade, sempre fiz as matérias e iniciações científicas que quis. Sempre tive a mulher que quis. O emprego dos sonhos era o meu. E mesmo quando meu pai forçou a barra para eu seguir os passos da família e ser cirurgião plástico, consegui seguir o meu próprio caminho. Aquele em que a medicina salvava vidas.

A segunda coisa que me causava estranhamento era a responsabilidade emocional que Lara tinha comigo. O que não fazia sentido nenhum, uma vez que eu era bem mais velho do que ela. O poder naquela… *coisa* que a gente tinha deveria estar na minha mão. Mas não.

Ela sabia que não estávamos na mesma página e não me usava só porque nossa química era do caralho. Ao contrário, propunha que colocássemos um freio antes que esse carro desgovernado no meu peito causasse um acidente.

A comparação era inevitável.

Bianca jamais faria o mesmo.

Eu só não sabia se o que eu sentia por Lara era a carência e a idealização da relação que eu queria viver ou se era outra coisa que ainda não tinha coragem de dar nome.

— Não precisa ser uma coisinha cruel e dizer que nem amigo a gente é. — Foi tudo que consegui dizer.

Ela riu da minha evasiva.

— Quantas variedades de “coisinha” você conhece? Sério, seu dicionário tá melhor do que o meu. E eu sou jornalista.

Revirei os olhos e me forcei a sorrir. Mesmo que Lara tivesse imposto um muro invisível entre nós, puxei sua cintura para um abraço. Não importava o quanto fosse responsável, ela gostava demais do meu toque para recusar.

— Você pode, pelo menos, não transar com outra pessoa? — Engoli a ardência na garganta. — Se transar, use camisinha. Você sabe, a gente não usa e…

— É claro que eu vou usar camisinha, Victor.

— Não usou comigo. — Arqueei uma sobrancelha, ignorando o fato de que ela realmente estava decidida a ir para cama com alguém.

Lara fez um biquinho irônico.

— Não sei o que deu na minha cabeça na nossa primeira vez. Mas não faço isso por aí, eu sou bem responsável. Só que você…

Adorava quando falávamos de sexo. Especificamente, do nosso sexo. Nublava a minha mente e me entorpecia. Éramos bons demais naquilo.

— Te deixei com tanto tesão que você não resistiu, né? — Inclinei a minha cabeça para murmurar em sua orelha. A voz grave, transparecendo a minha vontade daquele corpo atrevido. — Tão molhada, querendo meu cacete enterrado fundo em você.

A pele arrepiou em meus braços quando beijei o ponto atrás da orelha. No entanto, as mãos delicadas espalmaram em meu peito. Quase indignadas, me afastando.

Ela me conhecia o suficiente para saber onde eu queria chegar. Da mesma maneira que eu sabia o que viria a seguir. Não consegui conter o sorriso debochado.

— Victor Hugo, eu disse que não vamos transar hoje.



Isabel e Antônio Carlos Fagundes eram o que a maioria das pessoas costumavam chamar de nata da alta sociedade médica carioca.

Papai, o doutor Fagundes filho, era herdeiro do legado do meu avô. Pioneiro em diversos procedimentos cirúrgicos, especializado em cirurgias de abdome, mamas e costas, além de transplante capilar para os empresários ricos donos do PIB do sudeste. Nas horas vagas, exercitava seu lado filantropo fazendo enxertos de pele em vítimas de incêndios que não podiam pagar pelo tratamento. Duas por ano, no máximo.

Mamãe era arquiteta especializada na área de estética e saúde. Trabalhou em escritórios boutiques quando eu era criança, mas abriu seu próprio negócio quando entrei na faculdade. Ela era responsável pelos *lounges* de alguns hospitais de luxo no país todo, fora os consultórios que atendiam as estrelas na Barra da Tijuca.

Todo mundo lá em casa era envolvido com medicina de alguma maneira. Até a vovó, esposa do doutor Fagundes original, era da saúde antes de se aposentar. Havia sido ortodontista.

Houve um período em minha vida que cogitei trabalhar com algo diferente. Pensei em ser piloto da aeronáutica, terapeuta ocupacional e até bombeiro. Eu gostava de fingir que tinha alguma opção diferente além do caminho que eles desenharam para mim desde antes de eu nascer.

Não que tivessem sido pais ruins, ao contrário. Foram ótimos. Mas, sendo amigo de Rafael e tendo estudado em universidade pública, os óculos coloridos do privilégio foram arrancados do meu rosto.

Eles agiam como se a nossa condição de vida fosse a mesma do resto do país, e estávamos longe demais da realidade.

Esse era o motivo real de eu querer morar distante dos dois. Eu sentia a necessidade de ver o mundo como era. Sem o sufocamento do meu sobrenome e da minha família criticando as minhas escolhas por ser coisa de “gente que não era do nosso nível”.

— A comida está ótima, filho. Pediu de onde? — Mamãe perguntou com um sorriso amigável.

— Eu que fiz. Aprendi a cozinhar no intercâmbio na Argentina, lembra? De lá para cá, aprendi a incrementar a coisa.

Peixe na crosta de sal, risoto de limão siciliano e vinho branco uruguaio. Desde a escolha do vinho até a montagem da mesa, havia feito tudo sozinho. Gostava quando as pessoas diziam

que eu era bom anfitrião. Amava quando elogiavam a minha culinária.

Lara adorava, apesar de eu não ter tempo de preparar um grande serviço todas as noites.

No começo, achei que ela era gentil e que elogiava meu tempero para não ser obrigada a cozinhar — o que seria uma benção para nossas vidas. O que a baixinha tinha de deliciosa, tinha de péssima piloto de fogão.

Discretamente, encarei o visor do smartwatch. Rezava para que o meu desejo fizesse com que uma mensagem dela pipocasse na tela. Contudo, desde a hora que me avisou que encontrara Ashanti e Maria Beatriz, a jornalista estava em silêncio.

As únicas mensagens não lidas eram as últimas de Bianca.

(2d) Bianca diz:
Tô sentindo saudade, amor.
Por que não me ligou mais?

(Ontem) Bianca diz:
Acho que o ritmo no hospital
está mesmo um inferno para você esquecer
que tem noiva, Victor Hugo.

Bianca diz:
Eu juro que se você continuar
me ignorando, apareço na sua porta
para te fazer engolir esse maldito iPhone!

Era mais do que óbvio que eu não queria falar com aquela mulher. Desde a fatídica chamada de vídeo em que estava com outro, eu não havia procurado mais Bianca. Sem mensagens, sem ligações, eu nem sequer enviava figurinhas. Apenas a respondia seco às suas tagarelices fúteis.

Queria muito poder bloquear Bia e fingir que nunca tivemos nada. Só que eu não podia. Tinha coisa demais em jogo.

— Como está a sua noiva? — papai perguntou como se lesse a minha mente. — Tem falado com a Bia?

— Não muito. Ela tá sempre ocupada, voando de um lado para o outro…

— Está, Victor Hugo. *Está*. — Fui corrigido por ele, como se tivesse seis anos de idade. — Não basta esse bairrozinho, você agora fala gírias.

Revirei os olhos, limpando os cantos da boca com o guardanapo.

— Duas horas e você ainda não tinha me criticado, estávamos quase batendo um recorde!

— *Havia*, Victor Hugo…

— Tonico! — mamãe o repreendeu, estreitando seus olhos azuis para ele. Nossos olhos azuis, na verdade. Eu me orgulhava de me parecer com ela. — Seu filho não é mais uma criança, esqueceu? Ele fala como quiser. E com quem quiser.

Senti minhas bochechas queimarem com a arqueada sugestiva da sobrancelha direita que me deu.

Minha mãe tinha todos os defeitos que uma perua rica podia ter, mas ainda era mãe. E conhecia cada átomo do meu corpo.

— Bel, por quanto tempo mais esses dois vão enrolar com esse casamento? Quatro anos

de noivado não foram o suficiente? Aquela garota cabeça de vento deveria pegar o primeiro avião e voltar para o lugar dela, que é ao lado do nosso filho. — Meu pai soou amargurado. Ele odiava quando seus planos davam errado. — É difícil acreditar que os Montenegro tenham criado uma garota tão avoada.

Claro. Os planos do meu pai para a minha vida.

Bianca Montenegro era a filha mais nova da aristocrática e famosa família Montenegro, os fundadores da rede de convênios de saúde Atlas Health. Eram três filhos que seguiram os negócios de administração da empresa e a Bia, que abominava qualquer coisa relacionada a planilhas, contabilidade e logística.

Desde novinha, todos sabiam que ela seguiria qualquer caminho que não fosse o da família. No entanto, tinha direito às ações, assim como os outros irmãos. Ela só não queria cuidar de nada disso.

A história era simples. Três partidas de golfe entre nossos pais, uma Bianca de vinte e seis encurralou um Victor Hugo de trinta e dois no vestiário do Jockey Clube após uma gentileza com uma torção no tornozelo.

Eu ainda não entendia como meu pau havia parado na garganta dela, mas meu pai somou dois mais dois e reagiu como se tivesse ganhado na loteria. O pai dela também.

Para além do dinheiro, colocar meu sobrenome no CPF de Bia alçaria os Fagundes a um nível de prestígio desconhecido por todos nós. E, para o velho Montenegro, era a chance de manter a filha problemática sob controle.

Era praticamente um casamento arranjado.

Gostava de Bianca, ela era divertida, bonita e transava bem. Aprendi a amá-la com os anos, o afeto se construiu. Bom, havia destinos piores do que esse, certo?

Além disso, a iminência do meu casamento com a Montenegro fez meu pai voltar a me olhar com orgulho, desde que recusei a residência em cirurgia plástica. E só aquele semblante no rosto dele fazia valer meu esforço.

Aí, Bianca resolveu ser comissária de bordo para viajar de graça, depois de ter os cartões bloqueados e as contas congeladas pelos pais. Um dia, xingou um passageiro e o resto foi história.

— Pai, o casamento sair não depende só de mim, você sabe. — Dei de ombros. — Não posso ir até a França e arrastar a Bianca até aqui.

Mamãe deu uma risada discreta.

— Seria engraçado assistir, confesso.

Eu a acompanhei por um instante, até ouvir o som de algo caindo na sala de estar, seguido de uma sequência de xingamentos que ofenderiam um marinheiro. Meus pais ergueram os olhos, papai chegou a levantar da cadeira no susto.

Meu coração disparou no peito, sabendo quem seria a única pessoa que seria capaz de fazer aquele estrondo.

— Lara chegou. — Não contive o sorriso ao me levantar.

— Lara é a moça que está “dividindo” a casa com você? — Mamãe estreitou os olhos.

Ela sabia da história toda. Do golpe, do processo, até que eu não suportava passar mais do que dois minutos com aquela coisinha irritante ao meu lado. Mamãe só não sabia o quanto as coisas mudaram nos últimos dias.

— Tem uma mulher dividindo a casa com o seu filho e você não me contou? — papai rosnou. — Porra, Bel, o que a Bianca vai achar?

— Ela sabe, pai. — Revirei os olhos. — Vou ver como a Lara tá. Já volto.

Quem viu de fora, deve ter achado ridículo. Saí da sala de jantar quase saltitando de ansiedade. Como um adolescente idiota ansioso para ver a namoradinha. Cheguei a escutar a risada da mamãe.

Não precisei atravessar a casa para encontrar Lara jogada de costas no seu colchão. Com os braços abertos, respirando com dificuldade e o rosto vermelho.

Os primeiros botões da blusa de seda estavam aberto, expondo o sutiã de renda preta que aguou a minha boca. Seus sapatos estavam soltos pelo caminho, de qualquer jeito.

Eu teria me preocupado se ela não tivesse virado o rosto para mim assim que escutou minha aproximação. Em seguida, abriu o sorriso mais lindo que me direcionou na vida.

Meu coração não devia ter errado uma batida, mas errou.

— Tá tudo bem? — perguntei do batente da porta. Tinha certeza de que se me aproximasse, a beijaria como um desvairado faminto.

Muito provavelmente, nem sairia daquele quarto mais. Se o fizesse, seria com a cara toda suja do batom vinho que coloria a boca carnuda.

— Tô bêbada. — Riu. — Muito bêbada. Você tá girando, sabia?

Dei uma gargalhada da sua voz arrastada. Nunca havia visto Lara ébria, era divertido e lindo.

Tudo nela era lindo, na verdade.

Em que momento aquela garota deixou de ser irritante para ser dona de todo um universo de beleza?

— Te chamaria para conhecer meus pais, mas…

— Ah, caralho! — Lara ergueu a coluna em um pulo, as mãos voando para fechar os botões da blusa. — Esqueci disso. Eles estão aí? Merda, estou fedendo a cachaça barata, não posso ir lá…

— Você tá cheirosa como sempre, coisinha ansiosa — provoquei só para ver o bico indignado que ela me direcionava sempre que a chamava de coisinha. — Cheiro de perfume de caju.

— Sua fruta favorita. — Um sorriso brincalhão se arrastou em seu rosto, seguido de uma mordida tímida no lábio inferior.

Ela lembrava, era claro. Eu fiz aquela confissão em meio ao seu orgasmo, não quando estava em coma.

— É sim.

— Victor, filho, eu…

Girei em meus calcanhares para a voz suave da minha mãe. Parada atrás de mim, tentando espiar dentro do quarto sobre os meus ombros.

Curiosa como só Isabel Fagundes era.

— Oi, mãe. — Eu me posicionei de forma que bloqueasse a visão dela. — O que foi?

— Eu… Você fez sobremesa? — Aquele sorriso amarelo fingido me faria gargalhar em qualquer outra situação.

Ela queria conhecer Lara, não tinha certeza se isso era bom ou ruim.

— Sua mãe é linda! — Olhei por sobre o ombro minha bêbada favorita se esticando sobre os calcanhares para tentar enxergar a mulher que me colocara no mundo.

Entre um saltinho e outro, vi quando Lara tonteou mais.

— Para de pular, você vai ficar mais tonta do que já tá — repreendi.

— Nem se alguém sacudisse meu cérebro. Não sei por que eu ainda tomo aquela caipirinha dos arcos, sempre me derruba.

— Eu sinto a mesma coisa toda vez que bebo martini, querida. — Girei o pescoço para minha mãe. Eu me surpreendi com o sorriso amigável que ela dirigiu para a jornalista.

Relaxei um pouco a postura, apenas o suficiente para Lara se espremer entre meu corpo e o batente da porta.

Impulsiva, a mulher foi direto para minha mãe, envolvendo seu pescoço com os braços. Era uma demonstração de intimidade que ela não teria sóbria.

— É ótimo te conhecer, senhora Fagundes! — Mamãe franziu o cenho para mim, mas abraçou Lara de volta. — Poxa vida, a senhora é bonita mesmo.

— Meu filho teve a quem puxar. — Mamãe deu uma risada confusa. — Você também é muito bonita, Lara. Seu nome é esse, certo?

A jornalista soltou minha mãe, assentindo.

— Por que não jantou conosco? — Aquele tom era o esporro simpático que Isabel Fagundes dava nos meus amigos.

— Não quis atrapalhar, era coisa de família. Além do mais, fui encontrar minhas amigas.

— Eu disse para ela ficar — comentei.

— Você é um chato, Victor Hugo. O que tem de gostoso, tem de chato!

Se mamãe suspeitava de alguma coisa, agora ela tinha certeza. A risada baixa de nervoso que me direcionou foi a bandeira vermelha em meu cérebro.

— Acho que agora você não tá em condições, mas… — Mamãe tocou o rosto de Lara. Era carinho, o tipo de afeto que ela nunca direcionou à Bianca. — Não faltarão oportunidades. Vou te deixar descansar agora, querida.

A jornalista abriu mais um sorriso avassalador. Este, direcionado à minha mãe. Era uma mistura de desculpas com gratidão que só Lara era capaz de expressar.

— Até a próxima, senhora Fagundes.

— Me chame de Isabel, meu amor. — Mamãe enlaçou o braço no meu, me puxando em direção à sala. — Seu pai vai dar um chilique se a gente não voltar.

Eu havia esquecido como era ser arrastado por Isabel. Desde os meus dezessete anos, não passava por aquilo. Ela me abraçava, ou me dava a mão, e me rebocava para onde quisesse.

Geralmente, para me passar um sermão elitista em algum canto onde meu pai não veria e poderia se meter.

— Gostei dela — murmurou. — Gostei muito. Mas a gente precisa conversar.

— Eu sei, mamãe. Acredita em mim. Eu sei.



— Então quer dizer que a “pegadora-Lara” não conseguiu beijar outra pessoa?

Eu mataria Ashanti por ter aberto a boca e soltado a língua gigantesca dela para Rafael. O acontecimento chegou em Victor Hugo da pior forma e agora o cretino se dava mais crédito do que realmente tinha.

Não adiantava eu explicar que na hora que ia beijar o garoto, Ash foi furtada e fez eu e Mariabia correr a Lapa atrás do pivete, só para quebrar o salto e cair de bunda no meio da avenida.

Tampouco valia a pena eu reiterar que o porre de caipirinha barata que tomamos só foi possível porque fizemos amizades com duas travestis que pegaram o pivete e devolveram o celular.

A odisseia não interessava. O cretino estava apegado à passagem da narrativa que dizia que eu não consegui beijar ninguém naquela noite e tomou como pessoal.

Até era.

Demorei mais de uma hora para achar alguém que me interessasse mesmo que remotamente. Aquele desgraçado subiu demais o meu critério para homem, era como se o resto do mundo de repente fosse insuficiente. Baixo demais, magro demais, alto demais. Loiro demais.

Victor Hugo de menos.

Tentei beijar o primeiro que me lembrou o médico pelo jeito de andar. Mas assim que o cara segurou a minha bunda de um jeito muito frouxo, muito sem graça, sem pegada nenhuma, a confusão se instaurou.

— Eu odeio essa coisa do seu melhor amigo e da minha antiga colega de quarto ficarem. Simplesmente, aqueles dois não entendem o conceito de privacidade entre amigos. — Meu resmungo indignado fez Victor Hugo gargalhar.

Nenhum de nós imaginava que uma noite de jogos de tabuleiro lá em casa fosse terminar com Rafael e Ashanti transando na lavanderia. Muito menos, sonhávamos que eles se dariam tão bem a ponto de se tornar rotina.

Sabia que o médico descobriria que a minha noite na Lapa não deu em nada em algum momento, só não esperava que a informação chegaria daquela forma.

— Eu gosto que eles estejam juntos — o cretino comentou. — Ashanti é ótima e o Rafa é uma das melhores pessoas que conheço. Eles se parecem, também.

— Victor Hugo, Ashanti é uma atriz de musical pansexual não-monogâmica que tem

uma bola de gelo no lugar do coração. É por isso que eu e ela nos damos bem, não nos apegamos fácil, somos as rainhas frias do Rio de janeiro. — Fui didática. — Enquanto o Rafa é um psicólogo muito monogâmico com a agenda regrada e profundamente emocionado. Ela vai destruir ele. Vai ser uma tragédia.

Victor inclinou o queixo em minha direção com um sorriso debochado na boca. Em seguida, passou o braço por minha cintura para me puxar para mais perto. Deixou um beijo no meu cabelo e outro na minha testa.

Essas demonstrações de afeto em público eram esquisitas. Protegidos pelas quatro paredes, ele podia ser o romântico incorrigível que era. Fora de casa, aos olhos de todas as pessoas daquele shopping, fazia eu me sentir uma criminosa.

Por mais que eu gostasse de esquecer da informação oitenta por cento do tempo, ele ainda tinha noiva. Ainda que ela o tratasse pior do que a prefeitura trata as pessoas em situação de rua, era um compromisso. Com anel, com status no Facebook e todas essas coisas mais.

O problema era que cada vez mais o homem agia como se fosse meu namorado.

Flores toda terça-feira, comida japonesa toda sexta-feira e maratona de streaming aos sábados. E ainda havia os chocolates, os bilhetinhos, os almoços que ele mandava entregar na revista para mim e as mãos dadas. As benditas mãos dadas que eu não conseguia me desvencilhar de forma alguma.

Isso, sem falar no sexo. Nosso recorde de abstinência foram ridículas vinte e seis horas. Na vigésima sétima, Victor Hugo se esgueirou para o meu quarto e me pegou usando um vibrador *rabbit*.

Terminou em penetração dupla e um homem de um metro e oitenta e sete agarrado em mim para dormir.

Agíamos como casal. Parecíamos um casal. Até cheirávamos como um casal.

A merda era que não podíamos ser um casal.

Havia conseguido a proeza de me tornar amante de um relacionamento aberto. Isso me deixava puta demais. Principalmente porque eu não queria retroceder na relação que nem devia ter começado.

Eu era o pior tipo de vagabunda do mundo e estava confusa o suficiente para não saber se me sentia mal com essa constatação.

— Que cara emburrada é essa, coisinha bonita?

Revirei os olhos, incapaz de me afastar do abraço gostoso.

— Para de me chamar de coisinha, pelo amor de Deus.

Eu não queria tocar na minha angústia com ele, porque era mais fácil lidar com Victor Hugo quando ele achava que não era correspondido.

Convivendo por tempo o suficiente, eu sabia que ao menor sinal de desconfiança da existência do meu sentimento por ele, seria impossível frear o tsunami de amor reprimido que cabia naquele peito musculoso de rato de academia e Testemunha de Creatina.

Busquei ao redor qualquer desculpa convincente. Estávamos em um corredor de shopping lotado, lojas para todos os lados, uma cacofonia de crianças gritando, cachorros latindo e adultos impacientes brigando com as crianças irritadas e os cachorros mal-educados. Por sorte, bem a nossa frente, havia uma loja de eletrodomésticos.

Obrigada, anjo da guarda!, pensei. Ou a qualquer um que ainda não tenha desistido de cuidar da piranha destruidora de casamentos aqui.

— Aquela geladeira é igual a minha que você não devolveu. — Estiquei o indicador em direção ao mostruário.

O rosto de Victor se contorceu em uma careta desacreditada.

— A gente não tinha superado isso, não?

— Você me roubou!

Na verdade, se eu fosse somar tudo o que ele vinha pagando nas últimas quatro semanas desde o dia que conheci sua mãe, chegava bem perto do valor. Mas me mantive firma na distração.

— Lara, onde você enfiaria uma geladeira inverter lá em casa? — Vi as mãos deslizarem pelo cabelo escuro em ansiedade. Ele odiava aquele assunto. No fundo, eu sabia o porquê. — Seja muito honesta.

— Hoje, em lugar nenhum. Mas quando o processo da casa terminar e um de nós tiver que sair, eu vou precisar da minha geladeira. — Apoiei as mãos na cintura e me vali de todas as dicas de atuação que havia aprendido com Ashanti quando morávamos juntas.

O médico não precisava saber que falar aquilo quase embargou minha garganta. No entanto, eu sabia que azedava o dia dele. Não me surpreendi com o cenho franzido e o ombros endurecendo.

Victor Hugo era a pessoa mais transparente que eu conhecia. Talvez a única que não tivesse medo de expressar nem de lidar com seus sentimentos. Não se esforçava para esconder, nem fingia que estava tudo bem quando o mundo caía sobre a sua cabeça.

Não houve um mínimo esforço para esconder a mágoa que apareceu detrás de seus olhos. Me senti péssima por ter dito aquelas palavras, no mesmo instante. Mesmo que fossem realidade.

— Então vamos entrar para ver o preço, se é tanto o que você quer.

Victor se adiantou, andando em minha frente. Mas sem desenroscar os dedos dos meus, praticamente me arrastava. Era como se um vendaval estivesse armando a tempestade. Desabaria e derrubaria tudo.

Eu gostava daquele idiota adúltero o suficiente para me machucar por fazê-lo sofrer deliberadamente.

Além de amante, safada e sem escrúpulos, eu também era uma pessoa péssima. Merda.

— Vi, espera. — Puxei sua mão ao parar de caminhar. Ele me olhou de soslaio. — Me desculpa. É que eu preciso lembrar a mim mesma toda hora que isso vai acabar em algum momento.

Era o máximo de honestidade que eu podia entregar.

Foi o suficiente, Victor retrocedeu o caminho e tocou meu rosto. A boca tocou a minha em um beijinho leve. Do tipo que se dá na frente de uma multidão e não um daqueles avassaladores que dá vontade de tirar a calcinha.

— Lara, minha linda, você pode viver um dia de cada vez? Só por hoje, pelo menos?

Eu adorava quando ele se referia a mim como sendo sua. Que bela inconsistência eu era, meu Deus! Ainda dava tempo de colocar a culpa no meu signo?

Librianos são indecisos, mas são justos. Droga, nem nisso eu podia culpar minha falta de caráter.

— É que eu sou ansiosa.

— Eu sei. — Victor riu. — Mas eu te… Adoro com tudo isso. Ansiosa, vaidosa, teimosa, gostosa, todos os adjetivos terminados com -osa que têm na língua portuguesa que te cabem.

— Até sebosa? — Franzi o nariz para o seu revirar de olhos.

— Me recuso a te responder. — O homem deu meia volta e me puxou em direção ao

elevador panorâmico. — Temos um filme para assistir, coisinha preciosa.

— Victor Hugo, enfia essa história de coisinha no seu… — Não deu tempo de completar a frase. A boca exigente me calou antes em meio a uma risada boba.



Era muita pipoca, muita bebida e pouco cérebro para acompanhar os insights lúdicos que o diretor havia proposto.

Um filme com nome de mulher em que o protagonista é um homem que foi chutado do emprego na bolsa de valores e decide ser um pintor, ao mesmo tempo que lida com o diagnóstico de Alzheimer precoce e com o luto pela esposa. O favorito da temporada de premiações. Mais um Skarsgård como o ator mais cotado para ganhar o Oscar. Cenografia e montagem impecáveis. A sonoplastia, então! Nem se falava.

Um saco.

Entediante de mais maneiras do que eu poderia descrever em qualquer resenha ou comentário em rede social. Filme de cineasta feito para cineastas, o que significava que o público em geral não se apegaria aos personagens nem a nada nos cento e quarenta minutos de tela.

Devia ter desconfiado quando vi só quatro pessoas na sala além de nós dois.

— A gente devia ter ido assistir *Velozes e Furiosos*. — Tentei sussurrar o mais baixo que consegui.

Victor assentiu, mas não tirou os olhos da tela. Certamente havia sido criado com conteúdo erudito como aquele.

O médico estava muito atento às cenas de despersonalização do protagonista. Os violinos altos embalando as pinceladas supercoloridas e dramáticas. Alguém faria um vídeo-resenha daquilo no TikTok traçando um paralelo com a mente do homem sangrando.

Céus! Só queria assistir demônios de origem duvidosa raptando criancinhas sombrias para dentro de um espelho, com o subtítulo “baseado em fatos reais”. Ou, até mesmo, algum filme de viagem no tempo que me deixaria criando teorias por semanas.

Nunca mais deixaria Victor Hugo me arrastar para assistir filmes indicados por Rafael. Era uma promessa.

Me sentia uma criança entediada. Balançava as pernas, brincava com o canudo do refrigerante e estalava os dedos. Só não reclamaram comigo devido à altura do IMAX — e, claro, da imersão auditiva proporcionada pela produção.

Cheguei a pegar o celular na bolsa, mas a mão de Victor Hugo voou para o meu pulso. Enxerguei seu sorriso repreensivo na penumbra e não disfarcei meu bico de descontentamento.

— Presta atenção — articulou sem som.

— Esse filme é chato. — Usei o mesmo tom.

— Se comporta, pelo menos.

O olhar que o direcionei poderia ter derretido sua pele, tamanho era meu ódio. No

entanto, tudo que Victor Hugo fez foi escorregar a mão do meu pulso para a minha coxa.

Cruzei os braços, tal qual adolescente birrenta. Estava decidida a pegar minha bolsa e passar o resto do filme experimentando roupas em lojas de departamento, até que uma cena me chamou a atenção.

O ator estava aos beijos com a personagem que dava nome ao filme — ainda que a história não fosse sobre ela. No frame seguinte, o filme pacato e artístico se transformou no que eu poderia nomear como, e somente como, putaria da melhor qualidade.

Na tela, o diretor não poupou nus frontais de ambos os sexos. Tinha puxão de cabelo, caras e bocas e até uma cena explícita de masturbação masculina. Estava certa de que não era prótese, o cara realmente estava de pau duro no filme.

Engoli seco, subitamente interessada. Fingi não ver o revirar de olhos que Victor Hugo deu para mim.

— Por isso, você se interessa? — comentou irritado.

Dirigi a ele meu melhor sorriso lânguido, cruzando as pernas bem apertado, simulando um tesão que eu não sentia.

— Você não? É uma obra de arte — respondi no exato momento em que a coisa se tornou um boquete. Não demorou para os gemidos preencherem meus ouvidos vindos de todos os lados dos aparelhos de som.

Victor Hugo parecia revoltado demais. Era engraçado pensar o quanto aquele médico cretino podia ser ciumento. Conseguia ser mais infantil do que a minha versão entediada no cinema.

— E isso aqui não é uma obra de arte, não? — Eu mal tive tempo de pensar em uma resposta. No instante seguinte, o homem esmagava minha mão contra sua braguilha no sinal mais ridículo de possessividade dos últimos mil anos da humanidade.

Mas se ele era doido, eu podia ser completamente maluca. Uma doida e meia.

Não movi minha mão para nenhum lugar além do zíper. Pincei o fecho com os dedos e puxei sob o escrutínio incrédulo de Victor.

Eu via o que dançava atrás dos seus olhos. A vontade de continuar brigava com o bom senso que o mandava veementemente parar. Ao que tudo indica, o último venceu, pois o médico segurou minha mão assim que abri o botão do jeans.

— Lara, quê…? — Os orbes azuis se arregalaram para mim

— Eu preciso ver de perto para conferir o quão artístico isso aqui pode ser.

Não esperei sua permissão para massagear. Enchi minha mão da masculinidade de Victor Hugo, tocando até que a ereção se completasse. Rígida, curiosa dentro da cueca, só com a glande de fora da barra. Quente em minha mão, tão familiar ao meu toque.

O médico agarrou os braços do assento quando puxei o pau para fora da roupa. Nervoso, seus olhos correram para todo canto, buscando alguém que pudesse causar problemas ou, melhor ainda, me impedir.

No entanto, suas preces não foram ouvidas. Todas as outras quatro pessoas da sala de duzentos lugares estavam concentradas no protagonista do filme transando.

Envolvi o membro com a mão, iniciando os movimentos. Subindo e descendo lentamente, apenas para assistir o homem respirar fundo e soltar o ar com força pela boca.

Circulei o polegar na cabeça para espalhar a lubrificação. Victor contraiu o abdome bruscamente ao deixar um silvo escapar.

— Você sabe que eu não consigo ser silencioso… — implorou baixinho, apenas o suficiente para que eu escutasse.

— Então me para. — Era o meu pior sorriso. Aquele que eu usava para foder com a cabeça dele. — Você pode me parar.

Ele trancou os olhos quando acelerei a movimentação da mão. Lutou com todas as forças que tinha no corpo para segurar os sons presos em sua garganta. Era lindo de assistir.

Se Victor Hugo sentia prazer, meu tesão ao assistir seus espasmos era incontrolável. Minha boceta pulsava, desesperada para ter a grossura deliciosa dentro dela. Fodendo daquele jeito que só ele sabia que eu gostava.

Queria mais daquele homem se rendendo para mim. Mais dos olhos trancados, mais da adrenalina do proibido correndo por minhas veias, mais do caos que eu causava em seu corpo.

Escorreguei do meu assento. Entre as pernas de Victor Hugo, me entretive com o meneio negativo desesperado. Toda vez que eu o colocava na boca, ele grunhia. Sempre que o chupava, derretia seus sentidos.

Não foi diferente daquela vez.

Minha pouca altura favorecia em alguns momentos, ninguém me veria onde eu estava. A não ser que passassem ao lado da nossa fileira.

Abaixei as alças do meu vestido só para que ele tivesse a visão dos meus peitos. Os bicos duros do desejo que não podia ser sanado naquela hora. As íris enegreceram, ele umedeceu a boca com a língua.

— Tô melada, sabia? — Desenhei cada sílaba sem som. — Pingando de tesão por você, seu cretino.

— Minha puta…

Victor ofegou ao ser abocanhado. Não me demorei nas provocações, a chance de alguém nos ver era muito alta. Engoli o máximo que consegui do comprimento, cobri com a mão o que faltou. Quando finalmente peguei pesado, o espetáculo foi lindo.

O médico se contorcia no banco. As juntas das mãos brancas de tanto apertar os braços do assento. O quadril se erguia em automático, na tentativa de aumentar o prazer que inundava seu corpo.

Massageava a glande com a língua, encovava as bochechas para apertar mais. Não economizei saliva, tampouco garganta. Eu o sentia ir até o fundo e voltava, chupando na direção oposta.

Ele precisou morder a mão para não rosnar quando moí a cabeça no céu da boca com a língua.

As veias pulsavam na minha mão, Victor chegava ao limite. A pele avermelhada do rosto, o corpo curvado para frente e a cabeça balançando a esmo, em dúvida se confirmava ou negava. Os neurônios não conseguindo conversar para formarem uma mensagem decente.

A lubrificação escorria pelas minhas coxas. Me sentia pegajosa, pronta. A menor lambida me desfaria.

Meu corpo pegava fogo por Victor Hugo. Minha mente só conseguia pensar em destruir a dele.

A ereção se contraiu mais intensamente em minha boca. Os calafrios me antecederam o terremoto. Quase lá, a um passo do precipício.

— *Amor, eu vou gozar*… — o sussurro saiu um pouco mais alto do que devia. Adorei seu descontrole ao passo que o vocativo gelou meus órgãos por dentro. — Vou gozar, vou gozar…

Repetia em looping ao mesmo ritmo da ondulação pecaminosa do quadril. Rebolados desesperados pela libertação, ansiosos pelo momento da explosão.

Quando veio, o afundei na boca para receber o desejo líquido. Salgado, espesso e torturado. Procedido de um respirar profundo e ruidoso quando o guardei dentro das roupas de volta.

Victor inspirava e expirava pela boca. Assisti ao movimento do subir e descer do peito ao voltar para o meu lugar. Era lindo, um caos completo. Totalmente rendido a mim.

Ele inclinou o rosto em minha direção e se esforçou para dar um sorriso sacana. No entanto, os olhos arregalaram novamente quando apoiei o joelho em cima do braço do assento dele, me abrindo.

— Pode? — Ofereci meus dedos.

Fraco, Victor assentiu e os chupou, lubrificando com sua saliva.

Puxei a calcinha para o lado. Me valendo do quanto o vestido era curto, girei em meu assento para que ele pudesse ter a visão completa.

Com a boceta virada para Victor Hugo Fagundes, em uma seção de filme cult ruim, me masturbei. Só para assistir sua expressão se retorcer em desespero por não poder me tocar do jeito que queria.

Tentou penetrar seus dedos em mim, não deixei. Tentou fazer uma manobra ridícula de se inclinar sobre o banco para me chupar, não permiti. Porém, o forcei a me assistir gozando com seu nome na boca, sussurrado como o mais profano dos pecados.

— Você é… insana — exasperou enquanto eu ajeitava as alças do meu vestido. A calcinha, tirei e enfiei em seu bolso.

— Shiu! — Apertei o indicador em sua boca em deboche. — Vai atrapalhar as pessoas.

O sorriso lindo que me entregou não devia ter me feito corar. Tampouco, o momento em que puxou meu queixo e escovou os lábios nos meus podia ter tremido meu corpo com mais força do que o orgasmo que havia tido.

— Tá cada dia mais difícil para mim fingir que não tô apaixonado por você, coisinha devassa.

Eu o beijei para não ter que responder. Afundei as mãos em seu cabelo para não ter que pensar sobre a declaração inesperada. Bebi do seu sentimento para não ser obrigada a revelar os meus.

Queria gritar que sentia o mesmo por ele. Montar naquele homem e o fazer entender que já fazia morada no meu peito há mais tempo do que devia.

Eu queria que Victor Hugo fosse meu, da mesma forma que eu me tornava dele. Dia após dia, gesto após gesto. Loucura após loucura.

Mas tudo que consegui responder depois de engolir meu choro com a minha paixão foi um grande e debochado:

— E você fingiu algum dia? Sua sorte é que a sua profissão é ser médico e não ator.



Assistindo a cara que meu advogado fazia lendo a folha impressa em sua mão, só conseguia agradecer por Zeca não ser meu pai e eu não ter mais dezesseis anos.

José Carete Gusmão era um homem negro de pele retinta e cabeça raspada, mas por algum motivo, era possível visualizar seus rosto vermelho de raiva. O gesto obsessivo de passar a mão pela careca, como se houvesse algum fio de cabelo ali para descontar a ansiedade, não colaborava para a cena.

— Multa extrajudicial por atentado violento ao pudor, Victor Hugo? É sério isso? — O homem estava indignado.

Estiquei um sorriso apologético no rosto. Não havia muito que eu pudesse fazer àquela altura do campeonato.

— Precisamos concordar que há um certo exagero nesse texto e…

— Sexo oral em público. — Ele me cortou. — É isso que está escrito aqui. Quer ser direto e me explicar o que aconteceu para você agir como um adolescente em um cinema?

Pensar com a cabeça de baixo era o meu maior defeito. Desde que havia passado a dividir o teto com Lara, meu cérebro estava decidido a deixar a glande do meu pau tomar todas as decisões sobre a minha vida.

Sabia que daria merda no instante que a coisinha safada abriu a minha calça. Ainda assim, não tive forças para impedir. Não com ela olhando para mim daquele jeito, como se estivesse pronta para me devorar. Para tirar o pior e o melhor de mim.

Uma bandida deliciosa.

— Você quer os detalhes ou o resumo? — ofereci.

Zeca olhou de esguelha para a mulher ao seu lado. A advogada de Lara, Rebeca Inohina, escutava as barbaridades com as sobrancelhas erguidas em descrença. Era como se dois adultos não pudessem ser irresponsáveis na hora do tesão.

Eu me sentia julgado como se estivesse na porra da inquisição.

— Informações o suficiente para eu transformar isso aqui — Zeca ergueu a folha A4 — em um contrato válido judicialmente, para ter certeza de que você e a maluca com quem você divide a casa não serão indiciados criminalmente.

— Bom… — Era constrangedor colocar em palavras depois que o sangue esfriava. Nem eu acreditava que havia feito aquilo, não àquela altura da minha vida. — Sendo objetivo: filme Alegra, cinema do shopping Leblon, uma mulher de um metro e cinquenta e seis muito

entediada. Em nossa defesa, Lara é tão pequena que, ajoelhada…

— Okay, okay, entendi. — Zeca agitou as mãos ao resmungar. — Mas falando na dita cuja, onde está?

Encarei a cadeira vazia ao meu lado, cheio dos incômodos em minha garganta. Verifiquei no smartwatch só para ser obrigado a me conformar que a última mensagem era a dela, avisando que não conseguiria sair mais cedo da Finesse para a nossa reunião.

Ainda não estava acostumado em ter a jornalista confiando em mim. Lara não era o tipo de pessoa que se abria, também não entregava o destino na mão de outra pessoa. Mesmo assim, a garota acreditava que eu conduziria o nosso problema da melhor forma com nossos advogados.

Não conseguia segurar o sorriso ao pensar na nossa convivência. Todos os dias, eu me encantava um pouco mais, mesmo sem saber se era possível eu me apaixonar ainda mais por aquela mulher.

— Está presa na revista, mas me deu a liberdade de resolver essa questão.

Rebeca batucou as unhas compridas no tampo da mesa. Observei seus olhos rolarem até a minha mão direita, na aliança de compromisso. No entanto, a mulher não fez nenhum comentário. Apenas gesticulou para que o meu advogado tomasse a frente.

— Pode deixar que vou me certificar que essa singela multa de quinze mil reais seja tudo que você pague por essa extravagância pública. — Zeca colocou a multa na pasta do meu caso. — Se hoje você fala pelos dois, vou contar que a mensagem vai ser transmitida. Tenho notícias ruins, notícias boas e notícias que a classificação é subjetiva. Qual você quer primeiro?

— Ordem de clímax. Ruim, boa e depende.

— A ruim é que não localizamos Santiago Garcia. Ele pode estar no Japão ou em Cachoeiras de Macacu torrando o dinheiro de vocês dois. Ao que tudo indica, era um nome falso criado por um estelionatário profissional. — Franzi o cenho para meu advogado sem entender como aquilo era possível. — A boa notícia é que a imobiliária é a responsável por verificar e fiscalizar as vendas, então são cabíveis de serem responsabilizados. E eles não querem judicial, topam um acordo.

— A julgar pela cara que o advogado dos sócios da imobiliária fez, eles estão dispostos a dispensar qualquer valor para não se queimarem no mercado — Rebeca emendou.

— Maravilha! — comemorei. — O acordo será feito junto, ou vamos seguir com pedidos de ressarcimento separados?

— Beca… — Foi a vez de Zeca gesticular.

— Aí é que entramos na zona cinza das notícias. Só a Lara tem direito a esse acordo, porque a escritura dela não existe. Aquele endereço não é o que consta no IPTU, e não constou nos últimos quinze anos.

— A casa é sua, Victor Hugo. Você estava certo o tempo todo. — Zeca deu um sorriso sacana. — Já pode se livrar da cínica.

Foi imediato, corri meus olhos para fuzilar o homem. Zeca era um dos homens mais inteligentes que eu conhecia. Ele não precisava se esforçar muito para perceber que a minha impressão sobre Lara mudou e muito ao longo dos meses que passamos juntos.

Além disso, não pude evitar o gosto amargo na língua. A ideia de não ter a coisinha debochada na minha vida era inimaginável. Nem que a minha vida dependesse de mandar Lara embora, eu a escolheria.

— Desculpa eu me intrometer, mas eu gostaria de perguntar uma coisa sobre a sua aliança, Victor Hugo. — Beca tocou o lápis em meu dedo anelar.

— À vontade. — Não esbocei reação.

Não estava com ânimo para lidar com piadinhas sobre o meu relacionamento falido com Bianca que tinha prazo de validade. Sabendo que a casa era minha, bastava sair da reunião para fazer a ligação derradeira.

— Esse é o anel de compromisso seu e da Lara? Porque, se for, teremos alguns problemas.

— Como assim? — Não entreguei a resposta objetiva que a mulher pediu. Zeca arqueou a sobrancelha.

— Vocês vivem juntos. Pressuponho que tenham um relacionamento, porque, né, boquete no cinema.

— Beca! — Meu advogado a repreendeu. — Você pode ser um pouco mais discreta no meu escritório?

A advogada revirou os olhos.

— Tá, tá, que seja. O ponto que eu quero chegar é que vocês não podem sonhar em assumir nada enquanto o acordo não estiver assinado e o dinheiro na conta da Lara. Tudo sobre vocês configura união estável e a chance de vocês serem processados por litigância de má fé e serem obrigados a ressarcir a imobiliária é alta.

— Mas a gente não se conhecia quando compramos a casa…

— Não importa. Na união estável, o regime tradicional é a comunhão parcial de bens. Ou seja, tudo que vocês adquiriram depois de estarem juntos, constituindo família, pertence aos dois. Um juiz conservador pode pressupor que vocês já estavam juntos.

— Melhor não arriscar — Zeca concordou.

Toquei o anel e o girei, incomodado com a sua presença. Era um hábito que havia desenvolvido nas últimas semanas. Tudo que me relacionava a Bianca me incomodava profundamente.

A mera ideia de precisar ficar preso a ela por algumas semanas, mesmo para beneficiar Lara, me causava ânsia de vômito.

— Eu sei que a sua aliança não é sobre a Lara, Victor. — Zeca notou meu desconforto. Arrastou as rodinhas da cadeira para se aproximar e tocar meu ombro. — E te conhecendo como conheço, imagino que você esteja doido para fechar esse capítulo na sua vida. Mas a gente te pede paciência.

— Quanto tempo eu vou precisar de paciência?

Rebeca procurou algumas anotações em seu tablet. Pelo design do app, estava em sua caixa de e-mails.

— Não consigo te precisar uma data certa, mas de três a cinco semanas. No máximo.

Cocei os olhos e respirei mais aliviado. Com três semanas, eu conseguiria lidar. A não ser que um apocalipse emocional acontecesse até o final do ano.

Eu, que não era a pessoa mais religiosa do mundo, me peguei rezando para que tudo desse certo e, ao final do prazo, eu estivesse com a aliança de Lara na minha mão.

Esquerda, de preferência.



O calendário era a invenção mais miserável do mundo para as pessoas ansiosas. Só um dia passou. Míseras vinte e quatro horas, mil quatrocentos e quarenta minutos. Parecia ter sido semanas.

Planejava deitar todos os dias mais cedo para as noites passarem mais rápido. O mundo precisava girar mais rápido porque eu queria. Dessa vez, só por essa vez, precisava que meus caprichos fossem atendidos pelas leis da física.

E eu nem era uma das pessoas ansiosas.

Lara estava tão impregnada em meu sangue que eu passei a me comportar como ela.

— Era uma vez as pelezinhas das suas unhas. — A jornalista puxou minha mão para analisar mais de perto. — De repente, você tá roendo tudo, como se não tivesse um alicate decente em casa.

— Minha mão ressecou, as cutículas levantaram. Não tenho saco para revirar o escritório atrás da sua bolsa de manicure que nunca fica no mesmo lugar.

A mulher fez um beicinho. Não sabia se a sua intenção era parecer indignada, me causar dor na consciência ou ambos, mas tudo que conseguiu foi me fazer babar.

A única peça de roupa que Lara usava era o meu cobertor. Enroscada em meu peito, com a tez reluzindo e a boca inchada das centenas de beijos que arranquei. Era onde sempre terminávamos depois de passar horas zapeando pelos aplicativos de streaming atrás de algo para assistir.

Puxei a mão do seu escrutínio minucioso e escovei as pontas dos dedos na pele nua de suas costas. Todos os seus poros arrepiavam com aquela carícia, sua favorita. Em resposta automática do seu corpo, a coxa grossa subiu da altura do meu quadril para o meu umbigo, colando ainda mais a nossa carne. Como se houvesse qualquer molécula entre nós e precisasse ocupar aquele espaço.

— Agora, você tá franzindo a testa. — Tocou o vinco entre as minhas sobrancelhas. — Vai me contar ou vou ter que arrancar de você?

— Depende. — Abri um sorriso devasso. — Essa história de arrancar de mim inclui sexo?

Lara revirou os olhos.

— Envolve psicologia reversa. Sexo, a gente acabou de fazer. — A mão delicada espalmou meu peito. O queixo se ergueu, ao passo que o corpo girou em meus braços para me

encarar nos olhos de maneira confortável. — Sério, Vi. Você chegou um lixo dessa reunião.

Eu havia me acostumado com o peso do anel de compromisso em meu dedo. Não porque queria, apenas por ser uma formalidade. Um sinal físico de que eu não estaria disponível para ninguém de forma mais aprofundada do que sexo. Nada além de um símbolo burocrático.

No entanto, eu passara a odiá-lo nos últimos tempos. Representava a minha prisão, a jaula física dos meus sentimentos. Eu não podia pertencer a Lara por inteiro enquanto estivesse ligado à Bianca.

A mesma Bianca que havia desistido de me tratar como noivo há tempos, desde que passei cinco dias sem responder suas mensagens. Depois disso, não havia mais qualquer intenção da parte dela de parecer que havia estado apaixonada um dia. Era como se fôssemos amigos distantes.

Conversas amenas. Emojis entediantes. Era conveniente.

Mas ainda era algo.

— Como vocês se conheceram? — Lara perguntou ao reparar no ponto de atenção na minha mão direita.

— Não lembro ao certo. Tenho a impressão de que eu e ela sempre nos conhecemos de vista. O meio social em que vivíamos era um ovo, todo mundo conhecia todo mundo.

— Quase uma cidade de interior, só que no nível magnatas.

Só ela mesmo para me fazer gargalhar.

— Não… — Respirei fundo, engolindo o riso. — Nem roça, nem magnatas. Tem gente mais rica do que a família Fagundes pela Zona Sul do Rio, acredite em mim.

— Você é a pessoa mais rica que eu conheço. Mesmo assim, você faz cosplay de classe média alta. — Lara fez uma careta. — Por quê?

— Porque eu não sou rico. Meus pais são. Tudo o que eu tenho é fruto do meu esforço e…

A mulher pulou da cama indignada. As mãos correram para a cintura, as narinas inflaram. Era uma postura indignada, mas, nua como Lara estava, só conseguia achá-la apetitosa.

— Não me vem com esse discurso de meritocracia e todo mundo chega aonde você chegou com luta, porque não é assim não.

— Eu esqueço que você é comunista de iPhone. — Minha implicância foi temperada por meus olhos rolando devagar, prescrutando o corpo feminino de cima a baixo.

Aqueles peitos foram feitos sob medida pela natureza para caberem nas minhas mãos, e os bicos em minha boca. A cintura estreita que se abria no quadril redondo era a minha perdição. A carne saliente abaixo do umbigo descendo para o monte de vênus inchado. As coxas grossas e estruturadas pelos anos de aulas de dança.

Toda a silhueta perfeita que era capaz de fazer um homem perder a cabeça.

Ela havia me feito perder a cabeça. Inúmeras vezes. Todos os dias.

— Não adianta me olhar com essa cara de pitbull no cio, liberalzinho com consciência social. — Definitivamente, eu nem queria sonhar como seria nossa convivência em época de eleição. Mas era divertida essa provocação de dois hipócritas políticos que se adoravam.

Bem, da minha parte, eu era completamente louco por aquela baixinha gostosa. Da dela, era difícil saber.

Seu corpo me dizia “sim” sempre que eu a tocava. Suas atitudes fora da cama, me indicavam que, sim, Lara tinha carinho por mim. Entretanto, nada muito além de carinho e tesão.

Mesmo assim, estava decidido a romper com Bianca e arrumar a briga do século com meu pai por ela.

— Okay, okay. — Ergui as mãos em sinal de paz. — Pode voltar aqui, por favor? Vou te contar como eu acabei preso nessa relação maluca.

Eu ainda me lembrava da Lara fofoqueira do começo da nossa convivência. Amava quando voltava à superfície, trazia brilho aos olhos castanhos.

A mulher se deitou ao meu lado, abraçando meu abdome novamente.

— Sou toda ouvidos.

— Você sabe que dinheiro não é nada perto de influência, certo? — Lara assentiu para mim. — Vamos partir daí. Minha família tem histórico na medicina e apenas na medicina. Milhares de estudantes citando seu nome em notas de rodapé da Academia não são nada comparado a mudar o andamento de um Projeto de Lei no Senado só de dar um telefonema. Meu pai viu essa chance em mim.

"A Bia é a herdeira mais jovem do império da Atlas Health. Ela e os irmãos receberam muitas ações quando o avô morreu, eles têm porcentagens quase iguais às dos pais no conselho da empresa."

— Quando você diz Atlas Health, tá falando do plano de saúde Atlas? Aquele do comercial do velhinho tatuado andando de moto sem camisa?

— Essa galhofa mesmo.

— Hm… — Lara ergueu as sobrancelhas em deboche. — Chique.

— Muito chique. A questão é que o Ralf, o Mário e o Leoni já estão na empresa, ocupam diretorias e movimentam impérios e a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Mas a Bia não queria nada disso, ela queria ser… Não sei, acho que qualquer coisa além disso. Ela sempre me pareceu indecisa sobre o futuro profissional

A mulher em meus braços não conseguiu disfarçar a careta.

— Ela queria um bucha para assumir o lugar dela na empresa enquanto ela seguia a profissão de herdeira. — Deu um muxoxo. — Não julgo, não. Que inveja. Se eu estivesse no lugar dela, faria algo muito parecido.

— Então, a questão era que ela não queria um bucha. Meu pai que me ofereceu em sacrifício.

— O quê?

— A gente estava saindo. Não era nada sério, de verdade. Mas um dia, Bianca insistiu para eu jantar na casa dos pais dela. Quando cheguei, meus pais estavam lá e eu meio que me senti coagido a pedi-la em namoro. Desde então… — Bufei. — Tem sido uma sucessão de coações. A única coisa que fiz por mim mesmo, sobre nós dois, foi esta casa.

Fechei os olhos para aproveitar a carícia dos dedos que correram meu cabelo. Foi inevitável sentir o coração disparar dentro do peito.

— Você aprendeu a gostar dela, mas nunca se apaixonou por ela. — Escutei seu murmuro. — Droga, Vi… Que merda.

— Eu não queria decepcionar meu pai. Com isso em mente, o resto foi fácil.

— Fácil tipo você ser a pessoa mais monogâmica que eu conheço e ser forçado a entrar em um relacionamento aberto? E se machucar o processo?

Mirei seus olhos ao segurar o sorriso no canto da boca. Segurei sua nuca e a puxei para mais perto do meu rosto, tocando nossos narizes.

— Graças a essa maluquice de noivado aberto estamos aqui, certo? — Colei a boca na dela. No entanto, Lara partiu o beijo antes que se intensificasse.

— Isso tá te matando por dentro, Victor Hugo. Te vejo encarando essa maldita aliança o dia todo, dá vontade de cortar seu dedo fora... — Havia mais em sua reticência. Ela queria

completar com algo que se forçou a engolir. Sempre racional demais para não me entregar mais do que conseguia lidar. — Bom... mudando de assunto, como foi com Beca e o José?

Dei uma risada.

— Pode chamar de Zeca, coisinha gostosa — brinquei. — Mas em resumo, preciso manter o status de noivo até o processo da casa terminar, senão a gente pode tomar uma invertida judicial.

Os olhos castanhos se arregalaram. Lara pulou do meu colo outra vez, mas se contentou em sentar no colchão.

A visão dos mamilos castanhos lindos foi coberta pelos braços cruzados em estranheza. Quase reclamei.

— Não entendi, repete e me explica como se eu fosse uma criança de cinco anos.

Ergui a coluna para me sentar de frente para ela, imitando sua pose.

— Aparentemente, estamos em união estável e o juiz não pode nem sonhar com isso, senão a gente se fode. Sua advogada não te avisou? Achei que a Rebeca ia te ligar assim que eu saísse de lá.

O vinco afundou o espaço entre suas sobrancelhas e o rosto ganhou vários tons de vermelho.

— Puta merda! — Lara batucou as pontas dos dedos na têmpora esquerda. — Tinha uma ligação dela e esqueci de retornar. E depois ignorei as mensagens … — Os lábios carnudos se apertaram em seu raciocínio. *Eu* a desconcentrei o suficiente para esquecer do celular que ela viva grudada. — A gente tem que pegar leve … Puta merda, o cinema! Alguém pode ter visto a gente, caralho! Eu produzi provas contra a gente. Meu Deus, tomara que ninguém tenha pegado…

— Bom…

— Victor Hugo! O que você tá me escondendo?

Esfreguei a mão no cabelo mesmo sem sentir coceira. Depois estalei os dedos, evitando mirar em seus olhos inquisidores.

— Minha coisinha brava, temos muito o que conversar. Se prepara.



Alguma música da MPB dizia que a tempestade do lado de fora não se equiparava à torrencial de sentimentos em um coração. Eu achei piegas a vida inteira, mas se os trovões como os picos de energia e o aguaceiro lavando as ruas de Botafogo formassem um paralelo com a ansiedade borbulhando em meu sangue, o compositor tinha razão.

Era péssima em viver um dia de cada vez, pior ainda em fingir que tudo estava bem quando claramente não estava.

Se eu me sentia mal por ter um caso com um homem noivo, agora me sentia estúpida. Por causa do meu fogo no rabo, poderíamos perder a casa e o dinheiro que investimos.

Sabia que agir como namoradinha do Victor Hugo ia dar merda.

Gostaria de voltar no tempo em que a Lara Corrêa era procrastinadora e medrosa, então não tomava decisões precipitadas e imbecis.

Bom, menos do que eu andava tomando nos últimos tempos.

— Eu acho fofo como vocês tem uma linguagem própria. É como se o cérebro de vocês estivesse na mesma frequência. — Ashanti chicoteou as palavras em minha consciência.

Na verdade, ela foi gentil. Eu que estava me sentindo mal, então tomou uma proporção apocalíptica.

— Conheço Victor a nossa vida toda e eu não me lembro de ter visto ele assim. Tá engraçado demais, desculpa. — A gargalhada de Rafael foi cortada por um guardanapo que Victor Hugo atirou em sua direção.

Precisávamos ser discretos para que os advogados da imobiliária não achassem nenhum indício que pudesse nos colocar em maus lençóis até que eu assinasse o acordo.

Victor Hugo havia entendido isso como “vamos sair de casal com nossos amigos”. Em todas as vezes que Rafael chamasse.

Sem exceção.

Eu, como uma boa idiota apaixonada, não conseguia dizer não.

Daquela vez, estávamos a duas quadras de casa, em um restaurante de massas famoso por seus raviólis. Uma mesa para quatro, luz baixa, uma garrafa de vinho e um balde de gelo.

Qualquer um diria que aquilo terminaria em suruba. Rafael e Ashanti só nos criticavam por tomar vinho com gelo, sem nenhuma pretensão de acabar todo mundo pelado no sofá.

Bem, eu esperava que não. Vindo de Rafael, pelo menos. De Ashanti… Bem, eu poderia esperar que era planejava terminar a noite com todo mundo pelado no sofá.

— Não tem nada engraçado demais sobre mim, porra — Victor Hugo rosnou. — Até parece que você não acompanhou todos os namoros da minha vida.

— Em nenhum deles, você era um idiota babão como nesse de agora. É incrível como alguém do tamanho da Lara conseguiu te dobrar.

— Não somos namorados. — Olhei ao meu redor ao sibilar, minhas bochechas fervendo de vergonha e de pavor. E se algum dos garçons fosse um estagiário do tribunal de justiça disfarçado? — A gente só mora junto por acidente.

Victor Hugo estreitou os olhos para mim, incomodado com o tom das minhas palavras. Era claro que ele se incomodaria, faria o dinheiro da casa em dois meses, se fosse processado.

O buraco era bem mais embaixo comigo. Cretino.

— A gente transa por acidente, também? — O médico estava puto.

Victor Hugo tinha dois trabalhos: se estressar e deixar o estresse de lado. Não havia nada que eu pudesse fazer. Pendurar uma placa imensa na minha bunda dizendo namorada do Dr. Fagundes estava totalmente fora de questão.

Ele não tinha nada a perder, eu tinha.

Até porque, quando esse furor de paixonite e emoção por novidade passasse, ele me chutaria. Gente como ele não era feliz para sempre ao lado de gente como eu. A nossa relação havia surgido só pelo acaso de sermos obrigados a morar juntos.

— Sabe como é, eu sou desastrada, tropeço em todos os cantos. De vez em quando, eu acabo caindo no seu pau mesmo, mas não é de propósito. — Dei de ombros com a minha linguagem corporal carregada de deboche.

— Larinha… — Ashanti tocou a minha mão sobre a mesa. — Tudo bem, a gente estava só brincando.

— Vocês sim. Ele, não. — Indiquei o homem do outro lado da mesa com o queixo. Victor Hugo franziu a testa daquele jeito arrogante que fazia toda vez que era contrariado. — Até parece que você não sabe que a gente precisa… ser discreto — murmurei as últimas palavras.

O médico revirou os olhos e cruzou os braços como uma criança birrenta, mas não me respondeu.

— Lara, a gente sabe — Rafael interveio. — Mas estamos brincando, só entre amigos. Ninguém está colocando um holofote na sua cabeça e dizendo que você e o Victor Hugo estão praticamente casados.

Engoli seco.

Rolei os olhos até a mão de Victor Hugo, onde a aliança exalava mau agouro. Depois, puxei a minha mirada para a minha própria mão. Meu anelar vazio.

A verdade era que eu odiava essa coisa de fingir ser a pessoa mais racional do mundo, pelo simples fato de alguém precisar ser. Só queria poder me deitar no chão da sala e olhar o teto até assinar o bendito acordo. Então, eu resolveria a minha vida, já que merda da casa não era minha mesmo.

Isso também doía muito. A única coisa que eu ainda tinha dos meus pais não era minha. Talvez fosse por isso que a ideia de ser namorada de Victor Hugo, noivo da herdeira da Atlas Health, me tirasse do sério.

Não tinha a casa que eu queria. Não podia ter o homem que eu queria. Não havia opção para mim além de me contentar com as sobras dos meus sonhos.

No começo de tudo, eu pensava em construir a minha família bem ali, na casa das paredes rosas. Naquele momento, de cara emburrada em um restaurante acompanhada por um casal improvável que jamais estaria junto se não fosse a minha relação proibida com Victor

Hugo, eu não tinha mais tanta certeza do que esperava.

Ao menos, nada além de não me destruir no processo.

— Vamos fazer assim: se eu for processada pela imobiliária por causa do surto fanfiqueiro de vocês, os dois vão arcar junto comigo. — Dei uma golada na taça para tirar os três pares de olhos que me encaravam surpresos do meu campo de visão.

— Amor, o que aconteceu? Isso não é só sobre a casa, eu te conheço… — Victor Hugo esticou a mão para tocar a minha por cima da mesa. Recuei do seu toque como se fosse venenoso.

— Não me chama de amor em público, por favor. — Minha voz poderia ser confundida com um filhote de gato miando contrariado. Pesquei o celular na bolsa minúscula que só cabia o aparelho, mas combinava perfeitamente com o vestido de cetim roxo que Victor Hugo escolheu. — Tô azeda demais hoje, vou para casa. Ash, vou te fazer o pix.

— Ah não, Larinha! Fica! A gente muda de assunto, o mundo tá caindo lá fora…

— Deixa ela ir — o médico interrompeu a minha amiga.

Conseguia enxergar exatamente em que lugar a preocupação se misturava à irritação. Os olhos queriam me inundar de carinho, mas os ombros imensos estavam rígidos. Além disso, aquele vinco de estresse estava lá, afundando o meio das sobrancelhas.

Por um instante, ao olhar para a janela, a chuva caindo me fez reconsiderar. Entretanto, ao esguelhar meus olhos para Rafael, concentrado demais na minha linguagem corporal direcionada à Victor, não hesitei.

Fiz a transferência da minha parte para Ashanti e não me demorei na mesa. Porém, antes que seguisse meu caminho, a mão tão familiar de Victor Hugo envolveu meu pulso com carinho. Meneei a cabeça em desespero para ele não fazer nada além daquilo, sentia meus olhos ardendo.

— Vamos falar sobre isso em casa. — Era uma imposição.



Nem que eu quisesse, teria conseguido me concentrar em alguma coisa. Tentei continuar mais um capítulo de *Rupaul's Drag Race*, que Victor não acompanhava comigo, mas nem o desafio de costura da semana me prendeu.

Depois, busquei o reality show de culinária que servia de paliativo enquanto Master Chef estava em hiato. The Taste, mas a dinâmica de competição entre os jurados me irritava.

Por fim, apelei para a novela do streaming. Eu amava a Letícia Colin com todas as minhas forças, mas nem a cena da personagem mastigando flores[7] com sua dor de corna me prendeu.

Tudo bem, essa eu resolvi pular porque me deu um certo gatilhozinho.

Victor Hugo não veio atrás de mim logo que saí do restaurante, como imaginei que faria.

Ao contrário, ficou bastante tempo com Rafa e Ashanti. O suficiente para eu tirar a maquiagem, tomar banho e colocar o pijama.

Uma das muitas coisas que eu gostava no médico era que ele respeitava meu espaço quando eu o pedia. Não ficava como um maníaco sem me dar tempo de pensar nas coisas e refletir sobre as minhas escolhas. Completamente diferente do Ricardo.

E pensar que foi por causa daquele traste que a coisa toda de casal-não-casal começou.

Escutei os passos de Victor no corredor. Não me sentei para o felicitar como um lulu-da-Pomerânia faria, abanando o rabo e pedindo colo, mas tive vontade. Em seguida, ele avisou que só tomaria uma chuveirada antes de me dar atenção e eu me limitei a fingir que não queria desesperadamente um abraço e cafuné.

Exatamente como um lulu-da-Pomerânia.

Então, quando ele se enfiou debaixo das minhas pernas, com o perfume cítrico e levemente amadeirado que eu amava, precisei conter meu impulso de pular sobre o homem.

Seus olhos azuis eram sempre um mar de concentração sobre mim. Atento a cada minúscula expressão que eu fazia.

— O que aconteceu, Lara?

Eu poderia ter descarregado toda a avalanche emocional que sacudia meu peito. Poderia ter alargado a fissura em meu coração e deixado todo o amor que eu sentia por aquele cretino sangrar da ferida, mas não conseguia.

Não teria volta quando eu o fizesse.

— Você sabe que a gente tem que manter essa coisa de estar junto em segredo — resmunguei.

— Até dos nossos amigos? Que sabem melhor do que a gente o quanto nos gostamos?

Apertei os lábios ao sentir o nó na garganta. Sempre vinha quando a pauta “sentimentos” surgia.

— Tinha câmeras lá. — Foi tudo o que consegui responder. — Pode nos complicar.

Victor Hugo deu uma risadinha baixa e deslizou as pontas dos dedos por minhas coxas. Bem de leve, do jeito que fazia eu me derreter.

— Amor, a justiça brasileira não é o FBI. Mais do que isso, ainda não fomos processados. Isso pode nunca acontecer, você tá sofrendo por ansiedade.

Cobri o rosto com as mãos ao sentir meu lábio inferior tremer.

— Para de me chamar de amor, por favor.

Minhas bochechas ferviam na mesma medida que a minha garganta ardia. Eu queria gritar, queria chorar, queria um milhão de coisas ao mesmo tempo.

O médico segurou meus pulsos e tirou a minha proteção de dedos do rosto. Em seguida, com os joelhos no estofado, se enfiou entre as minhas coxas, cobrindo o corpo com o meu.

Quase todos os dias ficávamos naquela posição.

Todas as vezes, meu coração disparava como se fosse a primeira vez.

— Não paro, jornalista Lara. Não tem lógica eu fingir, porque tô completamente apaixonado por você. — O nariz se arrastou contra o meu. — Você é o *meu amor*. Não existe ninguém que seja, ninguém que tenha sido, ninguém que *será*, além de você.

— Não diz, não diz, não diz… — murmurei baixinho, as gotas de lágrimas espetando meus olhos.

— Eu te amo, Lara. — Merda, ele *disse*. — Quero você para a minha vida. Então, por favor, para de agir como se não sentisse o mesmo por mim.

Apertei os olhos, sem coragem de o encarar. Senti as lágrimas solitárias rolarem pelos

meus cílios, depois pelas minhas têmporas em direção ao estofado em que estava deitada.

Eu nunca senti por ninguém o que sentia por Victor Hugo Fagundes. Era mais do que desejo, mais do que carência, mais do que companheirismo. Com ele, me sentia pertencendo a um lugar. A alguém.

Aquele médico imenso, ladrão de geladeiras, havia se tornado meu porto seguro. A pessoa para quem eu corria quando os dias eram difíceis. A mesma pessoa com quem eu comemorava quando eram incríveis.

Eu tinha medo de o perder no momento em que toda aquela confusão se resolvesse. Temia ter que ir embora e deixar meu coração para trás. Não aguentaria o tranco de perder mais alguém.

Logo ele, que era tão importante para mim. Aquele homem era meu tudo, na mesma medida que deveria ser o meu nada.

Sabia qual era o nome daquele sentimento, só não conseguia colocar para fora. Se fizesse, não teria volta.

Puxei seu rosto para o meu, tocando sua boca na minha. Eu era incapaz de falar, totalmente impossibilitada de expressar meus sentimentos de forma coerente. Então o beijei.

Escorri os dedos para seus cabelos, ao passo que abracei seu quadril com as pernas. Seus lábios dançaram com os meus uma valsa que só nós dois éramos capazes de produzir. Sua língua se enroscou na minha como uma serpente seduzindo a presa.

Sem hesitar em corresponder, Victor Hugo fundiu nossas almas com aquele beijo. Dezenas de chupões nos lábios e na língua, centenas de mordiscares, um milhão de suspiros de vontade. A soma perfeita que só poderia terminar de uma maneira.

Com ele dentro de mim, roubando as minhas confissões secretas.

Victor Hugo me ergueu, fazendo com que me sentasse sobre seu colo. As mãos grandes se livraram da blusa do meu pijama com rapidez. A boca veio em seguida, desenhando rastros de brasa derretendo a pele do meu pescoço e do colo.

Queimando meus mamilos.

Ele nunca soube ser gentil naquelas horas, prendeu os dentes ao redor de um dos bicos. Chupou como se tentasse engolir meu seio. Tão prazeroso que quase doía.

Franzi o cenho ao gemer, afundando o quadril contra o seu. Tocando nossas intimidades cobertas. As roçando em loucura.

O outro seio foi coberto pela boca e me senti pegajosa. Gotejando de volúpia, implorando pelo momento de ser tomada. Era inacreditável a forma que eu sempre estava pronta para ele.

A forma que meu corpo sempre pulsava pelo dele. Ardendo, desvairado.

— Amo seu cheiro de caju, coisinha irritante. Amo o sabor da sua pele. Amo quando se arrepia para mim. — Uma das mãos escorregou por minhas costelas para rodear minha bunda. O apertão veio seguido de um dedo médio ansioso driblando os panos das roupas para roçar na entrada da minha boceta. — Amo a forma que você tá sempre molhada para mim, meu amor.

Deveria ter sido uma massagem exploratória, mas o dedo se perdeu em meu canal, seguido por mais dois. Firmei os joelhos no sofá, ao redor de Victor Hugo, e estiquei as costas para empinar o bumbum e dar mais espaço para as investidas que me derretiam.

Minhas unhas nunca foram imensas, só que eu as afundava nos ombros dele da mesma maneira que faria se fossem. De olhos fechados, lábio inferior mordido, libertando sussurros sem sentido que diziam o quanto eu precisava dele.

Não apenas na minha vida, mas dentro de mim. Enterrado, firme, tomando posse do que

o pertencia.

Eu mesma, por inteiro, sem reservas.

As posições se inverteram. Minhas costas foram para o estofado e os joelhos de Victor Hugo foram para o chão, seguidos por meus shorts e calcinha. Afastou minhas coxas, mantendo-as separadas para seu olhar apreciativo. Nua, exposta e excitada, só aguardando o momento que meu corpo tanto necessitava.

Ele não demorou a me dar.

— Por favor, Vi — gemi ao sentir a língua me lambendo de baixo para cima, da vagina ao clitóris.

Nas íris grudadas em meu rosto, quase não havia azul. Toda a coloração havia sido tomada pelas pupilas dilatadas. Focado demais em me colocar em primeiro lugar. Me satisfazer e me desfazer.

Os lábios se fecharam no nervo rígido, o sugaram para o encontro da língua quente. Os dedos exploradores voltaram em alavanca, puxando por dentro meu ponto mais sensível. Foi inevitável arquear as costas.

Victor Hugo se alimentou da minha boceta como se ambrosia divina escorresse de mim. Voraz, sem piedade, arrancando movimentos de rebolado do meu quadril e gritos indecentes da minha garganta. Palavrões, súplicas, havia de tudo um pouco.

Menos as declarações. E, porra, estava difícil me conter nessas.

A ponta da língua vibrou sobre a glande do clitóris exposta. A mão livre separava meus lábios inferiores, me deixava à mercê da fome do médico. E ele tinha muita.

Victor chupou ávido, dedou preciso, esfregou a cara enlouquecido. Estava em transe. Em uma missão heroica de me moer contra a minha consciência.

Senti os dedos dos pés enroscarem. A cada piscada, os pontos coloridos apareciam em minhas pálpebras. Meus quadris tremiam conforme a onda se construía sob meu baixo ventre.

— Isso, *amor*, isso. — Deixei escapar, entregue e me contorcendo demais para ser racional.

No entanto, Victor Hugo, que além de exímio criador de orgasmos era um profundo filho da puta, escutou. Com todas as letras.

— Você me chamou de quê? — A boca afastada da minha carne amoleceu a onda de êxtase.

Não, não, não!

— Eu… — Abri e fechei os dedos em seu cabelo, uma carícia sugestiva. Queria que ele voltasse para onde estava e não me fizesse mais perguntas dolorosas. Constrangedoras.

Era lógico que ele não o faria.

Assisti o cirurgião se levantar, depois retirar a cueca.

Victor Hugo era um ferrenho *hater* da ideia de gastar dinheiro com roupas para dormir. Nem conseguia o julgar.

Se aproximou outra vez, erguendo minhas pernas, as prendendo em volta da sua cintura. Perigosamente perto, diabolicamente fora de mim.

— Do que você me chamou, Lara? — A mão que tocou meu rosto era carinhosa, o polegar rodopiando pela minha bochecha. A testa grudada na minha, como se não pudesse acreditar no que tinha ouvido. — Você disse, eu sei que disse.

Foi difícil respirar ao enlaçar seu pescoço com meus braços. Voltei meus dedos para os cabelos sedosos, deslizando as pontas pelo couro cabeludo cheiroso.

Escovei meus lábios nos dele. Desenhei os contornos de sua boca com a ponta da minha

língua. Victor suspirou.

— Amor. Eu… te chamei de amor. — Só consegui falar quando o homem fechou os olhos, saboreando o novo vocativo.

Victor tirou uma das minhas mãos de seus cabelos e apertou sobre seu peito, na altura do coração. Estava batendo forte, disparado, esmurrava as costelas.

Idêntico ao meu.

— Você sente isso, né? — Os olhos azuis cintilaram em esperança. — Consegue acompanhar o ritmo das batidas?

Mordi o lábio ao assentir.

— Meu coração bate ao ritmo do seu nome. Minha Lara, Minha Lara, Minha Lara. — Cantarolou na mesma frequência que as vibrações sacodiam seu peito. Meus olhos arderam de novo. — Sabia que te queria para mim desde o momento que pus meus olhos em você, coisinha irritante. Agora que te tenho, não vou permitir que se vá.

A boca tomou a minha antes que eu começasse a chorar como criança. Senti Victor me penetrando, me invadindo com seu amor físico. Reivindicando seu espaço dentro de mim.

Primeiro lentamente, mas intenso. Como fazia desde o começo, para eu me acostumar com seu tamanho e com a sua energia sexual. A boca na minha, desenhando beijos no ritmo que estocava. Lentos, quentes e cheios de promessas. Deliciosos.

Uma, duas, dez vezes. Só que Victor não era adepto da calmaria. Sem brisas suaves, só furacões. Sem carrinho bate-bate, só montanhas-russas invertidas. Sem ir com calma, só se jogando de cabeça, mesmo sem saber se a piscina era funda o bastante para seu mergulho.

Sem sexo lentinho e romântico, só fodendo forte e rápido. Mesmo quando fazia amor.

A boca se afastou da minha, porque precisou de equilíbrio. Agarrando minhas coxas, os dedos afundados na pele deixariam marcas. O ritmo frenético da sua pelve se chocando contra a minha produzia sons estalados e molhados.

Os meus favoritos.

Era uma miríade de sensações, tanto físicas quanto emocionais. O prazer espetava minhas células, trancava meus sonhos e rasgava a minha garganta pelos gemidos.

A paixão inundava meu peito, inebriava meu cérebro e me fazia perder o controle do meu próprio corpo. Mesmo naquele ritmo frenético, ainda que ele fosse tão fundo que poderia nos fundir, não era o bastante para mim.

A urgência por ele era mais do que natural. Precisava de Victor Hugo tatuando suas digitais em mim tanto quanto necessitava de oxigênio.

— Vi, espera — ofeguei, tentando arrancar sua atenção do frenesi que estava. Inutilmente. — Victor, me escuta, eu quero…

— Caralho, Lara! — rosnou ensandecido, sem parar de arremeter. As veias em seu pescoço e braços saltavam sob a pele, a vermelhidão do rosto era linda.

— Amor, me escuta — apelei.

Só assim tive o foco dos olhos de Victor Hugo sobre mim.

Seu fôlego estava tão ruim quanto o meu. Respirava pesado, ruidoso, mas me encarava como se visse um milagre em sua frente.

Pena que não havia nenhuma santidade dentro de mim. Só pecado, principalmente no que dizia respeito a ele.

— Te quero aqui… — Segurei sua ereção, tirando de dentro só para empurrar mais para baixo. Em direção ao meu cu.

A devoção nos orbes azuis do médico virou loucura. Senti o pau pulsar na minha mão.

— Tem certeza? — perguntou a um fio de voz, como se o mínimo esforço fosse apagar minhas palavras feito miragem.

— Tenho, amor. — Encaixei a glande na cavidade. — Eu tenho sim.

As narinas inflaram. A mandíbula se trancou, mas o quadril foi pressionado em minha direção.

Estava lubrificado pela minha excitação e eu estava relaxada e decidida o suficiente para o acomodar. Centímetro a centímetro, Victor Hugo invadiu a minha zona mais segura.

O desconforto inicial veio, era como se me abrisse pronto para me partir ao meio. Grande como era, seria um paradoxo da natureza se não doesse nem um pouquinho.

Agarrei seus ombros e afundei o nariz na curva de seu pescoço à medida em que era preenchida. Expirei forte quando a entrada findou.

— P-posso parar. — A voz entrecortada de Victor Hugo me denunciava que não conseguiria parar nem se quisesse.

— Tá tudo bem. — Encorajei, acariciando seu cabelo e seu rosto. — Só não para de me olhar. Vai passar logo.

Mais uma vez, a mandíbula do homem se trancou. Só que, ao contrário da primeira vez, ele manteve os olhos pregados aos meus. Como eu havia pedido.

Com a testa na minha, nossos narizes grudados e sorrisos vacilantes, ele ondulou o corpo em mim. Lento, cuidadoso e cheio de carinho. Seu polegar escorregou até meu clitóris e o massageou. Repetidas vezes, o bastante para esquecer que um dia foi desconfortável o ter daquela maneira.

Meu olhar vacilou na primeira onda de prazer. Minhas pálpebras escorregaram e minha cabeça tombou para trás.

Eu praticamente podia escutar Victor Hugo rindo do meu descontrole.

O homem puxou minha mão e beijou o dorso, antes de a fazer substituir a sua em meu ponto máximo de prazer. Era uma ordem silenciosa, um maestro conduzindo a orquestra do meu tesão.

“Se toque”, era o que seus olhos diziam para mim. Não podia negar. Não tinha essa habilidade em meu DNA.

A ferocidade voltou à movimentação. Com ela, os rugidos leoninos de Victor Hugo. Agora, era ele que jogava a cabeça para trás e não conseguia se concentrar. Afogado demais no deleite que nossos corpos criavam.

Éramos perfeitos juntos. Ele me puxava, eu ia. Se eu pedisse, ele dava. Se ele me encaixava…

Eu montava.

— O que você tá fazendo? — perguntou em um fio de voz, quando inverti nossas posições, voltando à inicial, comigo sobre ele.

— Te roubando para mim. Nem que seja só aqui, nesse nosso segredo proibido. Neste negócio arriscado que pode ser essa relação. Eu amo você.

Seu sorriso fascinado foi substituído pelos olhos arregalados de satisfação. Apoiei os pés no estofado e tomei o controle para mim, subindo e descendo, empinando a bunda, fazendo de Victor Hugo o meu brinquedo favorito.

Soube que ele não duraria muito quando o corpo arqueou em minha direção. A boca abriu e fechou diversas vezes, mas nenhum som saía. As mãos tremeram, os dedos afundaram na carne da minha bunda e os olhos reviraram nas órbitas. O ápice veio em uma nota arrastada da sua voz grossa cantando em meus ouvidos.

Eu achava que era impossível, mas sentir seu prazer pulsando dentro do meu corpo, me enchendo do seu gozo, puxou meu orgasmo. A onda suspensa afogou a dominação em meus poros e meus joelhos sacudiram.

Tremi violentamente. Se não fossem os braços de Victor Hugo me mantendo presa a ele, eu teria caído no chão. De forma bem vergonhosa.

Não era a primeira vez que fazíamos sexo anal, mas era a primeira em que eu o permiti se embrenhar em minha alma, a ponto de me chacoalhar.

Me acomodei em seus braços, esparramada em seu peito. Alisou minhas costas com as palmas das mãos, mas respirava tão mal quanto eu.

Nossa capacidade pulmonar, naquele momento, se comparava à de alguém que havia fumado por cinquenta anos. Cigarros vagabundos, daqueles que se vende a varejo nos trens.

— Você realmente disse que me ama… — Victor soou inseguro. — Ou era só porque a gente estava…?

— Eu te chamei de amor. — Mirei em seus olhos. — E disse que te amo, sim. Porque eu sou maluca e mesmo que eu me foda toda no final disso, quero viver cada segundo que puder desse sentimento.

— Ah, Lara… — Meu rosto foi sapecado de beijos. Na testa, no nariz, nos olhos, nos lábios. Em todo canto que ele pudesse beijar e me abraçar ao mesmo tempo. — Eu queria que existisse alguma maneira de te convencer que isso é o que eu mais quero na vida. Faço qualquer coisa para poder te ter ao meu lado.

Não percebi o que fazia, até que me mostrou o círculo dourado fora de sua mão.

Franzi o cenho sem deixar que a ficha caísse.

— Eu terminei com a Bia, antes de voltar para casa. — Meu queixo caiu. — Não foi nada nobre, só uma mensagem no WhatsApp, mas…

— Você… *O quê?*

— Já tirei do status do Facebook, já avisei meus pais por áudio e ganhei tapinhas de congratulações do Rafa. A Ashanti disse que ia soltar fogos.

Peguei o anel na mão, segurando pela pontinha dos dedos como se fosse radioativo. Era fino, simples, mas com certeza de ouro.

Victor puxou meu queixo. Aquele olhar apaixonado esparramado no rosto.

— Lara Corrêa, você quer ser a minha namorada?

— Mas e a imobiliária? E a casa? E… — Ele me calou, um dedo esticado sobre meus lábios.

— Que se foda a imobiliária. A gente tem como provar tudo, amor. Eu só não quero mais ter que esconder o quanto eu te amo. O quanto você é minha.

Meu Deus, como ele era cafona!

Meu Deus, como eu amava aquele cretino cafona!

— Se eu disser sim, você me deixa ficar na sua casa? — Fiz um beicinho cheio de manha.

Victor Hugo gargalhou escandaloso.

— Essa casa é sua, jornalista Lara. É nossa. Vai ser a casa da nossa família.

Não consegui segurar dessa vez. Quando o choro veio, chegou acompanhado de um sorriso que não cabia nas minhas bochechas. Entremeado de risadas e um abraço apertado que queria cimentar meu coração no dele.

Meu namorado.

— Eu quero sim, doutor Victor Hugo.

— Ótimo! Agora posso te devolver a geladeira.



Victor Hugo tinha uma ideia esquisita do que seria uma geladeira. Em sua concepção, o eletrodoméstico tinha doze polegadas, desbloqueio por reconhecimento facial e dois terabytes de armazenamento interno. E, claro, custava mais de trinta mil reais com todos os acessórios mais avançados.

Eu ainda custava a acreditar que aquele iPad era mais caro do que uma motocicleta. Meu tablet antigo realizava as mesmas funções, custando um sexto do preço.

Mas era isso ou o carro. E, cacete, eu nem tinha carteira de motorista. Reprovei quatro vezes por causa do inferno da baliza. Definitivamente não queria passar por aquilo de novo para poder dirigir um veículo que ocupava duas vagas regulares.

O cretino tinha dinheiro para comprar a nossa casa cinco vezes, mas preferiu atazanar o meu juízo até que me apaixonar por ele fosse inevitável.

— Sorrindo à toa? — Beca, minha advogada, esticou os olhos sobre meu ombro para tentar enxergar o que eu fazia no aparelho, só para se decepcionar com o aplicativo de edição de vídeo aberto.

Trabalho, como sempre. Um microvlog para Tiktok sobre artistas independentes. Era parte da minha coluna na próxima edição da Finesse.

E, tudo bem, se eu ainda usasse meu tablet aposentado, não estaria terminando a edição que comecei no intervalo da sessão de mediação sobre o meu caso.

Finalmente o grande dia havia chegado. Era a última reunião antes de eu assinar os papéis e me livrar daquele imbróglio. Para poder berrar em todos os outdoors da cidade que eu tinha um namorado e que ele se chamada Victor Hugo Fagundes. O médico cretino mais gostoso e extravagante do Rio de Janeiro.

— Anel bonito. — Beca sorriu para o meu anelar direito.

Aliança de compromisso, ele havia dito. Recebi no mesmo embrulho do iPad, com um monte de flores e chocolates Dengo, há cinco semanas.

Era como se ele só estivesse esperando o meu “sim”. Como se soubesse desde o começo onde tudo aquilo resultaria. Com um solitário da Pandora, em cristal rosa e aro de prata de lei, brigando pela atenção das pessoas com meus outros seis anéis comprados na Shein.

— É de compromisso. — Pisquei para ela discretamente.

Seu sorriso de lado me denunciou que sabia de todas as vírgulas sobre o assunto. Talvez muito antes de mim.

Meu rosto esquentou e mordi o lábio. Olhei sobre o ombro, na direção das persianas da saleta destinada a mediações e conciliações no tribunal. Pelas falhas da cortina, conseguia enxergar o cabelo escuro de Victor Hugo.

Como se sentisse meu olhar, o médico inclinou o rosto para mim. Eu sabia que ele queria soprar um beijo, mas tudo que fez foi esboçar um sorriso contrariado.

Devolvi a expressão, mas ousei. Articulei um *gostoso* sem fazer som, rapidinho. O bastante para que apenas ele risse e ninguém escutasse.

— Boa tarde, senhoras e senhores. Podemos voltar? — Leila, a mediadora, se sentou à ponta da mesa outra vez.

Era uma mulher séria, com um coque ruivo apertado no alto da cabeça e mais preenchimento labial do que a idade pediria. Mas parecia objetiva, e Beca deu graças a Deus quando viu o nome dela na nossa sessão.

Parecia ser bom para nós.

— Com certeza — minha advogada se pronunciou.

— Claro — Otto Martins disse. O outro advogado o acompanhou com um aceno de cabeça. Ambos, representantes da imobiliária. Uma dupla curiosa que era parecida demais para serem só colegas de trabalho, mas diferentes demais para serem gêmeos. Irmãos, talvez. Gays que só se relacionavam com clones de si mesmos, talvez. — Como a senhora quiser.

Leila digitou em seu notebook, com a tampa virada para nós. Nem que eu me esforçasse, conseguiria adivinhar o que ela escrevia em sua ata.

— Perfeito. Vamos de onde paramos. — Ajeitou os óculos na curva do nariz. — Houve um mal-entendido na venda da casa e…

De novo a história do “simples mal-entendido”. Era a décima vez que eu revirava o olho por causa da escolha de termos para descrever o golpe colossal que levei.

— Como eu havia falado, senhora Leila, não se trata de um erro. O contrato imobiliário, que a minha cliente assinou, era falso. Sendo que era de responsabilidade da prestadora de serviço se certificar da veracidade das informações prestadas no ato da venda. Trata-se de um golpe flagrante, na qual a requerida teve conivência. No mínimo, negligência para com a senhorita Lara Corrêa.

Como a mulher falava bonito! Quase bati palmas para Rebeca. No entanto, não consegui segurar o sorriso sarcástico.

Era para ser uma reunião pacífica, mas Beca estava disposta a transformar a sala em um ringue, se fosse preciso.

— Bem, doutora Rebeca, nós acreditamos que se trata de um simples inconveniente — Otto Martins tentou, embora sua feição estivesse prestes a se despedaçar em um bico de birra.

A dupla de advogados não parecia a mais preparada do mundo. Ao lado deles, o representante da imobiliária, suava frio. Seus óculos de lentes grossas escorregavam do nariz sem qualquer esforço.

Rebeca comeria os três de colher, mesmo que não fosse uma audiência.

— "Simples inconveniente," senhor Martins? — Beca franziu as sobrancelhas, desmontando todo o humor cúmplice de minutos antes. — Comprar uma casa com um estranho dentro é bem mais do que um mero probleminha. Seu cliente foi negligente ao não verificar o imóvel.

A tensão podia ser cortada com uma faca.

E eu tinha o péssimo hábito de gargalhar de nervoso em situações como aquela. Precisei morder a boca para não fazer merda.

— Doutora Rebeca, a senhora está fazendo acusações infundadas e difamatórias! — Otto retrucou, com um olhar inflamado e uma veia pulsando bem no lugar que o faria ter um infarto.

Rebeca arqueou uma sobrancelha e deixou um sorriso ácido erguer uma de suas bochechas.

— Difamação, senhor Martins? Por favor, poupemos o jargão legal e foquemos nos fatos. Lara Corrêa tem sido vítima de uma trama orquestrada por Santiago Garcia, ou seja lá qual for o nome real deste mencionado senhor. E a imobiliária pode ser citada como cúmplice em um litígio que certamente queimaria toda a sua credibilidade no mercado.

Otto, em um último esforço para salvar o rabo de seu cliente, disparou:

— Será que a senhora Rebeca tem capacidade técnica para atuar no caso? — Sua voz estava carregada de sarcasmo.

Era pura tentativa de desestabilizar minha advogada. Entretanto, Rebeca sorriu. Um sorriso era tão cortante quanto uma lâmina afiada:

— Senhor Martins, eu sou bacharela em Direito formada pela Faculdade Nacional de Direito, pós-graduada em Contratos pela USP e tenho um L.L.M. em Direito Civil Comparado pela Universidade de Dartmouth. — A mulher nem titubeou ao estender o pau imaginário na mesa para medir. — Além disso, sou sócia sênior do maior escritório jurídico cível do Rio de Janeiro. Eu diria que tenho mais do que capacidade para compreender a complexidade desse caso.

Nossa, Beca! Na cara não.

Disfarcei a minha risada com um engasgar ridículo que ninguém na mesa comprou.

Olhando bem, até a mediadora apertava a boca para não rir.

— O senhor quer mesmo levar isso às vias tradicionais? — Beca ameaçou com um sorriso. — Há todo um leque de clientes que certamente não voltariam a fazer negócios com os senhores depois dessa pataquada.

O homem de óculos grossos, que descobri ser um dos sócios da imobiliária, puxou Otto e sussurrou alguma coisa. O advogado bocudo não gostou, fez uma careta para o mudo.

— Oferecemos trezentos mil de indenização pelos desgastes causados à senhorita Corrêa. — O nome do homem era Rui e ele ainda não havia aberto a boca. Só que gostei mais dele do que do outro.

— Trezentos mil não é nem o valor que a minha cliente desembolsou pelo imóvel. Queremos o retorno integral do valor do investimento *mais* trezentos mil de danos morais.

Não consegui segurar minhas expressões. Arregalei os olhos.

Mesmo alguém ruim em matemática como eu era, entendia o que a minha advogada pedia. Pelo menos, setecentos mil.

Era zero para caramba do lado direito do número. Eu nunca tive tanto dinheiro na minha vida.

— Isso é ultrajante — Otto rosnou. — Oferecemos cinquenta mil de danos morais, além do valor da casa.

— Duzentos mil de danos morais, além do custo do imóvel — Beca rebateu.

— Mas isso não tem cabimento! — o cara dos óculos sebosos guinchou.

— Os senhores operam com móveis de luxo. A casa que minha cliente comprou foi uma das primeiras *regular ticket* do seu portifólio.

— Doutora Inohina, é um valor exorbitante… — O advogado parecido com Otto resmungou. Eu deveria ter gravado pelo menos o nome dele....

— Exorbitante é o estresse que a minha cliente passou sendo obrigada a morar com um

estranho. Ainda mais sendo mulher neste país. Por indiligência dos senhores, em uma situação um pouco mais crítica, Lara Corrêa poderia ter virado estatística. Vítima de violência doméstica, ou talvez até feminicídio!

Precisei conter a vontade de estreitar os olhos para a minha advogada. Victor Hugo não levantava a mão nem para matar um mosquito, quem dirá para me agredir.

A não ser que os tapas que ele dava na minha bunda na hora do sexo fossem considerados violência. Aí, sim, realmente. Agressão das terríveis.

— Não precisa exagerar, doutora Rebeca… — a mediadora murmurou com seus olhos arregalados.

— Cem mil de danos morais, fechando o montante final em quinhentos mil, oitocentos e noventa e cinco reais e vinte centavos. Fora o ressarcimento pela documentação. — O advogado que eu não lembrava o nome cruzou os dedos sobre os papéis. Parecia mais contido do que o tal do Otto. — É o que oferecemos hoje.

Beca me encarou, aguardando uma resposta.

Mesmo os quinhentos mil já eram mais dinheiro do que eu havia tido na vida. Poderia comprar outra casa se quisesse, dez iPads turbo, um monte de geladeiras… Uma quantia que mudaria minha história totalmente.

Então assenti rapidamente para a minha advogada, que se dirigiu ao advogados, mudando o semblante completamente. Um sorriso animado e brilhante ergueu suas bochechas.

— Podemos fechar o acordo.



Ainda não conseguia acreditar na informação da tela do meu celular. O aplicativo do banco estava com uma porção de números na área do salto que normalmente não se via na conta bancária de ninguém que não nascesse rico, ou não tivesse arrombado o Código Penal.

Em muitos casos, ambas as circunstâncias.

Arrastava o dedo para baixo, na tela, a cada dois minutos só para ter certeza de que o dinheiro não sairia magicamente dali. Era a vigésima sexta tentativa, e os quinhentos mil e cacetada ainda estavam por lá. Assim como a mensagem da minha gerente me propondo subir a classe da minha conta e um PDF imenso de possíveis investimentos no meu WhatsApp.

Era uma loucura.

Eu tinha uma casa, muita grana e o homem por quem eu era apaixonada. E que por milagre era apaixonado por mim. Era algum desvio da natureza ou besteira que o Loki fez no multiverso[8].

De um jeito muito confuso, a Lara de meses atrás que havia começado aquela jornada sozinha, com uma geladeira inverter, um sofá amarelo e um monte de interrogações, conseguiu um lar.

Um lugar para ser sua nova base.

Nossa base.

Entre o acordo com a imobiliária e o dinheiro bater na minha conta, passaram exatos dezesseis dias. Nem imaginava que o pagamento fosse ocorrer tão perto do Natal, mas ali estava eu, pensando no que faria com a quantia.

Guardaria uma boa parte, lógico. Mais da metade, com certeza. Mas e o resto? Ainda não tinha conseguido decidir se começava outra faculdade, se viajava ou se…

O brilho do solitário rosa atraiu a minha atenção. A primeira movimentação do dia que arrancava meus olhos da tela laranja do aplicativo do banco.

Victor Hugo ainda havia falado sobre casamento, mas sabia que era só pelo fato de o processo ainda estar em curso. Ele era emocionado demais para conseguir respeitar todos os passos do processo de um relacionamento.

Hmpf! A quem eu queria enganar?

Estava louca para torrar uma grana em vestido de noiva, maquiagem superfaturada e docinhos em uma quantidade exagerada que ninguém aguentaria comer pelas próximas três semanas seguintes.

Minhas madrinhas seriam Ashanti e Mariabia. Não existia a possibilidade de eu assinar um papel vinculando a minha existência à de Victor Hugo perante o Estado sem minhas duas melhores amigas.

Demorou um tempo para a minha cabeça parar de dar *tilte* sobre eu poder ter duas melhores amigas. Agora, eu queria usar a definição para qualquer coisa que pudesse as citar.

O padrinho de Victor seria Rafael, sem qualquer sombra de dúvida. Tão indubitavelmente quanto a despedida de solteiro seria em uma trilha com os marombeiros da academia que comiam dezoito ovos por dia, assim como eles dois.

Conhecendo as meninas, na minha, a chance de acabarmos presas por andar de peitos de fora pela cidade era bem alta.

— Será? — Ri sozinha da velocidade com que meus pensamentos começaram a correr.

Passava tanto tempo com Victor Hugo que começava a atropelar o carro por cima dos bois igual a ele.

Havia me tornado um caldeirão de emoções intensas. Tudo sobre aquele médico que transformava geladeiras em iPads revirava minhas entranhas e fazia meu corpo tremer. Por ansiedade ou por alegria. De prazer ou de amor.

Nunca de tristeza nem de ódio. Exatamente da forma que ele havia prometido.

Estava ansiosa pelo nosso primeiro Natal juntos, havia tirado até alguns dias de férias para poder organizar as coisas. Os pratos que faríamos, os presentes que eu o daria e até mesmo a decoração que nos atrasamos para fazer. Com a correria das últimas semanas, esquecemos de enfeitar a casa.

Para não dizer que éramos totalmente relapsos, havia um boneco de neve feito de isopor, com a camisa vermelha e branca do Esporte Clube Cascatinha, meu time de futebol do coração desde a minha infância. Era uma coisa afetiva sobre o clube da minha cidade e o fanatismo da minha mãe.

Victor Hugo riu por quarenta minutos ininterruptos quando descobriu para qual time eu torcia. Depois, agradeceu a todas as entidades que regiam o universo por eu não ser torcedora do Flamengo.

Ding-ding-ding-dong!

Por Deus, como eu detestava aquela campainha nova. A antiga, um clássico *beeeng*, me irritava menos. Despertava alguma coisa menos terrível em mim, por assim dizer.

Porém, ainda que a onomatopeia errada e exagerada me desse nos nervos, precisava atender. Um dos presentes que eu havia comprado para Victor Hugo, na internet, era um jaleco novo com bordados da cor do Fluminense no bolso e nas pontas das mangas.

Esse era bem o que eu estava mais animada para dar a ele.

Logo depois de eu mesma, em uma lingerie vermelha minúscula que seria confundida tranquilamente com um laço de presentes. Essa, já havia chegado.

— Já vai! — Saltitei até a portar de entrada, agradecendo mentalmente meu namorado estar de plantão. Não me daria o trabalho de passar correndo com a caixa e inventar vinte mentiras diferentes sobre universitários pintados pedindo gorjetas para chopadas.

No entanto, quem me esperava do lado de fora do portão gradeado não era um entregador uniformizado de transportadora com um pacote e uma caneta vagabunda esperando a minha assinatura.

Senti minha garganta secar quando enxerguei a mulher me encarando com um sorriso triste.

Eu não a conhecia pessoalmente, mas ela parecia mais alta do que nas fotos. O cabelo

loiro que descia em ondas nas antigas imagens espalhadas pelo corredor de casa estava preso em um coque apressado. Os olhos azuis eram tão claros que pareciam vidro.

Conhecia um nariz de rinoplastia de longe, mas em nada diminuía a beleza dela. Assim como o preenchimento nos lábios.

De repente, Bianca Montenegro não era mais um nome, um ideal ilustrado por fotografias antigas. O conceito se tornou realidade, e a realidade estava bem na minha frente.

— Oi… — Sua voz saiu como um sopro hesitante. Era cristalina. — Lara, né? Posso falar com você?

Eu poderia ter desmaiado naquele instante.

Senti o sangue sumir debaixo da minha pele. O suor escorreu frio por minha nuca e o ar esqueceu como descer até os meus pulmões. O pontos pretos em minha visão poderiam ter se tornado um mar de breu no minuto em que a minha garganta fechou.

Centenas de milhares de pensamentos pipocaram em minha cabeça. O que ela fazia ali? Por que estava ali, e não do outro lado do mundo voando com seu harém pessoal de amantes?

O que aquela mulher queria comigo?

Engoli seco antes de responder. Não poderia correr para dentro de casa e me esconder debaixo dos cobertores até que ela desistisse e fosse embora. Eu era adulta e adultos enfrentavam os problemas em que se metiam.

Só que eu não me lembrava de estar enfiada em problema nenhum. Não quando o relacionamento dela com Victor Hugo era aberto, muito menos depois de terminarem.

Mesmo assim, obriguei meus pés a se arrastarem até o portão e o abri, sem dar uma resposta.

Os ombros de Bianca murcharam ao me ver de perto. Como eu suspeitava, a mulher era mais alta que eu, tinha a altura de Mariabia, mais ou menos. Os olhos cristalinos, de um azul ainda mais claro que o de Victor Hugo, se demoraram ao rolar por meu rosto, depois meu corpo.

Não parecia desprezo e não havia hostilidade. Era só reconhecimento.

— Você é linda — murmurou tão baixo que precisei me concentrar para identificar as palavras.

— Você também. — Não era mentira.

Bianca tinha o rosto esculpido de princesa e o corpo que metade da população mundial mataria para ter. Cintura fina, pernas longas e longilíneas. Não tinha busto demais a ponto de ficar vulgar ao usar um decote, mas havia volume o bastante para encher um sutiã.

Era a estrutura de uma supermodelo. Do tipo que eu havia passado anos da minha adolescência querendo ser ao me martirizar por minhas coxas grossas, bunda enorme e a maldita pochete na barriga que eu não conseguiria perder nem se passasse fome, e, mesmo com o corpo magro, continuava lá.

Precisei de doze anos para começar a me achar bonita.

Bastaram cinco segundos em frente à ex-namorada de Victor Hugo e todo o meu trabalho de autoestima de uma vida inteira escorreu ralo abaixo.

— Posso entrar? — Ela mordeu o lábio inferior ao apontar para a porta aberta da sala.

— Sim, claro. — Foi o que consegui sussurrar ao me direcionar para dentro de casa.

Bianca me acompanhou em silêncio. Quando a olhava por sobre o ombro, via seus olhares curiosos para cada detalhe. Para alguns, torcia o nariz, como os livros e as plantas. Para outros, as fotografias, deixava sorrisos escaparem.

— Você quer… água? Café? — Indiquei o sofá para que a minha visita se acomodasse.

— Não, na verdade. Estou bem, obrigada.

Me sentei no outro sofá. De repente, não sabia como me comportar dentro do meu próprio lar. Fiquei em dúvida entre cruzar as pernas ou apoiar uma almofada no meu colo. Me senti largada demais, malvestida demais.

Mesmo que usasse um vestido canelado arrumadinho demais para usar dentro de casa.

Mesmo que quem estivesse de calça de flanela e um cropped puído fosse ela.

Era alguma coisa sobre a sua postura de aristocrata herdeira multimilionária. Perto de Bianca Montenegro, eu me sentia inadequada.

Mesmo que ela não tivesse dito nada para que eu me sentisse assim.

Era profundamente constrangedor.

— Eu posso te ajudar em alguma coisa? — perguntei depois de quase cinco minutos em silêncio, uma encarando a outra.

Bianca apertou os olhos com as pontas dos dedos e deixou um soluço subir à sua garganta. As bochechas tomaram vários tons de vermelho e ela fez a menção de se levantar.

— Me desculpe, eu não deveria ter vindo aqui te incomodar e…

— Não, espera — intervi. — Eu vou pegar uma água e a gente conversa. Seja lá sobre o que você quiser conversar comigo. Tá bem?

Assentiu de narinas infladas. Segurando o choro.

Minha garganta ardeu na hora. Corri para a cozinha e levei mais tempo do que o necessário para encher um copo.

Não havia motivo para aquela mulher estar segurando as lágrimas em minha casa, sentada no meu sofá. Exceto, é claro, o fato de eu ter roubado seu noivo. Como a boa biscate desleal que sempre quis evitar ser.

O copo tremeu nas mãos dela quando o pegou.

— Obrigada. — Bebericou um gole.

— Não tem de quê.

Mais incontáveis minutos de silêncio berraram no ambiente. Minha pele coçava pela ansiedade. O líquido em meu estômago revirava o bastante para que eu estivesse pronta para vomitar.

— Eu tinha todo um discurso pronto, sabe? — Bianca fungou. — Todo um roteiro a ser seguido, mas… Você é tão bonita e tão gentil, não parece a destruidora de lares que eu achei que fosse. Estou envergonhada pelas coisas que eu… Droga!

As primeiras lágrimas escorregaram por seu rosto e me fizeram grudar as costas no estofado. Como eu deveria reagir? Consolar a mulher que meu namorado havia trocado por mim?

Era, no mínimo, imoral.

— Me desculpa. — Bianca secou os olhos com as pontas dos dedos. — É que… Ele terminou comigo por mensagem de texto! Depois de tudo… De todos esses anos…

— Vocês não tinham a melhor das relações. — Me arrependi depois que as palavras pularam da minha boca. Grudei a mão nos lábios, como se pudesse as engolir e reverter o estrago.

— Era isso que aquele desgraçado te dizia? — a mulher rosnou. Seus olhos correram para a minha mão direita. Se estreitaram automaticamente. — Eu tinha um igual a esse, antes do noivado.

Arregalei os olhos e afastei a mão do meu rosto horrorizada.

— Victor não dizia, eu escutava. Vocês… O noivado de vocês era aberto!

— Por insistência dele! — Franzi o cenho. — Aquele maldito manipulador, me fez abrir

o relacionamento e depois tinha crises de ciúmes por pura possessividade. Um machista hipócrita. Traidor!

Victor Hugo sempre reagia mal quando a pauta relacionamento aberto era trazida à tona. Era impossível que cada sílaba vinda de Bianca fosse real.

Não era tonta desse jeito. Eu vi, com meus próprios olhos. Todos os semblantes pesados, todos os gatilhos. Tudo. O médico era infeliz naquela relação imposta por ela.

Eu tinha certeza.

— Me desculpa, Bianca. Mas eu não consigo acreditar. Esse que você descreveu não é o Victor Hugo que eu conheço.

— É claro que não. É assim que ele age. — Bianca suspirou. — No começo, ele é um babaca. Um arrogante, dá vontade de arrancar a cabeça dele. Depois, ele é prestativo e gentil. Vai te conquistando aos poucos, até te levar para cama. E quando leva… Victor Hugo Fagundes é insuperável em uma porção de coisas, principalmente em ser um cafajeste.

Meus olhos arderam e o grito escalou minha garganta. Foi trancado por meus dentes, mas doeu em todos os ossos da minha cabeça.

Havia sido daquele jeito, em cada vírgula. O Victor que eu não suportava deu lugar ao Victor que me tratava como uma princesa. Um amigo, um confidente. Um amante, o melhor de todos.

Quando vi, havia me apaixonado por ele. Bem antes de admitir para mim mesma.

Mas não podia ser…

Tudo o que sentimos, cada palavra que trocamos…

— Você ligou para ele enquanto transava com outro cara. — Minha acusação saiu guinchada.

Bianca riu, mas logo seu lábio inferior tremeu.

— Quantas vezes você acha que eu já vi fotos de peitos no celular dele que não eram meus? Desde antes de a gente abrir o relacionamento.

— Isso é mentira.

Bianca atravessou o espaço que nos afastava. Não consegui reagir quando segurou minhas mãos. Os olhos ainda mais claros pelas lágrimas me encararam, era como uma súplica.

— Lara, por favor. Acredita em mim! Eu sei que parece mentira, que é difícil para você acreditar em qualquer palavra que eu disse, mas… Ele disse que sou fútil e irresponsável, né? Que eu queria um otário para assumir meu lugar na Atlas Health, enquanto eu voava o mundo sendo uma princesa cabeça-oca.

Meneei a cabeça em negativa. Victor não havia me dito aquilo, eu havia pressuposto sozinha.

O problema era que todo o contexto me levou a acreditar naquela versão.

— Ele me disse que você era só um passatempo até conseguir a casa e te expulsar daqui, Lara. Victor Hugo disse que te usaria para te fazer abrir mão deste lugar e depois se livraria de você. Mas acho que ele se apaixonou, no meio do caminho. — Bianca tocou meu rosto. Minha pele gelada fazia parecer que sua mão fervia. — Qualquer um teria se apaixonado, olha só para você. Acho que é a mulher mais bonita que eu já vi.

Bianca enfiou a mão no bolso e puxou o aparelho celular. Vi seus dedos voando pela tela em busca do aplicativo do WhatsApp, em seguida, na conversa de Victor Hugo.

— Leia — implorou. — Eu sei que você acredita que nossa relação era ruim, mas eu preciso que você saiba a verdade. Está sendo enganada como eu fui.

Eu não devia ter sequer olhado para aquelas mensagens, mas fui incapaz de controlar

meu corpo. A Lara dentro do meu cérebro gritava para que eu parasse, mas meus polegares rolaram pelo vidro e cada mensagem era uma facada no meu peito.

Havia textos de todas as épocas. Em algumas mensagens, eles pareciam se estranhar, mas em outras, se queriam como coelhos no cio querem trepar o tempo inteiro.

Havia nudes, juras de amor, promessas… E também havia mensagens de Victor Hugo desdenhando de mim. Dizendo que eu era uma gostosa, mas que era burra. Em uma delas, ele chegou a insinuar que poderíamos transar os três, quando Bianca estivesse no Brasil.

Havia sido logo no começo. Pela data, lá pela época em que fizemos sexo a primeira vez.

Depois, o tom sobre mim foi amenizando. De otária, passei a menina. De menina, passei a Lara. Na última mensagem, a que ele terminava com ela, fui chamada de amor da sua vida.

Um soco no estômago teria doído menos.

As cores se misturaram aos cheiros. A voz de Bianca tagarelando qualquer coisa que eu não conseguia entender. Nem queria.

O som do meu coração se dilacerando em centenas de cacos pontiagudos fazia barulho o suficiente dentro de mim.

Sabia que conversas podiam ser editadas, mensagens apagadas para favorecer o lado mais conveniente. Mas aquele era o WhatsApp de Bianca. Não havia como ela ter editado as mensagens dele. Só as dela.

Eu queria morrer.

— Me desculpa, Lara, me desculpa… — Seus braços me envolveram apertado.

Não conseguia conter o meu choro copioso. Era dolorido demais, parecia que mais uma parte minha era arrancada.

Meu chão, meu ar, minha alma. Tudo foi tirado de mim sem qualquer trégua do destino.

O homem que eu amava não era quem eu pensava. Havia sido feita de idiota, usada, tripudiada.

Me sentia imunda.

Me sentia ferida.

— Bia, vai embora, por favor. — Foi a minha vez de implorar, com a voz rasgando a minha garganta. — Eu preciso ficar sozinha.

— Não posso te deixar sozinha. Você pode…

— Bianca, sai da minha casa! — Foi um rosnado.

Mas ao contrário do que esperava, ela apenas assentiu. O rosto enxarcado de lágrimas, o nariz arrebitado vermelho e entupido. Vi quando se levantou e se inclinou para me dar um beijo na testa.

Depois vi quando seguiu para a porta, aos tropeços.

— Eu não queria causar toda essa dor, Lara… — Foram suas últimas palavras.

Escutei a porta bater, depois o som metálico do portão estalando nas dobradiças.

Depois, não escutei mais nada além dos meus berros desesperados. Meu coração sangrando fazia todo meu corpo doer. Minha cabeça latejava, eu convulsionava de tanto chorar.

Foram tantos minutos chorando que desmaiei.

Era por isso que eu não deixava ninguém entrar. Inevitavelmente, todos iam embora e só ficava a casca de mim para lidar com o luto.

O problema era que se Victor Hugo tivesse sido homem e ido embora antes de fazer eu o amar, eu estaria menos destruída.

Naquele momento, eu o odiava, mas não tanto quanto eu o amava. Queria bater nele, na mesma medida em que queria seu colo e escutar da sua boca que tudo aquilo era um mal-

entendido. Um engano, uma armadilha feroz de uma vilã amargurada.

Mas não era. Tudo era real demais, os mínimos detalhes se encaixavam.

Victor Hugo me usou para conseguir a casa.

Conseguiu e levou de brinde o meu coração.

E esse era o pior dos cenários.



Sabia que alguma coisa estava errada no momento em que pisei em casa e não encontrei nenhum salto alto pelo corredor, nem música tocando alto na televisão porque Lara odiava dormir sozinha.

Piorando minhas expectativas, não a encontrei em nenhum dos cômodos. Seus cachos castanhos não estavam em meu travesseiro, espalhados enquanto dormia. Tampouco as curvas em que eu me perdia todas as noite estavam em seu quarto. Ainda que seu colchão tivesse sido pouco utilizado nos últimos dias.

— Lara? — chamei pelo que me pareceu a décima vez, enquanto buscava qualquer indício de que ela havia saído.

Talvez tivesse ido ajudar algumas das meninas. Talvez tivesse dormido fora de casa com elas, mas Lara teria me avisado. Ela sabia o quanto eu me preocupava.

Não havia bilhetes pregados no meu mural magnético nem na porta da geladeira. Não havia mensagens no meu celular ou notificações de ligação perdida. Nada. Era como se a jornalista tivesse evaporado da história.

A preocupação corroía minhas entranhas. Algo sério havia acontecido e a fez sair de casa em algum momento entre eu ir para o trabalho na manhã anterior e a manhã que cheguei em casa. Poderia ter sido à tarde, após o almoço. À noite, ou até mesmo de madrugada.

Imprevistos tinham esse nome por um bom motivo. Não havia como ter alguma noção sobre qual momento as coisas saíam do trilho.

Só rezava para não ter sido nada grave. Lara sofreria demais se algum acidente tivesse ocorrido com as meninas. Mariabia e Ashanti eram o mundo da minha garota, só elas a arrancariam de casa às pressas e com motivos sérios.

Lara não era de se abrir com as pessoas. Guardava os ressentimentos até que não coubessem mais na garganta, mas corria ao socorro de qualquer um que chamasse. Era forte por todo mundo, não suportava que fossem por ela.

Era incrível como um ser humano tão miúdo pudesse ter um coração tão gigantesco.

— Que merda… — resmunguei sozinho. — Vou ter que apelar.

Eu não tinha o celular de Ashanti, então busquei Rafael. Estava cedo, não era nem oito da manhã. Meu melhor amigo malhava pelas manhãs e depois atendia seus primeiros pacientes no consultório.

Não adiantaria ligar enlouquecido, como se fosse seguradora de cartão de crédito

cobrando débitos em aberto. Precisaria esperar, não havia o que fazer.

O problema era que a esperar fazia meu estômago revirar em ansiedade. Era um aflição, um comichão na base da nuca, um peso sobre os ombros. Um presságio ruim de que nada seria mais como era.

Tentei ao máximo ignorar a sensação. Me forcei a tomar banho, depois me alimentar. O pão com geleia quase não desceu pela garganta, precisei fazer muita força para engolir o café. A sensação horrorosa de nostalgia trágica me abraçando como um carrasco.

Quem moía os grãos de café todos os dias era Lara.

Ela não o fez naquela manhã.

Chequei se havia alguma notificação no smartwatch. Nada de Rafael ainda e nenhuma das meninas havia me respondido no Instagram. Era como se todos estivessem em silêncio, tripudiando da minha agonia enquanto eu era abatido pela sensação dolorida de não ter Lara em meus braços.

Esfreguei o cabelo e respirei fundo. Não podia me dar ao luxo de reagir com ansiedade e tomar decisões idiotas.

Rodei em círculos pela casa até ser arrancado da minha síncope precoce pelo som de um celular tocando. Corri em direção ao barulho com a esperança irradiando no peito até me dar conta de que o toque não vinha do meu aparelho. Se o fizesse, meu relógio teria vibrado.

Intrigado, encontrei um iPhone de algumas gerações anteriores sobre o rack da sala. Era mais antigo que o de Lara e, definitivamente, não era o meu. O toque que me chamou a atenção era de um despertador e quase o desliguei automaticamente, até que li o título do lembrete.

Destruir um filho da puta, às nove e vinte da manhã.

— Mas que merda é essa? — Não reconheci aquele celular e me causou profundo estranhamento por não ter nenhum tipo de segurança no bloqueio da tela.

Tranquei a mandíbula quando deslizei o cadeado e encontrei uma foto de Bianca posando em frente à Torrei Eiffel no fundo da tela.

Expirei o ar com força, antevendo o tamanho do estrago. Não pude me segurar, meu primeiro ímpeto foi vasculhar o aparelho atrás de alguma cachorrada. Tentei todos os aplicativos disponíveis, mas estavam ou vazios ou com contas zeradas. Como se nunca tivessem sido usados. Exceto o WhatsApp.

Abri o aplicativo, a princípio era como qualquer outro. Exceto que o contato que tinha o meu nome usava a foto que eu havia trocado havia alguns dias.

Franzi o cenho e apertei a minha suposta conversa só para me confirmar o desastre que eu esperava.

Era uma enxurrada de mentiras entremeada por algumas mensagens verdadeiras. Coisas que eu jamais havia digitado ou sequer pensado, modeladas e agrupadas a textos que realmente partiram de mim. Parecia real a ponto de eu me questionar se não havia escrito aquelas mensagens.

Porém, eu me conhecia. Jamais teria tripudiado sobre Lara, mesmo no dia caótico em que nos conhecemos.

Minhas mãos suaram e meus olhos arderam. Não consegui respirar, meu coração disparou no peito. De tudo que eu via em minha frente, as cores eram vermelhas no tom exato da minha raiva.

Eu era cirurgião-geral, juramentado. A minha missão de vida era salvar pessoas. Mas, naquele momento, eu desejei com todas as forças ter a chance de torcer o pescoço de Bianca até que aquela desgraçada deixasse este mundo.

Busquei no relógio seu contato e a desbloqueei. Havia feito no dia seguinte ao término, quando a Montenegro começou a enviar centenas de áudios e ligar milhares de vezes.

Ela atendeu ao segundo toque. Quase como se estivesse me esperando.

— O que você fez, sua filha da puta? — Minha garganta ardeu pelo rosnado gutural.

A vadia deu uma risada sarcástica.

— Eu adorava esse seu tom de voz. Era sempre nas nossas melhores fodas, quando você gozava forte.

— Bianca Montenegro. O. QUE. VOCÊ. FEZ. PORRA?!

Minha cabeça doeu devido à altura do meu grito. Se aquela mulher estivesse em minha frente, eu tenho certeza de que acabaria preso.

— O nosso acordo era simples. Você podia ficar com aquela pobre coitada pela vida inteira, se quisesse. Eu só precisava do seu nome em uma certidão de casamento, mas nem para isso você serve, Victor Hugo! — ela gritou de volta. *— Você cavou isso sozinho, eu saí de idiota para as nossas famílias.*

— Você é um demônio, Bianca! Uma garotinha fútil, mesquinha, que não aceita perder…

— E eu realmente não perco! Se eu não posso ter a minha liberdade, você também não pode ter o seu maldito conto de fadas com aquela anã de jardim bunduda.

— Cala essa boca ou eu… — sibilei.

— Ou o quê? Vai vir atrás de mim e me um monte de surras na bunda até eu aprender a ser uma boa menina? Ah, não fode, Victor Hugo! — Sua risada me deu ânsia de vômito. *— Nós dois sabemos que você é incapaz de tomar uma atitude por si mesmo.*

Eu sabia que Bianca não era a flor mais cheirosa do jardim, mas eu não esperava que ela fosse a mais venenosa das maçãs do pomar. Aquela maluca arquitetou todo aquele teatro, forjou toda aquela conversa, só pelo prazer de acabar com a minha felicidade.

Por puro capricho. Só pelo fato de eu ter decidido seguir a minha vida sem ser mais um fantoche na dela.

Piranha desgraçada.

— Sabe, Bia. — Consegui falar depois de respirar fundo. — Eu tenho pena de você. É a verdadeira pobre coitada da história, sem merda nenhuma na cabeça e que acha que as pessoas têm que se curvar ao seu capricho. Mas, ainda sim, eu te desejo todo mal do mundo. Desejo que você nunca encontre alguém que te ame como eu amo a Lara, rezo para que você seja profundamente infeliz na sua vida. Que seus pais e seus irmãos te infernizem para sempre e que você morra amargurada, vazia e sozinha. É isso que você merece.

— Poderíamos ter sido felizes, do nosso jeito… Eu, você e ela. Talvez, nós três e mais alguém para mim, seria tudo. Você na Atlas e livre para viver com a sua amante e…

— Você me odeia, Bianca. Sempre me detestou e eu nunca percebi. Só que agora eu tenho profunda ojeriza por você. Finalmente é recíproco. Vá para as profundezas mais ardidas do inferno, sua vadia egocêntrica desgraçada.

Desliguei a ligação com um toque e arremessei o celular falso na parede com a outra mão.

Ódio puro queimava em minhas veias. Se eu queria cometer um crime e sabia que aquelas mensagens não haviam sido escritas por mim, sequer conseguia imaginar o que Lara foi obrigada a sentir. Toda a dor que foi obrigada a passar por simples capricho de uma patricinha fútil que eu deveria ter cortado as malditas asas há mais tempo.

A minha garota havia partido, eu tinha certeza. Lara não era o tipo de pessoa que ficaria

e me esperaria contar a minha versão. Ela tomaria sua atitude impensada, pegaria meia dúzia de roupas e sumiria no mundo.

A dor do abandono tomou o lugar da raiva dentro de mim. Minha cabeça latejou mais uma vez, meus ouvidos zumbiam. Só queria poder abraçar seu corpo, afundar o nariz em seu cabelo e dizer que tudo ficaria bem. Que as coisas não passaram de uma armação.

Mas ela não estava lá. Seu perfume de caju já havia sumido dos cômodos e eu não fazia ideia de para onde o amor da minha vida havia ido.

Berrei mais uma vez, incontrolável. Soquei almofadas, chutei paredes e quebrei copos. Nada era o bastante, o vazio em meu âmago não era preenchido. Só se aprofundava cada vez mais.

Estava prestes a arrancar a televisão da parede e jogar em algum lugar quando meu smartwatch bipou com uma mensagem de Rafael me passando o contato de Ashanti. Não hesitei em apertar o botão de chamada.

— Ashanti, por favor, eu te imploro. Onde a Lara tá? — supliquei assim que fui atendido.

— *Victor, ela não quer falar com você…*

— Eu sei, Ash! Mas foi uma mentira. Eu preciso contar a verdade para ela, não posso perder a Lara. Ela é o amor da minha vida, Ashanti, eu não posso… — Minha voz oscilou quando o bolo ameaçou fugir da minha garganta.

Senti meu queixo tremer e a água se acumulou em meus olhos. Há anos não chorava, mas a mera ideia de ficar sem Lara me dava vontade de me esvair em lágrimas.

Não sabia mais como era viver em um mundo sem ela. Não estava disposto a reaprender.

— *Eu sei que é mentira. Sabia antes de confrontar o Rafa, você é um cara bom, Victor! Só que a Lara é a minha melhor amiga e tem o hábito de fugir quando se machuca.*

— E ela está muito machucada…

— *De um jeito que eu nunca vi.* — Ashanti suspirou do outro lado da linha. — *A essa hora, ela e a Mariabia estão no aeroporto. Só não fui com elas porque a minha peça estreia logo depois do Ano Novo e…*

— Aeroporto?!

— *Decisões impensadas, lembra? O voo delas sai às duas da tarde do Galeão, vão para Bariloche passar o Natal juntas. Portão seis, ala norte.*

Engoli meu choro e sequei a única lágrima que rolou pelo meu olho esquerdo.

Recalculei a rota, tinha pouco tempo até chegar ao aeroporto internacional do outro lado da cidade. E, depois, tinha que me achar naquele mundo para tentar encontrar a minha mulher.

Peguei minhas chaves, minha carteira e meu celular. Fui direto para o carro e me enfiei na camiseta que deixava de reserva no meu kit emergencial do porta-luvas. Levou menos de um minuto.

— *Eu nunca tinha visto a Lara tão feliz, até a ver com você. Torço muito por vocês dois, Victor Hugo. Boa sorte!*

— Ash, muito obrigado. Eu não sei mensurar o quanto eu te devo.

O relógio corria contra mim em todas as variáveis, mas eu traria Lara de volta nem que precisasse voltar no tempo. Não precisava de sorte, só precisava da minha namorada.



Estiquei o melhor sorriso que consegui para a adolescente que segurava um smartphone com a câmera apontada para meu rosto ao lado do dela. Era uma selfie com uma das minhas seguidoras, eu fazia aquela merda todos os dias. Por que era tão difícil naquela tarde?

Ainda que minha maquiagem estivesse impecável, eu conhecia meu rosto o suficiente para saber que meus olhos estavam inchados e minha pele mais avermelhada do que deveria. Minha cabeça latejava pelas horas que passei chorando e a minha boca comportava um sabor insuportável de decepção.

Era surpreendente que eu conseguisse sorrir para uma foto. Era surpreendente que eu conseguisse fazer qualquer coisa além de me enrolar em uma bola, dormir e só acordar quando o ano tivesse terminado.

— Muito obrigada, Lara! — A garota ruiva me deu um abraço caloroso. — Nossa, eu tô muito feliz de te encontrar. Você é incrível demais.

Mordi o lábio para impedir que tremesse. Me sentia qualquer coisa além de incrível, e nenhum dos milhares adjetivos na língua portuguesa que eu atribuiria a mim era positivo.

— Eu que agradeço seu carinho, querida. Me marca para eu poder repostar.

A menina distribuiu saltinhos em direção aos pais. Era como se tivesse ganhado na loteria.

— Eu sempre fico chocada quando lembro que você é quase famosa. — Mariabia deu uma risada entre uma mordida em um pão de queijo superfaturado de aeroporto.

— Ter seguidores não faz de mim famosa. Agora, se a avó daquela garota me conhecesse, aí sim eu me consideraria famosa. — Bufei.

Meu celular tremeu com mais uma mensagem que eu não respondi nem me dei ao trabalho de olhar a notificação. Tinha o péssimo hábito de ignorar o WhatsApp e havia mudado o toque e as vibrações do contato de Victor Hugo.

Era tão patética que ainda não havia tido coragem de o bloquear. Então desde a hora que o médico deveria ter chegado em casa, meu telefone não sossegava.

Ignorava todas as tentativas de contato daquele homem que eu nem conseguia chamar de filho da puta. Primeiro, pelo fato de a mãe dele ser a perua mais legal que eu conhecia.

Segundo, porque o esforço que eu fazia para me convencer de que o odiava era diretamente proporcional à minha vontade de fingir que não havia lido aquelas mensagens nem conhecido Bianca, voltar para casa e me atirar nos braços imensos do mentiroso que era dono do

meu coração.

— Você devia atender o Fagundinho, Lara. — Mariabia tocou minha mão após eu apertar o cantinho do olho com a ponta do dedo para impedir a lágrima de cair. — Sabe, antes de você pegar o avião.

Encarei a minha melhor amiga, focando demais nas manchas de rosa em sua testa.

O jeito que Maria Beatriz encontrou de me distrair da minha espiral de ódio homicida e depressão de corna foi me convencer a pintar seu cabelo com a tinta mais velha e com a procedência mais duvidosa que alguém poderia escolher.

Pensando pelo lado positivo, o cabelo dela estava da cor do cabelo da Sakura, do anime Naruto.

Pensando pelo lado negativo, seres humanos não deveriam ter o cabelo parecido com o de personagens de desenho animado. Bom, seres humanos adultos e condições de pagar um cabelereiro decente para não terem aquele efeito de peruca na cabeça, pelo menos.

— Paguei quase vinte mil reais nesse pacote de viagem para Bariloche, eu vou entrar naquele avião mesmo que Victor Hugo esteja certo e seja o próximo homem santificado no mundo. — O que claramente ele não seria. Eu tinha a certeza de que os candidatos a beatificação não comiam um cu do jeito que ele comia.

— Eu te disse para não comprar uma promoção de viagem de última hora com o rabo cheio de vinho, Lara.

Realmente, Mariabia havia tentado. Chegou esconder meu celular, mas a regra número um dos esconderijos é a que eles devem mudar quando se tornam óbvios. A segunda gaveta do armário do banheiro estava fora de moda havia uns bons anos.

Fora isso, a notificação do aplicativo da agência de viagens não parava de piscar, assim como o da Shein.

Eu nunca havia sido a consumidora mais responsável do mundo sem dinheiro e alegre. Com dor de cotovelo e meio milhão na conta, eu era um perigo para o Código de Defesa do Consumidor e a alegria do banco.

O saldo da noite anterior, além das duas garrafas de vinho, nariz entupido e garganta inflamada de tanto xingar Victor Hugo, havia sido um carrinho gordo de cinco vestidos, maquiagens e sapatos e dois pacotes de viagem para Bariloche.

Como eu disse, eu tinha dinheiro, força do ódio e uma amiga de férias junto comigo. Amiga essa que não me apoiou em nenhuma das minhas decisões impensadas, mas que jamais me deixaria sair do seu apartamento sozinha. Seja para ir para à padaria ou para outro país.

Não conseguia ficar na mesma cidade que ele. Não conseguia aceitar que o ladrão de geladeiras mais gostoso do mundo havia feito uma cachorrada daquela comigo. Me martirizava cada segundo quando me lembrava dos olhos tristes de Bianca e do sofrimento estampado em seu rosto de modelo.

Ela estava destruída por ter sido largada pelo homem dos seus sonhos.

Puta que pariu, ele era o homem dos meus sonhos também. Só que eu nunca deveria ter deixado as coisas chegarem naquele ponto. Victor Hugo era comprometido e eu era só o sexo para cobrir o tédio.

Eu não deveria ter me apaixonado. Ele não deveria ter brincado comigo.

Agora eu tinha um caminhão de lembranças e sonhos que precisava enfiar nas gavetas “para esquecer” do meu cérebro e tentar recomeçar. Outra vez.

Talvez pagando aluguel e não comprando outra casa. Vai que viesse outro gostosão desgraçado no pacote? Sem condições.

— Eu não entendo, sabe? Não entendo por que ele mentiu para mim. Por que disse aquelas coisas…

Mariabia revirou os olhos para o meu soluço.

— Lara, você sabe que eu não fui com a cara dele desde o primeiro dia, mas eu acho que o Fagundinho gosta de você de verdade. E que isso foi tudo balela da vadia da ex dele.

— Vadia? Cadê o seu feminismo?

— Mulher mau-caráter não merece sororidade, Lara. E eu realmente acho que ela armou isso para te tirar da vida dele.

Ah não, de novo essa ladainha!

Ash e Mariabia passaram horas do dia anterior tentando me convencer daquela loucura sem sentido.

— Não tem motivos para aquela mulher inventar uma história daquele tamanho, eu te disse. Ela… estava um lixo. É impossível fingir aquela dor.

— Amiga. — Ela segurou minha mão sobre a mesa. — Gente rica não sabe perder. Aquela mulher simplesmente… Ah, caralho!

Mariabia arregalou os olhos para algum lugar atrás de mim. Franzi o cenho e girei o corpo para entender sua reação. Só para sentir o chão desaparecer sob os meus pés ao enxergar Victor Hugo Fagundes correndo esbaforido em pleno Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, de chinelos, bermuda de algodão e cabelo despenteado.

Engoli seco quando seus olhos cruzaram os meus. Vi quando alívio ameaçou romper sua máscara de esforço. No entanto, ele não se permitiu parar em sua corrida. Seguiu em linha reta, desviando das pessoas e sendo chamado pelos seguranças, em minha direção.

— Como ele me achou?

— Graças a Deus ele é tão cabeça dura quanto você. — Mariabia uniu as mãos perto do coração em um agradecimento ao divino.

Era ridículo da parte dela, da mesma maneira que era ridículo da minha me levantar da cadeira arrumando os vincos inexistentes da minha roupa só para ficar mais bonita para ele.

Certas coisas não mudavam. Eu continuava sendo a palhaça incoerente que pensava uma coisa e fazia outra.

— Amor, me perdoa. — Foi a primeira coisa que ele disse ao me puxar para seu abraço sem pedir autorização.

Era a última coisa que eu queria ouvir. O atestado de culpa dele.

— Eu deveria saber que ela viria para o Rio, eu deveria ter te protegido da Bianca. Me desculpa, amor…

As mãos de Victor Hugo subiram e desceram agoniadas por minhas costas enquanto ele me amassava contra seu peito imenso, como se para ter certeza de que eu não sairia correndo até a Argentina sobre meus próprios pés.

Estava congelada, imóvel em seu abraço de urso. Minha cabeça dizia para empurrar o médico para mais longe o possível, meu coração queria abraçar o homem mais forte ainda. Só que estava totalmente contida por ele. Não tinha como erguer os braços.

— Eu vi a conversa, Lara. — A voz de Victor parecia empoeirada em meus ouvidos. Bêbada por seu perfume, não tinha certeza se era impressão a minha ou se ele estava rouco. — Aquela garota foi longe demais. Ela armou aquilo tudo, forjou as mensagens…

— Não acredito em você. — Foi o que consegui sussurrar enquanto lutava para não tremer em seus braços.

Victor Hugo se afastou apenas o suficiente para erguer meu queixo, me forçando a

encarar seus olhos.

Ele suspirou e suas narinas inflaram. Milhares de emoções cruzaram seu rosto em um segundo, uma centena de frases que poderiam nos levar a uma porções de linhas temporais diferentes, todas com finais malucos. Alguns dolorosos, outros divinos.

Eu queria ter tido a força para repetir que não acreditava nele. Dizer que sabia de tudo, que ele era podre e que eu não o queria na minha vida. Então ele iria embora para seguir sua vida como se nossos caminhos nunca tivessem se cruzado. Como se a nossa história, as noites compartilhadas, os filmes ruins assistidos nas madrugadas insones, os abraços e o carinho nunca tivessem existido.

Seria mais fácil entender que havíamos chegado ao final. Tudo tinha um começo meio e fim. Eu e ele havíamos sido felizes e seria ótimo se não terminássemos nos odiando.

Eu era boa em fingir que não sentia o rancor que sentia das pessoas. Ele era ótimo em se fazer de doido e deixar as outras pessoas tomarem conta de sua vida.

Era simples. Eu estava com raiva, mas não conseguia odiar aquele homem. O fogo queimando em meu estômago passaria e eu guardaria só os momentos lindos.

Devia ser simples. Eu só precisava devolver Victor Hugo Fagundes para sua vida de herdeiro com trajetória planejada e seguir meu caminho.

Entretanto, quem tomou a atitude foi ele. Victor dobrou os joelhos para que sua testa encontrasse a minha e a ponta de seu nariz raspasse no meu. Não me deu a chance de fechar a porta de vez.

— Você é uma péssima mentirosa, coisinha irritante.

Minha boca foi capturada pela quentura de seus lábios. As mãos grandes de quem salvava vidas todos os dias seguraram meus quadris e me puxaram para cima, tirando meus pés do chão.

Sempre que ele me levantava, parecia que eu não pesava nada. Era como se Victor Hugo fosse capaz de pegar todas as minhas chagas, minhas mágoas, meus medos e minhas inseguranças dos meus ombros e os erguesse comigo junto. Ele não poderia ter sido o meu suporte, mas em algum lugar pelo meio do caminho se tornou meu porto seguro.

Um porto seguro que rouba geladeiras, mas é. Essa coisa toda.

Seus lábios gravaram segredos na minha boca. Era como se dissessem que aquele era seu lugar e que nunca sairiam de lá. Não havia para onde ir, qualquer lugar em que nossos corpos estivessem separados parecia errado.

Sua língua convidou a minha para dançar. Devagar e com paciência, acalmou os turbilhões em meu peito. Me obrigou a respirar lentamente, a escutar as batidas do meu coração traidor que só funcionava direito perto dele.

Toquei seu rosto com minhas mãos. Circulei os polegares por suas bochechas. Acariciei cada detalhe de sua face masculina tão bonita.

Era mais promessa do que beijo. Mais aconchego do que toque. Mais lar do que qualquer outra coisa que pudesse ser nomeada.

— Não sei como, mas a maioria daquelas mensagens eram falsas — murmurou ao descolar a boca da minha. — Eu jamais me referi a você daquela maneira desrespeitosa, mesmo quando te detestava. Se bem que acho que isso nunca aconteceu, mas…

— As coisas que ela disse, a forma que ela te descreveu… — Minha voz embargou. — Eu não consigo entender, Victor Hugo. Por que raios você me escolheria e não a ela? Aquela modelo de catálogo de lingerie bilionária?

O cirurgião deu uma risada meiga.

— Por que não você? Com essa cara de perfeição, esse corpo que foi feito para mim e esse coração que consegue ser maior do que a sua bunda? E olha que a sua bunda, realmente…

— Para, Vi. — Bati em seu ombro de brincadeira.

— É sério, Lara. Eu não sabia que você era a mulher dos meus sonhos, até que você invadiu a minha vida com uma faca do chef e esse seu metro e meio de gênio bravo. Achava que era impossível achar alguém que fosse exatamente a pessoa que eu imaginava todas as noites antes de dormir. Seu sorriso, seu humor, sua sagacidade, o seu deboche maldito, até as suas músicas horrorosas… — Revirei os olhos para suas palavras. — Tudo em você é do jeito que eu imaginava que a mulher ideal seria. E aconteceu de eu me apaixonar e, depois, comecei a te amar. Isso que eu sinto por você é amor, Lara Corrêa.

Minhas bochechas queimaram. Era uma reação idiota do meu corpo, porque eu conhecia aquele homem havia tempo o bastante para saber que suas palavras não tinham metades nem medidas.

E, pensando bem, eu havia sido muito idiota de não ter esperado Victor voltar para casa para perguntar sobre as mensagens.

Merda.

Agi como a mocinha estúpida da novela das nove.

— Moça, perdoa ele! — Escutei alguém gritar. — Não sei o que ele fez, mas perdoa ele. Vocês são lindos juntos.

Ergui meus olhos da bolha que Victor Hugo me mantinha e me deparei com uma dezena de expectadores. Havia gente com celular filmando, gente suspirando e até chorando, como se protagonizássemos uma cena de clássico romântico.

Bem no meio da porcaria do Galeão.

— Eu te amo, Lara. Quero acordar todos os dias do seu lado. Quero assistir filmes de terror japonês com você e séries de suspense espanhol na Netflix. Quero receber mais multas de atentado ao pudor por sua causa, quero ter a sua aliança no meu dedo esquerdo. Eu preciso que você seja a mãe dos meus filhos. Preciso que você seja a minha mulher, da mesma maneira que uma mitocôndria precisa de glicose para fazer a respiração celular.

— Isso é um… pedido de casamento? — A voz de Mariabia alcançou meus ouvidos. — Victor Hugo, seu nerdão, você tá pedindo a minha melhor amiga em casamento usando citologia?

O sorriso do médico era o maior do mundo naquele momento. O mais lindo também.

— Não, Mariabia — ele respondeu. — Só estou comunicando o óbvio, mesmo.

Em seguida, ele alcançou minha mão direita em seu ombro e a segurou, um pouco depois de me colocar no chão. A ponta de seus dedos correram para o solitário de brilhante rosa no meu anelar à medida que o divertimento brilhou em suas íris.

— Se você não acreditasse em mim de verdade, teria tirado isso aqui.

— Eu… — Não encontrei as palavras. — Combina comigo. O que eu posso fazer?

Mais um beijo veio. Um tranquilo e divertido, seguido das palmas dos nossos expectadores.

Nunca na minha vida imaginei que protagonizaria uma cena de reencontro em aeroporto. Era a coisa mais cafona e fofa que havia acontecido comigo.

Victor Hugo me queria tanto ao seu lado que não me deu espaço para processar as informações. Eu sabia que ele lutaria por mim, se fosse preciso.

E isso era tudo o que eu poderia pedir de Natal.



Minha mãe era educada demais para expressar em palavras o quanto a torta de limão estava ruim, mas a sobremesa feita por Lara conseguiu a proeza de fazer a boca de Isabel Fagundes se retorcer em uma expressão que eu não via desde os meus vinte anos, antes do botox.

— Acho que ficou muito ácido, Isabel… — As bochechas da minha namorada ganharam tons de vermelho. — Desculpa.

— Ah, imagina, minha querida! — Mamãe gesticulou com a mão em desimportância. Eu teria acreditado, se ela não tivesse começado a lacrimejar. — A base está ótima.

Lara buscou os olhos de Ashanti em seu pedido mudo de socorro, mas a atriz deu de ombros antes de Rafael puxar seu rosto para um beijo.

Quando li a receita que Ash enviou para a minha namorada, na tela do celular, eu sabia que ficaria difícil de engolir. Mousse de limão siciliano sem leite condensado precisava de muito açúcar para equilibrar, mas, por alguma razão, não tinha esse ingrediente na lista.

Somando a falta de equilíbrio à total inabilidade culinária de Lara, eu sabia que seria um desastre. Ainda assim, a coisinha linda estava tão animada fazer sua primeira sobremesa de Natal da vida, que eu me recusei a cortar sua onda de animação.

Mas eu deveria ter insistido para comprar o pavê de maçã da nossa padaria preferida. Metade do erro havia sido meu.

— Acho que é melhor eu comprar alguns potes de sorvete para o Ano Novo. É mais seguro para todos nós. — Lara prendeu uma mecha do cabelo atrás da orelha.

Toquei sua perna por debaixo da mesa. Acariciei a coxa desnuda pelo vestido curto e ela me olhou, com o cantinho do lábio inferior preso no dente.

— A gente inventa alguma coisa para semana que vem, amor. — Entreguei uma piscadela.

— Eu espero que vocês não tenham esquecido que semana que vem eu estarei em Nova Iorque, rompendo o ano com a Mariah Carey. — Minha mãe riu. — Eu e seu pai compramos esse ingresso há muito tempo. E eu te amo muito, filho, mas a Mariah Carey divide um lugar com você no meu coração.

Foi a minha vez de rir.

Desde que me entendia por gente, mamãe era fã da Mariah. Ia em todos os shows que conseguia, mesmo que isso significasse sair do Brasil. Sendo muito honesto com os fatos, em uma batalha entre mim e a cantora, eu perdia de lavada e nocaute técnico.

— A gente não quer te atrapalhar, Isabel! De forma alguma! — Lara se adiantou.

— Vocês não conseguem nos atrapalhar, fique tranquila, querida.

Se eu era um péssimo ator, meu pai não conseguiria mentir sobre a temperatura do champanhe. Desde que terminei com Bianca, ele me dava tratamento de gelo. Só falava o essencial para não ser considerado uma quebra em nossa família e não conseguia disfarçar o quanto a presença de Lara o incomodava.

Não era pessoal, todos nós sabíamos. Ele, inclusive. Qualquer mulher que não fosse Bianca receberia esse tipo de reação vinda da parte dele.

Porém, pelo bem da verdade, o velho Tonico tentava.

Abraçou Lara assim que chegamos e a presenteou com um batom Chanel muito parecido com os que a jornalista usava. Com certeza mamãe havia ajudado na curadoria do presente, mas eu tinha que dar o crédito da boa vontade a ele.

Assim como eu, Antônio Carlos era direto e transparente. Ele se acostumaria com Lara em nossa família em algum momento, mas precisava lamber as feridas antes. Não que gostasse da minha ex-noiva, gostava bem mais das ações dela na Atlas Health. Já facilitava o meu lado.

Soube que Bianca havia brigado com os pais e voltado para Paris, já que seu plano de vingança sem sentido não deu certo. Eu não poderia me importar menos, mas esperava que nunca mais tivesse notícias daquela mulher.

— Já que a sobremesa da Lara está uma bomba, a gente já pode pular para o karaokê? — Rafael propôs sem vergonha alguma.

Ele passava os Natais conosco desde que sua mãe falecera, havia alguns anos. Importou para a família Fagundes os karaokês ruins pós meia-noite e as multas por perturbação da paz em nosso prédio. Havia sido por isso que meu pai virou o síndico, inclusive.

Meu melhor amigo trouxe Ashanti e a apresentou oficialmente como namorada. Eu não tinha certeza de como eles fariam funcionar, só torcia para que fossem felizes e não se machucassem.

— Sabemos que ficou ruim, mas você pode não avacalhar a minha melhor amiga? — Ashanti defendeu a risonha Lara.

— Sua melhor amiga tentou te matar com esse veneno de limão, mas você quem sabe. — Rafa deu um pulo de seu lugar para se colocar de pé. — *All I Wish For Christimas* é minha, hein!

— Neeeeeeem pensar, Rafael! Não ouse! — Minha mãe seguiu meu melhor amigo em direção à sala em que o aparelho havia sido instalado.

Ash e meu pai seguiram os dois antes que saíssem no tapa pelo microfone principal.

Era daquele jeito todo ano, a diferença era que havia mais gente. Além de Lara e Ashanti, alguns primos e amigos dos meus pais haviam se juntado à comemoração. Esses, não tardaram a procurar o rumo da cacofonia desafinada que meu melhor amigo estava prestes a promover.

No entanto, me mantive no lugar. Sentado à mesa, com a mão sobre a coxa de Lara.

— Vamos? — ela me perguntou com seus olhos brilhantes.

Lara era linda todos os dias, mas estava especialmente divina naquela noite. O cabelo castanho caía em ondas sobre seus ombros, a maquiagem fazia sua pele reluzir. Os batons escuros foram deixados de lado e um *gloss* brilhante coloria de leve seus lábios carnudos.

Aquele vestido era a embalagem perfeita para seu corpo curvilíneo. A seda vermelha e curta abraçava a pele em cada centímetro. De alças finas, sensual e cheio de personalidade como só Lara podia ser.

Era como se ela houvesse se transformado em um outdoor de tentação para mim. Queria tocar seu corpo, devorar sua boca e a fazer escorrer, consumida pelo mesmo desejo que me queimava.

— Victor Hugo, é Natal — ela sibilou. — Estamos na casa dos seus pais.

Deixei um sorriso debochado se esticar em meu rosto. Era divertido reparar no quanto aquela mulher me conhecia bem o bastante para saber o que se passava em minha mente só com um olhar.

— Mas eu não falei nada. — Ergui as mãos em dissimulação.

— Você tá me olhando como se eu fosse uma autopista do tubarão da Hot Wheels e você fosse uma criança que assistia o canal de desenhos todos os sábados e pediu a pista de presente para os pais.

— Isso foi muito específico. Tá tudo bem? Você nunca ganhou a pista do tubarão?

Lara me bateu com um guardanapo em meio aos risos que deixou escapar.

— Segundo meus pais, era brinquedo de menino. — Ela revirou os olhos. — Eu acho que eu olharia uma autopista do tubarão do mesmo jeito que você tá me olhando agora.

— Ah, coitadinha da minha garota. Vou comprar uma pista do tubarão para você, amor.

— Muito obrigada. Vou gostar mais do que gostei do iPad.

Me levantei e puxei Lara para me acompanhar em direção aos loucos do karaokê. Mas, antes de chegarmos à sala, passei a mão por debaixo do seu quadril e a ergui sobre meus ombros.

Seu grito assustado foi ignorado pelos visitantes e pelos anfitriões. Lara, que carregava o celular para todo canto por causa do seu trabalho, apertou o aparelho na mão para que não caísse. Porém, não foi o bastante para a impedir de estapear meus ombros e debater as pernas.

Como se eu fosse permitir que ela fosse para o chão. Não, tinha planos melhores.

— Seu cretino!

Segurei uma de suas coxas com uma das mãos. Com a outra, segurei sua bunda. Em parte, para limitar seus movimentos. Em parte, porque eu apertava o traseiro de Lara sempre que tinha oportunidade.

— Victor, é sério, me solta!

— Não vou — cantarolei. — Não solto e sinto muito por você.

Jogada sobre meu ombro, seu corpo não pesava nada. Eu poderia passar a carregar Lara daquele jeito para todo canto, era conveniente. Principalmente pelo ângulo sugestivo que seu bumbum fazia em direção a meu rosto.

Dei um tapa em uma das bandas e mordisquei a outra, sobre o vestido. Ela grunhiu. Também a conhecia bem o bastante para saber que não era só de indignação.

Peguei o caminho em direção ao lavabo, me distanciando dos outros. Só a deixei descer dos meus braços quando passei a chave na porta, garantindo nossa privacidade. Pus Lara sobre a pia e me encaixei entre suas pernas, as enlaçando em meu quadril.

Seus braços não tardaram a envolver meu pescoço, e o revirar de olhos não se atrasou, tampouco.

— Você parece um coelho no cio, sabia? — Lara resmungou, mas abocanhou meus lábios com volúpia.

Me deu seu beijo mais sensual, lento e molhado. Mordiscou minha boca e brincou com a minha língua com a suavidade de uma caçadora experiente. Estava me testando, vendo até onde eu era capaz de ir. Testando meus limites.

Ela sabia de tudo o que eu era capaz, mesmo assim brincava com o fogo que atiçava minhas veias quando o assunto era foder Lara Corrêa.

Minha maluca preferida.

Puxou o gorro de Natal que estava enterrado em minha cabeça para ter acesso ao meu cabelo. Embrenhou os dedos pelos fios, fez uma bagunça deliciosa. Suas unhas curtas deslizando em meu couro cabeludo dispararam ondas de choques por meu corpo.

O desejo tremeu em cada uma das minhas células, espetando minha sanidade para fora do corpo. Meu sangue era brasa líquida, pronto para atear fogo no mundo e manchar de pecado o feriado mais cristão de todos.

Estava com fome pela minha garota. Tinha sede do seu mel, gana por seus gemidos. Queria cada um deles, espancando meu cérebro, me levando à loucura.

Arrastei minha boca para seu pescoço, mordendo a pele alva. Ela me xingaria, mas a marca só apareceria amanhã. Não teve tempo de reclamar, não quando arrastei a língua pelo ponto pulsante de sua artéria. Aquele que a fazia suspirar e apertar meu cabelo nos dedos.

Desci as alças do vestido, expondo os mamilos rígidos. Escorreguei a boca pela carne cheirosa de seu colo, em direção aos bicos, para prender um deles em minha boca. Lara gemeu quando o moí em meu palato, apertando a língua na base, e chupei com gosto.

A vontade correu para meu pau, o endurecendo. Me senti pulsando na roupa, louco para ser liberto.

Senti sua caixa toráxica se expandir em minha direção com o seu arquear de costas. A cabeça jogada para trás fazia os cabelos castanhos quase tocarem o mármore da pia.

Ela se recostou no espelho quando peguei o outro seio na boca e repeti o processo. De onde estava, via seus olhos trancados e dentes cerrados para que nenhum som fugisse de sua garganta.

No entanto, as narinas dilatadas pela respiração pesada me denunciavam o prazer que sentia.

Desenhei a rota de volta aos seus lábios para beijar a jornalista de novo. Teria sido o homem mais vazio do mundo se nunca tivesse provado daqueles lábios. Se nunca tivesse me aproximado daquela mulher. A representação viva de todos os meus sonhos e desejos mais profundos.

Soube no instante que a vi que a queria para mim, que seu toque me enlouqueceria e me faria pegar fogo.

Tendo seus dedos ágeis abrindo os botões da minha blusa enquanto bebia da minha boca com fervor, eu tinha certeza de que cada segundo que passava sob seu escrutínio era um segundo a menos de sanidade na minha vida.

Mas quem precisava de sanidade quando tinha amor?

Era dolorido estar vestido, minha ereção implorava por sua atenção. Meu pau estava a ponto de estourar a cueca, eu a queria de todas as maneiras. Por completo, para mim.

Senti suas unhas arrastando por meu peito e abdome. Ela adorava se demorar nos arranhões dos meus músculos, os da barriga e das costas era seus favoritos.

Puxei a minha garota da pia, a virando de costas para mim. Joguei seu cabelo sobre um dos ombros para me dar acesso às costas. Usei a ponta da língua para marcar cada centímetro de pele exposto. Os arrepios que seu corpo produzia eram arte em minhas mãos.

Ter ciência de que eu era o homem que a enlouquecia despertava coisas em mim. Insanidades de desejos profanos de uma fome que nunca seria saciada. Eu nunca teria o suficiente de Lara, sempre precisaria de mais.

Arrastei a ponta dos dedos por suas coxas, rumando para o tesouro úmido escondido entre suas pernas. Ela me encarou pelo espelho com o rosto enrubescido de tesão e um sorriso

indecente nos lábios.

Assisti seus olhos revirarem quando toquei sua boceta, massageando seu ponto mais sensível sobre a calcinha. A jornalista afastou as pernas para me dar mais espaço, em uma reação automática.

Mais do que molhada, Lara estava melada. Pegajosa e pulsando, parecia a ponto de explodir. A milímetros da borda do orgasmo, só pela expectativa de que outras pessoas poderiam escutar seus sussurros sujos. Minha boca aguou e precisei me pôr de joelhos para tirar sua calcinha e enrolar a saia do vestido em sua cintura.

A mulher espremeu os dedos na quina do mármore quando cravei meus dedos em sua bunda, ao deslizar a língua sobre seu clitóris. Sabia que havia segurado o gemido com toda a força que podia para que meus pais não escutassem nosso prazer clandestino.

Esfreguei meu rosto nela, comendo seu tesão como deveria. Maltratava o broto com a língua, enquanto chupava a vulva para dentro da boca. O melado escorria pela minha cara à medida que os joelhos da garota fraquejavam.

Gostaria de poder ver suas expressões pelo espelho. Lara se tornava uma deusa imersa em seu próprio prazer quando a chupava. Eu amava enfiar meu rosto em sua bunda, por trás, mas amava mais ainda quando podia fazer olhando em seus olhos. Me entretendo com seu desespero, beliscando os mamilos e puxando meu cabelo.

— Vi, não para — gorgolejou.

Seu clitóris se contraía na minha língua. O corpo feminino estava prestes a se desfazer para mim.

Uma das minhas maiores alegrias era ver Lara implorando para que eu não parasse. Só perdia para sua face indignada quando eu parava, só para levantar, abaixar a bermuda, e meter fundo nela.

A boceta dela havia sido moldada pela natureza só para envolver meu pau. Eu via estrelas todas as vezes em que me enterrava naquela mulher. Era o meu lar, mais do que qualquer outro lugar no mundo.

Respirei fundo ao ser aplacado pela quentura. Bom demais para o meu juízo, terrível para o meu autocontrole. Ainda mais quando ela se espremia ao meu redor, reclamando do espaço que eu roubava para mim.

Geralmente, começava lento e fundo, fazendo com que seu corpo se acostumasse com as minhas investidas. Só que naquela noite, com a cabeça nublada de lascívia, eu não conseguia me conter.

— Porra, Vi — gemeu logo na primeira sequência de estocadas.

Agarrei suas ancas, me afundando mais do que conseguia. Arremeti diversas vezes, nossas peles estalavam uma na outra. Não conseguia segurar os sons presos em meu peito, o turbilhão de sentimentos crescendo em minhas costelas não permitia.

Pelo espelho, admirei sua boca entreaberta. Os olhos febris não piscavam, cravados em meu reflexo de olhos semicerrados e mandíbula contraída.

— Eu te amo — articulei sem som.

— Amo quando você me fode — a devassa devolveu.

Minhas bochechas se ergueram em um sorriso sacana. Puxei uma de suas mãos e lambi os dedos. Em seguida, a acomodei sobre o clitóris necessitado.

Lara conhecia aquele gesto, eu o fazia sempre que queria a levar ao limite. Sempre que queria ver seu corpo se contorcendo em seu pico máximo de prazer. Era o meu comando tácito para que ela se masturbasse enquanto eu a comia.

Na primeira massagem, o canal me enforcou e eu grunhi. Dona do assoalho pélvico mais forte que já vira na vida, Lara era capaz de me fazer delirar. Conseguia me sugar com a vagina, me forçava a cravar os dedos em sua bunda para tentar me segurar.

Usualmente, não conseguia com tanto louvor.

Revirei os olhos, aos grunhidos, e bati em sua bunda linda. A carne vibrou em minha mão, se agitou pelas palmadas que se seguiram. Puxei seu cabelo, arqueando sua coluna em minha direção. Depois aproveitei a proximidade para apertar seu pescoço, abusando da visão do espelho e do que aquilo provocava em nós dois.

Era uma perdição, uma maluquice. Uma espiral de frenesi que cozinhava meus nervos e oprimia meus sentidos.

Era o paraíso.

— Vai gozar no meu pau, amor? — sussurrei ao pé de seu ouvido, antes de mordiscar o lóbulo.

— *Hm-rum* — Foi o que conseguiu dizer quando os músculos se contraíram de vez em meus braços e ao meu redor.

Mais uma vez, fui estrangulado por sua boceta. Mais uma vez dobrei o corpo sobre o seu, colando meu peito nas suas costas. O orgasmo ardeu em minhas bolas, escalou meu pau ao mesmo tempo em que o dela a fez sacodir como terremoto.

Os ombros lindos tremeram, saliva escorreu por sua boca e a íris dançaram nas órbitas. Embriagado pelo ápice, enchi Lara com a minha porra, fundo o bastante para marcar sua alma.

Não consegui gozar em silêncio. Ela também não.

A música que produzimos poderia ter sido ouvida da Times Square, pela Mariah Carey, a Oprah e o caralho a quatro. Era só nossa, o produto de uma paixão que só nosso peito era capaz de suportar.

Ainda estava grudado em suas costas quando a vi esticar o dedo de clicar no botão de pausar da câmera. A diaba havia nos gravado.

Sorri excitado pensando no quanto eu reassistiria aquele vídeo, nosso filme pornô particular.

— Você é uma safada, jornalista Lara — provoquei ao beijar seu cabelo.

— Você também, doutor Victor.

A mulher se remexeu para sair debaixo de mim e inverteu nossas posições. Me deixou apoiado no mármore da pia e se acomodou entre os meus joelhos.

Lara pegou meu gorro e o vestiu. Eu sabia que não era só pela piada, havia feito um estrago em seus cachos e em sua maquiagem. Todos os convidados do Natal da minha família saberiam que fodemos, e que fodemos gostoso naquela noite.

Eu não me envergonhava. A minha garota, tampouco.

— Vou precisar de muito vinho para encarar seus pais depois disso. — Enlaçou meu pescoço com os braços.

— Acredita em mim, eles também fazem esse tipo de coisa. Sabe como é, bebês não vêm de cegonhas.

Lara revirou os olhos e riu.

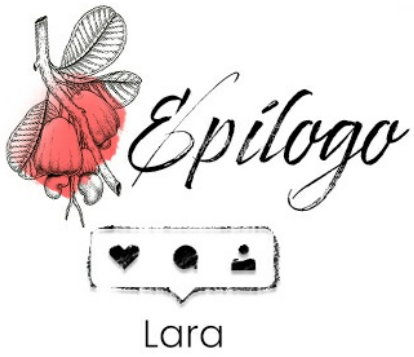
Era o sorriso mais lindo do mundo, adornado pelo olhar apaixonado mais mágico do universo.

— Já levamos uma multa por trepar em local inapropriado. Sorrir e acenar para Isabel e Antônio Carlos é moleza, amor.

— Espero que seja mesmo. — Ela deslizou a ponta do dedo por meu nariz em um

carinho meigo. — Feliz Natal, meu ladrão de geladeiras favorito.

— Feliz Natal, coisinha irritante. Minha futura Lara Fagundes.



Três anos depois

A ansiedade se enroscava no meu estômago igualzinho Salém se enroscando aos meus pés. Era como se o gato preto fosse capaz de sentir minhas aflições e espelhasse cada uma delas em seus gestos.

Eu o adotei há um ano, voltando do trabalho em um dia de chuva. Botafogo estava inundada. As vias principais, mais baixas, estavam com água que chegava ao meu tornozelo e, um pouco antes de virar a minha esquina, vi uma caixa de papelão boiando em uma das poças profundas.

Em um dia normal, teria ignorado, mas alguma coisa fez com que eu me aproximasse. Perto o bastante para escutar os miados fininhos dos dois filhotes, um preto e uma frajolinha, chorando de frio e fome na chuva.

Victor foi o primeiro a me apoiar quando cheguei em casa com os dois gatinhos na minha bolsa. Colocamos os dois sob o ar morno do secador, demos leite e comida. No dia seguinte, fomos ao veterinário.

Havia sido por um triz, os bebezinhos já estavam debilitados antes de serem expostos ao frio. Graças à minha impulsividade, os dois se salvaram.

A fêmea, de patas pretas e barriga e focinho branco, foi adotada por Ashanti e Rafael. Eles a chamaram de Bastet, mas, na prática, o nome da gata ficou Tetetinha. O machinho, todo preto, de um olho amarelo e sem o outro olhinho, ficou conosco.

Eu era a humana favorita do Salém, mesmo que fosse Victor a trazer todos os petisco caros e fazer as maiores estripulias que um pai de pet pode fazer, tipo brigar com o gerente de um hotel porque no site dizia que o ambiente era Pet Friendly e o desquerido argumentar que só podia cachorros de pequeno porte, não gatos.

O médico quase foi preso por agredir o homem, porém, eu não tirava a razão do meu marido. Era pet, não dog que estava escrito.

— Cadê seu pai, Salém? — Afaguei a cabecinha peluda, após o gato pular para meu colo. Sua resposta foi um sonoro miau indignado, pois era a quarta vez que eu perguntava e ele claramente não sabia.

Era como se o relógio estivesse correndo devagar. Logo naquela manhã que eu precisava que Victor Hugo chegasse rápido do hospital para que a gente se encontrasse antes de eu sair para trabalhar.

O som da porta me fez dar um salto da cadeira. Agarrei Salém e corri para a entrada da nossa casa, só para ser xingada em doze palavrões do idioma dos gatos e ser golpeada pela beleza do homem que eu amava chamar de marido.

Os anos e a experiência eram os melhores amigos de Victor Hugo. Uma barba muito bem aparada de cuidada adornava sua mandíbula quadrada e viril. Alguns fios grisalhos pintavam seu cabelo e os olhos azuis sempre tão atenciosos eram acompanhados dos vincos delicados nos cantos externos. Rugas de sorriso, como Isabel dizia.

Como se fosse humanamente impossível, seus ombros estavam maiores e seus braços mais grossos e musculosos. O abdome se mantinha mais marcado do que nunca. Em algum momento ele revolveu que voltaria a competir no boxe e o *shape* de ator de filme de super-herói virou seu cotidiano.

Esperava chegar aos quarenta e um tão bem quanto ele chegou. Meus vinte e nove atuais me rederam pernas musculosas e um muque que nunca pensei em ter, só porque fui coagida por Ashanti a me matricular na academia.

Meus peitos diminuíram por causa da perda de peso, mas logo, logo, voltariam ao tamanho normal. Ou maior, até.

— Que cara de quem tá fazer merda é essa, coisinha linda? — Essa maldita mania de me chamar de coisinha não passou. Precisei me conformar.

Estiquei Salém para Victor antes de envolver sua cintura. Ele não gostava que eu o agarrasse logo que chegasse do plantão, mas não podia evitar. Não naquela manhã.

— Vamos tomar café da manhã? — Colei minha boca na dele rapidinho.

— Vamos, me deixa só tomar banho e…

— Vou me atrasar. E hoje eu não posso, lembra? Primeiro dia como coordenadora de pauta e tudo mais.

Era um dos motivos de eu estar tão nervosa. Bem no dia em que a minha promoção seria oficializada, eu tinha uma notícia bombástica daquela para soltar na revista.

Sabia que não seria um problema para Vivian, mas não podia dizer o mesmo dos outros chefes.

Victor Hugo franziu o cenho para mesa posta com pães, suco, café, queijos e frutas. No dia a dia, eu passava o café e ele cuidava do resto. Eu ainda não sabia cozinhar, era uma deficiência.

— Senta ali. — Eu o reboquei pelo braço até o lugar em que estava o cloche de cerâmica chinesa que seu pai havia nos dado como lembrança da sua última viagem.

Tomei meu lugar ao seu lado e Salém pulou dos braços do médico para o meu, reclamando com seus miados indignados. Como eu me atrevia a o deixar três minutos no colo do humano que ele suportava mais ou menos, dependendo do dia?

— Eu esqueci alguma data? — Victor coçou a nuca. — É nosso aniversário de conhecimento? Porque não é o de casamento, eu tenho certeza. O seu, ainda falta. O meu, já passou…

Era impossível. Nem que ele se esforçasse para apagar uma informação de sua cabeça, conseguiria.

Sem saber como responder, servi café em sua xícara sob o escrutínio dos seus olhos confusos.

— Só come, amor. — Ri de nervoso.

— Okay, vou comer.

Contrariando meus planos, Victor Hugo esticou a mão para a cesta de pães. Precisei

segurar minha expressão ao máximo para não bufar. Não adiantava eu me planejar, aquele homem seria sempre o imprevisível que me conquistou.

— É notícia ruim? — Leu meus pensamentos.

— Eu espero que não.

Busquei algumas frutas para me distrair e não precisar o encarar. Por outro lado, enxerguei na minha visão periférica quando ele ergueu a cloche.

Era a expressão mais linda do mundo, eu deveria ter fotografado.

Victor Hugo desaprendeu a respirar e arregalou os olhos ao encarar o sapatinho de crochê, minúsculo, sobre o prato vazio. Minhas bochechas esquentaram e meu coração sapateou em meu peito com o sorriso que ele deu.

— Lara? Isso…?

— Sim. — Assenti devagar em um sussurro no instante que Salém ronronou alto o bastante para que pudéssemos ouvir. — Bom dia, papai.

Só havia visto Victor Hugo chorar pouquíssimas vezes. A última, havia sido no enterro de seu avô, logo depois que nos casamos. No entanto, aquela lágrima alegre e cheia de risos que rolou por sua bochecha e se escondeu na barba era de felicidade pura.

Não aguentava mais guardar aquela informação.

Estava na época dos meus exames de rotina, descobri bem no exame de ultrassonografia transvaginal que havia feito no dia anterior. Ainda era uma bolotinha de células, de acordo com o médico, tinha de quatro a cinco semanas. Nem havia dado tempo de a minha menstruação atrasar.

Saí do consultório dando piruetas de alegria. Tínhamos vontade de aumentar nossa família, mas não pressionamos as coisas. Havia tirado o implanon há mais de dez meses e não havia acontecido ainda.

Victor Hugo dizia para eu ter paciência, eu reclamava todo mês quando o sangue gotejava da minha vagina. Em parte, porque era ansiosa demais para esperar o processo da natureza. Em parte, porque a menstruação vinha acompanhada de cólicas infernais, oscilação de humor e dores de cabeça que eu não sentia desde que começara a usar o implante.

Mas era real. Naquele momento, não éramos mais nós três, eu, Victor e Salém. Havia um mini humaninho a caminho, crescendo dentro de mim.

Esperava que ele puxasse o meu tamanho. Se fosse grande igual ao pai, em pouco tempo eu seria só peitos, barriga e nada de enxergar os pés.

— Amor, caramba… — Victor meneou a cabeça em descrença e alegria. — Caramba!

Ele se levantou e me puxou para um abraço, deixando Salém sobre a cadeira em que eu estava sentada.

Uma saraivada de beijos me atingiu. Na testa, nas bochechas, na boca, no nariz, no cabelo, em todo lugar que o médico pudesse alcançar. Quando apenas o abraço e os beijos foram insuficientes, Victor Hugo me ergueu do chão e enlaçou minhas pernas em seu quadril.

— Você não tem noção do tamanho da felicidade que eu tô sentindo, amor — murmurou. — Eu te amo tanto. Já amo tanto o nosso bebezinho, eu nem sei expressar o quanto!

Uma vez um homem intenso e apaixonado, sempre um homem intenso e apaixonado.

— Eu sei que você vai afogar eu e o bebê com esse monte de amor que você sente, da mesma maneira que eu sei que a nossa família vai ser ainda mais feliz. — Segurei em seu ombro com uma mão; a outra, levei até a altura do meu umbigo. — Nossa bolinha de gude vai ter um pai incrível.

Salém miou de sua cadeira, concordando. Victor Hugo riu.

— Obrigado, meu amor. Sempre foi o meu sonho construir a minha família nesta casa.

Eu que precisava agradecer.

Ainda me lembrava da Lara que eu era quando passei a chave na porta pela primeira vez. Uma garota cheia de sonhos, mas muito machucada que se recusava a fechar ciclos para não sofrer com as despedidas.

Victor Hugo, meu invasor peladão, me ensinou que eu não precisava ter medo da vida nem dos sentimentos que vinham com ela. Nem tudo era só dor, muita coisa era maravilhosa também.

Poder me apaixonar de novo, me reconectar comigo mesma, abrir espaço para fazer novas amizades foi o que me salvou. Não sabia aonde estaria hoje se o cirurgião-geral mais gostoso e imprevisível do mundo não tivesse sido jogado na minha vida por acidente. Talvez estivesse muito pior, mais ferida e sofrendo mais. Talvez nem estivesse aqui.

Mas a Lara que eu me tornei, a jornalista e influencer — não tinha mais ranço do termo —, a amiga irônica, a pervertida, a sonhadora, a esposa e, agora, a mãe, era tudo o que sempre havia sonhado ser.

Eu tinha um lar. Fechei um negócio de risco. Uma casa barata em um bairro caro, que sabia que viria com alguma confusão dentro, só não esperava que viesse com amor.

Minha casa própria. Meu negócio de amor e risco, que me trouxe tanto crescimento e tanta vitalidade.

Eu sabia que seria uma mãe ótima para o meu bebê porque tinha o melhor dos homens ao meu lado. Um que era tudo o que eu sempre quisera, mas nunca tive coragem de pedir ao universo porque não me achava digna de o ter.

Mas eu o tinha. Assim como tudo de bom que vinha junto dele.

Victor Hugo Fagundes ensinou a Lara Corrêa a se salvar e a viver intensamente cada segundo. Então, a Lara Fagundes se salvava e vivia cada segundo com o máximo de amor que alguém poderia sentir pela vida.

Valia à pena.

Todos os dias.

Um dia de cada vez.

Fim



Agradecimentos

Há um tempo não faço isso, talvez tenha perdido o jeito, mas vamos lá! Especialmente neste livro, que tem muita gente para agradecer.

Vamos do princípio.

Tayana Alves. Eu nunca pensei que ser cancelada no Twitter (me recuso a chamar aquela rede de X) me traria alguém tão incrível. Tudo o que você me ensinou, sua paciência, sua disposição, seu cuidado, eu peguei cada um deles e fiz um alicerce para que esse livro fosse lançado. Tenho muito orgulho de dizer que fui sua mentorada, e o dobro de orgulho de dizer que sou sua amiga.

Vic, obrigada pelo carinho com meu texto. Você foi a melhor beta que eu poderia ter tido e a revisora mais gentil e incrível do mundo. Desculpa pelos surtos, é que eu sou ansiosa igual a Lara.

Lola, muito obrigada pela capa. É, gente, a capa maravilhosa desse livro foi um presente de uma mulher incrível que viu mais potencial em mim do que eu mesma. Depois de muito esporro, eu finalmente resolvi escutar essa garota.

Olivia, Karen, tem um pedacinho de cada uma de vocês aqui. Obrigada por me darem força e coragem.

Às minhas leitoras, que embarcaram nessa nova loucura comigo. Eu não tinha livro, não tinha capa, não tinha orçamento, eu só tinha um word e um sonho. E veja só onde estamos!

Katy, Keyco e Anne. Desde o princípio aqui, até agora aqui, e não parece que vocês vão sair daqui tão cedo. São o meu presente do mundo literário que furaram a quarta parede da vida real. Obrigada por tudo.

Agradeço a todo mundo que engajou no pré-lançamento de NDAER. Sério! Cada curtida, cada retweet, cada comentário, me emocionei com cada um deles. Vocês acreditaram em mim.

Pessoinhas que me acharam na bienal, obrigada por terem me arrancado do

meu período sabático à força. Achava que nunca voltaria a escrever, mas graças a vocês, recuperei meu amor por esse universo.

Você, que leu cada uma das linhas desse livro. Que viu um link e resolveu clicar e leu a história de Lara e Victor. Este livro é para você e somente para você. Muito obrigada.

Até a próxima, mobeins! Espero não demorar.



Mari B. Maia é a bibliotecária que relembrou que podia ser escritora. Os livros nunca saíram de sua vida;

Carioca, mãe de três gatinhos, casada e com hiperfoco em aromas (de perfumes a café), costuma dizer que escreve sobre mocinhas que não precisam serem salvas. Na verdade, escreve sobre as histórias que gostaria de ler. Se autodenomina uma Criatura Artista.

Siga a autora em suas redes sociais:
X (Twitter): @autoramaribmaia
Instagram: @autoramaribmaia
Tiktok: @autoramaribmaia

Outras obras da Autora



Missão Garota Perfeita

Friends to lovers + Clichê invertido + Eles são vizinhos + Found Family + Slow burn



01 Davi

As pessoas costumam dizer que a terceira vez é a que dá certo, mas é uma balela sem tamanho. Ditado popular, crendice de avó — ou de avô viciado em jogatina, dependendo do ponto de vista de quem conta a história. Mas o que penso enquanto gravo a imagem em minhas memórias para toda a vida, é que eu deveria ter escutado minha mãe antes de ter feito a besteira de perder dias e dias da minha vida planejando um futuro ao lado daquela mulher.

Há um homem com a cabeça entre os peitos de Rebeca, *minha noiva*. A mancha vermelha do batom se espalha pela boca e rosto dos dois. O cara tem a calça arriada e pressiona o corpo da mulher que ousei chamar de futura esposa contra a mesa do escritório dela.

Os olhos puxados de Beca, como eu a chamo nos dias bons, me encaram esbugalhados. O rosto que passei tantos dias de minha vida admirando se tinge de rosado e sua respiração se equipara a de um corredor de cem metros rasos.

O buquê em minha mão faz eu me sentir idiota. Em um ano de relacionamento, sempre tentei não perder o frescor do romantismo, não nos deixar cair na rotina. De vez em quando, a visitava em seu escritório de advocacia, apenas para dar-lhe um beijo ou dizer o quanto ela fica bonita com os óculos na curva do nariz. É o tipo de coisa que faço como futuro marido.

Como se não bastasse o chifre, fui traído por uma mulher que não tem a decência de pensar minimamente em se esconder. Quase parece que ela queria esta cena desde o começo: me ver arrasado, com os olhos ardendo e com a voz perdida na garganta. Sem saber ao certo para onde olhar.

Há duas vozes brigando em minha mente. Uma delas insiste para que eu bata no cara e faça uma cena, daquele tipo que a gente vê nas novelas. Com direito a cadeira virada, agarrão no colarinho da blusa e palavrões horrorosos.

A outra voz, um pouco mais lúcida, mas ainda sim afetada, me diz para arremessar o buquê de peônias contra o *feliz casal* e voltar marchando pelo mesmo caminho que fiz, para as minhas plantas e esquadros.

— Amor, eu posso explicar. — A cretina tem a ousadia de dizer.

Respiro fundo, metendo os dedos no cabelo. O gesto me dá tempo para pensar em uma resposta à altura daquele disparate. Ergo o queixo, aperto minhas unhas nas palmas das mãos. Enquanto isso, meu coração se quebra em cima das cicatrizes passadas.

E eu achando que já havia tido minha cota de coração partido na vida.

Três noivados, Davi! Três!

Todos fracassados.

— Eu não quero ouvir nada — sentencio. — Quero as chaves do meu apartamento e as minhas coisas até às 18h de hoje. Senão, vou chamar a polícia.

A traidora franze o cenho e empurra o homem de cima do seu corpo. Rebeca

guarda os seios, aqueles que eu conheço como uma palma da minha mão, dentro do sutiã de renda que lhe dei de presente em seu último aniversário. É um conjunto completo, tem calcinha, cinta-liga e até um robe de seda...

E ela está usando para outro.

Engulo a ira pensando em como cometer homicídio duplo sem ser preso em flagrante ou perder meu réu primário. Estamos no décimo segundo andar de um prédio comercial em Botafogo, no Rio de Janeiro. A janela pivotante de vidro espelhado não vai me facilitar, caso eu tente jogá-los daqui de cima. Além disso, há uma infinidade de secretárias, advogados e estagiários a menos de vinte metros de mim, que estão separados apenas por uma fina divisória de gesso.

E mesmo assim, minha noiva tem a coragem de trepar com outro no expediente.

— Okay, me dá um minuto. — Termina de abotoar a blusa de seda. O tecido está uma zona, qualquer um que bata o olho naquilo sabe que ela se enroscou com alguém. Por luta ou por sexo. Provavelmente, dada a situação, os dois. — *Cariño*, já te chamo de volta.

Seu sinal faz com que o homem pegue a deixa, guarde o pinto dentro da calça e deslize feito lagarta para fora da sala. Mas antes de sair, ele dá um sorrisinho de merda. Meu punho implora para se chocar com a cara dele.

Controle, Davi, você não é um selvagem...

Rebeca abre uma de suas dezenas de gavetas, pesca um molho de chaves e o atira em minha direção. Senta-se em sua cadeira acolchoada, cruza as pernas e arqueia uma sobrancelha um pouco antes de fazer um sinal displicente com a mão. *Me enxotando*.

Abro a boca para ponderar uma resposta digna. A mulher com quem eu iria me casar em uma semana, no dia do meu aniversário, não se importa se estou chateado por tê-la pegado me traindo. Quero gritar, espernear, apontar dedos na cara e colocar para fora toda a agonia que estou sentindo.

É como se eu houvesse engolido um iceberg. Todo meu corpo está congelado por dentro. Estou letárgico. Sinto a raiva ardendo na ponta dos meus dedos, mas não tenho força suficiente para reagir na intensidade que deveria. Sei que meus joelhos já tiveram seus dias mais firmes, se eu der um passo sem cálculo posso tropeçar e acabar mais envergonhado do que já estou. Minha vontade é de quebrar tudo.

Mas não vale a pena. Esse esforço, essa dor, por alguém que não está nem aí para mim... É gasto burro de energia.

Chacoalho a chave entre meus dedos e abro um sorriso na esperança de parecer um homem frio.

— 18h, Rebeca. Nem um minuto a mais.

Dou meia volta, girando em meus calcanhares e descarto o buquê na lata do lixo. Mentalizo que aquelas flores desperdiçadas representam meus sentimentos e rezo para que fique mais fácil quando chegar em casa.

— Sinto muito por ter te machucado, Davi. Mas só por isso. — Escuto sua voz. Soa gelada, como meu estômago. — Não vou dizer que me arrependo por ter corrido atrás da minha felicidade.

— Algum de nós precisa sair feliz disso, depois de tanto investimento.

São as minhas últimas palavras para aquela mulher. Não gastarei mais nenhuma caloria de energia por ela.



Dirijo até o único lugar do mundo onde sei que posso me sentir um pouco menos na merda depois da cena que presenciei. O primeiro plano foi meu escritório; o segundo, meu apartamento. Em ambos, sei que me sentirei pior do que já estou. Minha tendência à autopiedade incomodava até a mim mesmo.

Bem-Amado, em Ipanema, é a empresa de cerimônias da mulher mais espevitada, descarada e cerimonialista mais competente e requisitada do Rio de Janeiro. Marina de Brune, a quem eu também posso chamar de melhor amiga.

Somos inseparáveis desde pequenininhos. Morávamos na mesma vila, no Grajaú. Aprendemos a ler mais ou menos na mesma época: eu, com os cinco anos normais de uma criança, Marina com três, como a precoce superdotada que sempre foi. Depois, começamos a andar de bicicleta juntos, a brincar na rua e, mais tarde, quando chegou a época das festinhas de quinze anos, nos aproximamos de verdade. Eu queria paquerar suas amigas, ela queria beijar os meus amigos. Soma perfeita.

Indistinguíveis. Segundo minha mãe, se quiser saber de Davi, ligue para Marina; se quiser encontrar Marina, reze para que Davi saiba onde ela está. Tem sido assim há tanto tempo, foi automático me debruçar sobre a mesa de sua recepcionista, perguntando se a mulher estava.

— Ih, Davi. Marina foi almoçar, mas já volta. Pode esperar lá dentro... — Leca, sua assistente e fiel escudeira, me abriu um sorrisão, antes de a menina que eu nunca lembro o nome, mas é recepcionista, me responder. Contudo, o repuxar dos lábios morreu assim que reparou em meu grau de baixa energia. — Mas que cara é essa, homem?

— Nada demais... — Deslizo a mão por meu cabelo. — Só teremos que cancelar um casamento em cima da hora...

Os olhos escuros da mulher se arregalam e a boca se abre em um “o” surpreso. Leca desliza repetidamente o foco de mim para a recepcionista como se visse uma assombração. Sua expressão é engraçada o suficiente para me roubar uma risada na marra, mesmo que rir doa meu peito.

— *Ai, ai, ai...* — Ela pesca o celular entre o decote dos seios. Suas unhas imensas e extremamente decoradas estalam na tela, ao digitar sem cuidado. — Marina, *pelo amor de Zambi*, Davi está aqui com um papo de cancelar casamento... Ah, ele é louco sim.

Torço a boca em um bico de descrença. Leca é o par perfeito de Marina, pois é tão sem noção quanto a minha melhor amiga. Isso quer dizer que, se for necessário, ela vai falar mal de você na *sua* frente.

A mulher desliga o telefone, jogando os cabelos castanhos para um dos lados do pescoço. Seu dedo se ergue para mim acusadoramente e, de repente, me sinto culpado por alguma besteira que tenho certeza de que não fiz.

— Passa lá para dentro, que ela já chega!

Leca tem uma aura quase maternal. Não como aquelas mães doces que beijam a testa da cria e dizem que vai ficar tudo bem. Ela é como as mães que gritam para os filhos tomarem banho no meio do futebol da rua e, quando eles não entram, elas os arrastam pelas orelhas.

Talvez seja sua altura, Leca é a mulher mais alta que já conheci. Tem quase um e

noventa, é mais alta que os meus um metro e oitenta de cinco. E de salto, com aquele cabelo longo, a pele negra retinta tão hidratada que chega a ser brilhante e as unhas tão compridas que poderiam me arrancar um órgão, eu a acho a epítome da mulher poderosa. E, em alguma escala, mulheres poderosas assustam.

Ter sido criado por uma das mães que puxam orelhas causa esse tipo de trauma.

A mulher me guia até o atelier de Marina. Sinto seus olhos fuzilarem minhas costas e não consigo reprimir a vontade de engolir seco. Já esperava esse tipo de reação quando subi decidido a cancelar o casamento, mas sei que elas entenderão meu lado. Se bem que não tem o que entender, fui traído *e* chutado por Rebeca em um espaço de cinco minutos.

Se há alguma festa a ser feita, com certeza será o funeral da minha autoestima.



02 Marina

Assim que boto meus olhos nele, sei que está na fossa. Davi nem precisa articular qualquer frase, consigo ver por sua postura cabisbaixa. Os dedos escondidos dentro do cabelo castanho, cotovelos apoiados nos joelhos e aquele seu jeito esquisito de respirar quando está preste a ter uma síncope.

Penduro a minha bolsa no cabideiro mancebo e arranco meus *Louboutin*, largando-os pelo meio do caminho. Vim correndo de uma prova de buffet com uma cliente assim que Leca me ligou dizendo que meu melhor amigo estava com a ideia de merda de cancelar o casamento que *eu organizei*. É a primeira vez que um de seus noivados chega tão longe, falta apenas uma semana para a festa, portanto, minha primeira emoção sobre o assunto é ficar puta da vida. Dediquei horas e noites viradas para dar um dia perfeito ao único cara do planeta que tem o sonho de assistir sua noiva deslizando até o altar. Tudo ficará magistral, Davi não pode desistir *agora*!

Meu discurso está pronto. Tão logo eu abra a boca, as palavras sairão e o convencerei de que cancelar o casamento por insegurança de vida a dois *não é* uma opção. E se não der certo depois, é só pedir divórcio. Século XXI, *pelamordedeus*!

O problema na minha linha de raciocínio aparece quando Davi ergue a cabeça e enxergo seus olhos. Há vermelhidão em volta das íris verdes, daquele tipo que aparece quando a gente está segurando o choro. E por mais dramático e emocionado que ele seja, meu melhor amigo *não é* homem de chorar.

Presto mais atenção na cena e reparo na aliança sobre o apoio de bebidas no braço do sofá acompanhada do molho com o chaveiro da Torre de Pizza. Não preciso perder dois minutos de raciocínio para imaginar qualquer coisa. Rebeca fez merda, tenho total certeza disso.

— O que aquela vagabunda fez? — rosno.

Davi coça a barba rala em seu queixo furadinho. Uma ameaça de sorrisinho debochado aponta no canto de seus lábios e me arrependo de ter sido empática no mesmo instante.

— Para alguém que se diz feminista, você chama outras mulheres de vagabunda com muita facilidade, Nina.

— Não qualquer mulher, só as que te fazem querer desistir da festa de casamento que eu estou planejando *há quase um ano* para você. — Cruzo meus braços. — Desembucha, caramba, não tenho o dia inteiro.

Ele suspira pesado ao franzir o cenho. Logo depois, deixa o tronco cair contra o encosto do sofá e esfrega o rosto. O pomo-de-Adão sobe e desce em um engolir seco claramente doloroso. Em seguida, uma risada brota de seu peito com centenas de tons de histeria. Literalmente, ri de nervoso.

— Peguei Rebeca com um cara entre os peitos na sala dela. — Davi agita a

cabeça, sei que ele quer afastar a imagem de sua mente. Mas não consegue, está fresca demais. — Ela não se importou em contar uma desculpa. Só me enxotou do escritório *e de sua vida*.

— *Ai*, Davi... — Envolvo seu pescoço com meus braços e encaixo seu rosto em meu ombro. Ele me aperta de volta como se a vida dependesse daquele toque.

Não há o que falar, sei que ele está destruído. Não apenas por ser alguém que se entrega muito fácil, mas porque ele realmente é *apaixonado* por Rebeca. Há dois dias, estava animado para a festa como uma criança na noite de Natal, me ligou cem vezes apenas para se certificar de que tudo daria certo. Depois ligou mais outras cinquenta vezes para ter surtos de nervoso sobre o medo de dar tudo errado.

Se qualquer pessoa perguntasse o quanto ele gosta de Rebeca, Davi responderia que ela é o Sol das suas manhãs nubladas. Tão apaixonado que chega a me enjoar, mas é assim que ele se sente sobre ela. E, agora, vai ter que se virar com esse sentimento enorme dentro do peito.

Em silêncio, planejo o tamanho da surra que darei naquela desgraçada. Eu *jurava* que Beca era uma moça legal, diferente da Larissa e da Noemi. A primeira, deixou Davi para fazer um retiro espiritual no Tibet, dizendo que quando voltasse se casariam e nunca mais voltou. A última, terminou com ele por mensagem de texto e duas semanas depois apareceu namorando o chefe.

Ele é o homem com o dedo mais podre para relacionamentos que já topei na minha vida. A sorte de Davi é que ele tem a mim e ao meu cérebro. Se o arquiteto pensa que vai ficar na fossa, cancelar a festa de casamento e se afogar no sangue do coração partido, ele está enganado *pra caralho*.

— Vamos dar um jeito nisso, você tem quatro dias para arrumar esses cacos e ficar *delicioso* na festa.

Sinto-o fugir bruscamente do meu abraço e o homem me encara como se tivesse nascido um terceiro olho na minha testa.

— Não escutou o que eu disse, Marina? Não vai ter casamento!

— Sim! — Ele não esperava que eu concordasse, então cruza os braços e cerra a mandíbula. — Mas vai ter festa de aniversário, e disso eu não vou te deixar desistir.

É como ver uma caricatura viva reagindo em frente aos meus olhos. Davi revira os orbes verdes, produz um som ininteligível, se levanta e caminha de um lado para o outro em minha frente, calculando a melhor forma de me mandar ir para a casa do caralho sem parecer agressivo demais — mesmo que ele tenha intimidade suficiente para me mandar ir ao inferno e me buscar três vezes seguidas, apenas para comprar minha passagem só de ida pessoalmente.

Já estivemos nesta posição algumas vezes antes. Um Davi de coração partido, uma Marina muito prática com uma sugestão duvidosa e, no fim, sempre sou eu quem venço.

— Não tenho condições emocionais de fazer meu aniversário na minha festa de casamento, Nina... — resmunga, enfiando as mãos nos bolsos dos jeans.

— Como eu disse, você tem quatro dias para se recuperar...

— Ninguém se recupera em quatro dias disso, *Marina*...

— ... E estar maravilhoso no dia da festa — interrompo sua argumentação fraca. — Você gastou mais de sessenta mil reais nesse evento, *eu não vou deixar* que jogue esse dinheiro pela janela. — Cruzo as pernas, assumindo a postura da cerimonialista renomada que sou. A pessoa que realiza sonhos jamais deixaria o grande dia do melhor amigo se tornar um pesadelo. — Vou ligar para algumas pessoas, mudar a decoração e *pronto*.

— Os amigos dela estarão lá...

— E foda-se? — Minha interrogação soa como os meus deboches clássicos. — Com sorte, ela também vai. E vai ver que você não *está nem aí* para a cachorrada que Rebeca aprontou.

— Mas eu estou *muito aqui* para o que ela fez, Marina!

Davi soa desesperado. Suas mãos estão erguidas em súplica, tentando inutilmente colocar o que ele chama de juízo na minha cabeça. Não é como se eu fosse deixar meu melhor amigo sair por baixo, como o traído ferido. Quem perdeu Davi Albuquerque foi Rebeca. Aquela cretina tinha um bilhete de loteria premiado e, ao invés de retirar o prêmio como qualquer pessoa normal faria, ela o apertou em um baseado e fumou.

Ele pode estar ferido e sofrendo, querendo se esconder debaixo do edredom e passar dias se dedicando a alguma planta maravilhosa a qual nunca tiraria do papel, mas no meu turno, Davi é um solteiro cobiçado na boemia carioca que simplesmente teve um contratempo.

Sei que gente como a mulher que o feriu gosta de tripudiar, saber que a outra parte está na pior. É uma medalha de êxito macabro, demonstra quantos amores essa pessoa jogou no lixo.

A pior parte, é saber que a maioria das pessoas é assim.

— Eu sei que você está destruído com tudo isso, Davi. Mas eu não vou permitir que você seja o idiota dessa situação. — Dirijo a ele meu melhor sorriso condescendente. — Não sei por que ainda estamos nesse impasse, você vai ter a sua *puta festa de aniversário*, quer queira, quer não.

Seus ombros murcham em derrota e ele bufa. Sabe que é inútil tentar discutir comigo, principalmente porque o meu ponto é excelente.

O olhar torturado que me dirige faz meu estômago revirar um pouquinho. De onde eu enxergo, essa traição era um dano previsto. Relacionamentos são assim, principalmente os que caminham para o casamento. Sempre há um baixo *muito mais baixo* do que o alto, nem sempre é reversível. Casar com alguém é sobre o quão baixo você consegue suportar descer, um eterno jogo de puxa e cede onde uma das partes vai puxar bem mais, ao passo que a outra vai ceder tudo que tem. Geralmente, os mais românticos, como Davi, são os que doam tudo. Sei bem do que estou falando, eu trabalho fazendo casamentos. Vejo situações assim todos os dias.

Por outro lado, *pelos olhos dele*, consigo imaginar a sensação de depositar todas as fichas no outro, acreditando que se é correspondido, e ser passado para trás. Conhecendo-o como o conheço, sei que o pior não é nem isso. A maior parte da dor está ali porque Rebeca não se importou o suficiente. Na verdade, ela não se importou um décimo do que deveria.

Vaca.

Juro por Deus que irei estapeá-la quando puser meus olhos nela.

Aquela desgraçada poderia ter mexido com qualquer um nessa Terra, menos com Davi. *Ela me paga*.

— Não sei por que venho até aqui — Davi murmura. — Você é a casamenteira que não acredita em relacionamentos, é como se eu estivesse falando com as paredes.

Reviro os olhos. Não é como se eu não acreditasse em relacionamentos, meu problema era com *casamentos*. Tem diferença.

— Faço essas coisas porque te amo, Davi.

Levanto do sofá e toco suas bochechas com as mãos, forçando-o a olhar para mim. Ele é bonito demais como um daqueles caras que faz uma mulher cochichar com as amigas e se abanar de fogo no rabo. O cabelo castanho é bem cortado, a barba sombreia a mandíbula e ressalta o furinho no queixo. Além de tudo, é um romântico incorrigível. O prato perfeito para

predadoras, elas o ferem só pelo prazer de dizer que fizeram um homem como aquele de idiota.

— Como alguém tão fria como você consegue ser a minha melhor amiga? — sussurra.

— Somos complementares, *bonitinho*.

Um sorriso triste brota em sua boca bem desenhada e aperto uma de suas bochechas com afeto.

— Hoje, você vai sofrer tudo o que tem que sofrer. Vai encher a cara, escutar música brega e apagar as fotos que tem dela. No sábado, vai continuar sofrendo, porque isso não passa de uma hora para outra. Mas estará mais forte, a ponto de mostrar para todo mundo *o que a vagabunda perdeu*.

— Para de chamar as outras mulheres de vagabunda, Marina...

— E a sua ex é o quê?

Ele franze o cenho. Não havia pensado em Rebeca como sua ex, no fundo, sei disso.

— É uma mulher que não vale a pena. — Sua resposta sai meio capenga, meio frouxa. — Sério, isso é misógino, Nina.

— Então você pode levar minha carteirinha de feminista embora, Davi. Porque se eu encontro com aquela lambisgoia, eu a quebro em tantos pedacinhos que o enterro dela vai ser em uma centena de caixinhas de fósforo.



03 Davi

Todos os convidados foram informados de que não haveria mais casamento. *Todos os convidados* apareceram mesmo assim.

O salão de festas luxuoso que eu e Marina escolhemos fica no bairro do Flamengo, com vistas para a praia depois do Aterro. A decoração foi transformada de casamento para o tema de arquitetura, por todo lado há tubos extensíveis, escalímetros e símbolos do AutoCad. Sobre as mesas, pequenas maquetes de uma casa de bairro suburbano, no lugar das flores.

Garçons servem champanhe e uísque para quem desejar. Há uma fila se formando na estação de hambúrgueres artesanais, mas essa nem se compara à fila do bar. Em qualquer lugar que meus olhos alcancem, todos se divertem. Tiram fotos, bebem, dançam e riem como se nada de anormal tivesse acontecido. Como se a festa de aniversário não estivesse programada para ser um casamento dos sonhos há poucos dias.

Preciso de outra dose de uísque com gelo de água de coco para aguentar a noite. A família de Rebeca está aqui, assim como seus amigos. Apenas *ela* não apareceu, o que não é tão ruim assim, levando em conta o quanto Marina quer rasgar a jugular da minha ex.

Esse adjetivo ainda amarga minha boca. Talvez seja o uísque, ou talvez eu esteja ficando afetado pelo álcool. Minhas pernas suplicam para dar meia volta e sair correndo para o meu apartamento, em meu refúgio seguro bem longe de todos aqueles abutres.

— Se eu fosse você, não sonharia em tentar fugir.

Os olhos verdes e perspicazes de Margareth Albuquerque grudam-se aos meus. Minha mãe está seriamente enredada pela taça de champanhe em sua mão, tenta equilibrar a carteira debaixo do braço ao mesmo tempo em que se esforça para manter a pose de dondoca grã-fina. Não que ela possua alguma, mamãe é muito prática.

Meu trabalho me permite cobrir a ela, a minha madrinha e a minha irmã mais velha com muitos luxos, mas a mudança de camada social não subiu à cabeça de nenhuma das três. De forma quase fantástica.

— A senhora agora lê mentes, dona Margareth? — Envolvo sua cintura com um braço, puxando-a para o meu lado, de forma que ela possa observar a festa do mesmo ângulo que eu.

— Ah, Deus me livre! Só que eu te conheço, você saiu daqui de dentro. — Circula a mão sobre o ventre, me arrancando uma gargalhada quando a carteira escorrega para o chão. Pego-a antes que desapareça em nossos pés. — Está se perguntando por que deixou Marina tomar o controle disso, acertei?

Ela franze as sobrancelhas, espiando meus olhos com atenção. Não é exatamente esse o ponto, mas chega bem perto. Como sempre, eu não deveria ter escutado Marina. Cometo esse erro há vinte e sete anos e, mesmo assim, não aprendo. Acho que o único período da minha

vida em que tive paz, foram os cinco anos em que não a conheci. Depois disso, perdi o controle totalmente das minhas decisões sobre qualquer coisa.

— É uma das respostas — assinto. — Entendo o que ela disse e o que tentou fazer, mas... Está doendo, mamãe.

Dona Margareth solta a taça na bandeja do primeiro garçom que cruza seu caminho e puxa meu rosto. Cola seus lábios cheios de batom violeta em minha testa e espreme minhas bochechas com as mãos, como se eu ainda fosse um moleque.

— Esse tipo de machucado não se cura fácil assim, meu filho, leva tempo até a ferida criar casquinha. E depois disso, ainda tem que conter a vontade de arrancar e coçar. — Sua analogia me faz apertar os lábios em uma certeza fatual de que mamãe está um pouco alta. Quiçá, *bastante*. De perto, consigo ver melhor seus olhos verdes como os meus semicerrados. Estão avermelhados na parte branca. — Fico orgulhosa de ter criado o único homem decente da face da Terra, mas você *sabe* que fugir não vai melhorar em nada. Algumas dores precisam ser sentidas.

Abro a boca para contestar, mas meu argumento se perde entre a garganta e a língua. Em vez disso, resolvo implicar:

— Você fumou a maconha da Dani, mamãe?

Ultrajada, arregala os olhos. Vejo-a colocar uma mão na cintura, enquanto aponta o dedo para mim de forma autoritária. Sua expressão me faz gargalhar pela primeira vez na noite.

— Davi Albuquerque, eu tenho *cinquenta e oito* anos. Isso significa que eu poderia usar a droga que eu quisesse, inclusive a maconha da sua irmã. Você não tem o direito de me julgar, ouviu bem?! Fui eu quem te colocou no mundo, rapaz, me respeite. Agora você vê, a gente cria filho para tomar conta da gente? De jeito nenhum!

Não sei em que momento comecei a ganhar carteiradas pelos ombros, mas sei que me encolho para proteger pontos críticos. Ela me bate até me tirar do lado da cabine do DJ, empurrando-me até o meio da pista de dança. O máximo que consigo esboçar são gargalhadas, fazendo com que a autoridade de mamãe escorregue pelo primeiro ralo que encontrar.

Quando consigo recuperar o fôlego, ainda escuto a mamãe tagarelando. Entretanto, meus olhos encontram os de Marina e bufo, calculando as rotas de fuga possíveis antes que ela cruze a pista e chegue até mim. Não há nenhuma.

— Aí está você! — Seu tom bravo me faz ter certeza de que ela notou o quanto estou fugindo de sua pessoa. — Te procurei a noite *inteira*, Davi! Por onde se meteu?

Sinto meus ombros murcharem. Evitei topar com ela a todo momento, pois sei que Nina vai fazer questão de agir como se eu estivesse no melhor dos meus dias. Me forçará a tirar centenas de fotos e conversar com o máximo de pessoas que puder, tudo para *sair por cima*. Eu não ligo para o que as pessoas pensam, ela sim.

Engulo seco encarando as sandálias de saltos altíssimos que a deixam quase maior que eu. Marina é uma mulher alta, tem mais de um e setenta e cinco de altura, não sei exatamente quanto. O macacão de cetim azul claro funciona como um farol para seus olhos cor de mel e seus cabelos loiríssimos estão presos dentro de um penteado rebuscado com vários pontos brilhantes. Uma garota tão linda, com um gênio tão miserável...

— Não tirou nenhuma foto ainda, mal cumprimentou as pessoas — me acusa.

— Eu estava... conhecendo o ambiente.

— Mentira, Marina, ele estava fugindo de você! — Mamãe se mete.

Marina torce o rosto em uma careta descontente, em seguida cruza os braços de modo bravo. O gesto aperta seus seios dentro do decote, e no mesmo instante me pergunto por

que *caralhos* eu estou olhando naquela direção. Sempre preciso me lembrar que já passei da fase de ficar surpreso com o corpo que ela desenvolveu durante a puberdade — e que a cada dia fica ainda mais bonito por causa do seu estilo de vida saudável *good vibes*.

— Eu deveria estar surpresa, Davi?

— Não sei o que você esperava — dou de ombros, finalmente olhando-a nos olhos. — Eu nem queria isso, Nina. Não quero fingir que estou bem para essas pessoas, estou mal à beça.

Algo em meu tom de voz desfaz a cara brava da loira. Sinto mamãe apertar meu ombro em apoio. As duas sabem que estou um caco. Não venho me alimentando direito, durmo pessimamente e sinto como se um pedaço meu tivesse sido esmagado por um trator. Não é meu primeiro coração partido, mas é o que mais está doendo até agora.

Marina toca uma de minhas mãos e a aperta entre os dedos. Pela primeira vez em uma semana, vejo em seus olhos que ela tem alguma ideia do que estou sentido, apesar de nunca ter sofrido por amor.

Bem, gente sem coração realmente não sofre por amor, mas isso é comentário para outra hora.

— Realmente achei que isso fosse te animar, pelo visto estava muito enganada. — Sua risada frouxa me faz encará-la com ironia. Ela me conhece o bastante para saber que minha dor de cotovelo vai durar alguns meses. — Falta pouco para acabar, menos de duas horas para o parabéns.

— Nem um minuto a mais, Nina — suspiro, dando-me por vencido. — Por favor.

Tão logo pisco, Marina me arrasta pelo salão, forçando-me a posar para fotos, conversar com *os meus amigos* e a comer alguma coisa. O punhado de salgadinhos cai como um alento para meu estômago negligenciado, sinto meu humor melhorar um pouquinho. O suficiente para fingir que sou o garanhão inquebrável que a cerimonialista quer que eu seja esta noite.

Depois do parabéns, me preparo para sair de fininho, sem causar alarde aos convidados. Já tenho o celular aberto no *Uber*, mamãe vai levar o kit da festa para casa e eu o pegarei amanhã. Esta noite, estou pronto para cair na cama e fingir que a festa nunca aconteceu,

Todavia, ouço alguém falar qualquer coisa ao microfone, pedindo a atenção de todos os presentes. Por cima do ombro, enxergo Luís Otávio, o atual namorado de Marina — o que ela gosta o suficiente para andar de mãos dadas, mas não ama porque, como eu disse, a garota não tem coração —, em cima de uma cadeira e tagarelando qualquer coisa sobre momentos especiais que não podemos perder.

Procuro a cerimonialista pelo salão e a encontro com o nariz franzido e as mãos na cintura a poucos metros do homem que brinca de apresentador de programa dominical. Tem muita gente prestando atenção, ela não tem para onde fugir. Há desespero em seus olhos, vejo o sentimento assim que Nina devolve meu olhar.

Forço meus pés a permanecerem no salão. *Que diabos está acontecendo?*

— ... Mari, quando te olho, vejo tudo que sempre sonhei em uma mulher. — Luís Otávio desce da cadeira e comete seu pior erro. Se ajoelha diante de Marina.

Há um semicírculo de espectadores ao redor deles. A maioria segura o celular, filmando o momento. Vejo pessoas fungando emocionadas, enquanto outras admiram o gesto com cara de apaixonadas. Quando percebo o que o cara está fazendo, é a minha vez de franzir a testa.

Ele vai se arrepender *tanto* disso...

— Tão linda, tão divertida, sem frescura de nada. Eu te amo, Mari. — Achei que se ajoelhar fosse a maior besteira que ele poderia ter feito, mas Luís Otávio se supera ao enfiar a

mão em um dos bolsos e puxar uma caixinha preta, tornando tudo pior. — Casa comigo?

Veja bem, o problema não é o pedido de casamento. A grande questão é a forma como foi feito.

Luís Otávio carregava a aliança, logo estava premeditando aquela situação. Cercado de gente, falando uma dúzia de palavras lindas para mostrar ao mundo o tamanho do amor que ele sente por Marina, tão poderoso que o faz perder a noção do ridículo. Tão enorme e bem arquitetado, sua namorada não diria não, certo?

Se a namorada dele fosse qualquer uma, menos Marina de Brune.

— *Não* — ela responde sem nem pestanejar. — Não vou me casar contigo, Luta.

A cor some da pele de Luís Otávio, sei, pelos seus olhos arregalados, que ele está se perguntando onde errou.

— C-como...?

Marina tem a empatia de puxá-lo pela mão, para que ele levante. E só isso mesmo.

— Não estou pronta para me casar e acho que devemos repensar nosso relacionamento. Odeio quando tentam me acuar, me deixando sem saída. *Eu sempre faço as minhas escolhas*. Hoje, escolho não aceitar o seu pedido e terminar com você.

Vários “oh” e “meu Deus” se misturam a “que desgraçada!” pelo salão. As pessoas ao redor estão envergonhadas por Luís Otávio, não esperavam uma reação daquela vinda de Marina. Ou seja, ninguém realmente a conhece. Não como eu.

Aproximo-me quando o público dispersa como formigas fugindo do inseticida. De perto, vejo que a expressão desolada do Romeo Fracassado se parece mais com raiva. Luís Otávio tem veias demais pulsando nas têmporas e punhos cerrados. Fala um monte de coisas entredentes que não consigo captar por completo. Em parte, porque está confuso mesmo. Em parte, porque a cara de deboche de Marina é impagável e imperdível.

— Você não pode fazer isso comigo, sua cachorra! — Consigo finalmente entender o que ele fala, mas não gosto nem um pouco.

O homem apaixonado deu lugar a um que poderia ser considerado assustador, caso a pessoa com quem ele lida demonstre medo. Não é o caso de Marina, tampouco o meu.

— Peça desculpas — ordeno.

— *Eu* que tenho que pedir desculpas? Olha o que essa maluca fez! Ela me rejeitou em público!

— Não devia ter tentado me forçar a dizer sim, querido.

— Não custava ter dito sim e depois ter recusado em casa — Luís Otávio argumenta de forma pífia. — Destruiu a minha moral, porra.

Como resposta, Marina gargalha e entrelaça um braço no meu. Sei que ela quer voar em cima dele e fatiá-lo em dezenas de pedacinhos, vejo em seus olhos, leio em sua expressão corporal, mas se controla para não perder a compostura. Luta consigo mesma para sair como *vencedora*.

— Davi, vamos embora — ela é autoritária. — Temos um kit festa para devorar, mas não tenho *tempo* para perder contigo, Luta. Não precisa aparecer, mando suas roupas por alguma transportadora. Passar bem, viu?

Ela me puxa para fora do salão, pisando fundo em todas as texturas de piso. Ouço seus saltos estalarem e vejo-a se contorcer de vontade para olhar para trás e ver a cara de Luís Otávio. Em solidariedade, faço a sua vez e, por cima do ombro, enxergo seu ex-namorado jogar uma cadeira para longe, mas logo ser contido por uns três garçons do buffet.

Que imbecil!

Para saber o que acontece com Marina e Davi, clique aqui e leia "Missão Garota Perfeita"



As Comédias Românticas Mentiram Para Você

Clichê invertido + Nerd e Popular (versão bilionária) + Ela é a CEO + Fast burn + BDSM

01

HERON

Fingi que não vi uma adolescente com o celular apontado em minha direção, do outro lado da rua. Não sabia se ela estava me filmando ou tirando fotos, mas dei mais uma volta na guia da coleira de Garth, só para garantir que ele não fugiria. O malamute-do-alasca não costumava puxar muito na nossa caminhada matinal, mas ele estava agitado. Diferente de Bruce, o sem-raça-definida marrom de porte médio, que praticamente implorava para não ter que dar mais dois passos. Eu quase previa que ele me pediria colo na volta para casa.

Havia pegado pesado com eles naquela manhã, mas era para compensar as duas semanas que passei fora nos festivais de cinema europeus. Os cuidadores do Pata de Anjo, abrigo de animais do qual sou mantenedor, se revezavam para tomar conta deles quando eu ficava fora, mas meus filhos se

recusavam a passear sem mim. Ainda que fossem muito bem adestrados, simplesmente empacavam. Não havia santo que fizesse Bruce levantar o traseiro peludo do tapete da sala, ou conseguisse enfiar a coleira em Garth.

Não sem destruir boa parte da decoração.

Então, quando finalmente voltei para Londres, tive que compensar a preguiça birrenta dos dois.

Minha profissão apertava bastante a minha agenda, a rotina de quem vive para o cinema não é nada fácil. Depois de passar muito tempo atuando no teatro, meus olhos azuis — como dizia meu agente — rederam alguns papéis de grande destaque em séries de televisão e filmes hollywoodianos. O reconhecimento veio de forma inesperada, quando interpretei um mafioso na adaptação de uma série de livros eróticos para o cinema. Bastaram três minutos de *esfragação* falsa, e minha carreira foi catapultada. Do dia para noite, o mundo inteiro conhecia a minha bunda e as caras que eu fazia gemendo.

Foi constrangedor no início. Um *frame* específico do filme, um *gif* em que eu abria a boca e jogava a cabeça para trás enlouquecido de prazer viralizou. Minha mãe passou dois meses sem falar comigo, disse que todas as suas amigas a encheram de mensagens sobre o meu desempenho em tela. Um sem número de vídeos e páginas de fãs surgiram, eu não conseguia fugir das cenas erótica, não importava o quanto eu tentasse. Depois, foi uma loucura ver a minha cara estampada em todas as esquinas, por causa das campanhas publicitárias que apareceram. Graças ao sucesso desse trabalho, as marcas descobriram em meu rosto o tipo de beleza que vendia — mesmo que, se alguém chutasse uma árvore em Londres, cairiam sete caras com o meu biotipo. Capas de revista, comerciais de televisão, desfiles de moda... até virei embaixador de uma grife masculina. Em todo canto, a minha cara estava.

A parte boa da coisa era o dinheiro e o fato de, agora, eu poder escolher quais papeis pegaria, mas ainda era confuso abrir o Instagram e descobrir que mais de mil pessoas me seguiam por dia, eu tentava lidar com isso. Estava feliz fazendo o que eu fazia, foi pelo que eu estudei a vida toda. Sentia-me grato por ser tão bem recompensado. Só que a fama era estressante.

— Calminha, rapaz! — Puxei ao sentir Garth forçar um impulso para longe do meu controle.

Entretanto, foi inútil. Quando a lanterna que indicava passagem livre para pedestres acendeu, o cachorro disparou para o outro lado da rua, arrebentando a guia. Bem em direção à minha paparazzi. A merda estava feita diante dos meus olhos.

Contrariando todas as expectativas de desastre, ele a cortou, costurou pelas pessoas, e causou caos pela St. James’s Square.

— Ele fez isso mesmo, Bruce? — resmunguei para o cachorro que

ficou sentado no mesmo lugar, encarando-me como se estivesse debochando. — É, ele fez.

Ergui Bruce nos braços e pus-me a correr atrás de Garth. Não eram os planos de corrida matinal que eu tinha, com carga extra de quase vinte quilos. Mas se demorasse mais meio segundo, Garth se perderia entre os pedestres.

Puxei a respiração com certa dificuldade, desviando dos transeuntes. Algumas pessoas paravam para me olhar, outros filmavam a minha situação cômica, mas todos me reconheciam. Já poderia até ler nos sites e perfis de fofoca do Instagram: "Heron Cassinger corre atrás de cachorro na manhã londrina". Se bem que podia até ser uma manchete boa para mim, se os fizesse desistir de inventar um caso entre mim e Amanda Arnold, meu par romântico quase recorrente nas telonas. Pela quarta vez seguida.

Garth invadiu a varanda de uma cafeteria e fechei um olho, antevendo o estrago. Ele pulou uma cerca, derrubou uma garota uniformizada e correu direto para uma das clientes do local. Entretanto, ao invés de pular na mulher e a encher de lambidas, o cachorro se jogou aos seus pés e mostrou-lhe a pança peluda. A desconhecida esticou a mão e coçou a barriga de Garth, que fez sons de contentamento. Ele se mexeu alegre com o carinho e se comportou como um lorde enquanto a moça deslizava os dedos em seu pelo.

Quase parecia um bom menino.

Suspirei de alívio. O furacão estava contido, as únicas vítimas foram a atendente da cafeteria, que ajudei a levantar, e a calça preta da mulher que estava ficando cheia de tufos brancos de pelos nas pernas.

— Garth, por favor! Está sujando a moça! — Puxei-o pela coleira.

— Não brigue com ele, só queria um cafuné. *Que garotão mais lindo, meu Deus*! — Ela fez uma voz fininha quando se dirigiu a Garth e ele deu um latido feliz.

Acabei rindo do seu tom de voz. Ela tinha bom humor para uma situação como aquela, principalmente colocando na conta a cidade em que estávamos. Londrinos amam cachorros, mas odeiam ser interrompidos durante o café-da-manhã. Qualquer pessoa, aliás.

Com certeza, seria uma memória e tanto. Principalmente quando ela precisasse tirar os pelos da calça.

Mirei o tecido e segui o caminho das pernas cobertas, olhando-a bem pela primeira vez e *aquilo tudo* me golpeou.

Caralho, que mulher linda!

Os cabelos tinham cachos escuros presos em um rabo-de-cavalo bem-feito lhe dando um ar de quem passou no salão de beleza para fazer aquele penteado. A pele dela era negra clara, da cor de doce de leite, e os olhos verdes brilhavam de alegria para o meu cachorro fugitivo. E ainda tinha aquela boca...

Carnuda, bem desenhada, daquelas que você sabe que é gostosa de beijar só de ver. Ela tinha uma aura de fascínio, um charme felino apelativo. Fazia a garganta secar e as mãos suarem. Definitivamente, a mulher mais bonita que já vi nos últimos tempos.

E olha que andei vendo muitas mulheres nos últimos tempos.

— Ele te machucou? — Puxei conversa.

Ela direcionou os orbes verdes para mim e o brilho de reconhecimento a tomou. Sabia quem eu era, pelo sorriso que deu, algo entre divertido e malicioso. Sorri de volta e ela balançou a cabeça de forma negativa, como quem não acredita que caiu em uma pegadinha de um programa dominical. Seu charme me atingiu como uma colisão, outra onda de encanto me fez morder o lábio inferior. A partir do momento em que meus olhos grudaram nela, era impossível mudar o meu foco.

Um imã lindo e tentador.

— Não machucou, não, só foi surpreendente. Malamute-do-alasca? — ela perguntou.

— Sim. — Não são todas as pessoas que sabem diferenciar um malamute de um husky siberiano. São raças muito parecidas, causam confusão.

— E esse no seu colo?

— Ah, este é o Bruce. — Coloquei o cachorro no chão. — É um vira-lata.

Ela se levantou da cadeira onde estava e esticou a mão para a cabeça de Bruce. Ele cheirou desconfiado, mas depois recebeu de bom grado o afago dos dedos negros de unhas vermelhas. Em poucos segundos, aninhou-se na moça, pedindo por mais carinho. Queria ter a coragem daquele espertinho.

— Os dois são lindos, parabéns.

Quando pensei em perguntar seu nome, algo piscou em sua mão ocupada e vi a ficha da fila eletrônica, indicando que seu pedido estava pronto. Ela sorriu apologeticamente e adentrou a cafeteria, em direção ao balcão. Vi-a pegar o pedido e acenar para mim através da vidraça. Logo depois, seguiu para a saída, desfilando o corpo maravilhoso para fora. Porque além de ser linda, a mulher também era absurdamente gostosa. Cintura fina, bundão e coxas firmes. Gostosa com *G maiúsculo*. E, definitivamente, executiva. Tinha aquele andar de chefona, atitude de quem manda. Energia de quem não leva desaforo para casa.

Eu adoraria ter a mínima chance de dominá-la.

Assisti a bela estranha ir embora, arrependido de não ter perguntado seu nome. Não havia nenhuma aliança nos dedos e ela não surtou quando me reconheceu. Talvez eu estivesse sendo precipitado, mas a mulher me interessou demais. E isso não costumava acontecer nessa frequência nem com essa intensidade. Não costumava pensar em sexo com mulheres com quem eu trocara cinco palavras. Mas, por alguma razão, aquela felina projetou em meu cérebro uma imagem sua de

quatro para mim, com os punhos amarrados e implorando para que eu fosse com tudo.

Merda, estava agindo como um maldito doente. Só que aquela mulher era irresistível, não me julgue. Você também ficaria sem ação.

Acenei para o balconista sardento sem pensar direito. O garoto apontou para si mesmo com incredulidade e eu insisti. Quando veio até mim, os olhos se arregalaram e ele tremeu um pouco.

— Heron Cassinger! — ofegou. — Meu Deus, eu sou seu fã!

Sorri gentilmente. Claro que era.

— Obrigado, garoto. Você pode me ajudar?

— É claro!

Ele soprou outro "Meu Deus" e assentiu freneticamente. Era a minha única chance, precisava tentar.

— Sabe o nome daquela mulher que saiu agora? Negra de olhos verdes.

— A Leona? — ele perguntou, e eu sorri como o gato de Cheshire. — Ela vem sempre aqui. Nunca toma o café na loja, só pega e sai. É bem legal, dá boas gorjetas.

Toquei o ombro do garoto em agradecimento. Era tudo o que eu precisava saber.

— Você quer uma foto? Ou um vídeo? — ofereci ao meu informante.

— Ah... *Quero*! — respondeu, depois de alguns segundos. — Vou pegar o meu celular, um minuto.

O rapaz se atrapalhou com os pés e tropeçou ao entrar.

Fiquei surpreso com a minha própria atitude. Havia acabado de fazer um papel exatamente assim, de um homem que fica obcecado por uma estranha e vai todos os dias ao parque encontrá-la. Só que no filme, meu personagem era um psicopata, ele ansiava por matar a sua presa. Não era o meu caso. Até queria prender aquela moça, mas debaixo do meu corpo, por umas oito horas até que ela esquecesse o nome.

Eu era apenas um homem curioso com uma mulher espetacular. Posso dizer com segurança que rodei boa parte do mundo e nunca havia visto nenhuma garota tão magnética em toda minha vida. Ninguém que me despertasse esse lado.

Leona, como o rapaz a chamara, tinha aquela coisa que fazia você querer olhar por mais tempo, para poder gravar cada detalhe na mente. As câmeras certamente a adorariam, mas eu não lembrava de ter visto ninguém parecida com ela, em lugar nenhum. Aquele rosto, aquele corpo... Aquele conjunto era único. Se ela fosse clicada uma vez, o mundo inteiro ficaria rendido.

Tinha aquele rebolado sutil, também. Ela transmitia segurança e altivez ao andar. Definitivamente, eu a queria.

Saí da cafeteria com Bruce em sua guia e Garth em meu colo, torcendo sozinho para que aquela mulher apoteótica fosse solteira e se atraísse sexualmente por homens. Depois daí, eu daria meu jeito.



O som do ar condicionado central sendo ligado me fez franzir a testa para o relógio na tela do meu computador. Era nove e quinze da manhã, e essa constatação me fez resmungar. Virei a noite na Number S.

De novo.

— Puta que pariu!

Voltei minha atenção para as janelas abertas na tela e verifiquei o quanto faltava para terminar o perfilamento de clientes de serviço de *streaming* que estava fazendo. Uma grande empresa do ramo estava querendo melhorar a arquitetura informacional do seu site, pois seu sistema de busca estava gerando muitos resultados equivocados e eles não estavam conseguindo encontrar a raiz do problema. Essa era a minha primeira especialidade: tornar a informação encontrável.

Quando me formei, há dez anos atrás, não imaginava o caminho que a minha vida percorreria. A estudante brasileira de faculdade pública, filha de professora e engenheiro de estatal, que foi contratada pela Google agora era a diretora executiva de um unicórnio[9] britânico. Além disso, havia terminado meu PhD em Arquitetura da Informação na Universidade de Oxford e era investidora anjo de algumas empresas juniores promissoras no Brasil e no Reino Unido. De rata de biblioteca à empresária de sucesso fora do meu país. Era um sonho, às vezes não acreditava que havia acontecido comigo.

Lá em casa, nas festas de fim de ano, eu me tornei a prima que fez a vida no exterior. “Nossa, mas a Leona mora no estrangeiro, está podre de rica mexendo com computador. Você vai fazer esse curso mesmo?”, e depois meu tio engatava em algum papo duvidoso que ofendia vinte e cinco minorias sociais diferentes, mas que todo mundo fingia que não via por ser Natal e não quererem estender mais a situação constrangedora. Meus primos me odiavam, de uma forma saudável. Ou nem tão saudável assim.

Os toques na porta me tiraram do devaneio e notei que tinha um sorriso em meus lábios. Ser nostálgica era minha terceira especialidade.

— Pode entrar.

As tranças de Victoria surgiram e seus olhos escuros se arregalaram ao me encontrar. Sabia o que ela estava vendo. Uma Leona sem maquiagem, cabelo enrolado em um coque malfeito e descalça sob a mesa. Também devia existir alguma olheira e cara inchada por falta de sono, qualquer coisa nada bonita.

— Leo, pelo amor de Deus! — ela me recriminou. — Você tem pessoas para dividir o trabalho, tem uma equipe enorme, já pode parar de ser centralizadora.

Victoria era minha secretária e amiga pessoal. Estava comigo há seis anos, foi a primeira que contratei para o cargo, quando notei que eu não conseguiria dar conta do meu trabalho, da gestão da Number S e da minha agenda sozinha. A garota me conhecia mais do que qualquer um neste país.

— Bom dia para você também, Victoria — debochei. — Dormiu bem?

— Eu *dormi*, ao contrário de você. — Victoria cruzou os braços e balançou a cabeça em condescendência. — Leo, vá para casa. Lembra o que o médico disse? Suas dores de cabeça estão sendo causadas por sobrecarga.

Há pouco mais de dois meses, tive crises absurdas de dores na cabeça. Fortes o suficiente para me fazer interromper o trabalho e ir para o pronto-socorro. O médico que me atendeu diagnosticou como enxaqueca causada por estresse, além de me informar que poderia se tornar crônico se eu não diminuísse o ritmo do trabalho.

Tentei seguir o tratamento por três semanas, fazia ioga, me forçava a parar de trabalhar às dezoito e tentava não me entupir de café depois do almoço. Porém, apareceu um trabalho imenso da HBO e eu não pude simplesmente deixar nas costas da minha equipe. Não funcionava desse jeito, minha empresa precisava de mim.

Estalei a língua, fazendo birra.

— Não sinto dores de cabeça há semanas, Vic! Você sabe disso.

— Então por que a sua caixinha de remédios está sem nenhum analgésico?

Ela sabia, era óbvio. Quem abastecia minha caixa de remédios, meu frigobar e a minha gaveta de lanches era ela. Quem me lembrava de almoçar era ela. Quem me obrigava a dormir era ela. Às vezes, penso que Vic assumiu o lugar da minha mãe longe de mim, à distância de um oceano. Ousava pensar que, seu eu ainda não havia morrido por inanição ou privação de sono, fora por conta de Victoria.

Ergui as mãos em rendição.

— Você ganhou! Estou indo embora, *chefe*.

Levantei-me a contragosto, depois de desligar o computador. Calcei as sapatilhas que eu deixava no armário, pois minhas pernas estavam cansadas dos

saltos, que só tirei às duas da manhã.

Vic me deu um beijo no rosto e eu retribui.

— Falo para o seu bem, Leo. Não quero a melhor chefe do mundo sendo internada por causa de síndrome de *burnout*.

— Isso não existe, Vic. É invenção de quem não aguenta o tranco do Mercado — resmunguei. — Eu estou bem, não se preocupe. Vou tomar café da manhã e vou direto para casa, *okay*? Prometo que vou dormir o dia inteiro.

— Não vai, porque hoje você tem aula de *Twerk*, às dezoito horas. Você precisa manter essa bunda enorme empinada, minha querida. Ou você é viciada em trabalho, ou é sedentária. Os dois, seu corpo não aguenta. Além de que cirurgia plástica é arriscado demais, aproveita que Deus te deu essa genética de gostosa.

— Por que eu ainda não te demiti mesmo, Victoria?

Ela encolheu os ombros, segurando uma risada.

— Porque eu sou a única pessoa no mundo que pode te chamar de gostosa sem que você se ofenda mortalmente. — Sua explicação irônica me fez arquear uma sobrancelha. — Ah! E eu faço *frapuccino* de framboesa para você.

Bufei. Victoria era o que eu podia chamar de melhor amiga. Nossa amizade surgiu naturalmente, tínhamos um sem número de coisas em comum. E, segundo ela, nosso mapa astral tinha seis casas iguais, e isso deveria significar algo legal. Mas ela fazia piadas ruins.

— Tudo pelo *frapuccino* de framboesa.

Enquanto eu arrumava minhas coisas, Victoria repetiu mais trezentas vezes que eu deveria deixar o celular desligado quando chegasse em casa, mesmo sabendo que eu não o faria. Para mim, era impossível ficar cem por cento *off-line*. Dava até abstinência.

Entrei na Caffeine com um sorriso bobo no rosto, por ficar repassando os votos maternais de cuidado da minha amiga. Para uma executiva séria, eu era uma mulher bem sorridente, tinha total noção disso. Não apenas por meu sorriso ser um dos meus maiores trunfos comerciais, as pessoas são mais propensas a fechar negócios com pessoas simpáticas, mas eu *gostava* de sorrir. Dava a energia que eu precisava para sobreviver a minha rotina maluca de trabalho.

— Bom dia, Owen! — cumprimentei o barista de sardas que me atendia todos os dias.

Owen arregalou os olhos com alegria. O garoto era sempre simpático e gentil, me atendia com prazer desde que comecei a frequentar a Caffeine, há três anos. Ele era filho dos donos do estabelecimento, um garoto em idade colegial, mas muito divertido.

— Bom dia, Leona! O de sempre?

— Ah, não — neguei. — Preciso de algo mais forte. Vou querer um

latte de baunilha, rolinho de canela e um muffin de bacon com ovos, por favor. Para viagem.

— Pode deixar!

Sentei-me para aguardar meu pedido em um dos bancos altos do balcão. Puxei meu celular para checar as mensagens e dei de cara com alguns e-mails para a Number S. Pensei em responder, entretanto resolvi escutar Victoria uma vez na vida e os encaminhei para os gerentes e coordenadores das áreas responsáveis. Só queria comer meu muffin em paz, porque meu estômago parecia grudado nas costas. Há quanto tempo eu estava em jejum?

— Estou começando a achar que isso é perseguição.

Ergui o rosto e encontrei o dono da voz, contendo minha respiração arfada. Era o segundo dia que eu dava de cara com Heron Cassinger, o terceiro homem mais desejado do mundo, segundo a Vanity Fair. E não era para menos, pessoalmente o cara era um espetáculo. Muito maior do que pela televisão.

Cabelos pretos curtos, uma barba cerrada e a pele levemente bronzeada dando o holofote perfeito para os olhos da cor de piscina. Eram de um azul absurdo, acreditava que fossem edição de vídeo até ver o cara na minha frente. Eu sabia que ele tinha um tanquinho gostoso e uma bunda bem redonda — eu e o mundo inteiro desde *Crossroads*, onde ele fez o mafioso Cresler: um fora da lei gostoso que quebrava caras no soco e chupava dedos para dar dedadas molhadas na protagonista. Que inveja da Amanda Arnold!

Não que eu fosse fanática pelo homem. Ele era mais que um rostinho bonito, trabalhava muitíssimo bem. Os melhores filmes dele eram os *underground* com uma pitada *noir* que quase ninguém conhecia.

Talvez eu fosse um pouquinho fã, sim. Mas era adulta o suficiente para não surtar com ele na minha frente. Quero dizer, eu fechei um contrato com o Jay-Z para criar um programa de gerenciamento de informação para a Roc Nation[10], porra! A Beyoncé estava lá, nem por isso eu tremi ou dei siricotico.

Minha pressão desceu quando eu saí da sala, só isso.

O importante foi que eu mantive a postura, assinei o contrato e entreguei o que foi prometido ao meu cliente. De quebra, sempre ganho ingressos quando a Sra. Carter faz shows em Londres, o crachá da área VIP. As vantagens do autocontrole...

— Acho que é você que está me perseguindo — devolvi a piadinha para o ator com um sorriso. — Onde estão os meninos?

— Em casa. — Ele deu de ombros. — O adestrador está tendo uma conversa com Garth sobre não arrebentar a correia e pedir carinho para moças bonitas pela rua.

Arqueei a sobrancelha. Heron Cassinger realmente me chamou de

“moça bonita”?

— Obrigada pelo elogio.

Ele deu um sorriso avassalador e eu senti uma fisgada na virilha. Que sorriso lindo aquele homem tinha! Se bem que, com lábios bonitos e rosados como os dele, e tratamentos dentários estéticos que as celebridades hollywoodianas faziam, qualquer um ficaria com um sorriso lindo.

— Você é durona — ele comentou. Pelo tom, achei que fosse mais para ele mesmo do que para mim. — Não está corada, não está tremendo, nem desviou os olhos. Estou surpreso, de um modo bom.

Revirei os olhos com a babaquice. Ele passou de estranho doce para famoso escroto em um estalar de dedos, não levou nem três minutos. Geralmente, essa galera deixava a máscara de “gente boa” um tempinho a mais. Achei que por ele ser ator não cometeria uma gafe bizarra dessa tão rápido.

Uma pena.

— Saber que você tem poder sobre todas as mulheres do mundo te deixou arrogante assim? Ou você sempre foi babaca, e só finge de cara bacana nas entrevistas?

Heron arregalou os olhos azuis e engoliu seco, finalmente se dando conta da merda que havia falado.

— Ah, eu não... Eu... — Ele limpou a garganta. — Não faço isso há muito tempo, acho que perdi a prática. Me desculpe por ter soado como um idiota.

— Tanto faz. — Dei de ombros.

Não cheguei onde cheguei sendo uma jogadora fraca. Teimosia era o meu maior traço de personalidade e eu não iria facilitar as coisas. Que fosse para o caralho ele ser gostoso demais. Se eu estalar os dedos, aparecem cinco iguais a ele, falando menos besteira.

Ou, pelo menos, demorando mais tempo para falar tanta besteira.

É, eu gostava de acreditar que poderia ser a mulher super sexy e fatal que não fazia os homens correrem, quando notavam que eu era mais inteligente do que eles. Na minha cabeça, funcionava bem.

— Leona, aqui o seu café... — A voz de Owen morreu quando seus olhos focalizaram em Heron. O garoto era muito fã. Quando o filme de super-herói de Cassinger estreou, Owen vinha sempre com a sua mochila do Hecatombe para o trabalho.

O artista sorriu daquele jeito avassalador de novo e forçou os olhos, lendo o nome do barista na etiqueta do rapaz.

— Oi, Owen. Como vai?

— V-você voltou! — A voz de Owen saiu esganiçada.

— É, eu voltei.

O barista ficou em silêncio por segundos longos demais e eu puxei o

pacote de papel de suas mãos, porque o garoto congelou.

— Obrigada, Owen. — Levantei-me do banco alto, mas a mão de Heron tocou meu cotovelo com gentileza. Como se ele não soubesse se podia ou não.

Interessante, porque alguém que tinha certeza de que eu ficaria corada quando fosse chamada de "moça bonita" deveria ter mais confiança sobre seus gestos. Talvez ele não tivesse tanta certeza assim do poder-de-sedução-derrubador-de-calcinhas-de-Heron-Cassinger sobre mim.

— Me desculpe, Leona — Heron pediu. — Eu geralmente não sou um babaca, me deixe consertar essa péssima impressão. Tome seu café comigo, o que acha?

Foi a minha vez de estreitar as sobrancelhas.

— Como sabe meu nome?

— Eu disse! — Owen se acusou, erguendo a mão. — Fui eu, ontem. Ele perguntou, eu... *Não*?

Cassinger estava fazendo expressões de desespero para Owen, arregalando e franzindo os olhos. Acho que não deveria ter notado seu gesto, mas estava bem claro para mim.

Foi a minha vez de abrir um sorriso sedutor. Heron Cassinger se interessou por mim. Esse tipo de coisa não acontece todo dia com qualquer mortal, não é mesmo? Afinal de contas, ele era um puta gostoso e todo mundo queria um pedacinho para si.

Isto é, se não fosse uma pegadinha. Porque poderia ser, os programas de televisão britânico adoravam esse tipo de humor peculiar. Ah, mas eu *mataria* Victoria se ela tivesse me inscrito em algum programa de encontro com celebridades!

— Perguntou meu nome? — inquiri.

— Bom... — Ele encolheu os ombros. — Te achei linda. Fiz errado?

Ele tinha uma expressão apologética. Era bonitinho de ver, naquele rosto de homão-galã.

— Deveria ter começado desse jeito. — Pisquei. — Muito bem, Heron Cassinger. Vou aceitar seu convite, mas você tem vinte minutos. Eu como rápido.

Ele suspirou aliviado e eu revirei os olhos. O homem era lindo, mas era presunçoso demais.

— Só preciso de dez. — Ele ergueu uma mão. — Aliás, meu nome é Heron. É um prazer te conhecer.

Apertei sua mão com a mesma firmeza que usava para fechar os contratos. Seu sorriso petulante apontou um pouquinho, como se ele tivesse vencido o jogo.

Era só um café da manhã, pelo amor de Deus!

— O prazer é todo meu, Cassinger. Meu nome é Leona.



03

HERON

Apertei os olhos com o brilho de outro flash estalando no meu rosto. Depois veio outro, e mais outro e mais outro, até que eu perdesse a conta de quantas fotos foram tiradas. Era o painel da Comic Con de San Diego, havia uma dezena de fotógrafos direcionando suas câmeras para mim e para o elenco que trabalhou comigo no Hecatombe. Atrás da fileira de lentes enormes e flashes estourando, havia centenas de pessoas se aglomerando depois das grades de proteção. Todas tinham algum smartphone nas mãos e eu conseguia escutar meu nome sendo gritado em todo lugar. Eu gostava desse assédio nos primeiros vinte minutos, era divertido ver que alguém me admirava e se inspirava em mim de alguma forma.

Só que nunca durava apenas vinte minutos. Os segundos eram seguidos pelas horas, ao ponto de me deixar incomodado. Odiava fingir sorrisos, odiava mais ainda não poder *ser eu*; ou seja: o Heron cansado que só quer uma taça de gin e dormir.

— Heron, por aqui. Temos que ir para o painel do *Meet and Greet*.

Grant Crawford, meu agente, indicou o caminho entre o paredão de seguranças. Ele estava tão ansioso quanto eu, seus óculos deslizavam pelo nariz e sua blusa azul clara tinha poças de suor sob as axilas.

O pesadelo de Grant era a minha resistência em não andar com seguranças nos lugares que eu deveria. Não tinha nenhum para andar no meu bairro, em Londres. Não chamava meu guarda-costas para eventos fechados, como este em San Diego. Basicamente, chamava-o apenas quando iria a algum país que eu não conhecia ou sabia ser perigoso. Prezava demais a minha liberdade de ir e vir, então ter alguém me seguindo para todos os lados, sabendo até em que horas eu ia ao banheiro me irritava.

Além disso, um segurança jamais me permitiria ter um momento com a-bela-desconhecida-Leona, como tive semana passada naquela cafeteria. Porque um segurança nunca deixaria qualquer pessoa sem outro segurança chegar tão perto de mim.

Havia puxado Leona para uma mesa no interior da Caffeine, longe das janelas. Era só um bate-papo descontraído com uma mulher que me chamara

atenção como nenhuma antes havia feito. Talvez pelo seu atrevimento ou pelo meu fraco por mulheres de bunda grande, ainda não havia descoberto.

Eu queria a atenção daquela mulher como se precisasse. E, por Deus, eu consegui, então faria valer à pena.

— Então você cismou comigo e fala isso com naturalidade? — ela perguntou, depois de um gole longo na sua bebida.

— Cismar é uma palavra muito forte. — Abri meu melhor sorriso. — Fiquei encantado. Você é linda e muito simpática. E eu...

— Achou que por você ser você*, eu iria corar, ficar balançada e tudo mais? — Leona debochou com um sorriso sexy na boca carnuda. — E depois? Você acha que vamos sair daqui direto para um motel e fazer sexo? Às dez horas da manhã? Está vivendo demais seus filmes, Cassinger.*

Assobiei, sentindo suas palavras estalarem acusatórias na minha pele. A mulher era osso duro de roer, combatente de primeira. Mais do que isso, parecia ser do tipo que gostaria de provar a todo momento que era imune a todos os meus milhares de truques de sedução.

Teimosa do caralho.

Excitante para cacete. Adoraria amarrar seus pulsos e a fazer engolir aquele orgulho.

— Na verdade, eu não tinha pensado ainda na parte do sexo. — Pisquei divertidamente, entrando na brincadeira. — Estava pensando em trocar contatos e vivermos um romance de filme clichê. Nesses filmes, não tem sexo.

— E é exatamente por isso que esses filmes são insuportáveis — ela gargalhou. — Sempre tem a parte em que alguém sofre muito e se reconcilia milagrosamente. Sem sexo. Não é meu tipo de filme.

Leona me encarou de forma fugaz e a minha boca secou. Pelo mundo inteiro, quando eu queria foder alguém, era só estalar os dedos. Dois sorrisos, perguntar o nome e eu conseguia. Depois de ter interpretado Cresler, todas as mulheres queriam parar na minha cama. E era divertido — além de caber perfeitamente no tempo que eu tinha para me relacionar com alguém. Algumas horas, duas assinaturas de contrato de confidencialidade e nada mais.

Com aquela mulher, eu cortaria um dobrado. Seria uma delícia caçar novamente, ter que me esforçar para conseguir uma trepada. Sabia que ela estava flertando comigo, dava para ver nos olhos verdes. Eu só teria o trabalho de desfazer a péssima impressão que causei, quando pensei alto demais.

Será que eu conseguiria transar com ela antes de ir a San Diego?

— Prefere algo como Crossroads? — Senti o flerte escorrer no canto do meu sorriso.

Ela mordeu o lábio inferior de forma sensual e os cantos de sua boca subiram em um sorriso sutil.

— Certamente. — Direta, como eu gostava. — Ah, por favor, mate a minha curiosidade: você realmente chupou a Amanda Arnold?

Amanda era minha colega de elenco, foi meu par romântico em alguns trabalhos — os figurões da indústria diziam que a nossa química valia bilhões. Ela flertava muito comigo, às vezes colocava língua em beijos sem necessidade e não usou o protetor íntimo em uma cena de sexo, fazendo-me tocá-la diretamente. Não seria problema nenhum ter um affair *com ela, tirando o fato de a namoradinha de Hollywood ser casada e mãe de duas filhas. Sua vida era o próprio comercial da Coca-Cola.*

E eu estava terminantemente proibido por Grant de me tornar o destruidor de lares do cinema. Na verdade, ele me proibia de assumir um relacionamento com qualquer mulher, porque a minha solteirice vendia demais. Aquele lado do cérebro responsável pelas fantasias, entende? Algo assim.

O problema era que todos os tabloides me arrumavam um caso secreto com alguém ou alguma parafilia que justificasse um homem de trinta e sete anos estar solteiro e sem nenhuma vista de romance no horizonte. Usualmente, Amanda era apontada como um caso, os rumores de cenas de sexo reais sempre surgiam.

Gargalhei com o tom de voz de Leona e sua pergunta invasiva. A aura de sedução se dissipou para algo divertido e a tensão sumiu dos meus ombros. Time Break*!*

— O que te faz pensar que chupei a Amanda de verdade?

— Bom... — Leona ficou pensativa por alguns segundos e depois sussurrou. — Aquele gemido parecia muito real.

Senti as minhas bochechas esquentarem. Sempre acontecia quando alguém falava dessa cena de sexo, especificamente. Daquela vez, a minha colega de elenco havia usado o protetor íntimo, mas realmente a direção de câmera deu um tom real. Tem gente que jura ter visto a minha língua, a maioria ignora que os "fluídos" de Amanda em meu rosto eram gel de cabelo.

Foi essa cena que me tornou famoso entre as amigas da minha mãe.

— Você sabe que usamos tapa-sexo nessas cenas, certo? — perguntei, e ela assentiu. — Mas a gente precisa deixar real. É coreografia, mas o toque tem que existir. Então, digamos que o meu nariz tocou a virilha da Amanda Arnold.

— Então ela é boa em fingir prazer... Que pena do marido dela!

Ela revirou os olhos em meio a gargalhada e me peguei encantado pelo som da sua voz. Era uma companhia excelente. Fez-me ter vontade de repetir aquele café da manhã mais vezes. Ainda que não terminasse em sexo, eu seria amigo dela facilmente.

— Mas você sabe quem eu sou, só que eu não sei nada sobre você, Leona...

Leona abriu a boca para me responder, mas seus olhos correram para a tela de seu celular que brilhou com uma mensagem, roubando sua atenção. Contudo, a

mulher deu um sorriso sensual e levantou de sua cadeira, recolhendo seu lixo e seus pertences.

— Eu adoraria ficar e conversar mais com você sobre a minha vida, Heron Cassinger — falou meu nome com deleite maldoso de quem gosta de provocar. — Mas eu só tinha vinte minutos, e eles acabaram.

Arregalei os olhos, sem acreditar que aquela deusa petulante estava realmente me dispensando.

— O quê? Nós...

— Outro dia, a gente continua. Venho aqui toda manhã, mas isso você já soube pelo Owen. Sabe onde me encontrar.

Tão dona de si como pareceu desde a primeira vez que coloquei meus olhos nela, Leona partiu com seu rebolado avassalador de business woman, *deixando-me estarrecido e sozinho com uma xícara de cappuccino fria.*

Fiquei com vontade de realmente ir pelos dois dias seguintes, mas se ela não demonstrou interesse, eu seria apenas inconveniente. Mesmo que tenha retribuído, Leona poderia ser uma daquelas mulheres viciadas em seduzir, mas que nunca chegavam às vias de fato. Só que eu nunca entrava em uma aposta para perder, sabia avaliar as minhas estatísticas. Resolvi dar um tempo. Quando eu voltasse para Londres, tentaria descobrir mais sobre aquela estranha tentadora de olhos verdes.

— Vai querer uma cadeira? — Grant perguntou quando me posicionei na marcação no painel onde eu tiraria fotos com os fãs e conversaria um pouco.

— Não, está tudo bem. Estou confortável.

A fila já estava pronta. Sabia que a organização do evento havia distribuído apenas trinta números para o *Meet and Greet* de cada ator do filme, para que pudéssemos participar e interagir minimamente e não sermos taxados de insensíveis cansados ou qualquer coisa do tipo. Sendo honesto, achava meio cruel. Tantas pessoas se acotovelando para darem um “oi” ao seu ídolo, sendo que a grande maioria sairia frustrada. Não era justo. Ainda que menos números significassem mais horas que eu teria livre após o evento.

Passou gente de todo tipo pelo meu painel. Meninas, mulheres, homens, crianças, até mesmo uma idosa. A senhorinha texana me passou uma receita de torta de maçã sem farinha e eu fiz questão de gravar seu áudio explicando como a fazia. Adorava doces, mas a minha dieta quase nunca me permitia. Precisava estar sempre em forma para aparecer sem camisa em todos os papéis. Às vezes, até sem as calças. E teve uma vez que um *thriller* queria meu nu frontal, mas Grant não entrou em um acordo financeiro com a produção. Eu teria feito, já havia feito dezenas de nus totais no teatro, antes da fama mundial. Como dizia minha vó, que Deus a tenha, “todo mundo é sem vergonha quando sobe no palco”.

A última fã da fila era uma garota que me parecia familiar. Loira, de olhos castanhos. Se vestia como uma mulher mais velha, com jeans colado e uma regata

decotada dentro do cardigan, mas não deveria ter mais de vinte e três anos.

Ela veio diretamente me abraçar, enlaçando-me pelo pescoço, antes mesmo de se apresentar.

— Oi, como se chama? — Fui gentil ao me soltar do seu abraço.

— Carlie. — Ela deu um sorriso enigmático. — Podemos tirar uma *selfie*, além da foto oficial?

— Claro. Por que não?

A garota invadiu meu espaço pessoal novamente e enfiou a mão no meu bolso traseiro, como se tivesse intimidade para isso. Dei um sorriso amarelo para a câmera, enquanto ela fazia uma sequência de fotografias com o celular. Seus dedos apertaram a minha bunda e eu contive um pulo surpresa.

— Não faça isso de novo, por favor — pedi, ao me afastar.

— Fazer o que? — Ela forçou um sorriso inocente. — Não sei do que está falando, Heron.

Assenti. Já havia lidado com esse tipo de fã. Certa vez, na Itália, a mulher meteu a mão dentro das minhas calças no *Meet and Greet*. Foi um sacrifício para fazer a louca me soltar, porque ela esmagou as minhas bolas nas mãos.

Doía só de lembrar.

A garota loira, Carlie, perguntou algumas coisas sobre a minha carreira. Coisas como preparo para cenas de ação, laboratório para personagens, coisas sérias que não condiziam com a sua postura inicial. Respondi todas as questões com tranquilidade, até relaxei depois de algum tempo.

Algumas pessoas perdem as estribeiras quando veem os ídolos, poderia ser o caso daquela menina.

— E você, Carlie, o que faz?

— Ah... Eu sou *camgirl*. Subo alguns vídeos para sites adultos, também. — Ela piscou e eu disfarcei a surpresa. Era daí que seu rosto me era familiar, já devia ter passado por algum quadro com seu rosto pelos sites obscuros. — Quer conhecer meu trabalho? *Pessoalmente*?

— Não, obrigado.

— Sua namorada secreta fica com ciúmes das suas fãs ousadas?

Dei uma risada irônica.

— Não tenho namorada secreta.

— Então por que não quer? — Seu tom se tornou áspero e eu fiquei em alerta.

— Olhe, Carlie, não me leve a mal, mas eu não durmo com as minhas fãs. Não é profissional.

Ela passou a língua nos lábios e eu vi loucura em seus olhos. Rezei para que a garota não atacasse as minhas bolas também.

— Eu não sou uma fã. Sou a *maior* delas. Tenho seu nome tatuado na minha

boceta.

Afastei-me exasperado e meu gesto chamou a atenção dos seguranças que se aproximaram, posicionando-se um de cada lado. Qualquer pessoa que tatue o nome de um estranho, em qualquer parte do corpo, era perigosa. Aquela garota era completamente louca.

— Acho que terminamos por aqui. — Dei um sorriso amarelo. — Foi legal te conhecer.

— Não tenha medo do amor, Heron! — Vi-a gritar enquanto os seguranças da Comic Con me afastavam para a área restrita.

Esperava que essa garota não causasse problemas na minha *fanpage*, nem enviasse um monte de emojis de vômito nas minhas postagens do instagram.

Essa era a parte que eu odiava em ser mundialmente famoso. As pessoas esperavam coisas de mim que eu não podia dar. Elas agiam como se me conhecessem e criavam expectativas irreais. A porra da minha vida não era minha. Era do mundo.



A primeira coisa que fiz ao chegar ao *backstage* foi procurar uma garrafa d'água. Aquela situação havia me deixado com sede e irritado. Felizmente, não tinha mais nenhum compromisso. Iria para o hotel, comeria alguma porcaria que a minha nutricionista reprimiria e dormiria assistindo às séries de alguma produtora que não fosse a minha, porque a última cara que eu gostaria de ver era a minha.

Um plano infalível.

Entretanto, quando sequei a garrafa em um gole, meus olhos focalizaram nos cachos escuros e nos olhos verdes que me fizeram agir como um obcecado na semana passada. Em um macacão social branco, abraçando suas curvas perfeitas, estava Leona. Igualmente paralisada ao notar a minha presença. A poucos metros de mim.

A irritação sumiu e eu soprei uma risada. Qual era a chance dessa porra acontecer de verdade? Quem era aquela mulher para estar em uma área tão restrita de um evento como este?

— Não acredito que você quis me dar o troco e veio atrás de mim, Leona — brinquei, sentindo a sonoridade diferente do seu nome. Não *Liounâ*, como na pronúncia em inglês, mas *Leona*, com a letra *e* marcada e *o* anasalado. Era incomum, sua ascendência certamente não era britânica.

— Atrás de você? — Ela bufou de forma divertida, colocando as mãos nos quadris apetitosos. — Eu estou trabalhando, Cassinger. O mundo não gira ao redor

do seu ego imenso.

— Tem certeza? Porque você está aqui na minha frente. Se não é um presente do destino, não sei o que pode ser.

A mulher balançou a cabeça negativamente, com uma gargalhada. Sua voz era rouca, deliciosa de escutar. Poderia ouvi-la rir de forma condescendente o dia inteiro, para depois ouvi-la gemendo a madrugada toda.

— Vim fechar negócios, Cassinger. — Ela suspirou dramaticamente, antes de abrir a bolsa e puxar um cartão preto com letras douradas. Entregou-me e eu li com atenção, escancarando um sorriso. — Eu sou fundadora e CEO da Number S. Como eu disse, *meu* mundo não gira em torno dos seus olhos azuis.

Umedeci os lábios com a ponta da língua e vi seu olhar vicejante se prender ao meu gesto.

— Excelente! Agora tenho um motivo para roubar mais dez minutos do seu tempo, Leona. Vamos falar de negócios.

Para saber o que acontece com Heron e Leona, clique aqui e leia "As Comédias Românticas Mentiram Para Você"

---

[1] Princesa, venha para o chuveiro. Vamos continuar. [francês]

[2] Já vou, querido. [francês]

[3] Trecho da música "Noite das Safadas", de MC Byana.

[4] Trecho da música "Adultério", de Mr. Catra

[5] Referência aos personagens do filme Divertida Mente, da Disney Pixar (2015). Cada personagem representa uma emoção e "operam" o funcionamento do corpo da protagonista em uma central de comando.

[6] Termo chulo usado por rivais para se referir à torcida do Flamengo, time de futebol carioca.

[7] Cena da novela Todas As Flores, de João Emanuel Carneiro

[8] Referência ao personagem Loki, da Marvel, protagonista da série homônima, que fala sobre viagens no tempo e linhas alternativas temporais.

[9] Startup que possui avaliação de preço de mercado superior a 1 (um) bilhão de dólares.

[10] Gravadora pertencente a Shawn Corey Carter (Jay-Z).